

# O EVANGELHO SECRETO DA VÍRGEM MARIA SANTIAGO MARTIN

Tradução

Yolanda e Hilton Amaral

MERCURYO PAU LUS

Título original: El Evangelio Secreto de la Virgen María Santiago Martín, 1996

Copyright © Editorial Planeta S.A., 1998

Publicado mediante contrato firmado com

Editorial Planeta, Barcelona, Espanha

Todos os direitos reservados.

ISBN 85-7272-116-9

Revisão:

Antonio Carlos Olivieri

Editora Mercuryo

Henrique Silveira Neves

Capa:

Virgem Glikocilusa, arte bizantina russa, Moscou Diagramação:

Sidney Guerra

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Martín Rodríguez, Santiago José.

O Evangelho secreto da Virgem Maria / Santiago Martín ; tradução Yolanda e

Hilton Amaral. - São Paulo : Mercury : Paulus, 1999.

Título original: El Evangelio secreto de la Virgen María.

ISBN 85-7272-116-9

1. Evangelho apócrifo da Virgem Maria 2. Maria, Virgem, Santa I.

Título.

99-0228 CDD-229.8

Índice para catálogo sistemático:

1. Evangelho apócrifo da Virgem Maria : Bíblia 229.8

# 2001

## **Todos os direitos reservados**

Av. dos Guaramomis, 1267, Moema, São Paulo, SP Brasil CEP 04076-012,  
Fone, (011 ) 5531 .8222 / Fax: (011 ) 5093.3265

E-mail: atendimento@mercuryo.com.br-http://www.mercuryo.com.br ÍNDICE

Tinha quinze anos 13

O dia seguinte 23

José, um noivo surpreso 39

A exaltação da escrava 49

De volta para casa 59

Os caminhos tortuosos 67

O verbo se fez carne 77

O grito de Raquel 91

Educar a Deus 101

Trinta anos de glória 115

O amor se fez público 131

Da retaguarda 147

De pé, junto à cruz 169

A hora de meus filhos 209

Epílogo 221

Nota final 223

Orelha

Santiago Martín é sacerdote católico.

Nasceu em Madri, em 1954.

Formado em Biologia, Teo-

logia Moral e Jornalismo, é o Diretor

da Seção de Religião do Diário ABC

e Diretor do Programa da TVE

"Testemunho". Autor de uma dezena de livros de espiritualidade, é

também fundador de uma associação

católica - os Franciscanos de Maria

- dedicada ao trabalho voluntário e

gratuito com todo o tipo de excluídos

e que já está presente em seis nações.

Outros livros publicados pela Mercuryo na

linha histórico-religiosa:

Apócrifos I, II e III

Maria Helena Tricca

O Santo Sudário

Julio Marvizón Preney

Heresia

Joan O'Grady

O Jovem de Nazareth

Marjorie Holmes

Rio Profundo - Ganges

Shusaku Endo

Os Manuscritos do Mar Morto

Geza vermes

O Messias

Marjorie Holmes

A Odisséia dos Essênios

Hugh Schonfield

Paulo e a Luz de Damasco

Jesús Torbado

Fim da orelha

Em 1884, um especialista em manuscritos antigos surpreendeu o mundo ao descobrir uma valiosíssima peça de arqueologia. Não se tratava de um jarro antiquíssimo nem de uma escultura grega. Tratava-se de um manuscrito. J. F Gamurrini encontrou, na biblioteca de Santa Maria de Arezzo (Itália), um documento que continha um relato quase completo de uma viagem à pátria de Jesus - O Itinerarium. Tratava-se do registro das impressões vivenciadas por uma monja que, no final do século IV, decidiu desafiar todos os perigos, embarcando na aventura de visitar a Terra Santa. Aquela mulher, nascida na Espanha ainda sob o domínio romano, escreveu tudo aquilo que viu e sentiu, com a intenção de, como ela mesma relata, não privar suas irmãs de comunidade - as que denomina "veneráveis senhoras" e "amigas da alma" - das reconfortantes dádivas espirituais que recebeu durante sua visita aos locais santos.

O Itinerarium descoberto por Gamurrini na Abadia de Arezzo era uma cópia elaborada na Abadia de Montecassino, centro do mundo beneditino e fonte do saber e da produção intelectual vigente na Idade Média. Os monges beneditinos copiaram esse livro como o fizeram com tantos outros, porque isto fazia parte de seu trabalho cotidiano. "Exportavam" para catedrais e palácios em Montecassino como em outras abadias beneditinas, os livros eram copiados em série nos Scriptorium, enquanto um monge lia em voz alta o original.

Santiago Martín

Uma dessas cópias chegou a Arezzo, onde foi descoberta por Gamurrini.

O Itinerarium, da monja espanhola Egeria (ou Eteria, ou Echeria, como outros a conhecem), na forma descoberta em 1884, estava incompleto. Faltavam o início e a última parte. Além disso, em seu interior, notava-se a falta de algumas páginas, provavelmente perdidas, embora estas lacunas tenham sido preenchidas pelos especialistas com dados sobre a situação de Israel na época, recorrendo a outras fontes de informação, principalmente o Liber de

locis sanctis, de Pedro Diácono, escrito no século XI.

É evidente que a cópia que saiu de Montecassino estava completa, bem como a cópia extraída do original naquela importante abadia. Os azares da história, as pilhagens e os saques sofridos pelos monastérios, promovidos por gente ambiciosa e sem escrúpulos, destruíram uma infinidade de obras de arte ligadas em sua origem à fé. O que ocorreu com o Itinerarium foi um caso a mais. De fato, teria desaparecido para sempre se em Santa Maria de Arezzo não tivesse sido salvo, quase milagrosamente, um dos muitos exemplares que circulavam pelo Ocidente na Idade Média.

Porém, não foi Montecassino o único local que conservou o documento legado pela monja Egeria. Ela morava num monastério situado na Galícia espanhola, que tinha por capital, nessa época (final do século IV), a Bracara Augusta, porém contava com um número apreciável de cidades importantes, herdeiras de passados brilhantes (as atuais Astorga, León, Lugo e Oviedo, para citar somente algumas). Na época da viagem de Egeria a Israel, reinava uma certa paz no conjunto imperial. Teodósio, espanhol como Egeria, acabava de morrer (395) e deixara seu território praticamente pacificado, dividido entre seus dois filhos. A Honório coube o território do Ocidente, e a seu irmão Arcadio, o do Oriente,

incluída a Palestina.

As peregrinações, interrompidas havia muitos anos pelas contínuas lutas e pela repressão aos cristãos praticada pelo imperador apóstata Juliano, floresceram. Numa delas embarcou Egeria.

Embora o *Itinerarium* tivesse sido perdido, o nome de Egeria não desapareceu, devido ao fato de que sua obra chamou a atenção quase em seguida. Dela fala o monje galego Valério, em meados do século VII, em uma carta - *Ad frates Bergidensis* - dirigida a um monastério, hoje também desaparecido, situado em El Bierzo. Tanto a linguagem utilizada por Egeria, seus modismos ao escrever em latim, quanto o texto de Valério confirmam a origem espanhola dessa singular monja. Esses dados confirmam também sua elevada posição social e econômica, razões que possibilitaram sua viagem, pois isso não era barato nem seguro, a não ser que se contasse com dinheiro suficiente e com influências para receber proteção nas numerosas escalas que um peregrino do século IV se via forçado a fazer para viajar do noroeste da Espanha até o outro extremo do Mediterrâneo.

Pois bem, Egeria partiu e regressou. Foi anotando tudo durante seu trajeto como um moderno turista e, ao concluir seu périplo, redigiu suas impressões, confiando-as às suas irmãs de comunidade, bem como a seus superiores e aos que proporcionaram e tornaram possível sua experiência através de donativos. O *Itinerarium* começou a circular e teria obtido um enorme êxito "editorial" não fosse por uma circunstância infeliz. No ano de 407, pouco depois de Egeria chegar à sua pátria, com somente algumas cópias do manuscrito original circulando pelo mundo, a Espanha sofreu invasões de vândalos, que a arrasaram. Enquanto os visigodos se fixavam na Itália, na qualidade de aliados e protetores do imperador, outras tribos godas promoviam saques, contando com o auxílio de mercenários.

Neste contexto de instabilidade, foi destruído o monastério de Egeria. Nada se sabe de seu destino final, nem do de suas companheiras de comunidade. Os invasores se estabeleceram na antiga província galega e conservaram a atual cidade portuguesa de Braga como sua capital. Os vândalos, por sua vez, deixaram a península - haviam se fixado em toda a Andaluzia - e passaram a invadir a África (429) destruindo, entre outras, a cidade de Hipona, onde, na época, Santo Agostinho era bispo. A lacuna deixada pelos vândalos na Espanha foi ocupada imediatamente pelos visigodos, que se encontravam estabelecidos

no sul da França e possuíam uma próspera capital em Toulouse.

Com tantas idas e vindas, não só foi destruído o monastério de Egeria, mas também foram arrasadas diversas vilas rurais, prósperos povoados e algumas cidades. A obra de Egeria desapareceu, salvando-se milagrosamente algumas das poucas cópias que foram elaboradas, uma das quais por fim permaneceu em Montecassino.

Tudo teria acabado assim não fosse pelo recente achado que deu origem a este livro.

No conjunto de desastres e guerras que sofreu a Espanha, registra-se a política anticlerical de algumas de suas autoridades.

Uma delas, Juan Álvarez Mendizábal, ordenou, para maior glória das hostes reais, "desamortizar" o capital "investido", segundo ele, pelo povo durante séculos nos conventos e monastérios. A desamortização (1835 e 1836) não passou de uma maneira delicada de justificar um roubo gigantesco, um latrocínio monumental que sequer alcançaria seus objetivos, pois foram os ricos que adquiriram, a preço baixo, o material leiloado procedente dos monastérios, sendo que os pobres, em sua maior parte, não obtiveram nem migalhas.

Como tudo foi posto à venda de uma só vez, a liquidação foi a preço de saldo, de maneira que nem o Tesouro Real conseguiu resolver seus problemas. O que ocorreu, em contrapartida, foi que o patrimônio cultural veio abaixo e hoje se vêem centenas de ruínas por toda a Espanha, testemunhas mudas daquilo que antes foram florescentes monastérios, centros de espiritualidade, de cultura, bem como centros de apoio à economia rural.

Em um desses espólios desapareceu um antigo centro arquitetônico beneditino, o de Obona, encravado no distrito asturiano de Tineo. Nesse fértil e elevado vale tinham se estabelecido os monges beneditinos, que, durante o século XI evangelizaram a região e auxiliaram seus agrestes moradores a melhorar o nível de vida. Os dois monastérios geminados de Ibona e Bárcena foram chaves na operação. Ambos caíram vítimas da rapina inútil de Mendizábal.

Ambos os templos passaram a pertencer à arquidiocese de Oviedo, exceto as terras e parte de seus tesouros culturais e artísticos.

A maior parte das posses de Obona foi adquirida por uma rica família asturiana

que havia constituído sua primeira fortuna com a importação de café procedente de Cuba e com a instalação de uma fábrica para a torrefação do produto. A biblioteca do monastério tornou-se apetitosa para aquele indiano, que a trasladou quase toda para seu casarão em Oviedo, sem saber exatamente o que levava, como se comprasse livros a quilo ou a metro e não por seu conteúdo.

Tais obras passaram anos na obscuridade das estantes, embora todos na família soubessem que encerravam grandes tesouros e discutissem a necessidade de repartir a herança de bens tão incalculáveis e valiosos, que ninguém sabia precisar. Por fim, em uma dessas ocasiões, um fragmento do tesouro inicial, cortado e repartido ao longo do tempo, como se fossem peças de tecido ou número de contas correntes, chegou às mãos de um amigo meu, ilustre sacerdote da arquidiocese de Oviedo, cuja dedicação à leitura e ao pó dos manuscritos quase igualava-se à sua fidelidade ao papa e aos aspectos legítimos da liturgia romana.

Um dia, faz alguns meses, recebi um telefonema seu. Já me havia falado, em incontáveis ocasiões, do legado que havia recebido por herança de um tio, descendente direto da família que se beneficiara com as tropelias de Mendizábal. A ele, como sacerdote, foram confiados alguns livros procedentes do monastério de Obona.

Folheava-os, pouco a pouco, e doava alguns ao acervo da arquidiocese, porém retinha para si aqueles que traziam mais iluminuras, entre eles uma cópia dos antigos beatos escrita originalmente nas proximidades do vale de Liébana.

Meu amigo, ao qual chamaremos de dom Ignácio, estava nervoso quando me contatou. Sabia de meu interesse pela história antiga e medieval e de meus contatos profissionais com editoras.

Embora Oviedo não esteja a um passo de Madri, ele reclamava urgentemente minha presença na capital asturiana. Ele poderia ir a Madri, porém não desejava trasladar o "tesouro" que, segundo me disse, acabara de descobrir.

Aquilo que mostrou não me decepcionou. É certo que Oviedo guarda tesouros ainda maiores - são cada vez mais consistentes os dados que identificam o sudário custodiado na santa câmara de sua Catedral com o tecido que serviu como mortalha para o rosto de Cristo -, mas aquilo que dom Ignácio possuía podia ser considerado um descobrimento comparável aos famosos manuscritos

de Qumran, os rolos dos antigos essênios que viviam junto ao mar Morto, ou, quem sabe, ainda mais importante do que esses.

Era, como o leitorjá pode imaginar, uma cópia do *Itinerarium* da monja Egeria. Uma cópia muito antiga, talvez dos primeiros anos do século VII. Possivelmente a quarta ou quinta geração das primeiras que foram feitas e levadas a algum monastério da Galícia hispano-romana, passando depois, junto com outros livros preciosos, por vicissitudes e perigos, até que, após a reconquista empreendida pelo mítico dom Pelágio, algum exemplar tenha ficado depositado nos monastérios beneditinos que floresceram no novo reino cristão, e dali, por volta do século X, tenha passado a Obona, sempre em terras asturianas.

Dom Ignácio estava a par tanto da aventura da monja Egeria, quanto de seu *Itinerarium*. Entendia que o antigo livro que possuía era um tesouro extraordinário. Comparava-o com o de Arezzo, porque sabia que neste último faltavam alguns capítulos, e o seu estava completo. Entrei em contato com a embaixada italiana na Espanha e com a delegação espanhola no país vizinho. Graças a seus bons préstimos, pudemos obter, não a baixo custo, uma cópia microfilmada do texto encontrado na Itália, que cotejamos com o texto procedente de Obona. As diferenças eram mínimas, naturais das sucessivas cópias, com os habituais erros de transcrição dos copistas medievais. E foi então que decidimos traduzir os dois capítulos que foram conservados no texto asturiano mas destruídos no de Arezzo.

Como não sei latim e dom Ignácio estava deslumbrado com a importância do empreendimento, ainda em segredo e sem dar a conhecer o descobrimento a ninguém, demos o trabalho relativo ao primeiro capítulo a alguns peritos da Biblioteca Nacional de Madri; e o do último, a especialistas do Museu Nacional de Arqueologia.

Não os colocamos em contato nem dissemos de onde procedia o material cuja tradução estávamos solicitando. No primeiro caso, tudo transcorreu conforme o esperado. Era uma introdução devotada em que Egeria explicava os motivos de sua viagem e agradecia a ajuda recebida de seus patronos e protetores. Havia somente um trecho que nos deixou confusos, porque a monja fazia uma alusão, quase como uma desculpa, à inclusão que faria no último capítulo, pois ela mesma não estava segura de que se tratava de algo correto, de uma obra ortodoxa e não de um texto procedente de um desvio herético.

Nada mais dizia e deixou que o leitor e as autoridades da Igreja julgassem por si mesmos, reiterando suas desculpas para o caso de não ter agido corretamente ao incluir aquele texto, que não era seu, no conjunto da obra.

Quando nos chegou o relatório dos peritos do Museu de Arqueologia, meu amigo e eu pensamos que iríamos sofrer um enfarte. A emoção de um crente se mesclava com os nervos de dois aficionados pelos documentos antigos que possuíam em mãos,

uma obra não só majestosa como também até então desconhecida.

O próprio título já nos deixava estupefatos. Tratava-se do Evangelho Apócrifo da Virgem Maria. Um texto ao qual se referiram alguns dos primitivos padres da Igreja, que, no entanto, não tinham certeza de ter existido. Naturalmente que Egeria, quando o recebeu, já traduzido para o latim, das mãos de um monge grego companheiro de São Jerônimo (que vivia em Belém, na época em que Egeria ali estivera, e havia residido na cidade natal de Jesus entre os anos 387 e 420), sentiu-se emocionada, porém teve receio -de tratar-se de um texto herético, devido à confusão que envolvia o santo dálmata, em plena luta contra a heresia pelagiana, que tivera de fugir de Roma após a morte do papa Dámaso, acusado por Rufino de fidelidade à heresia origenista.

Egeria explica seus temores na introdução que faz ao apócrifo mariano. Diz com clareza que não aposta em sua autenticidade e que, embora o monge que lhe fornecera a cópia garantisse se tratar de um texto autêntico e ortodoxo, ela não poderia afirmar isso com convicção. Em todo o caso, a monja espanhola não hesita em assegurar que sua leitura revelara-se piedosa e de grande proveito espiritual, motivo pelo qual, após muito vacilar, atrevia-se a incluí-la como um apêndice de seu *Itinerarium*.

É possível que esta dúvida de Egeria tivesse contagiado os monges de Santa Maria de Arezzo. É possível que a falta dos dois capítulos no texto que se conservava em sua biblioteca não fosse casual. É possível que algum zeloso defensor da ortodoxia chegasse a pensar que as recordações da Virgem Maria pudessem diminuir a divindade de Cristo, pois nelas se mostra o lado humano de seu Filho. Poderia alguém ter receio que, na época mais dura da Inquisição, a inclusão de um apócrifo naquela biblioteca pudesse despertar suspeitas de conivência com as odiadas heresias. É

possível até que algum severo inquisidor tenha ordenado separar e queimar os dois capítulos que faltavam à cópia italiana do Itinerarium.

Em todo o caso, na Espanha se conserva agora o texto integral e o melhor que se pode fazer é ler e interpretar o que durante séculos permaneceu oculto.

Este é, segundo uma piedosa tradição, O Evangelho Secreto da virgem Maria, suas memórias, narradas a João Evangelista em muitas daquelas tardes em que ambos descansavam de suas respectivas tarefas, nas cercanias da cidade grega de Éfeso. Que julgue o leitor o valor espiritual do texto e que deixe penetrar em si a ternura com que uma velha mãe fala de si mesma, de seu filho e da aventura que Deus, em um dia de primavera, havia posto em andamento.

## TINHA QUINZE ANOS

Tive uma vez quinze anos!

Fazia alguns meses que me tornara mulher!

Lembro, apesar de haver passado tanto tempo e tantas coisas, a ternura de minha mãe, Ana, e a suave firmeza de meu pai, Joaquim.

Aquele dia era sábado. Meu pai tinha ido à sinagoga para ouvir, como sempre, a leitura de um texto da Torá e a explicação que dava o rabino. Minha mãe e eu também íamos e ficávamos bem juntas, respeitando o costume que separava os homens das mulheres. Nesse dia não pudemos comparecer e aguardamos a volta de Joaquim, para que nos dissesse o que havia ocorrido.

O sol já se recolhia e o sábado terminava quando meu pai nos transmitiu o texto que fora lido na sinagoga. Era do profeta Isaías, um de meus favoritos. Com voz solene e mais cantando do que recitando, Joaquim disse:

"Que belos são sobre os montes os pés do mensageiro que anuncia a paz, que traz boas novas, que anuncia a salvação, que diz a Sion: 'Já reina teu Deus! Uma voz! Teus vigias elevam a voz, emitem gritos de júbilo, porque com seus próprios olhos vêem o retorno de Yaveh a Sion. Prorrompei em uníssono em gritos de júbilo, solitários de Jerusalém, porque Yaveh consolou seu povo e resgatou Jerusalém'."

Independente disto, meu pai nos explicou o que havia dito o rabino de nosso

povoado, Asaf, filho de Coré. Tratava-se de um homem amável, idoso, porém sempre carinhoso com todos, especialmente com as crianças, por isso sempre o ouvi com dedicação, interrompendo as brincadeiras de meus primos quando ele passava, pois todos queriam beijar a orla de seu manto.

Joaquim disse a mim e à minha mãe que naquela manhã Asaf estava preocupado. As notícias que chegavam das cidades que abrigavam destacamentos romanos não eram boas. Falava-se de tumultos entre alguns dos nossos e, inclusive, se comentava que na longínqua Jerusalém havia muita inquietação e que alguns rabinos haviam dito que a chegada do Messias poderia estar próxima, segundo se podia deduzir de certa profecia que fazia referência a seu nascimento em Belém, a cidade de Davi. Asaf, tranqüilo como era, não desejava alarmar seus ouvintes, entre outras coisas, porque, como ele mesmo lembrou naquela manhã, notícias semelhantes se produziam desde que os romanos ocuparam Israel e mesmo antes, sob a dominação dos sírios de Antíoco. Sem dúvida, comentou meu pai, naquela ocasião a voz de nosso rabino parecia menos tranqüila que de costume e suas recomendações sobre calma eram menos convincentes.

Algo se preparava e pessoas como Asaf, como meu pai ou como minha mãe, intuía isso sem saber exatamente do que se tratava. Por isso o rabino escolhera o texto de Isaías; para transmitir uma mensagem de paz e esperança aos habitantes de nossa aldeia.

Se o Messias estava por vir, como alguns diziam, deveríamos manter a calma, porque sua chegada seria a do príncipe da paz. Qualquer outra atitude seria, no fundo, uma falta de confiança no Todo-Poderoso, em cujas mãos estão sempre nossas vidas. Estas coisas sempre entusiasmavam minha mãe Ana e a mim. Ouvíamos Joaquim, apertadas uma contra a outra junto ao fogo de nosso lar, em uma noite de Nisan, bela e suavemente fresca. Nós duas acreditávamos firmemente no que a Torá e os outros livros sagrados ensinavam, e Ana tinha muito cuidado ao ensinar me o significado da fé em Yaveh, o amor e o respeito que lhe devíamos, e a necessidade de observar fielmente a aliança que ele havia pactuado com nosso povo. Por isso não nos surpreendia nada do que pudesse ocorrer, pois estávamos convencidas de que, a um só gesto de Deus, nem as poderosas legiões romanas poderiam enfrentar o Messias quando este surgisse no mundo. Aguardávamos sua chegada e rezávamos todos os dias para que isto ocorresse o mais cedo possível, mas nunca antes do tempo indicado, do momento em que a vontade do Todo-Poderoso previra.

Eu, mais do que a minha mãe, por causa dos meus quinze anos recém-completados, gostava de sonhar com o Messias.

Também o faziam minhas companheiras e falávamos muito dele nos nossos encontros, principalmente na fonte do povoado, quando íamos lavar nossas roupas no arroio. Porém, eu desejava ardentemente que esse Messias fosse um mensageiro da paz e do amor de Deus, dois sentimentos que meus pais sempre me inculcaram, embora quase todas as minhas amigas se deliciassem em falar de palácios e de grandes festas. Situação pior era com meus primos, os quais tive que enfrentar em mais de uma ocasião, pois para eles o Messias que tanto se aguardava não era outra coisa senão

um líder militar. Quando eu lhes falava das qualidades espirituais que adornariam sua alma, eles zombavam de mim dizendo que eu era uma menina incapaz de entender o que convinha ao povo de Israel, acreditando que um Messias bondoso fosse capaz de expulsar os romanos de nossa pátria.

Enfim, naquela noite de um sábado de primavera, minha mãe e eu ouvíamos atentamente Joaquim, que nos estava contando a prédica do rabino Asaf. Tudo ia bem e se desenrolava conforme gostavam meu venerado rabino e meus pais, até que Joaquim disse algo que nos surpreendeu. Disse que, chegando a um certo momento de sua exortação, Asaf pareceu emudecer. Lia parágrafo por parágrafo o texto de Isaías, explicando-os em seguida até que, de repente, ao ler o que estava escrito empalideceu, fechou o livro, sentou-se e se pôs a chorar.

Vários homens do povoado, entre eles meu primo José, com quem meus pais me haviam comprometido em matrimônio, e meu próprio pai, se acercaram de Asaf, porém não conseguiram extrair dele palavra alguma. A assembléia se dissolveu e não se parou de falar sobre o assunto, todos intrigados com o que tinha lido Asaf.

Como ninguém possuía o livro de Isaías, não se podia consultar o texto que tanto havia impressionado o nosso bom rabino, e assim decidiram recorrer a um homem de Caná, que morava em nosso povoado e que não fora aquela manhã à sinagoga porque estava de cama com febre. Era um mestre no conhecimento das Sagradas Escrituras e recitava de memória passagens inteiras, além de ser amigo de minha família.

Meu pai, consciente do aspecto intrigante que estava mostrando em seu relato,

fez uma pausa e nos olhou atentamente.

Nós duas estávamos boquiabertas, não assustadas, porque Ana, minha mãe, tem tanta fé em Deus que duvido que algo consiga abalar seu ânimo. Mas estava muito interessada. Joaquim, depois de um momento de silêncio que aumentou a expectativa, disse-nos que chegando à casa de Adonias, o cananeu, e a ele foi tudo explicado.

Quando lhe disseram qual era o texto que Asaf havia lido, Adonias fechou os olhos e começou a murmurar em voz baixa, até que chegou ao ponto do texto onde o rabino o interrompera. A partir daí, já em voz alta, acrescentou:

"Quem deu crédito à nossa notícia? E o braço de Yaveh a quem se revelou? Cresceu como um novo broto diante dele, como raiz em terra árida. Não possuía aparência nem presença. Vimo-lo e não tinha imagem que pudéssemos estimar. Desprezível e refugio dos homens, varão de dores e conhecedor de doenças, como alguém diante de quem se oculta o rosto, desprezível, e não o percebemos.

E contudo era as nossas doenças que carregava e as nossas dores que suportava! Nós o deixamos ser açoitado, ferido por Deus e humilhado. Ele foi ferido por nossas rebeldias, punido por nossas culpas. Ele suportou o castigo para nos trazer a paz e com suas contusões fomos curados. Todos nós erramos como ovelhas, cada um seguiu seu caminho, e Yaveh descarregou sobre ele toda a nossa culpa. Foi oprimido, se humilhou, e não abriu a boca. Como um cordeiro levado à degola e como uma ovelha que frente aos que a tosquiavam fica emudecida, ele também não abriu a boca."

Naturalmente que meu pai pudera lembrar para nós todo aquele longo parágrafo porque o havia escutado e meditado sobre ele muitas vezes, e bastou Adonías iniciar sua declamação para que o acompanhasse em viva voz.

Joaquim também nos disse que alguns dos que foram consultar Adonias não quiseram dar crédito ao que dizia, porque isto poderia significar que o Messias anunciado pelo profeta Isaías não era um Messias rei, um Messias libertador do jugo romano, e

até poderia dar a entender que ele fora traído pelo próprio povo, o que era absurdo e impossível.

Desse modo, divididos e confusos, saíram todos da casa do cananeu, mais

preocupados ainda do que quando haviam entrado.

Meu pai e José, meu querido primo e quase meu marido, voltaram juntos, subindo a encosta até nossa casa, onde José deixou meu pai, não sem antes pedir-lhe que me saudasse em seu nome, o que sempre me fazia corar. O problema é que os dois estavam de acordo em reconhecer que Adonias não se equivocara de texto e que, possivelmente, o Senhor Todo-Poderoso enviara algum sinal ao nosso rabino Asaf, que o surpreendeu a ponto de fazê-lo emudecer

"Estamos em tempos sublimes, tempos de Deus. Não devemos temer, porque o Senhor nunca abandona seu povo, porém devemos orar intensamente para que a cada instante se faça Sua divina vontade."

Assim disse meu pai, dando por terminado o relato e indicando-nos em seguida o horário tardio, próprio para se deitar.

Obedecí imediatamente e fui ajudar minha mãe nas últimas lidas da casa, e logo me encaminhei ao meu quarto.

Não podia dormir. Lá fora cantavam os grilos. A lua era lindíssima e sua luz se filtrava pela tela de tecido que encobria a janela de meu quarto. Não havia vento e eu estava tranqüila, estranhamente tranqüila, pois apesar do que meu pai nos havia contado, não me sentia inquieta. No entanto, não podia dormir Assim, comecei a rezar Algo dentro de mim me dizia que o Senhor estava esperando uma palavra minha. Eu a pronunciei em seguida e lhe disse que se ele queria enviar um Messias diferente daquele que todos esperavam, para mim era igual. Eu não queria que sua vontade se adaptasse a meus desejos e sim o contrário.

Disse-lhe também que me dava muita pena o fato de que o Messias ía ser entregue em sacrifício por nossos pecados, como um daqueles cordeiros que são mortos na noite de Páscoa, quando se comemora o gesto que marcou a origem de nosso povo, a ação de Deus contra os primogênitos dos egípcios.

Eu não entendia como podia vir um Messias que fracassasse no final. Os argumentos de minhas amigas, de meus primos e de meus antepassados, à exceção de meus pais, pareciam-me cheios de razão. Achava lógico que Deus interviesse a nosso favor, como já havia feito no passado, na época dos juízes ou dos Reis, quando produziu um chefe poderoso que devolveu a liberdade e a grandeza de nossa pátria. Porém, como a meus pais, não me dava prazer algum

imaginar cenas de guerra e violência, de sangue e desolação que forçosamente acompanhariam essa liberdade, por mais gloriosa que fosse. Além disso, e agora a coisa já se complicava, parecia-me estranho e mais incomum ainda, que o Messias tivesse que padecer em nome de todos, sendo ele inocente e nós culpados.

Sentia fortemente que, naquela noite, o Senhor esperava algo de mim. Minha resposta foi positiva. Disse-lhe que, por mim, as coisas se fariam de acordo com a sua vontade e não segundo meus cálculos ou previsões. Portanto, se Ele, Yaveh, resolvesse que as coisas iriam se desenvolver a seu modo, eu aceitava e, como em ocasiões anteriores, ofereci-me para ajudar no que fosse possível, sabedora, de antemão, que tudo o que eu fizesse seria pouco, jovem como era e a ponto de casar-me brevemente.

Foi quando tudo ocorreu.

Não havia pronunciado meu último sim, quando meu pequeno quarto se encheu de luz. Estava ajoelhada, com minha roupa modesta presa acima dos joelhos para não gastá-la, quando ele apareceu.

Confesso que não me assustei. Bem, me assustei sim, mas se tratava de um medo que não era medo.

O fato é que ali estava ele. Belo e luzidio, doce e cheio de paz. Nunca me ocorreu que fosse um enviado do Maligno, pois a paz que dele emanava era representativa apenas de Deus. Aliás, este fruto eu já saboreara antes, quando rezava e passava as longas horas livres das tardes de sexta-feira entre as oliveiras ou em meu quarto. Essa mesma paz, a de Deus, encontrava profundo eco em mim. Sua paz e minha paz se entrelaçavam, como se em meu interior nunca tivesse existido outra coisa senão a harmonia divina, uma paz semelhante a que esse mensageiro do Senhor emanava.

Estou me referindo ao anjo Gabriel.

Não só era belo e cheio de paz, mas também falava. Se tivesse permanecido calado, talvez eu tivesse brincado com ele, pois era grande minha sintonia entre sua alma e minha tranquilidade. Porém, quando começou a falar assustei-me um pouco. Não porque sua voz fosse feia, mas o que me disse me deixou perplexa.

"Alegra-te, cheia de graça, o Senhor está contigo", foram suas primeiras palavras.

Naturalmente era de provocar espanto. O que significava "cheia de graça"? Não estávamos todos sob o efeito do pecado original, como nos ensinavam na sinagoga? Não seria, pois, um convite à soberba?

Não me havia deixado enganar com sua aparente espiritualidade?

Ele se deu conta em seguida e tentou tranquilizar-me: "Não temas, Maria, porque encontraste graça diante de Deus. Irás conceber em teu ventre e darás à luz um filho, a quem darás o nome de Jesus. Ele será grande e será chamado 'Filho do Altíssimo'. O

Senhor lhe dará o trono de Davi, seu pai. Reinará sobre a casa de Jacó pelos séculos e seu reino não terá fim".

Na verdade não eram palavras muito tranquilizantes. Dizia-me "não temas", mas o que vinha em seguida era mais sério e preocupante ainda.

Sem dúvida, acostumada a responder com um "sim" a tudo o que Deus me pedia e já com a certeza íntima de que aquele era um mensageiro seu, nem pensei no problema em que me metia, nem nas conseqüências que poderiam resultar do fato de eu já estar, de uma maneira ou de outra, casada, ou pelo menos comprometida com José. Já lhe ia dizer que sim quando o sexto sentido que possuem as mulheres me levou a fazer uma pergunta, uma espécie de prova para certificar-me de que, em verdade, o Senhor Todo-Poderoso era quem enviava aquele mensageiro. Perguntei-lhe: "Como ocorrerá isso, se eu não conheço varão?".

Não se tratava de algo sem importância. Para mim isto era fundamental. De fato, ou se resolvia esse ponto, deixando claro que eu não me veria forçada a fazer nada que não estivesse de acordo com os preceitos de uma jovem honesta, ou não poderia estar segura de que o que me oferecia vinha diretamente de Deus. Deus não poderia contradizer Deus. Deus não poderia ter semeado em minha alma, durante toda a minha vida, uma necessidade de pureza e de consagração para depois conduzir-me por caminhos contrários. E como aquilo que eu recebera sem dúvida era coisa sua, o que ocorria agora, se também vinha de suas mãos, forçosamente deveria estar em perfeita sintonia com o anterior.

O anjo Gabriel soube dissipar todas as minhas dúvidas: "O

Espírito Santo descera sobre ti", afirmou, "e o poder do Altíssimo te cobrirá com sua sombra. Por isso aquele que nascer será santo e será chamado Filho de Deus". Estas últimas palavras colocaram tudo em seu devido lugar. Eu continuaria mantendo minha virgindade e minha pureza de alma e de corpo, sem ter que passar por situações que causavam repugnância não só a mim como a toda e qualquer moça honrada. É que meus pais haviam dito muitas vezes que eu nunca

devia aceitar isso de que os fins justificam os meios, por mais que fosse um lema muito usado, principalmente na hora de realizar negócios lucrativos ou quando se queria justificar a violência contra os romanos.

O fim era neste caso o melhor, ou ao menos assim se apresentava: deixar que nascesse ninguém menos do que o Messias.

Porém eu queria assegurar-me de que também os meios e a forma como aconteceriam os fatos seriam corretos. Basicamente, se assim não ocorresse, eu saberia de imediato que por trás disso não se encontravam os desígnios de Deus. O Senhor não se contradiz -

não diz hoje "sim" e amanhã "não". Ele é sempre um "sim" grande, nobre e permanente. Além do mais, a situação não era tão diferente do assunto sobre o qual eu estava meditando antes que o enviado de Deus enchesse com sua luz meu pequeno quarto. O povo de Israel, meu povo, queria um libertador a todo custo. A meus pais e a mim própria parecia que neste "a todo o custo" havia algo que não se encaixava muito bem com a bondade divina. Nós também desejávamos que viesse o Messias para nos libertar do jugo estrangeiro, porém não a qualquer preço, não ao preço do ódio, da guerra, da violência.

Ainda estava tecendo estas conjecturas quando o anjo voltou a falar. Quem sabe pensava que eu ainda tinha dúvidas. O fato é que acrescentou: "Olha, também Isabel, tua parente, concebeu um filho em sua velhice e este já é o sexto mês daquela que chamam estéril, porque nada é impossível a Deus".

Não havia necessidade deste argumento, porque eu já estava decidida. De modo que, para evitar que suspeitasse de minha vontade de aceitar o que Deus me pedia, precipitei-me a dizer-lhe o que gritava meu coração desde o primeiro momento, uma espécie de consentimento matrimonial, um "sim, quero", que saía

de mim com tanta força que me assustou, porque eu não estava acostumada a ímpetos semelhantes. "Eis aqui a Escrava do Senhor", disse-lhe,

"faça-se em mim segundo sua palavra."

Então Gabriel foi embora. Sorriu-me e se foi. Senti algo como um beijo em minhas mãos, como o roçar das asas de um pássaro suave e doce. Porém, o melhor foi o seu sorriso. Durante todo o tempo que durou nosso encontro, pareceu como se ele estivesse nervoso, mais ainda do que eu. Sua atitude era de expectativa de alguém que teme que possam duvidar de seu pedido e se joga todo nele. Depois compreendi que não só ele mas também a criação inteira dependia de minhas palavras naquela noite de primavera. Todos aguardando que uma insignificância como eu, uma menina de quinze anos que apenas começara a ser mulher, desse permissão ao Todo-Poderoso para inaugurar uma nova criação, uma nova aliança, uma história de amor definitiva e eterna com um povo na qual cabiam todos os homens.

O fato é que eu disse "sim". Disse ao mensageiro para levar o recado ao Senhor. Não pensei demais nas palavras exatas. Foram as que me saíram da alma naquele momento. Sabe como são estas coisas: se te dessem tempo, comporias uma bela oração ou, até mesmo, a encomendarias a um rabino ou a um homem versado em letras. Mas assim de repente, a uma pobre adolescente de aldeia só ocorreu usar a linguagem simples e vulgar a que estava acostumada, sem adornos nem sofisticação. Por isso falei em "escrava". Eu não era escrava. Meus pais eram livres e tínhamos a dignidade e desejos de liberdade que sempre caracterizaram nosso povo, indômito entre os indômitos e muito zeloso de suas tradições. Eu era e sempre fui contra a escravidão, por mais que algumas pessoas do povoado tivessem escravos em suas casas e que outros dissessem que sem a existência dos escravos nada funcionaria sob o ponto de vista

econômico. Em minha casa, isto de usar maus meios para bons fins nunca nos agradou, como nunca nos chegou a convencer o "mal menor" de que falavam alguns, geralmente para justificar algo injustificável.

Contudo, na hora de expressar meu consentimento, falei aquilo de escrava. Pode parecer uma bobagem, um contra-senso inclusive, uma vez que eu era contra a escravidão. Porém, tampouco me arrependo, apesar de terem se passado tantos anos e de eu ter meditado muito sobre isso. Não só respondi prontamente, sem pensar, como também, se agora tivesse que repetir tudo de novo, eu diria o

mesmo.

Quero ser escrava do Senhor. Somente do Senhor, isto sim.

Porém, com todas as minhas forças. Ser sua escrava não significa não possuir dignidade nem carecer de liberdade, mas sim colocar minha liberdade a seu serviço e confiar minha dignidade aos seus cuidados. Ele sabe cuidar de mim muito mais do que eu mesma.

Não fosse assim, aí estão tantos que se dizem livres e no entanto são escravos do vinho ou de vícios muito piores. Eu vivo por Ele e para Ele. Fui eu que escolhi, ninguém impôs nada, quando me foi pedida a permissão para que pudesse nascer o Messias. Porém, devido à liberdade que tenho, digo-lhe: aqui me tens, sou tua escrava, podes fazer de mim o que quiseses, me abandono em ti, utiliza-me para teus fins e só peço que sejas tu a cuidar de mim. Sou obra de tuas mãos e não desejo outra coisa que ser um espelho que reflita tua glória e teu prestígio.

Sou a escrava do Senhor. Sou sua esposa. Sou a Mãe de seu Filho. Porém, esta é outra história, querido João, que te contarei amanhã.

## O DIA SEGUINTE

Como compreenderás, João, mal pude dormir naquela noite.

E eu não estava nervosa, pois sabia o que ocorreria mesmo que não tivesse consciência de tudo. Meu corpo e minha alma estavam sempre à espera daquele momento e desse inquieto. Eu não sabia, eles sim. Por isso tudo era normal. E porque era tão normal, me surpreendia e me preocupava.

Passei a noite, quase até a madrugada, deitada e rezando.

Minha oração era silenciosa, repleta de sensações, de perguntas, de consentimentos.

Fisicamente nada notei, chegando a supor que tudo tinha sido um sonho, uma aparição fantástica que eu mesma havia criado. Mas, logo descartei essa idéia. Não notava nada, porém algo estava dentro de mim e eu o sabia, sem a menor dúvida. Era algo novo, vivo, maravilhoso. Porém, o que era? Ou melhor, quem era? De quem se tratava? Que tipo de Messias era aquele que nasceria numa aldeia perdida da Galiléia, em vez da capital, Jerusalém? Quem, em seu juízo

perfeito, teria escolhido por mãe uma pobre moça, filha de um artesão, em vez de buscar a proteção de uma família poderosa? Não foi o próprio Moisés que, nascendo pobre, foi criado e educado no palácio do faraó?

Aconteceria comigo o mesmo? Arrebataram-me esse filho para levá-lo à casa de alguma pessoa importante e educá-lo? Seria eu somente mãe temporal, apenas natural, em vez de desfrutar da companhia dessa criatura, a qual eu já amava apaixonadamente?

Assim passei a noite, querido João. Tinha muitas perguntas a fazer ao pai do meu filho. Estive consciente desde o primeiro momento de que já estava em vias de me tornar mãe, sabendo que o pai dessa criança não tinha sido um varão. E, como ocorreu eu não sei, nem entendo ainda hoje. Bastou-me ouvir o que todos nós, crentes, aceitamos: "Para Deus não há nada impossível". Por isso

não foi difícil aceitar que Deus tenha semeado em mim o Messias sem a intervenção de um varão. E tudo isso transformava o Todo-Poderoso no pai de meu filho, o que, de alguma maneira, fazia de mim sua esposa. Além do mais, o filho que eu carregava em minhas entranhas, o que ele significava na razão de Deus? Poder-se-ia dizer que era seu filho? No entanto, como poderia um ser humano ser filho de Deus? Como o povo de Israel, que não consentia que se fizessem pinturas ou esculturas para representar Deus, iria aceitar um Messias considerado Filho do Altíssimo? Se esse mar de dúvidas fosse pequeno, existiam centenas de outras coisas mais. Por exemplo: seria meu filho um guerreiro ou um construtor da paz?

Mancharia suas mãos com sangue ao empunhar espadas vitoriosas, ou seria um homem santo que conduziria o povo por caminhos de renovação interior, de conversão, de misericórdia?

Bem, tenho que reconhecer que desta última pergunta eu imediatamente conheci a resposta. Mal ela surgiu em mim, notei uma reação procedente daquela minúscula vida que já se agitava em minhas entranhas. Ele não seria um Messias guerreiro. A violência nunca influenciaria suas ações. Nem com a melhor das intenções nem com a mais nobre das causas levaria destruição aos homens e aos povos.

Porém esta certeza, que muito me alegrou, produziu-me também medo. Que diriam meus primos, meus conterrâneos, o povo inteiro de Israel, que, com

algumas exceções, como meus pais e alguns poucos mais, aguardavam um líder vitorioso, um chefe militar? Aquilo que aconteceu naquela noite, proveniente da leitura de um trecho de Isaías por Asaf, e seu significativo silêncio em reação à maioria das palavras do profeta existentes na continuação, não seria o anúncio do que aconteceria a meu filho se tentasse implantar a paz e não a guerra? Poderia ocorrer o caso de o Messias ser rechaçado pelo povo se não trouxesse a mensagem que aquela gente estava desejando ouvir? E o pior, como alguns sugeriram, poderia o Messias ser desprestigiado e até mesmo assassinado, como o cordeiro manso levado ao matadouro, não só pelos pagãos como também pelo povo eleito?

Compreende-me, João. Acreditei estar louca. Era tudo complicado demais para mim, que tinha somente quinze anos e mal havia saído de minha aldeia para visitar algumas populações vizinhas.

Como não entendia nada, limitei-me a deixar que meu coração, minha intuição, proporcionassem alguma claridade no meio de tanta confusão em que me vi envolta depois da partida do anjo.

Isto porque sofria influências de meu próprio problema pessoal. Sabes, querido amigo, como são rígidas as leis de nosso povo, principalmente se comparadas às leis destas terras gregas.

Cerca de oito anos antes, uma jovem de Nazaré havia sido apedrejada até morrer. Estava comprometida com Tobias, um sapateiro da aldeia, mas havia se enamorado de outro jovem do povoado, um tal de Jacó, filho de Yair. O problema é que fizeram o que não deviam ter feito e ela ficou grávida. A notícia provocou um terrível escândalo e em Nazaré não se falava de outra coisa. O futuro marido se sentiu ultrajado e exigiu uma reparação. Os pais da jovem, que se chamava Mikal como a filha de Saul, ofereceram todo o seu dinheiro a Tobias.

Bastava ele confessar que mantivera relações com Mikal, o que não era totalmente lícito, mas não incidia em castigo algum. Porém o sapateiro se negou, mesmo que a oferta fosse muito tentadora. O assunto se tornara público, por causa de uma bebedeira da turma de Jacó, o que fez Tobias não aceitar Mikal publicamente. Assim ela recebeu o castigo das adúlteras e morreu apedrejada. Levaram todas as moças da aldeia, inclusive os rapazes, para assistir a esse terrível espetáculo. Todos, menos eu, não porque fosse uma menina e sim

porque meu pai se opôs, já que era contra este tipo de medida, ainda que viesse recomendado pelas leis e fosse avalizado pela utilidade que proporcionam os recursos violentos.

Portanto, eu sabia bem o que podia acontecer comigo. Meu caso não tinha nada a ver com o da pobre Mikal, mas quem acreditaria? Quando o anjo foi embora comecei a me dar conta das conseqüências que poderiam advir. Estas conseqüências eram, nem mais nem menos, uma criança. Um menino que seria visto por todos, após uma gravidez de nove meses impossível de ocultar. Que iria pensar toda a gente? Que iria pensar José, como reagiria? Poderia chegar a repudiar-me, como Tobias a Mikal? E, nesse caso, o que iria ser de mim e de meu filho?

Se isto fosse pouco, também havia meus pais. Como lhes contaria o caso do anjo? Como diria à minha mãe que estava grávida e que fora Deus, pessoalmente, que havia introduzido aquela vida em meu ventre? Por mais confiança que meus pais tivessem em mim, como engoliriam semelhante história? E meu querido pai, a quem eu nunca causara desgosto e que estava tão orgulhoso de mim, que iria pensar? Os homens ririam dele ao ver sua filha desonrada, grávida de um estranho cujo nome ninguém sabia.

Tens que entender isto tudo, João, porque do contrário nunca poderás compreender o que significou a minha aceitação da vontade de Deus. É muito fácil dizer "sim" ao Senhor, porém não é tão fácil levá-lo à prática, sobretudo em momentos como este. Depois, quando as coisas se acertaram, principalmente quando meu filho Jesus fazia milagres e todos o aplaudiam, algumas mulheres invejavam e louvavam a minha sorte por ser mãe do Messias. É verdade que todas as jovens de Israel sonhavam com ele, porém não daquele modo, não àquele preço. Eu estava consciente de que minha vida e a vida de meu filho estavam correndo risco. Estava consciente de que havia posto nas mãos de Deus minha própria honra, minha reputação, meu futuro e o futuro dos meus. E não sabia como se poderia encontrar uma saída honrosa para aquele conturbado caso.

Eu não sabia, mas veio em auxílio de minha debilidade a graça do Altíssimo. Ele mesmo, que me havia coberto com seu manto, acudiu e tranqüilizou-me. Senti sua mão doce mas poderosa, acariciando meus cabelos e dizendo-me novamente, repetindo as palavras do anjo: "Não temas, minha amada, confia em mim. Eu sou o Todo-Poderoso e para mim nada é impossível. Não foi possível tu engravidares sem perder a virgindade? Não te preocupes, portanto, e tem confiança. Olha os

lírios do campo e os pássaros cantores.

Nem uma só pétala, nem uma só pena cai deles sem que eu o consinta. Não crês que a mim tu importas mais do que todas as flores e pássaros? Crês que coloquei meu Filho em teu ventre para que morra apedrejado por uma lei que erroneamente me atribuem?

Crês que levei milênios aguardando este momento para que uns desocupados o destruam com pedras e ódios? Não temas, minha amada. Ele e tu, tu e ele, estais a meu encargo e o poder do inferno não prevalecerá" .

Assim foi que adormeci. Em seus braços, aconchegada pela doçura do Senhor, certa de que estava em suas mãos. Não recebi luzes que iluminassem minha inteligência. Não vi soluções nem entendi nada de nada. Apenas sabia que, se Deus estava por trás de tudo, tudo iria bem e me restava deixar-me conduzir por ele.

Lembrei-me de uma frase de Isaías que meu pai sempre repetia porque era seu lema favorito: "Na confiança está vossa força". Na confiança e no poder de Deus e em seu amor estava minha força.

Coloquei-me em suas mãos e dormi. Já era quase dia.

Foi apenas um pequeno descanso. Minha mãe entrou em meu quarto pouco depois. Com seu eterno sorriso sentou-se junto

à minha cama e me despertou, brincando muito e chamando-me de dorminhoca.

Abri os olhos, cruzei os braços e, sem poder evitar, pus-me a chorar: Sentia muita necessidade de desabafar Estava tranqüila, acreditava em Deus sem a menor dúvida, porém tinha a responsabilidade de contar tudo a meus pais e isso não era uma tarefa insignificante.

Chorava com muita angústia e ao mesmo tempo com uma surpreendente paz. Minha mãe beijou meu rosto, me acariciou os cabelos e perguntou se eu tinha tido um pesadelo, se me doía algo, se havia passado, enfim, uma noite ruim.

Pensei que ia morrer quando comecei a falar. As palavras se negavam a sair. A boca ficou completamente seca. Tive que tossir várias vezes e no final disse-lhe, olhando os lençóis da cama em lugar de dirigir meu olhar a seus olhos: "Vou ser

mãe". Depois, fiquei em silêncio.

O silêncio durou muito tempo. A mim pareceu uma eternidade. Foram vários minutos. Minha mãe estava junto a mim.

Continuava segurando minha mão e por isso eu podia saber o que se passava em seu coração, o tamanho do desgosto que eu lhe havia dado, a decepção que sentia, a dor imensa que abalava sua alma santa. E ainda não sabia de nada sobre o pai da criança.

Ao fim de alguns momentos, pegou meu queixo e pediu-me que a olhasse de frente. Seus olhos estavam cheios de lágrimas como os meus. Olhamo-nos longamente e em seguida me abraçou: Não sei quanto tempo estivemos assim. Chorávamos as duas sem poder evitar Eu por uma perspectiva, ela por outra, porém ambas pelo mesmo motivo.

Quando nos acalmamos me perguntou por José. Não quis saber quando tinha ocorrido o fato, nem como fora. Só me perguntou quando iria viver com José, porque dava como certo ser ele o pai.

Então lhe contei tudo.

O surpreendente foi que acreditou e que respirou aliviada.

Realmente eu não tinha por que me surpreender, já que minha mãe era uma mulher de Deus e, mais do que as palavras e as verdades que eu dizia, por mais incrível que parecesse, o Senhor também estava trabalhando nela. Ofereci-lhe a oportunidade de provar que não tinha perdido a virgindade, ao que ela se negou veementemente, pois seria como se não acreditasse em minhas palavras.

"Acredito em ti, filha" disse-me Ana. "Acredito porque a história que contas é incrível demais para que, se a tivesses inventado, pudesses conseguir a menor possibilidade de ser aceita.

Acredito, também, porque jamais tive motivos para duvidar de ti.

Tens sido uma filha exemplar. Nunca nos deste um desgosto, nem a teu pai nem a mim, e duvidar de ti, por mais difícil que seja aceitar tua palavra, seria uma ofensa que tu não mereces. Se eu não acreditasse em ti, estaria rompendo algo puro e limpo, a confiança que tu mereces. O Senhor também me contou algumas

coisas. Faz muitos anos. Desde que nasceste, sempre tive a impressão de que eras mais sua do que minha e de teu pai. Não estou dizendo que tenha ocorrido algo de estranho em teu nascimento. Foste fruto de um amor autêntico entre Joaquim e eu. O que digo é que, tanto a teu pai como a mim, e a muitos outros de nosso povoado, sempre nos pareceu que por tua frente não passavam as mesmas águas turbulentas que passavam por todas as outras, incluídos os mais santos de nosso povo. Sempre foste de Deus e de um modo que, sem tu notares, chamava a atenção tanto por sua naturalidade como por sua intensidade. Tenho falado muito com Joaquim sobre ti. Tínhamos a impressão de que o Senhor te queria para si de uma maneira diferente da que nos chama à união com Ele, porém não sabíamos quando nem como. Inclusive relutamos em comprometer te com alguém, até que

optamos por teu primo José, que parece ter sido feito da mesma matéria tua, ainda que não chegue à altura desse dom estranho que a ti foi concedido. Mesmo assim em muitas ocasiões temos perguntado como reagirias ante a vida de casada, ante os compromissos que uma mulher deve cumprir com seu marido. Mesmo assim decidimos ir em frente, à espera de que Deus manifestasse de algum modo sua vontade, se diferente daquela que estávamos planejando. E agora isto aconteceu.

Não tem nada a ver com o que podíamos imaginar, porém estou certa de que é obra de suas mãos e, assim, tudo irá bem.

"E quem dirá a papai?", perguntei à minha mãe.

"Deixa isso para mim. Para ti seria violento demais, contudo fica tranqüila com respeito a teu pai. Ele nada tem a ver com o que comumente acontece com os homens e isto de honra manchada não entra em seus esquemas. No teu caso, não só inexistiu ofensa, como há privilégio. Filha, não sei se te dás conta, porque imagino que tudo aconteceu tão rápido que deves estar confusa. Serás a mãe do Messias e essa é a maior honra a que pode aspirar uma mulher judia."

Minha mãe abraçou-me de novo. Já não chorávamos. Com suavidade passou a mão repetidamente pelos meus cabelos enquanto me dizia baixo e com ternura "minha menina, minha menina". Depois se levantou e foi procurar meu pai.

Nossa casa era pequena, como todas as outras do povoado. Era acolhedora e sobretudo muito limpa. Porém por sua pequenez, de meu quarto pude escutar a

conversa entre Joaquim e Ana.

"Joaquim, querido", começou dizendo minha mãe, "o Senhor nos escolheu, olhou para nossa humildade, e nos concedeu um extraordinário dom. Deixa o trabalho por um momento e escuta-me. Estou um pouco nervosa, não queria complicar as coisas mais do que já estão."

Meu pai largou o alforje no qual estava misturando um pouco de grão e palha para dar de comer ao nosso pássaro, olhou atentamente para minha mãe e, impressionado, deu um profundo suspiro e sentou-se. Teve uma intuição nesse momento, pois puxou um lenço de seu cinto para secar o suor que, de repente, começou a aparecer em sua fronte. Pediu à minha mãe um pouco de água fresca e, com a vasilha de barro na mão, esperou que Ana lhe contasse algo muito extraordinário que ele não sabia se devia temer ou desejar

"Nossa filha está grávida", começou dizendo minha mãe, "mas fica tranqüilo e não te angusties. Ela está bem e, sobretudo, não fez nada de mal nem cometeu falta alguma. Por incrível que possa parecer, nesse ato não há participação de homem algum, nem sequer de José. Se duvidas, poderemos demonstrar que continua virgem.

Ela me disse, e eu acredito, que ontem à noite apareceu-lhe um anjo do Senhor e pediu-lhe que aceitasse ser a mãe do Messias.

Lembra o que dizem as profecias, o que temos falado tantas vezes e, inclusive, o que nos contaste ontem à noite. O Senhor quer salvar a seu povo e fomos nós, indignos e os últimos servos seus, os afortunados. Portanto, não me venhas agora com ditos sobre honra e desonra porque o que teremos que fazer é nos colocarmos a rezar para dar graças a Deus e tranqüilizar nossa filha que está tão nervosa como um maço de papoulas sacudido pelo vento."

Enquanto minha mãe falava, Joaquim levantou-se do banquinho, nervoso e angustiado, voltando a sentar se novamente. Quando Ana acabou, ficou alguns minutos em silêncio, primeiro olhando para o chão de terra de nossa casa e depois olhando nos olhos de minha mãe. Por fim, com algumas palavras que quase não lhe saíam da boca, disse-lhe:

"Querida Ana, se não te conhecesse e não te quisesse tanto, a esta hora estaria farto de ti. Porque supões que vou colocar empecilhos, mulher? Crês que sou igual ao pai daquela jovem, que

foi o primeiro a empurrar sua filha para fora da aldeia lançando-a na má vida que leva agora em Cafarnaum? Acreditas que somente tu, como mulher e como mãe, amas a nossa filha e a entendes? Ela, nossa menina Maria, é a alegria de minha alma, o sonho de minha vida e a esperança para meu futuro. E acima de tudo sei, como o sabes tu, que ela não é nossa filha - desde seu nascimento pertence a Deus. Isto que me contas, efetivamente, é duro de aceitar. Talvez ninguém do povoado acredite. Porém eu e tu sabemos que é verdade.

E nem precisamos que seja provado por um anjo do céu. De fato seria uma ofensa para nós se o Senhor pensasse que não iríamos acreditar em nossa filha e que necessitaríamos de uma prova extraordinária.

Eu a conheço de sobra, como a conheces tu, para estar seguro, absolutamente seguro, de que é incapaz de dizer uma mentira e de ofender a Deus violando o sexto mandamento da lei de Moisés."

Meu pai e minha mãe se abraçaram e, juntos, se puseram de joelhos. "Ó Senhor Todo-Poderoso", entoou meu pai com aquele seu tom de voz com que gostava de repetir os salmos nas tardes de sábado, "a ti levanto meus olhos, tu que habitas o céu - como os olhos do servo para a mão de seus amos. Como os olhos da serva para a mão de sua senhora, assim nossos olhos olham para Yaveh, nosso Deus, até que se apiede de nós". Quando terminou de recitar o velho salmo que escrevera o rei Davi, Joaquim continuou rezando, agora com palavras suas. "Eloí, Senhor bendito pelos séculos, fiel a tuas promessas, levanto a ti meus olhos para que tu os livres de todas as dúvidas e tires deles a menor sombra de perplexidade.

Ajuda-me a aceitar teus desígnios, a submeter me a teus planos.

Olha a minha fragilidade e dá-me forças para estar à altura da missão da qual, como pai de minha filha, acabas de me incumbir. Dá-me sabedoria para discernir o caminho correto. Ajuda a minha pequena, que esteve sempre a teu serviço. Não coloques em seus ombros mais peso que o suportável e, se necessitas de alguém que ajude a carregar o fardo, podes me usar e aliviá-la. Nós, Senhor, não aspiramos a grandezas que superem nossa capacidade. Embora todos desejem contar com o Messias entre os membros de sua casa, nós nunca nos atrevemos a pensar nisso. Somente te pedimos uma coisa ao longo de nossa vida - poder ser úteis a ti, poder servir algo a ti, mesmo que seja no menor e mais humilde lugar. Agora, Eloí, tu nos escolheste e estamos em tuas mãos. Não permitas que o que

semeaste no ventre de minha filha malogre, nem que se modifiquem os teus desígnios salvadores. Não nos dês glórias ou honras que não queremos. Ajuda-nos tão somente a cumprir tua vontade e a não modificar com nossa torpeza teus projetos."

Dito isto, se inclinou e colocou seu peito no solo. Minha mãe fez o mesmo e assim estiveram os dois longo tempo em silêncio. Eu olhava surpresa e cheia de gratidão, do meu quarto, com a cortina semi-aberta.

Devo ter provocado algum ruído, pois ambos levantaram o rosto e olharam para onde eu me encontrava. Não me escondi. Levantaram-se e vieram a mim. Primeiro foi meu pai. Abraçou-me e me beijou três vezes a face e logo, com um gesto que me deixou comovida, ajoelhou-se e me beijou a mão. Eu o levantei quase indignada. Porém ele tapou a minha boca e, com suavidade, cortou minha reprovação.

Depois, minha mãe teve o mesmo procedimento. Finalmente nós três nos fundimos em um longo abraço e tive a sensação de que o mais difícil havia passado e que, efetivamente, o Senhor a tudo domina, inclusive fazendo meus pais entender e aceitar a história tão maravilhosa que havia iniciado a gestação em meu ventre.

Logo, mais calmos, começamos a estudar qual seria o nosso comportamento em seguida. Minha mãe lembrou que o anjo me havia dito que Isabel, minha prima que morava ao sul, em Ain Karem,

perto de Jerusalém, estava grávida. Era incrível e quase tão difícil de aceitar como o que em mim havia ocorrido, pois ela era mais idosa do que minha mãe e nunca pôde ter filhos. Portanto, impunha-se uma visita a Isabel para ajudá-la, já que estava no sexto mês, e também para pedir-lhe conselhos - era casada com Zacarias, um sacerdote de pequena categoria porém com influência em altos círculos do clero - e, até mesmo para colocar um pouco de água na fervura, para ver como se desenvolveriam as coisas na aldeia. Meus pais se encarregariam de falar com José. Nenhum de nós desconhecia a gravidade da situação. Se José reagisse mal e eu ficasse na aldeia, minha sorte estaria traçada. Tratava-se, pois, de salvar-me de todo o perigo e também de salvar o filho que carregava em meu ventre e que era a esperança de nosso povo.

Decidimos, pois, que essa mesma tarde eu sairia de Nazaré rumo ao sul, para a

casa de nossa prima. A viagem era longa e muito difícil, inclusive perigosa. Mas, de Caná, com frequência saíam caravanas até Jerusalém e talvez encontrássemos algum parente ou conhecido que quisesse nos acompanhar até Ain Karem.

Meu pai foi visitar Adonias, nosso amigo, vinte e quatro horas após ter estado em sua casa para consultá-lo sobre o texto de Isaías.

Queria pedir-lhe que nos recomendasse um local em Caná para me alojar e alguém entendido em viagens que respondesse por minha segurança, já que ele não poderia me acompanhar pelo trajeto todo.

Não houve dificuldade. Adonias recomendou seu irmão Manassés, que era muito rico apesar de ser mais jovem do que ele. Era mercador e havia se casado com uma mulher de boa família, portadora de um excelente dote matrimonial. Eu ficaria na casa de Manassés até que a caravana saísse para Jerusalém com alguém de confiança que me levasse até a casa de Isabel.

Meu pai me levou até a casa de Manassés, em Caná. Essa pequena cidade não fica longe de nosso povoado e, por estar mais próxima ao vale, possui maior comunicação. Por ela passa uma estrada que une a costa ao lago de Genesaret. Em seus campos se cultivam belas parreiras que dão fama a seus vinhos, os melhores, dizem, de Israel. Suas colheitas de trigo, de aveia e de cevada são também generosas, servindo para a alimentação de numerosos rebanhos.

Joaquim esteve silencioso durante quase todo o caminho. Ele não era habitualmente extrovertido. Facilmente se abstraía e se punha a rezar, entoando baixinho os salmos e parágrafos das Sagradas Escrituras ou desafogando no Senhor seu coração inquieto.

Comigo, as coisas tinham voltado à normalidade como se nada tivesse ocorrido. Assim decidiram meus pais de comum acordo.

Ambos compreenderam que poderia ser ruim para mim se me passassem a tratar de repente como a patroa da casa. Eu continuava sendo sua filha, por mais que em minhas entranhas levasse o maior dos tesouros.

Meu pai não deixou que eu fizesse o trajeto a pé e me obrigou a montar em um burrico. Isto era muito estranho, não só pelos costumes de nosso povo, como também porque eu era forte e ele um homem não muito velho, porém já de idade avançada. Assim supliquei que, para não chamar a atenção, eu montaria o nosso

jumento apenas quando estivéssemos longe de nossa aldeia, e desmontaria quando estivéssemos próximos de Caná.

Pelo caminho, enquanto ele conduzia as rédeas e eu me deixava levar pela montaria, de vez em quando olhava para mim e me dirigia algumas palavras amáveis e carinhosas que caracterizavam nossa intimidade de pai e filha. Chamava me, como sempre havia feito, de

"pequena". Não que eu fosse baixa de estatura, porém chamava me assim desde menina e, no fundo, para ele eu não havia crescido. Assim

voltava se e me dizia, com uma ternura incrível: "Como está minha pequena, não estás enjoada?". Ou me pedia que lhe contasse coisas de Deus, não sobre fatos que aconteceram naquela noite, mas sim sobre como eu via as coisas e como opinaria o Senhor sobre isto ou sobre aquilo.

Assim transcorreu o caminho, que não era muito longo, em uma doce intimidade. Foi uma viagem deliciosa e irrepetível, quase uma despedida entre pai e filha, uma filha que ia como moça, com nuvens de tormenta sobre sua cabeça e que voltaria como mulher, para deixar definitivamente a casa paterna, se é que pudesse voltar.

Manassés nos acolheu magnificamente. Seu irmão já lhe havia comunicado que chegaríamos e ele preparara dois quartos de sua bela casa, um na ala de mulheres para mim e outro na ala dos homens para meu pai. Como já era tarde, ofereceu água para nos banharmos e logo nos apresentou à sua jovem mulher e a seus dois filhos pequenos. Eu jantei com as mulheres e Joaquim com os homens e depois nos despedimos até o dia seguinte.

Antes de deitar-me, falei com Lia, a esposa de Manassés.

Era dez anos mais velha que eu. Não tinha pais e havia herdado uma grande fortuna que repartira com seu único irmão. Seu casamento ia bem, assim como todos os negócios de seu marido, que ela favorecera com a herança que levou ao matrimônio. Como ninguém sabia sobre o que acontecera e a visita a Isabel era normal, devido à sua gravidez, minha viagem passou despercebida e os assuntos se desenvolveram com normalidade. Lia foi muito amável comigo e depois de um certo tempo levou-me a meu quarto e me deixou só.

Naquela noite dormi muito bem. Despertei com a alvorada, como se nada tivesse

acontecido. As criadas já estavam cuidando da casa e aceitei quando me ofereceram leite quente e pão para a primeira refeição do dia. Antes, quando despertei, dei graças a Deus por sua proteção e por renovar minha disposição de aceitar a todo o momento sua vontade, sempre contando com sua força para poder levá-la a cabo.

Estava tomando a primeira refeição quando apareceu Lia com seu filhinho nos braços. Ele não estava bem e havia passado mal a noite. Tinha o rosto cheio de pintas e chorava sem cessar. A jovem mãe estava assustada. Falava-se de uma epidemia no povoado e, de fato, três meninos tinham morrido dias antes, após apresentarem sintomas iguais ao do filho de Manassés. Eu não sabia o que fazer. Tinham-se portado tão bem comigo que desejava corresponder de alguma maneira, mas não entendia de medicina, nem de velhos remédios à base de ervas e emplastros que algumas mulheres aplicavam com êxito. Mas sabia rezar. Propus a Lia que nos ajoelhássemos e pedíssemos ao Senhor que ajudasse seu menino e que, em todo o caso, fosse feita a sua vontade. A mãe me olhou surpresa e depois de um momento de dúvida, aceitou.

Ajoelhou-se junto a mim, com o pequeno que não parava de chorar nos braços e esperou em silêncio que eu fizesse algo. De minha parte, não tinha idéia do que dizer. Se meu pai lá estivesse recitaria algum velho salmo ou trecho de algum profeta, porém não me atrevia a fazê-lo para não me comprometer. Durante alguns minutos permanecemos em silêncio, eu um pouco nervosa e Lia embalando o menino e esperando. Em seguida levantei a voz e supliquei com palavras simples ao Todo-Poderoso que ajudasse aquela criança, se fosse sua vontade, e que ajudasse seus pais a aceitar em todos os momentos os seus desígnios. Uma vez concluída a pobre oração, dei um beijo na fronte do pequenino.

Então, aconteceu. O menino, que se chamava Levi, acalinou-se de repente. Sorriu, abriu os olhos, agarrou-se em sua mãe e

depois dormiu. As pintas começaram a desaparecer naquele instante.

Lia me olhou e compreendeu que minha oração fora ouvida, pois o menino estava com uma respiração tranqüila, como não havia tido desde que se iniciara a erupção. Colocou o menino, suavemente para não despertá-lo, nas mãos de uma criada e me deu um forte abraço, cumulando-me de palavras de gratidão.

Eu estava estupefata. Não porque duvidasse de que as orações servem para algo ou de que Deus me escutara. Em muitas ocasiões, tinha visto como minhas súplicas eram atendidas no mesmo instante, até o ponto em que decidi pedir somente coisas importantes, porque tinha a impressão de que o Senhor estava sempre à espera de que eu pedisse qualquer coisa para me conceder e não queria abusar dele. Porém nunca me acontecera nada igual, considerando a seriedade do caso. Contudo, não tive muito tempo para meditar sobre isto. Lia me levava por toda a casa e explicava a uns e outros o que ocorrera. Apareceu Manassés, seu marido, e logo Joaquim, meu pai, que se alegraram com a cura do pequeno.

Lembro que meu pai me olhou muito sério e tive a impressão de que, se não estivéssemos diante de tanta gente, se colocaria de novo de joelhos diante de mim, como fizera no dia anterior. Porém não disse nada. Somente se dirigiu a Manassés para recomendar-lhe uma vez mais que cuidasse de mim e preparou sua volta a Nazaré.

Eu o vi partir pelo caminho repleto de oliveiras. Tive a impressão de ter posto sobre seus ombros uma pesada carga, a de ter que explicar a todos - inclusive a José - que sua filha estava grávida antes de regularizar definitivamente seu casamento. Foi um dos momentos mais difíceis daquele ano. Suspirei fundo vendo meu pai partir e pedi ao Todo-Poderoso que o ajudasse. Eu sabia que se deve ser fiel a Deus até mesmo do que aos homens e, como ensina a Torá, o mandamento de amor à faWia é o quarto, enquanto o de amor a Deus é o primeiro. Mas não podia deixar de sofrer pensando em Joaquim e também em Ana pelo que estavam suportando por mim, e roguei a Deus que fosse benevolente com eles e que os ajudasse a encontrar uma saída honrosa e digna.

Uma nova vida começava para mim naquele momento. Estava só, sem ninguém dos meus a meu lado, e era muito jovem. Possuía uma força interna mais poderosa do que um exército, a mesma força que possui uma mulher que sabe que tem uma nova vida em suas entranhas. Tinha que lutar para dar vida a meu filho e sabia que estava, de maneira absoluta, nas mãos de Deus, nas melhores mãos.

Voltei para dentro da casa de Manassés. Lia, com o pequeno Levi nos braços, estava me esperando. Preferira ficar dentro de casa para deixar eu e meu pai sozinhos na despedida. Não sabia nada do que se passava, porém intuía que eu estava sofrendo. Logo que me viu, o menino estendeu as mãos e eu o peguei no colo. Aquele menino vivia pela graça de Deus, graça que, de alguma maneira, eu

consequira para ele. Compreendi que aquilo era um símbolo, o símbolo do que deveria ser minha vida e a de meu filho: renunciar a tudo para poder ser de todos e cuidar de todos; renunciar à minha vida para distribuí-la entre os demais; renunciar inclusive aos meus para que todos pudessem me considerar como sua. E disse de novo a Deus que sim. Disse através de um beijo no pequeno Levi, com um sorriso para sua mãe e com uma lágrima furtiva que rolou de meus olhos, porque não conseguia deixar de pensar nas costas encurvadas de meu pai.

## JOSÉ, UM NOIVO SURPRESO

O que vou te contar hoje, João, eu só soube muito tempo depois. Fazia um mês que me encontrava na casa de Isabel e tudo se

desenvolia do melhor modo possível, quando recebi uma mensagem de meu pai. Guardei-a com carinho todos estes anos, entre meus escassos pertences. Toma-a e avalia como tudo foi difícil, embora eu não conhecesse os detalhes antes de meu regresso a Nazaré que, por certo, aconteceu bem mais tarde do que a minha família desejava.

"Shalom, querida filha. Que o Senhor continue protegendo-te e te mostre sempre, como até agora, seu rosto.

Nós, tua mãe e eu, estamos bem, desejando a tua volta. Sem ti nossa casa está vazia e só a certeza de que tudo o que ocorre é querido por Yaveh serve-nos de consolo. Espero que tu também estejas bem, como nos fizeste saber quando chegaste à casa de Isabel. Peço-te que a saúdes de nossa parte agradecendo a hospitalidade com a qual te brinda.

Escrevo-te para que saibas que podes voltar quando quiseres.

Tudo correu do melhor modo possível, embora não tenha sido fácil no princípio. Contay te-ei tudo com detalhes no teu regresso, porém somente adianto que por um momento estiveste a ponto de ser repudiada. Tive que pedir a intervenção do Senhor e o fiz de tal modo que José não só deixou de colocar dificuldades como te espera de braços abertos e se considera um afortunado de acolher a ti e a teu filho em sua casa.

vem logo, filha. Tua mãe e eu necessitamos de ti ao nosso lado.

Temos sofrido tanto que só a tua presença pode agora nos confortar.

Queremos cuidar de ti e também, perdoa que te diga, servir te. Morremos de vontade de ter te novamente em nossos braços. Já falei com Manassés e logo regressará uma caravana dele que partiu faz duas semanas para Jerusalém. Pede a Zacarias que te acompanhe ao cruzamento dos caminhos e não faças a viagem sozinha.

Cuida-te, luz de nossos olhos. Que o Senhor te cubra com sua paz. Saudações de tua mãe e minhas. JOAQUIM."

Meu pai me contou, quando enfim pude voltar para casa, que, efetivamente, ao despedir-se de mim em Caná, o mundo lhe viera abaixo. Na minha frente se fez forte, colocando uma cara boa no mau tempo, para não me preocupar. Porém quando ficou só e mal deu-me as costas, pôs-se a chorar entristecido.

Como ia agora explicar a seus amigos e vizinhos que sua filha, sua pequena, esperava um filho sem ter se casado? Por mais que não fosse a primeira vez que isto ocorria, e mesmo quando José aceitou reconhecer a criança como sua, não deixava de ser assunto para comentários de comadres o fato de que Maria não soubera esperar alguns meses antes de consumir o casamento com seu prometido. A coisa era lícita, certamente, porém era costume que os esposos não tivessem relações até que coabitassem, na segunda e definitiva fase do matrimônio.

Para meu pai meu nome era sagrado. Que minha fama e minha honra pudessem ser postas em dúvida pela gente da aldeia era algo que ele não aceitava. Sempre teve orgulho de mim, porque não era como as outras moças, não participava das bagunças que às vezes faziam outras crianças e não coqueteava, como faziam minhas amigas, com os jovens da aldeia. E agora todo aquele orgulho vinha abaixo.

Ele ouvia os comentários cheios de ironia das mulheres de Nazaré: "Olha, olha, tão boa como parecia Maria, tão santinha. Olha para esta mosca morta, grávida, e aí está - para que não te fies em águas mansas". Tremia pensando nas perguntas dos homens: "Que tal, Joaquim, como vai tua filha? Vê como está hoje a juventude.

Enquanto te descuidas, te fazem avô".

De repente, segundo me contou, percebeu algo estranho.

O sol estava subindo e estava quase no zênite. A primavera se mostrava, como nos dias anteriores, em todo o seu esplendor. Porém não foram estes sinais externos de esperança que o animaram. Era algo que estava fora dele e às vezes dentro. Não se tratava de uma aparição, mas de uma presença divina. Uma presença que meu pai

notou rápido, acostumado como estava à intimidade com Deus.

Joaquim, como já disse, era um homem religioso. Religioso no melhor sentido da palavra. Não pertencia à seita dos fariseus, nem a nenhuma outra das seitas ou associações que tanto proliferavam em nosso povo. Melhor dizendo, era um anawin, um daqueles que Isaías havia profetizado quando disse que um resto ficaria em Israel, do qual nasceria o Messias.

O "resto", a pequena porção de autênticos israelitas a que pertencia meu pai, caracterizava-se por buscar o espírito da lei e não se condicionar à letra. Sua relação com o Senhor era uma relação do coração, mais do que de preceitos minuciosos, cumpridos com escrúpulo, sem que com isto se possa dizer que os infringia.

Simplesmente lhes dava um valor justo, nem mais nem menos.

Meu pai não necessitava, pois, de aparições espetaculares.

Estava acostumado a tratar com Deus, a falar com Ele com respeito e também com intimidade. Assim, em seguida, Deus utilizou o canal que tinha aberto de maneira permanente com ele e lhe explicou - e eles se explicaram.

"Vê a confusão em que te meteste", começou a dizer Deus a meu pai, "querido Joaquim. Sei que estás entristecido e achas que a carga que depus sobre teus ombros é superior às tuas forças. Porém não é verdade. Se não posso pedir isto a ti, a quem pedirei? Acaso não foste tu que durante tantos anos me dissesse que eu podia contar contigo, inclusive sem pedir permissão? Ou tudo que construímos juntos este tempo todo não foi mais que um brinquedo, uma aparência que valia enquanto não se colocasse tua disponibilidade à prova? Além do mais, Joaquim, deverias sentir-te muito, muito feliz, pelo fato de que em tua casa vai nascer o Messias. Não é esse, por acaso, o sonho de todo bom judeu? Não te invejariam todos os teus amigos, cujo juízo agora temes, se soubessem o que de fato ocorreu?"

"Senhor Todo-Poderoso", respondeu meu pai, "teu nome é eterno e tua misericórdia vai de uma época a outra, de uma geração a outra. Perdoa este teu servo se sentiste em algum momento minha fraqueza. É certo que estou angustiado, porém não creias que me falta pulso e que vacilo em minhas decisões. Fizeste bem em atuar em minha casa sem me pedires permissão, pois minha casa é tua, sou um servo e tu meu Senhor. A permissão já pediste à minha filha e ela, que deveria decidir tudo, já a concedeu. Assim, não tenho mais nada a dizer. Ao contrário, sei que estou sendo objeto de uma grande honra por teres confiado em minha pequenez e me concedido a imensa fortuna de que seja minha humilde casa a precursora da nova Casa de Israel. Porém, Senhor, não estranhes que eu tenha medo.

Não o tenho por mim, nem pelo apuro que me espera na hora de relatar os fatos. Tenho por ela, por Maria, e pelo filho que leva em suas entranhas. Que fará José? Que será deles se ele rechaçá-la como sua esposa? É bem verdade que, agindo com rapidez, consegui colocá-la a salvo e dentro em pouco estará muito longe. Porém, se não puder voltar a Nazaré, deverá viver sempre longe de seu lar, como uma proscrita, sem recursos, já que somos pobres."

"Joaquim, Joaquim", disse o Senhor, "é assim que me entendes?"

Dúvidas que eu, que construí o Universo e ante minhas palavras se abriram as águas do mar Vermelho, não seja capaz de resolver uma coisa tão simples? Tem confiança em mim e não temas. É na confiança, não te esqueças, que reside a tua força. Deixa fazer a meu modo e fica atento à minha voz para atuar conforme te digo, embora às vezes possa parecer que o abismo se abre ante teus pés."

Assim chegou a Nazaré. Terminava a manhã e logo seria a hora de almoço. Meu pai se encaminhou para casa, subindo pela colina, fatigado como estava e procurando não chamar a atenção. Encontrou minha mãe só, como era de esperar, já que com a minha ausência a

família se reduzia aos dois. Ana o abraçou e pediu notícias. Joaquim lhe contou tudo, incluindo o milagre que se havia produzido resultante de minhas orações, assim como a conversa tão consoladora que havia mantido com o Senhor durante a viagem. Ana, por sua vez, disse-lhe que naquela mesma manhã José passara pela casa e estranhara que Maria tivesse partido tão precipitadamente até Ain Karem, sem sequer despedir-se dele. Queria saber quanto tempo tão enamorado, dizia minha mãe, que a ela partia o coração pensar no golpe que ele estava

prestes a receber.

Meu pai engoliu em seco ante essas notícias, porém não abandonou a decisão que havia tomado: confiar em Deus e não duvidar em momento algum de que tudo estava em suas mãos e que, portanto, tudo sairia bem. Combinou com Ana que naquela mesma tarde iria ver José e que a ele, antes de mais ninguém, explicaria as coisas. Depois comeram e, enquanto minha mãe arrumava as coisas em casa, Joaquim foi descansar um pouco.

O sol se punha quando Joaquim pediu permissão para entrar na casa de José. Era uma casa muito parecida com a nossa e não se encontrava longe dela. José morava sozinho, seus pais haviam morrido poucos anos antes e só tinha uma irmã, que morava em outra parte do povoado. Ali, em sua casa, mantinha sua oficina de carpintaria, que, na realidade era um pouco de tudo, pois ele era um artesão que, ao mesmo tempo que construía uma porta, ferrava um cavalo ou reparava um arado se fosse preciso. José convidou Joaquim a entrar e lhe ofereceu, amavelmente, água para as mãos e a melhor banquetta para que se sentasse. Logo José, compreendeu que algo se passava, o que não era difícil de adivinhar à vista do semblante preocupado de meu pai. Este foi diretamente ao assunto.

"José, como sabes, Maria está a caminho de Ain Karem, perto de Jerusalém. Temos ali uma prima, Isabel, que talvez tu conheças, casada com Zacarias. É idosa, tem a idade de Ana minha mulher.

Até agora não teve filhos e todos a consideravam estéril e nos compadecíamos por tão terrível desgraça. Porém o Senhor se apiedou dela e da casa de seu marido. Está grávida de seis meses e Maria foi acompanhá-la até o momento do parto. Porém, não é só isso que venho dizer-te". Meu pai fez uma pausa, respirou fundo e lançou uma confissão aparentemente incrível e que contava com todas as condições para terminar mal. "O que quero dizer-te, José, é que Maria está grávida. Sabemos que não foste tu e podemos garantir que ela é completamente inocente e que te ama muito.

Não te posso dizer mais nada. A coisa não é pública. Sua gravidez é recentíssima e agora está em tuas mãos a decisão que devemos tomar."

Conforme contou meu pai, José se pôs a chorar. Certamente estava enamorado de mim. E eu dele. Nutríamos simpatia mútua e, em nosso caso, o casamento

pactuado por nossas famílias fora um acerto pleno. Era um homem bom até o fim. Era religioso, ao estilo de meu pai e de minha mãe, sem alardes nem afetações. Temeroso de Deus e fiel cumpridor de seus preceitos, não para descobrir as brechas da lei e fazer o mínimo com a consciência tranqüila, e sim para ajustar sua vida à vontade do Senhor com normalidade e alegria.

Quando se acalmou, sem que meu pai se atrevesse a dizer lhe nada ou a colocar a mão em seu ombro, por medo de uma brusca reação, José levantou os olhos. Olhou meu pai e lhe pediu explicações.

Que acontecera? Fora uma violação? Estava eu enamorada de algum rapaz da aldeia? E, principalmente, como era possível que eu, aquela que ele e todos no povoado consideravam incapaz de cometer uma falta por menor que fosse, pudesse perpetrar semelhante desatino?

Meu pai se negou a dar lhe explicações. Somente reiterou que eu era inocente do que ocorrera, não havia homem algum e tampouco houve

violação. Compreendendo a situação difícil, meu pai não quis levar as coisas até o extremo, porém insistiu em que eu era uma pessoa digna e que ninguém poderia me repreender

José estava assombrado com o que ouvira. Como não havia homem algum nessa história? E então como poderia ter ocorrido a gravidez? Se eu era inocente, quem me violara? Enfim, perguntas demais que não teriam outra resposta a não ser a verdade, porém meu pai se recusava a contar, pois essa história soava a mentira.

Joaquim confiava em Deus e decidira deixar em suas mãos as explicações, pois Ele, Deus, era quem havia desencadeado tudo.

Quando José se acalmou um pouco, sufocado ainda pelas notícias, garantiu a meu pai que não ia me denunciar. Pediria meu repúdio ao rabino, porém em segredo, sem reclamar para mim o castigo que cai sobre as adúlteras e ao qual tinha direito para que sua honra não fosse manchada. Exigia sim, que eu jamais voltasse ao povoado e pedia a meu pai que não tornasse públicos a gravidez nem o parto quando ocorresse. Confiava em que as notícias chegariam a Nazaré passados alguns meses, quando talvez ele tivesse contraído matrimônio com outra moça da aldeia.

Meu pai agradeceu sua generosidade. Era muito duro aquilo que contara e

Joaquim sabia que José se comportara como poucos homens de Nazaré o teriam feito. Acabava de poupar-me a vida.

Minha sentença estava já traçada: era uma proscrita dos meus, e deveria viver errante, sem marido, com um filho sem pai, ajudada somente por Joaquim e Ana, enquanto pudessem fazê-lo, e depois condenada quem sabe a que tipo de escravidão. Porém, momentaneamente, respirava mais aliviada.

Joaquim não abraçou José, nem lhe deu os dois beijos de paz com que sempre se saudavam ao se encontrarem e se despedirem. Sentia ter feito aquele pobre rapaz sofrer e o amava como a um filho. Compreendia sua dor e não reprovava sua atitude embora o tempo todo estivesse esperando um milagre. Porém este milagre não aconteceu. Saiu da casa com a cabeça baixa e com o coração entre angustiado e aliviado. Dentro deixava um jovem completamente confuso e com a vida destrozada. Já era noite em Nazaré. Uma noite terrível para Joaquim, Ana e José, por mais que a lua insistisse em pintar de branco as ruas e os telhados da aldeia.

Meses mais tarde, quando tudo já estava resolvido, José me contou o que acontecera após meu pai ter se retirado. Ajoelhara se.

Metera a cabeça entre as mãos e permanecera chorando durante horas. Não podia odiar-me nem me desprezar, mas também não podia deixar de ficar surpreso com o que havia ocorrido. Não podia deixar de pensar em mim nem em modificar o carinho que sentia.

Apenas repetia: "Por quê? Por quê? Por quê?". Logo começou a maldizer se pelo seu estúpido orgulho que o levava a repudiar-me, embora dessa maneira salvasse minha vida. Por que tinha que me rechaçar? Por que não poderia viver comigo e aceitar como seu o filho que eu esperava? Que estúpidos caprichos o impediam de ignorar o que acontecera e a seguir em frente com os planos já traçados? E, contudo, não podia comportar se como se nada tivesse ocorrido. Era superior às suas forças. O amor que tinha por mim, a dor que o destruía por dentro ao pensar que já não poderíamos compartilhar juntos a vida, não eram suficientemente fortes para aceitar-me com o filho de um estranho, de alguém que, além do mais, nem sabia quem era, pois meu pai não quisera dizer.

Passou muito tempo assim. A noite já avançava quando foi dormir Como costuma acontecer quando se chora, conciliou o sono em seguida Logo

despertou. No quarto havia alguém. Levantou-se sobressaltado e com medo. Por um momento pensou que se tratava de um pesadelo, de um sonho mau, fruto, quem sabe, de remorsos. Porém não, ali estava

alguém, com uma luz tênue que clareava todo o quarto.

"Olhava-me com calma e silêncio", explicou José quando me contou o ocorrido. "Parecia esperar, cheio de tranqüilidade, que eu serenasse. Mais calmo, com a impressão de que esse alguém não me ia fazer dano algum, porém mantendo-me afastado o quanto podia, perguntei quem era e o que queria de mim. "José, filho de Davi, sou um anjo do Senhor, um mensageiro de boas notícias. Venho de sua parte transmitir te uma ordem sua. Não temas em tomar Maria como tua mulher porque o que nela está semeado é obra do Espírito Santo."

José ficou petrificado. Se aquela criatura era um homem, significava que já era conhecido o assunto de Maria, e assim a situação se complicava ainda mais. Porém se era, como dizia, um anjo de Deus, as misteriosas palavras de seu sogro Joaquim ficavam perfeitamente compreensíveis. Algo estranho havia por trás disso e essa situação poderia ser compreendida, em se tratando de uma intervenção divina que tomara Maria como seu instrumento de mediação. Seu coração começou a dar pulos de alegria. Poderia tratar se de um engano, porém ele estaria perto da saída de um túnel tenebroso em que a revelação de Joaquim o fizera submergir. Como lhe parecia mais aceitável a segunda hipótese, perguntou-lhe:

"A que se deve tudo isto? Por que Deus se intromete em nossas vidas e muda os planos das pessoas sem consultá-las? Que existe por trás de uma intervenção tão estranha, tão extraordinária?

E, finalmente, como saberei se és um enviado de Deus?"

O anjo foi conciso em suas explicações. Lembrou-lhe algumas profecias, particularmente as do profeta Isaías: "Eis que a Virgem conceberá e dará à luz um filho e lhe colocará o nome Emanuel".

Falou-lhe, inclusive, da cena que, no sábado anterior, tivera lugar na sinagoga. Chegara a hora do aparecimento do Messias e sua prometida, Maria, fora eleita para que esse nascimento pudesse ocorrer. A ela foi pedida a permissão, como cabia. E agora ele tinha que cumprir a sua parte para que tudo resultasse bem e a obra salvadora de Deus pudesse ser levada a cabo. "Maria dará à luz um filho",

concluiu o anjo, dando por encerradas as explicações "e tu lhe porás o nome de Jesus, porque ele salvará seu povo de seus pecados." Quanto à prova de que procedia do Altíssimo e de que era um mensageiro seu, disse com ironia: "Tanto tempo sendo amigo de Deus e ainda não sabes distinguir o que vem dele, pela paz que se produz em seu espírito? Se queres, posso deixar alguma prova mais contundente, porém seria preferível não tentar o Todo-Poderoso com tua desconfiança e te limitar a ouvir teu coração". José abaixou a cabeça, envergonhado, sabendo se tratar efetivamente de um mensageiro divino e reconhecia ter se equivocado ao exigir lhe mais provas de que a sua certeza lhe dava. Ao vê-lo assim, o anjo sorriu e, em silêncio, como havia acontecido comigo, retirou-se.

José não teve mais dúvidas do que deveria fazer. É verdade que tudo poderia ser uma farsa, uma forjação mental, um sonho. Porém tinha certeza de que não era isso. Aquela aparição fora verdadeira, tão verdadeira como se encontrava agora em pé, em seu quarto, dentro de sua casa fechada. No mais, tudo se encaixava. Encaixava-se principalmente o que para ele era mais importante: a honra de sua prometida, minha honra, querido João. Sentiu uma profunda dor: por um momento duvidara de mim, que jamais lhe dera motivos para isso. Compreendeu que devia ter aceito a palavra de Joaquim, mesmo que o que contava fosse um meio disparate. Compreendeu que a maior prova da honradez de uma pessoa é a palavra dessa pessoa, quando se trata de alguém confiável, e que todas as outras provas juntas podem ser completamente falsas e fabricadas de propósito para enganar a todos que exigem papéis ou mil testemunhas.

Vestiu-se rapidamente e saiu à rua. Alvorecia, embora as sombras atingissem parte das ruelas estreitas de Nazaré. Chegou à casa de meus pais e bateu suavemente à porta para não despertar os vizinhos. Esperava o primeiro canto do galo. Sua surpresa foi ainda maior quando a porta se abriu e meu pai o recebeu completamente vestido e sorridente, fazendo-o entrar. Minha mãe estava dentro da casa, esperando por ele.

O mistério se dissipou em seguida, dadas as explicações.

Quando saíra da casa de José, Joaquim sentira uma grande paz.

Cumprira sua parte, havia passado por um amargo pedaço, e agora estava seguro de que tudo iria bem, por mais que tivesse deixado para trás um rapaz desolado. Sabia que Deus atuaria e que o resultado seria o melhor possível.

Ao chegar ao nosso lar, falou com minha mãe e se deram conta de que somente poderiam fazer uma coisa: rezar Deus tinha que atuar depressa e teriam que pedir-lhe que não demorasse.

Decidiram passar a noite à luz de vela, orando para suplicar ao Senhor que acelerasse a hora e que ajudasse José a compreender que Ele estava por trás de toda aquela imensa confusão. Pouco antes de José bater à porta, ambos tiveram a certeza de que suas súplicas tinham sido ouvidas. Levantaram-se, depois de dar graças a Deus, e decidiram esperar, pois tinham certeza de que José não demoraria a aparecer para dar explicações. Conheciam-no bem, sabiam de sua ímense bondade e por isso não duvidavam de que não deixaria passar muito tempo até tranquilizá-los.

Os três se abraçaram e prorromperam em cantos de louvor ao Senhor, que se dignara a conceder lhes a tarefa mais preciosa a que poderia aspirar qualquer membro do povo eleito: servir de berço para o nascimento do Messias.

Depois traçaram planos. Era preciso dar ao povo a notícia da gravidez de Maria, passando pelo apuro de aceitar que José era o pai, sem fornecer maiores explicações. Era preciso preparar todo o necessário para o casamento, a fim de que a criança nascesse já no seio da família plenamente constituída. E, principalmente, deveriam me avisar quando poderia voltar. Imediatamente meu pai escreveu-me a carta da qual te falei, João. Contudo eles não sabiam que eu recebera outro presente de Deus ao chegar a Ain Karem e que não podia deixar Isabel sozinha e voltar imediatamente a Nazaré, como era o desejo deles.

## A EXALTAÇÃO DA ESCRAVA

Eu cheguei a Ain Karem após uma viagem muito pesada, mas bem tranqüila. A cura milagrosa do pequeno Levi, filho de Manassés e Lia, não só me havia aberto de par em par o coração daquele casal, como também me havia rodeado de uma auréola de mistério e respeito perante a criadagem. Todos me olhavam de uma forma estranha, como se, ao invés de uma jovem de quinze anos, eu fosse alguém muito importante. Eu permitia que me atendessem e cuidassem de mim, principalmente porque estava um pouco assustada perante uma viagem tão extraordinária para mim, que até pouco tempo praticamente não tinha saído de minha aldeia.

Não faltando muito até Jerusalém, num cruzamento de caminhos conforme o

previsto, esperava-me Zacarias, o marido de Isabel, com dois criados para conduzir-me à sua casa.

Zacarias não conseguia falar, ficara mudo misteriosamente, coincidindo com a gravidez da esposa. Não obstante, me deu a entender que estava surpreso por eu saber do próximo nascimento de seu filho, já que tiveram muito cuidado para que a notícia não fosse divulgada, pois sendo Isabel idosa, não

queriam expor-se a curiosidades antes da hora. No fim, através dos criados, inteirei-me de algumas coisas, já que circulava o rumor de que a concepção do filho de Isabel havia sido milagrosa, não como no meu caso, e que a falta de fé de Zacarias lhe provocara a mudez como castigo de Deus.

Assim, falando com um por sinais e com outros por palavras, e contemplando a paisagem montanhosa que me parecia a mais bela do mundo, talvez por estarmos próximos da nossa querida Jerusalém, chegamos ao vale onde moravam Zacarias e Isabel. Ela não estava em casa no momento. O escurecer, que em nossa terra, como sabes, é mais cedo do que nesta orla do mar, estava a ponto de começar, e ela tinha ido a um sítio que possuíam a curta distância de sua casa, para ajustar depósitos, trilhas e canteiros. Como eu não estava cansada demais e tinha muita vontade de ver Isabel, deixei Zacarias em casa e, acompanhada de uma jovem criada, fui ao encontro de Isabel.

Custou-me muito subir a encosta, finalmente cheguei. Ali estava, em estado avançado de gestação, mais velha do que eu me lembrava, porém tão enérgica e decidida como sempre. Não pude conter um grito de saudação: "Isabel," exclamei, "vim!". Ela voltou a cabeça. Sabia que eu estava por chegar mas, sem dúvida, parecia surpresa. Mal me viu, deixou tudo que fazia e correu ao meu encontro. Estava com expressão de sobressalto, como se algo tivesse acabado de acontecer. Apertou-me em seus braços e, ante surpresa minha e de todos, ia ajoelhar-se, gesto que consegui impedir com grande esforço.

"Bem-aventurada sejas tu entre as mulheres", disse em voz tão alta que todos interromperam o que estavam fazendo para olhar-nos, "e bendito o fruto de teu ventre. Como é possível que a mãe do Senhor venha a mim? Porque, apenas chegou a meus ouvidos tua saudação, o menino que trago no ventre agitou-se de alegria. Feliz é aquela que acreditou, porque se cumprirão as coisas que lhe foram ditas por parte do Senhor!"

Eu não me continha. Não fazia nem duas semanas que estava grávida, quase o tempo que durara a viagem. Ninguém, exceto meus pais, sabia. Podia ter acontecido que a notícia corresse no povoado, porém era quase impossível que tivesse chegado à casa de meus primos antes de mim. Não, por trás disso haveria algo mais - a mão de Deus.

E então, possuída também por uma força misteriosa que falava através de mim - a do Espírito Santo -, desabafei com ela e deixei que saísse tudo o que se encontrava dentro de mim e em que tanto havia meditado pelo caminho. Assim, exclamei:

"Minha alma proclama a grandeza do Senhor, alegra-se meu espírito em Deus, meu Salvador. Doravante me felicitarão todas as gerações, porque o Poderoso fez grandes obras através de mim.

Seu nome é santo e sua misericórdia chega aos fiéis de geração em geração. Faz proezas com seus braços, dispersa os soberbos de coração, derruba dos tronos os poderosos e enaltece os humildes. Aos famintos cobre de bens e aos ricos despede sem nada. Auxilia Israel, seu servo, enaltecendo sua misericórdia, conforme prometera a nossos pais, em favor de Abraão e sua descendência, para sempre."

Ficamos as duas surpresas. Estávamos conscientes de que o Senhor havia se utilizado de nós para proclamar sua mensagem, tal como o havia feito em épocas passadas com juízes e profetas.

Uma mensagem que, dizia uma à outra, ficava na memória de ambas e devia ser transmitida, através de nós, a toda a humanidade.

Principalmente eu me dava conta de que havia dito coisas

que me superavam. Repito, João, que tinha somente quinze anos.

Tudo o que estava ocorrendo era demais para mim, e por isso dedicava longas horas a meditar com calma sobre alguns acontecimentos que transbordavam em mim. E aquela saudação de Isabel, chamando-me de "bem-aventurada", aludindo à minha gravidez, me deixara surpresa. Surpresa com a maneira que eu mesma lhe respondi, pois praticamente recitara um salmo, um tehilim, como dizemos em nosso idioma hebraico. Na realidade, te digo, ambas sabíamos termos sido instrumento do Espírito Santo, como anteriormente acontecera com nossos

profetas.

Quanto ao conteúdo de minhas palavras, acredito que tenha acontecido algo parecido com o que se passou com a resposta que dei ao anjo Gabriel naquela bendita noite em que tudo começou. Refiro-me àquilo de "escrava" que já te contei.

Verás, João, que nem eu nem minha família jamais fomos partidários da seita dos zelotas, os qannaim, embora tivéssemos um primo, quase irmão, que andava junto com eles pelos montes, tramando atentados contra as patrulhas romanas. Não pretendo dar uma de revolucionária, pois já te disse que antes de tudo isto se iniciar, com a influência de meus pais e do próprio Deus, era contrária às guerras e violências, inclusive aquelas que tinham como fim a libertação de nosso povo. Em minha alma não havia lugar para o ódio, nunca houve, não sei se por virtude ou graça.

Conto-te tudo isto porque sei que as palavras que me foram ditas por Isabel e as que lhe respondi correram por aí esses anos e não quero que sejam mal interpretadas. Isabel, inspirada pelo Espírito Santo, adivinhara não só a minha gravidez, como também a forma com que se havia produzido. Revelou-me algo que eu mesma ignorava e que ainda agora prefiro não comentar, porque me causa pudor: que eu havia sempre estado cheia da graça de Deus. Assim devia ser, como compreenderás, não por minha honra, e sim como uma homenagem Àquele que devia ocupar minha casa como sua, e de cuja carne Ele teria que nascer. Porém, querido João, não penses que é mérito meu. Tudo é obra de Deus, tudo é graça. Eu também fui salva por meu filho, só que eu fui redimida antes, evitando que caísse, e os outros foram redimidos depois.

Isso custei a compreender e, por fim a luz se fez também para mim.

Quanto ao que respondi a Isabel, o mais importante que quero esclarecer, querido amigo, é que não sou partidária de nenhum tipo de violência. Quando respondi que Deus derruba dos tronos os poderosos e enaltece os humildes, não estava instigando ninguém a nenhum tipo de revolta, por mais que gostasse que tudo o que existe na terra fosse melhor repartido e que nem alguns tenham demais nem outros de menos. Porém, o que o Senhor me inspirou foi uma proclamação de sua grandeza. Os poderosos e soberbos estão nos palácios, embora todos os que ali estejam às vezes não o sejam e nem todos os que estão fora deixem de sê-lo.

A soberba é o pecado do Mal, o pior dos pecados, o pecado que fecha a porta para a ação de Deus. Pecado algum é tão pernicioso como esse e se eu recebi, ao menos acredito que seja, um dom do Altíssimo, foi o de sentir o odor da soberba e fugir dela no mesmo instante. Isto foi o que quis dizer a Isabel, respondendo à sua saudação: que somente Deus é grande, que a Ele devemos glorificar e que, se somos capazes de fazer coisas maravilhosas - como ser mãe do Messias, por exemplo, é Dele o mérito. Nós somos, como uma vez disse meu filho, servos inúteis e quando fazemos as coisas bem, temos que concluir a jornada dizendo que nos limitamos a cumprir nosso dever e nada mais.

Porém, minha permanência em Ain Karem não foi repleta de gestos heróicos nem de momentos de arrebatção e profecia.

Não. A vida transcorreu com normalidade. Isabel me amava muito e eu a ajudava estando a seu lado e colaborando na organização das coisas da casa, porque ela tampouco queria que eu me pusesse a trabalhar, já que era sua hóspede e não uma criada, e o que ela mais precisava de mim era companhia para conversar sobre Deus e suas coisas.

Assim transcorreram aqueles três meses. Durante esse tempo recebi a carta de meu pai, aquela de que te falei, e soube que tudo caminhava bem em Nazaré. Apesar dos apelos de meus familiares, não regressei na primeira caravana de Manassés.

Gostava de estar em Ain Karem, Isabel necessitava de mim e, sobretudo, eu estava aprendendo muitíssimo sobre algo que para mim se tornara o objetivo mais importante de minha vida: como me transformar, não somente em mãe, mas também em educadora.

Isabel não tinha filhos. Era já idosa quando o anjo Gabriel, o bendito mensageiro que me anunciou a concepção de meu filho apareceu a Zacarias, seu marido, para anunciar-lhe que sua esposa, apesar da idade e da esterilidade consumada, iria engravidar. Zacarias não acreditou e inclusive exigiu uma prova. Com Deus não se brinca: ou estás com Ele ou contra Ele. O que mais o molesta, depois dos soberbos, são os indecisos, os que passam a vida rezando sem entregar totalmente seu coração, sem buscar de verdade seu caminho, calculando qual é o mínimo que é preciso dar para não ir para o sheol, ao inferno. O caso é que Zacarias, que era sacerdote, pertencente ao prestigioso plantel de Abdias, não

acreditou no Anjo e lhe pediu uma prova. O Senhor a forneceu imediatamente: deixou-o mudo e assim ele permaneceu até o momento do nascimento do menino, o malsucedido e valente João, o Batista.

Porém, naquele momento, nem Isabel nem Zacarias, nem mesmo eu, sabíamos como se desenvolveria o futuro. A única coisa que eu sabia era que encontrara em minha idosa parente um poço sem fundo cheio de sabedoria.

Como te dizia, João, ela não tinha filhos, assim não poderia dar-me conselhos sobre papás, doenças infantis ou fraldas. Porém era uma grande mulher. Tinha experiência, como cabia à esposa de um prestigioso sacerdote, porém essa experiência não havia penetrado em sua alma para apagar as luzes do Senhor, sua união com Ele. Assim decidi que, se Yaveh me enviara a Ain Karem, sem dúvida o fizera para que eu pudesse aprender algo do muito que naquela casa se sabia. Aprender para logo usar porque, como bem sabes, João, ser mãe é muito mais do que gerar um filho.

Educar é mais difícil, mais importante do que conceber.

Com Isabel passei uma das temporadas mais doces de minha vida. Nunca esquecerei Ain Karem. De sua casa se enxergava o vale, povoado de pinheiros, pinheiros como esses que crescem aqui em Éfeso, e que se arrastam até o mar em busca do beijo das ondas. Muitas tardes, enquanto ela pôde, quando o sol já se compadecia dos homens e começava a se notar uma brisa fresca, sentávamos-nos no terraço de sua casa e conversávamos. Falava ela, porque eu a contemplava embevecida, bebendo avidamente a sabedoria que procurava transferir para mim.

Isabel era de nossa terra galiléia. Seu casamento a fizera ascender socialmente, mas nem por isso ela deixara de ser uma fiel mulher do povo, embora possuísse, como disse antes, muita sabedoria. Não era uma mulher passiva, uma espécie de criada do marido, como a maioria em nossa terra. Isabel era uma boa esposa, doce e cumpridora de seus deveres, consciente de que tinha vida própria, de que Deus também desejava algo dela. Isto

permitia que compreendesse a si mesma à margem de suas obrigações domésticas, as quais realizava porque era a vontade de Deus, não só porque não tivesse outra saída.

Havia refletido muito sobre a relação de Yaveh com seu povo. Esposa de um

sacerdote, conhecia todos os dispositivos da lei. Sabia, porque tinha ouvido, uma infinidade de vezes nas ceias e almoços em que os companheiros de seu marido participavam em sua casa, da importância econômica que tinham as oferendas dos fiéis e compreendia que, desde muito tempo, o dinheiro se convertera em uma espécie de lepra que estava destruindo o culto e a verdadeira relação com Deus. Galiléia como era, sentia-se em inferioridade de condições perante a culta gente do círculo sacerdotal de Jerusalém. Porém tinha notado o quanto era

"fachada" a respeitabilidade de alguns sacerdotes, escribas e fariseus, que ampliavam seus conceitos e não infringiam o menor ditame da lei, mas às vezes demonstravam um coração duríssimo, incapaz de compadecer-se do próximo. "Filtram os mosquitos", disse um dia, "e engolem o camelo". "São respeitossíssimos", acrescentou, "com o preceito do sábado (ela dizia sempre sabat), porém na hora de ajudar os outros, se não existe algum negócio lucrativo no meio, não te conhecem. Os mandamentos são para eles o mínimo. Aquilo que é mandado deve ser feito, porém tudo o que não seja estrita obrigação, como não é forçoso cumprir, não o cumprem."

Foi Isabel quem me mostrou o profeta Amós, tão temível e tão duro com os sacerdotes. "Eu detesto, desprezo vossas festas, não gosto do cheiro de vossas reuniões solenes. Se me oferecerdes holocausto não me alegro com vossas oblações"

dizia-me para demonstrar que existe uma parte dos livros sagrados nos quais Yaveh fala claramente contra a hipocrisia do cumprimento externo dos preceitos quando se mantém duro o coração.

Porém Isabel não descumpria as leis. Ao contrário. Ela me ajudou a entender sua importância mais ainda do que meus pais, porque como mulher de sacerdote conhecia bem todos os seus detalhes. Porém, do mesmo jeito que minha família, ensinou-me a dar a cada coisa seu justo valor. Dela aprendi que o coração da lei é a aliança e que o coração da aliança é o amor e não o negócio, a troca de algo por algo. A palavra amor escutei muitas vezes de seus lábios, principalmente quando me recitava o profeta Oséias, que era seu favorito: "Quando Israel era pequeno, eu o amei, e do Egito chamei o meu filho", dizia-me, lembrando-me que Deus nos quer ainda que não o mereçamos e é fiel a seu amor por nós, apesar de nossas reiteradas traições.

Ensinou-me também coisas sobre os homens. Ela não conhecia José e não sabia

da grande sorte que me esperava. Porém advertiu-me que, em geral, os homens tendem a perder-se em teorias, a possuir extraordinárias e grandes ideais, mas logo esquecem dos detalhes concretos. "Passam o dia", dizia,

"consertando o mundo com os amigos, embora seja a mulher que tenha que solucionar as questões do cotidiano, sem as quais a vida seria insustentável. E isto acontece até com os melhores homens", concluía e colocava como exemplo o seu Zacarias. Com ela aprendi que se pode servir ao Senhor também na cozinha ou fazendo os trabalhos mais humildes da casa. Que, se o que importa é o amor, agrada ao Senhor servirmos uma boa ceia tanto quanto recitarmos um longo salmo sem nos equivocarmos, um trecho extenso de um profeta ou, inclusive, guardarmos estritamente um jejum. Ensinou-me ainda que existem momentos nos quais o Senhor prefere que se sirva ao próximo

uma ceia, em vez de recitar um salmo, embora em outras ocasiões a oração deva ocupar preferentemente nosso tempo.

"Os homens", disse um dia, "são quase sempre como crianças. Têm necessidade de recompensa, de uma palavra de elogio como lhes concediam suas mães. Sempre desejam averiguar o porquê das coisas, quando na realidade o que lhes importa é saber como ocorreram, pois poucas são as desgraças importantes que podem ser evitadas. Não sabem conviver com o mistério e querem ter tudo claro em suas cabeças, como se estas fossem tão grandes para conter a Deus e todas as coisas que Ele criou. Encanta-os fazer planos e sentem-se satisfeitos depois de tê-los feito, mesmo que estes logo não sirvam para nada. Não têm medo da guerra, por exemplo. Desconhecem o sofrimento cotidiano, a angústia pela qual passam todas as mulheres quando eles, maridos e filhos, vão para a luta, ou o que significa sentir-se despojos de guerra para o exército conquistador. Por isso, querida Maria", concluiu, "temos uma missão muito importante. Temos que educar nossos filhos para que, embora sendo homens, possuam algo de nossa alma feminina. Procura fazer com que teu Jesus, o futuro Messias, leve sempre a paz em seu olhar. Ensina-o a valorizar as coisas pequenas, a compreender que a Deus importa tão somente o amor que colocamos no que fazemos e não só o que fazemos. Ensina-o também a valorizar as mulheres, que compreenda que não somos animais nem burros de carga.

Ensina-o que valemos muito mais do que para parir filhos e que podemos ser tão ou mais fiéis ainda do que os homens, porque estes com facilidade enchem a boca de promessas, mas esquecem-nas quando as coisas acabam não dando

certo. Por fim, querida Maria, por teus seios passará a sabedoria que instruirá o mundo, que salvará Israel, que resgatará a autêntica mensagem revelada por Deus a nosso povo."

Quando Isabel deu à luz, ainda permaneci com ela alguns dias. João era um menino lindo, nada tranqüilo, cheio de força.

Podia-se adivinhar que seria um profeta, o precursor do Messias.

Seu pai voltou a falar no dia em que lhe perguntaram qual seria o nome da criança e falou coisas muito diferentes das que antes proclamava. Lembro-me de uma frase que estava em completa sintonia com as conversações entre eu e Isabel, que demonstrava claramente que a lição que Deus lhe havia dado modificara sua alma ajudando sua conversão: "E a ti, menino" afirmou dirigindo-se a seu pequeno filho, ante a surpresa de todos, "chamar-te-ão profeta do Altíssimo, porque irás na frente preparar o caminho do Senhor, anunciando a seu povo a salvação, o perdão de seus pecados. Pela interferência misericordiosa de nosso Deus", concluiu olhando para mim, "nos visitará o sol que nasce do alto para iluminar aqueles que vivem nas trevas e na sombra da morte, para guiar nossos passos pelo caminho da paz".

Aquela foi minha despedida. Se Isabel me havia acolhido em sua casa, chamando-me de "bem-aventurada" e saudando o fruto que levava no ventre tratando-o de "Senhor", Zacarias, o sacerdote, tão escrupuloso com o cumprimento da lei, já não parecia estar tão preocupado com o respeito ao sábado, e sim com o perdão dos pecados, a misericórdia de Deus e, em sintonia com a intuição de sua esposa, descobrira que meu filho ia se tornar aquele que derramaria todas estas graças sobre o povo, conduzindo-o, antes de tudo, pelo caminho da paz.

Pouco depois pude unir-me a uma caravana de Manassés, que fazia o trajeto de Jerusalém a Caná. Assim, deixei Ain Karem.

Zacarias, Isabel e o pequeno João nos braços de sua mãe, despediram-se de mim. Eu levava na alma um tesouro de

sabedoria. Havia chegado como uma criança assustada e voltava transformada em uma mulher que abrisse os olhos para a vida e que começava a assimilar a importância da missão que me esperava. Estava já de quase quatro meses, embora fosse fácil, ainda, dissimular minha gravidez. A paz e a misericórdia de

Deus me envolviam. E eram essas as duas mensagens que me propus a transmitir a meu filho, quando nascesse, quando tivesse a oportunidade de tê-lo em meus braços.

Logo, sem dúvida, teria que viajar ao sul, voltando pelo caminho andado. Porém esta história, querido João, contar-te-ei outro dia. Agora estou cansada e emocionada. Estas recordações são muito doces e me umedecem os olhos. Deixa-me agora com elas. Preciso estar só com Deus para dar-lhe graças por tudo aquilo que um dia iluminou e até agora continua iluminando minha alma com sua memória.

## DE VOLTA PARA CASA

A viagem foi uma oração que durou uma semana. Os criados de Manassés trataram-me com o mesmo respeito dispensado desde minha chegada. Não sabiam nada de minha gravidez porque eu a dissimulava com sucesso, embora tivesse corrido a notícia de que meu casamento com José estava próximo.

Sem ser molestada por ninguém, dediquei aquelas longas e fastidiosas jornadas à meditação. Aproveitava a calma para repassar mentalmente as coisas que nos dias precedentes vinha guardando em meu coração, a fim de não deixar passar em vão os tesouros que julgava muito grandes, mas que, ao recebê-los, superavam em muito minha capacidade imediata de compreensão.

Como já sentia o menino dentro de mim, comecei a fazer o que fazem todas as mães: falar com ele. Vê, João, eu sabia a essa altura que era o Messias e, após ter ouvido Zacarias e Isabel, estava muito mais consciente da grandeza espiritual de sua missão. Porém, não podia tratá-lo como se fosse diferente do fato de ser meu filho.

Seria ridículo falar com ele como com um grande senhor, um chefe de tribo ou um importantíssimo sacerdote. Era meu filho e não podia falar-lhe de outra forma a não ser através do amor. Não havia nisso nenhuma falta de respeito. Simplesmente que o respeito para com Ele, mesmo ainda não sabendo bem sobre sua natureza divina, era superado pelo amor, já que o amor é a plenitude de todos os sentimentos. Por um lado sentia-me pequena ante aquela pequenez que se movia em meu interior, por outro, não me sentia como sua superiora, e sim como sua mãe, cabendo-me cuidar dele, ajudá-lo e, principalmente, amá-lo com todas as forças, intensa e infinitamente.

Meu amor por ele me surpreendeu desde o primeiro momento em que fiquei consciente de sua intensidade. Nunca havia amado assim. Nem a meus pais, nem tampouco a José, a quem queria muito. Tinha ouvido falar do enorme amor das mães pelos filhos mas, como não tive outros filhos além de Jesus, não pude fazer uma comparação. No início, ao notar o muito que o queria, tive medo. Estaria Deus ciumento desse amor? Se Ele disse que deve ocupar o primeiro lugar no coração do fiel, não o estaria relegando a um segundo plano, querendo tanto alguém como eu queria àquele que já estava em minhas entranhas? Foi quando comecei a compreender que meu filho era Deus. Entendi, porque senti que Deus não estava com ciúmes, em absoluto. Assim notava que não existia um Deus e meu Filho como realidades distintas, que o amor a meu filho era um amor a Deus, da mesma maneira como agora sabemos que se ama a Deus quando se ama ao próximo.

Uma semana, enfim, não dá para tanto e eu andava nessas meditações quando cheguei a Caná e ali me encontrei com meu pai que me esperava na casa de Manassés e que, para poupar-me explicações que poderiam me importunar, propôs que regressássemos de imediato a Nazaré apesar do meu cansaço, alegando que minha mãe estava tão impaciente para ver-me que não suportaria o atraso de uma hora sequer.

Joaquim me pôs a par de tudo. Bem, primeiro me criticou por não ter regressado antes e disse que eu não me dava conta da confusão em que estava metida e do embaraço que causaria a José se alguém chegasse a notar a minha gravidez. Eu lhe falei da situação de Isabel, da enorme necessidade que tinha de minha presença junto a ela e também de quão importante foi para mim estar naquela casa, que se havia tornado uma verdadeira escola para uma jovem aldeã como eu. Disse-lhe, não em tom de desafio, porém com firmeza: "Querido pai, nós não podemos nos guiar por motivos exclusivamente humanos. Seguiremos então os critérios da prudência e do egoísmo? Se eu tivesse sido prudente e não quisesse me meter em confusão, teria dito ao anjo que não, que procurasse outra. Nós optamos por estar sempre ao lado de Deus e, se abandonarmos por um instante o seu caminho, estaremos perdidos.

Nossa salvação está em confiar nEle e em fazer com que o amor seja a luz de nossos passos."

Meu pai sorriu. Olhou para mim já mais tranqüilo e me deu razão. Acabava de perceber que eu não era mais uma criança, que voltava mais mulher, mais segura

e com mais consciência daquilo que teria de fazer. Como era um homem bom, sabia distinguir imediatamente onde se encontrava a razão, sem fazer valer suas opiniões só pelo fato de serem suas. Assim, pediu-me desculpas por ter estado nervoso, mas que eu deveria compreender que todos na família desejavam que as coisas se resolvessem o quanto antes.

O casamento, concluiu, seria imediato, na semana seguinte. Convinha aproveitar o fato de que ainda ninguém notava a minha gravidez, para evitar conversas e maus momentos. "Agora", concluiu, "tens que falar com José. Fica tranqüila, porque Deus interveio no momento oportuno. Convém que o tranqüilizes e que digam um ao outro como será a vossa vida, porque isto, sinceramente, nem tua mãe nem eu sabemos e por isso não lhe pudemos esclarecer. o rapaz te quer muito e não podes imaginar o que sofreu, ainda que, como te digo, aparenta estar muito melhor."

Chegamos em casa em poucas horas. Era quase noite e assim pudemos cruzar a aldeia sem sermos vistos. Ana me esperava com o fogo aceso e a pobre mesa de nosso lar preparada. Deu um pulo quando sentiu nossos passos rodeando a casa e se atirou em meus braços. Em seguida pôs-se a chorar, enquanto me beijava e perguntava, com a voz entrecortada, por minha saúde e pela saúde do fruto de minhas entranhas.

De minha parte, estava muito tranqüila. Acaricieei minha mãe e sorrindo lhe assegurei que tudo ia bem. "Acima de tudo" disselhe "convém não perder a calma. Ou temos fé em Deus ou pereceremos. Não temos porque ficar nervosos. Se o Senhor iniciou esta obra entre nós, Ele saberá como terminá-la." Depois, já sentados ao redor da mesa, enquanto comíamos nossas azeitonas, o pão e o queijo das cabras de meu pai, expliquei-lhes tudo o que acontecera em Ain Karem e os sinais de Deus que encontrei na casa de Zacarias e Isabel.

Na manhã seguinte, logo que o dia clareou, já estava José em minha casa. Assim havia combinado com meus pais. Ele estava impaciente e teve que fazer um esforço supremo para não acompanhar Joaquim a Caná para buscar-me. Meus pais nos

deixaram sós e nós dois sentamos, um frente ao outro, mediados apenas pela mesa.

Eu não estava ruborizada e não tinha por que me envergonhar. Muito menos

tinha medo. Ele já sabia de tudo e tinha aceito a situação. A verdade é que eu gostei de ele ter confiado em mim, como haviam feito meus pais. Já fora um ato de generosidade de sua parte decidir repudiar-me em segredo em lugar de denunciar-me publicamente, ainda que essa decisão tornasse necessária a intervenção do anjo. Em todo o caso, deve-se levar em conta a seu favor o aspecto inverossímil da história e o fato de que me conhecia muito menos do que meus pais.

Seja como for, ali estávamos os dois, noivos ainda e iminentes esposos. Eu grávida do Espírito Santo e esperando o Messias, ele sem saber o que fazer nem que papel deveria assumir comigo e com meu filho. Durante algum tempo aguardei, com o olhar fixo na mesa, um pouco por educação, porque assim me foi ensinado quanto ao comportamento perante os homens, e um pouco para não ser a primeira a abrir o fogo das explicações, a fim de evitar ir além do que convinha.

Assim, foi ele que começou. E o fez dando com o martelo no prego, como bom carpinteiro que era. "Perdoa-me", disse, "nunca deveria ter duvidado de ti. Se te ofendi, embora sem querer, tenho como desculpa o fato de que teu pai não quis dar explicação alguma quando me contou tudo. Eu devia acreditar no impossível. Tu mereces que se aceite que os burros voem antes de se duvidar de tua honra. No fundo me comportei como um noivo despeitado e como alguém sem fé, por não imaginar que Yaveh estaria por trás de tudo isto. E o pior é que quando resolvi repudiar-te, embora em segredo, não fiz mais do que chamar de tonto a mim mesmo. Algo dentro de mim gritava que eu era um imbecil em não aceitar-te, com a criança incluída, já que tu continuavas sendo o que de mais precioso eu possuía na vida e compreendia que ao rejeitar te estava me condenando à mais negra das penas. Sabes quão ridículos são os homens e que ele nos ensinaram a não chorar, não demonstrar debilidades, não pedir perdão e também não perdoar. Portanto, o anjo teve que intervir. Sorte é que foi bom comigo e não me deu o castigo que merecia por haver pensado em te rejeitar."

Dito isto, estendeu o braço sobre a mesa e me segurou a mão. Esperava um gesto meu, suplicava isso não só com a mão, pois seus olhos estavam úmidos e seu olhar era de alguém trespassado pela dor e pela vergonha, que espera uma carícia como sinal de que foi perdoado. Não me fiz de rogada. Apertei sua mão com a minha - era a primeira vez que nos tocávamos - e fui mais longe: trouxe sua mão a meus lábios e a beijei com ternura.

"José", disse-lhe corajosamente, com palavras que até pouco tempo me julgava incapaz de pronunciar, "te quero muito. Serei tua mulher por vontade própria. Quem sabe agora, mais do que antes, me dou conta de que te quero muito. Porém, não serei um móvel em tua casa, tampouco uma criada. Serei tua mulher. Sem dúvida, entre nós algumas coisas serão diferentes do que ocorre em outros casamentos. Não teremos mais filhos nem as relações normais entre marido e mulher. Quero que saibas agora, enquanto ainda está em tempo de dissolver tudo. Esta é uma decisão que eu tinha tomado antes e não sabia como te explicar, nem se seria justo exigir te isso.

Sempre sonhei ser inteira de Deus. Quando meus pais me comprometeram contigo, essa idéia não me repugnou porque eu tinha muita simpatia por ti e também porque não via como podia levar a cabo o chamado interior para consagrar-me ao Senhor, já que em nossa religião não existem as virgens vestais como entre os romanos. Sei que isto que te peço é difícil de aceitar, porém tu e eu somos crentes e, antes de tudo, respeitamos a Deus e sabemos o

que estabelece o primeiro mandamento da lei. Por isso, querido José, reflete um pouco e percebe que se não podemos pedir isto ao Senhor, a quem iremos pedir? Quanto a duvidares de mim"

continuei, sempre apertando sua mão, "a verdade é que eu gostaria muito que não tivesse havido a intervenção do anjo, como ocorreu com meus pais, que confiaram em mim sem necessidade de que Deus tivesse que produzir gestos extraordinários; porém também é verdade que tu me conhecias muito menos do que eles, e foi muita generosidade de tua parte aceitar separar-te de mim sem exigir uma reparação pública. Em definitivo, o que conta é que tu e eu precisamos entender bem que temos uma grande missão a cumprir. Eu serei a mãe do Messias e tu serás o pai. Ninguém, até que Deus não o queira, saberá como se produziu a gestação daquele que vai nascer. Ante os olhos de todos tu serás o pai e eu serei a mãe. Na prática caberá a ti a parte mais importante dessa paternidade, porque ser pai, igual a ser mãe, não é só gerar e conceber, porque não somos animais e sim pessoas. Temos que seguir adiante e educar nosso filho e, nessa tarefa, José, não podes me deixar só."

José se comportou como um homem de Deus que era.

Enquanto falava, estava muito sereno e notei que lhe custava assumir o fato de que nossas relações não seriam normais como marido e esposa. Porém notei

também que aceitava tudo porque sabia que era Deus que pedia. Mal terminei de falar levantou-se, deu a volta à mesa e me pediu permissão para beijar me na frente. Dei-lhe permissão, me abraçou e disse-me ao ouvido: "Amada minha, disseste-me o mais importante que eu precisava ouvir, sem o que minha alma estaria penando a vida toda, ainda que viesse a passar por tudo pelo amor a Deus e a ti. Disseste-me que me querias, que vais ser minha mulher e que estás enamorada de mim. Tudo o mais é supérfluo. O amor, compreendi nestes dias, não é só um contato físico. Respeitarei tua virgindade e te oferecerei a minha, para que sejam úteis ao Senhor. Em nossa casa só haverá amor, e nesse amor educaremos nosso filho que, como disseste, é também meu. Por ele e por ti lutarei como um leão e te asseguro que não haverá pai na Galiléia mais abnegado que eu na hora de defender a minha família. Para mim é suficiente que tudo isso seja o que Deus quer. E que me amas é o maior presente que podia esperar do Altíssimo e da vida."

Não houve mais, João, eu te asseguro. E assim foi sempre.

Gestos de ternura entre nós, se houve, é porque éramos marido e mulher. Porém nunca, absolutamente, houve nada mais.

Compreendo que aos gregos e romanos seja difícil entender isto, tão relaxados como são seus costumes. Porém, o fato de não entender que duas pessoas possam conviver, querendo-se muito e permanecendo virgens, é crer que o homem é um animal, que come quando tem fome e copula quando lhe apetece. Nós, José e eu, nos colocamos nas mãos de Deus porque sabíamos que a tarefa era árdua e nunca nos faltou a sua graça. Quando nasceu nosso filho, a casa se encheu de sua presença e, te asseguro, nos proporcionou tanto que o sagrado se tornou cotidiano e, verdadeiramente, como me havia dito Isabel, sentíamos o andar do Senhor entre as panelas da cozinha e entre as madeiras e pregos da carpintaria. Estando a seu lado, vendo-o crescer, sentíamos-nos cheios de sua presença.

Quem teria alma e inclusive corpo para outra coisa que não fosse viver por Deus e somente para Ele?

Depois daquela nossa conversa, chamamos meus pais.

Entraram e, em seguida, sorriram ao ver que estávamos de acordo em tudo. Como José era órfão e senhor de seus atos, não tinha que dar explicações demais

aos seus; assim se ultimaram os preparativos para que o casamento se celebrasse no prazo de uma semana.

Tudo saiu muito bem, seguindo o mais estrito ritual que estabelece a lei judaica. O migdanot, que o noivo entrega à família da noiva, foi dado a meu pai com esplendor e ele me transferiu imediatamente para que eu o juntasse ao casamento, acrescentando-o ao dote. Eram cinquenta siclos de prata e alguns vestidos, o normal para um homem de condição modesta como José. De minha parte, recebi de meus pais outro tanto em dinheiro e muito mais como enxoval, coisas que Ana e eu havíamos tecido durante anos, preparando minha futura casa e que agora se transformavam em prendas destinadas a acolher o Messias. O conjunto não era grande, porém para nós, para José e para mim, pareceu uma maravilha, principalmente quando nos vimos em casa, na sua casa, que a partir de então era também a minha. As festas, como era costume em nosso povo, duraram uma semana e para custeá-las foi-se parte do dinheiro que tínhamos, ainda que meus pais e outros familiares nos ajudassem muito. Dava me pena este gasto, porque estava privando de algo a criança que ia nascer e a quem eu queria oferecer o melhor do mundo. Sem dúvida, se não o fizéssemos, chamariamos atenção e daríamos o que falar, e isso, querido João, teria sido muito pior. Desde então comecei a educar meu filho e lhe dizia, sentindo-o mover se em meu interior, que para amar é necessário às vezes ceder, embora em outras ocasiões o melhor se torna inimigo do bom.

O casamento transcorreu como os outros da aldeia.

Acompanhada pelos meus e por minhas amigas, fui à casa de José.

Pintaram-me menos do que as outras, porém não pude evitar que passassem carmim em meu rosto, pelo mesmo motivo que já te contei.

Gostei mais, porém, do diadema de flores com que adornaram meus cabelos. Enquanto íamos pelas ruas, da casa de meus pais à de José, a gritaria era enorme, porém ao chegar, quando ele me levantou o véu, pegou minha mão e, ante o rabino, pronunciou a frase ritual:

"Maria, és minha esposa e eu teu marido, de hoje para sempre", o silêncio foi total. Eu não pude evitar um sentimento duplo. Por um lado casava me com aquele rapaz que eu queria de verdade e, por outro, renovava a Deus, interiormente, meu primeiro "sim", aquele que dei ao anjo Gabriel alguns meses

antes. Eu era a esposa de Deus e futura mãe do Messias. Era também a esposa de José. Estava decidida a ser fiel aos dois compromissos e um calafrio me percorreu o corpo por não desconhecer a dificuldade desse empreendimento.

A verdade é que só durou um instante. Embora a meu redor voltassem a se ouvir os gritos de alegria, esses ruídos com a língua, tão típicos das mulheres de nosso povo, disse ao Senhor que não tinha medo em absoluto. Estava em suas mãos e não tinha motivo algum para duvidar de que Ele saberia conduzir me por esse labirinto em que Ele mesmo me havia introduzido. Se alguém era digno de confiança, esse alguém era Deus, assim é que qualquer dúvida a respeito significava uma ofensa imperdoável a seu amor e à sua providência. Contudo José notara algo. Com um gesto rápido enxugou uma lágrima que corria por sua face, apertou-me o queixo e me disse, sussurrando ao ouvido: "Não temas. Tudo irá bem. Deus está conosco e não vou viver para outra coisa a não ser te proteger. Sinto-me o homem mais afortunado do mundo por poder fazer isso. Cumprirei minha promessa de respeitar te, porque estou enamorado de ti e estar a teu lado e poder ajudar te e te amar é para mim mais do que suficiente".

## OS CAMINHOS TORTUOSOS

Entre nosso povo, querido João, já sabes que se diz "Deus escreve certo por linhas tortas". Sei que também já sabem disto aqui em Éfeso, fruto talvez da experiência comum de todos que vivem ao redor deste mar que os romanos acham que é seu. Não

me ocorre um dito melhor para designar o que se passou pouco depois de nos casarmos.

Não demorou muito para notarem minha gravidez. Não demoraram muito a se desatar as línguas das comadres. Não havia perigo algum, pois estávamos casados e, além do mais, aos olhos dos outros, a gravidez não passava de um sintoma de que José se antecipara a tomar posse de sua futura esposa. Não era a primeira vez que isso ocorria em Nazaré, nem seria a última. A diferença estava em que de nós, José e eu, não se podia esperar algo assim.

A nós dois, e também a meus pais que conheciam o nosso segredo, não causava dor demais saber que se diziam coisas bem mais picantes. Não que nos agradassem, mas estávamos preparados para receber estas farpas e, quando havíamos dado a Deus nosso sim, já contávamos com isto. É uma vantagem,

querido João, aceitar de antemão que existirão problemas e assumi-los. Podes assim te preparar para levá-los sem te abater. Preocupam-me esses casais que se casam acreditando que tudo será fácil. As dificuldades são inevitáveis e o melhor que se pode fazer é não se preocupar com que isto ocorra. Que esperavas? - poder-se-ia dizer à moça que descobre após o casamento que seu marido tem defeitos. -

Acreditavas ter se casado com um anjo? - Por conseguinte, o mesmo poderia se perguntar a ele.

Por isso, para José e para mim, para Ana e Joaquim, os comentários maldosos faziam menos mal do que o esperado, porque já contávamos com eles. Cada vez que alguma vizinha dizia algo à minha mãe quando ia às compras, ela não se indignava nem ficava irada para defender minha honra injustamente manchada. Ao contrário, oferecia-se ao Senhor e rezava uma oração que todos nós repetíamos: "Por ti". Neste "por ti" encontrávamos força para suportar tudo. A verdade é que para meus pais era mais difícil do que para mim, porque, por ser eu alvo das críticas e já que os amigos felicitavam José, eles levavam a pior, pois sofriam para poupar-me de dificuldades. Sabes que no amor sempre é assim, aquele que ama substitui aquele que é amado nos problemas. Mas eles, tanto como eu, eram confortados por aquele "por ti" que repetíamos cada vez que algo nos feria. Sim, João, crescemos muito espiritualmente naqueles dias, graças a todo aquele assunto. Foram lições que depois pude ensinar a meu filho. Como também o ensinei a calar se quando o insultavam, como dizia o profeta: "Foi oprimido, e se humilhou, e não abriu a boca". Observa João, que desde o ventre meu filho foi o servo paciente anunciado por Isaías. Concebido milagrosamente, da maneira mais pura e limpa que pode imaginar um ser humano, teve que escutar, através dos ouvidos de sua mãe, calúnias que menosprezavam não só a minha honra como também a sua. Por isso meu silêncio oferecido a Deus foi, desde o início, a melhor escola para aquilo que depois teve que consumir na cruz.

Porém, não foram aqueles os únicos caminhos tortuosos através dos quais o Senhor escrevia certo seus planos. Estávamos casados havia pouco tempo, eu acabava de entrar no oitavo mês, e já nos preparávamos, minha mãe e eu, para acolher a criança que ia nascer. Os comentários na aldeia haviam terminado, como sempre acontece com essas coisas, e nosso humilde silêncio evitou que tivéssemos inimigos. Tudo ia bem, quando chegou uma patrulha romana e reuniu os homens na praça junto à sinagoga. O comunicado foi lido em latim e logo um

escriba que acompanhava os soldados o traduziu para que pudéssemos nos inteirar de seu conteúdo. Foi uma surpresa para todos, porém mais para José e para mim.

Tratava-se de um decreto do imperador Augusto, válido para todo o império e, portanto, também para Israel. Ordenava que cada homem voltasse com os familiares ao seu local de nascimento, ao

lugar originário de sua família. Aquilo era politicamente terrível pois nos fazia sentir, mais uma vez, nossa submissão aos romanos. De fato, não faltaram motins e revoltas entre os grupos de guerrilheiros zelotes, que falaram em ressuscitar a antiga rebelião dos macabeus contra as pretensões de Antíoco, o Sírio. Na realidade era uma medida econômica. Destinada a controlar todos, para poder cobrar lhes os impostos e fazer com que ninguém escapasse das autoridades por não constar do censo. Isto todos entenderam e mais por causa disso se sentiram prejudicados, pois lhes afetava mais o bolso do que a honra.

Porém para José e para mim o problema era muito diferente.

José era da estirpe de Davi. Via-se forçado a ir a Belém, que se encontra ao sul de Jerusalém. De Nazaré, e em meu estado, era uma longa viagem de uma semana, parecida com aquela que eu havia feito quando estive na casa de Zacarias e Isabel. Corríamos muitos riscos: risco de abortar, pois meu estado era muito adiantado e a viagem era fatigante, e risco de sofrer atentados e pilhagens, não só por parte de bandidos como também dos zelotes, que em seguida ameaçaram matar aqueles que seguissem as ordens de Augusto, acusando-os de idólatras e colaboracionistas. Riscos dos mais diversos, pois não sabíamos o que poderíamos encontrar em Belém, já que eram muitos em Israel os que tinham sua origem em Davi e, se todos regressassem, não haveria acomodações no povoado. Sem dúvida, teríamos que obedecer. Uma vez mais nos sentimos como um pé de cana açoitado pelo vento. Olhamo-nos segurando a mão um do outro e com preocupação nos olhos. A criança se movia dentro de mim e não parava de dar golpes, o que contribuía para deixar-me mais nervosa, pois lembrava a iminência do seu nascimento, da fragilidade do seu estado e do meu. Eu estava permanentemente cansada. Era meu primeiro parto e não possuía experiência alguma de como suportar aquele cansaço que se apoderava inteiramente de mim e que me deixava quase inútil nas primeiras horas da tarde.

"Que vamos fazer, Maria?", perguntou meu marido. "Se não formos, teremos

muitos problemas com os romanos. Se nos pusermos a caminho, teremos que nos arriscar a um ataque dos zelotes e a pormos a ti e a nosso filho em perigo pela dureza da viagem."

"José", respondi sorrindo para tranquilizá-lo, "parece-me que teremos que nos acostumar às surpresas. Já me surpreendi tantas vezes nestes oito meses, tenho a certeza que esta não será a última.

Não esqueças do que falamos: somente acreditando em Deus e que Ele está por trás de tudo isto, inclusive do mais incompreensível, estaremos a salvo. Se duvidarmos, se ficarmos nervosos querendo aplicar a todo o custo nosso plano é mais provável que nos equivoquemos. Não crês tu que se Deus se preocupou tanto empreendendo esta obra, a do nascimento do Messias, não permitirá agora que tudo se complique por força de uma ordem do imperador romano? Não é Ele maior e mais poderoso do que todos os senhores da terra? Novamente, José, repito as palavras do profeta, palavras que nunca deveremos esquecer: 'Na confiança está vossa força'.

Portanto, vamos nos preparar para partir o quanto antes."

Não demoramos muitos dias para nos preparar. Como não éramos os únicos a viajar, organizaram-se numerosas caravanas em todas as partes do país, com o que os caminhos ficaram praticamente lotados. Era um problema a mais, porém era uma medida de proteção contra os bandidos.

Meu marido preparou para mim com todo o esmero, um burrico que tínhamos em casa e fez uma espécie de cesta na qual eu poderia ir protegida do sol e com relativa comodidade. Ele foi andando sempre ao meu lado, conduzindo as rédeas do animal. Felizmente este era tão

manso que não nos deu um susto sequer em todo o caminho. Nessa ocasião, não fizemos escala em Ain Karem para não nos desviarmos da rota, e não tardamos em chegar a Belém. Tampouco passamos por Jerusalém, rodeando-a para evitar a enorme aglomeração de pessoas que havia na cidade, o que me cansava só em apreciar de longe.

Paramos, quase no início da viagem, em Caná, na casa de Manassés e Lia. Tinham assistido ao nosso casamento e nos ofereceram um esplêndido presente, que muito nos ajudou economicamente nos primeiros passos da nova vida. Agora nos acolhiam com o agrado de sempre, facilitando nossa viagem até

Jerusalém, pois Manassés havia organizado várias caravanas para conduzir os peregrinos por toda Israel, que, como José, tinham que cumprir as ordens do imperador. Lia mostrou-me o pequeno Levi, que havia crescido bastante durante esse tempo, e fez com que ele me beijasse enquanto pedia que eu continuasse rezando por ele, pois não queria que estivesse não somente de corpo mas também de espírito. Ao saírmos de sua casa, como sempre o faziam, nos entregaram várias moedas que José se negou a aceitar e que tive que receber para não ofendê-los. Não me senti mal ao aceitá-las porque, querido João, não há nada de mal em ser pobre e aceitar oferendas quando se é trabalhador e se faz todo o possível para ir em frente. O mal está em se acostumar a viver com essa ajuda.

Pareceu-me que aquele e os outros presentes de Manassés e Lia eram contribuições de todos os homens bons de Israel à causa do Messias, embora eles não tivessem a mais remota idéia do que estava sendo gerado em meu ventre. Se davam generosas ofertas ao templo, porque então não iria eu aceitar os donativos que permitiriam ao Messias realizar

sua missão? Não podemos nos esquecer que ajudar as obras de Deus é uma sorte, porque a esmola não é um favor que se faz àquele do qual tudo procede, e sim a ocasião de poder contribuir com algo que Ele mesmo nos deu para a melhor das causas, a sua. Mas isso era mais difícil para José entender e eu, de minha parte, aceitei tudo e guardei.

Logo, porém, nos foi de grande valia.

Chegamos a Belém no meio da manhã. Era a última etapa da nossa viagem. Devíamos nos instalar ali e nos preparar para regressar a Nazaré o mais breve possível, o que, no entanto, deveria ocorrer em alguns meses, pois o parto já estava se aproximando e eu não queria viajar com uma criança recém-nascida. Soubemos, por outros peregrinos, que a cidade de Davi estava abarrotada de gente. A cidade era pequena e não tinha capacidade para acolher a tantos que se diziam descendentes do grande rei de Israel. De fato, muitos decidiram instalar-se em Jerusalém ou em outras aldeias, até que pudessem efetivar a inscrição no registro romano. Mas, nós, acossados como estávamos com a proximidade do parto, não poderíamos nos permitir ao luxo de estar indo e vindo, e José não queria de maneira alguma deixar-me só. Assim não tivemos outro remédio a não ser buscar acomodação em alguma pousada ou casa que se dispusesse nos acolher.

Terias que ver, João, o que passamos em Belém. José não tinha conhecido algum e as cartas de recomendação que Manassés nos dera não nos serviram de nada. Os dois albergues da aldeia estavam lotados e sinceramente me alegrei de não encontrar lugar neles, pela desordem e ambiente péssimo que ali reinavam. José estava nervoso. Conduzindo o burrico pela rédea, levava-me de casa em casa pedindo por favor um lugar. Inclusive mostrava-me às mulheres para ver se se compadeciam de mim, alegando que estava prestes a dar à luz. Todas as casas estavam cheias, principalmente de familiares, embora algumas tivessem alojado estranhos como nós, mas que tiveram a sorte de chegar antes. Não é que nos trataram mal. Muitas mulheres se compadeciam de mim e me prometiam

ajuda para quando ocorresse o parto, mas ao mesmo tempo me mostravam a casa cheia de gente e incapaz de abrigar mais ninguém.

Por fim, uma senhora, ao ver nossa agonia, falou-nos de algumas grutas que se localizavam na saída da aldeia, no início do grande vale. "Ali", disse, "somente se abriga o gado, mas é provável que possam encontrar algum lugar para se abrigarem, ao menos por uma noite." De fato, o tempo havia passado e, de tanto ir de casa em casa, o dia estava se acabando e as sombras da noite já se faziam sentir. Decidimos experimentar e, perguntando aqui e ali, chegamos às grutas, que, efetivamente, não se localizavam muito longe da aldeia. Não havia ninguém nelas. As ovelhas, principal gado do povoado, estavam mais abaixo, no vale, onde se encontram os pastos de inverno. As grutas eram labirintos de mais comprimento do que largura e resolvemos nos acomodar na que estava mais próxima à entrada, em parte porque aí o odor não era tão forte.

João, se visses aquele ambiente, tua alma viria aos pés. Era uma gruta como tantas outras, mas que, além do mais, servia de abrigo para o gado e se encontrava repleta de excrementos. O cheiro era insuportável e dava medo olhar a negrura de seus recôncavos. José entrou nela com uma tocha acesa e voltou assegurando-me de que estava vazia. Cansada, limpei como pude um canto e ali estendemos nossas mantas e nos dispusemos a passar a noite. O burrico ficou junto de nós, para nos proporcionar calor e para proteger nos com seu corpo.

Tive que tranquilizar novamente José, embora confesso que aquela noite eu também necessitava que alguém me tranquilizasse.

Como sabes, somos nós, as mulheres, que temos de nos fazer de fortes mesmo que estejamos tremendo por dentro. Meu pobre José estava desmoralizado ao ver

aquele quadro miserável.

"Não é este o lugar adequado para nascer o Messias", disse com ênfase.

"Amanhã mesmo vamo-nos daqui. Ao preço que for, conseguirei um lugar digno para ti e para ele. Que tipo de homem sou eu", concluiu o pobre José, "se não sou capaz de encontrar um lugar decente para o nascimento de meu filho enviado por Deus para salvar seu povo?".

"Querido", respondi, "não fiques nervoso. Lembra o que aconteceu a teu antepassado, o rei Davi, por cuja causa estamos aqui esta noite. Ele também quis edificar um grande templo ao Senhor e Yaveh não aceitou. Quem sabe tenha querido dar-lhe uma lição. É possível que também a nós e aos demais homens queira ensinar algo com esta humilhação pela qual agora passamos. Porque em verdade, José, não existe em Jerusalém palácio suficientemente digno para abrigar o Messias. Qualquer coisa é pouco para Ele. Então, não será um sinal do Altíssimo, que nos quer dizer que o Messias não vem buscar o luxo nem as honras, e sim a humildade do coração?

Se nascesse em um palácio, como poderiam se sentir seus aqueles que vivem nas grutas? Como poderiam aspirar a dar-lhe algo aqueles que nada têm, se ele já possuísse tudo desde o berço? E, sem dar, como se pode experimentar o amor? No fundo, e isto te diz uma mulher que está prestes a ser mãe, só se ama aquilo que te custa muito, aquilo que, de alguma maneira tu construístes, aquilo que depende de ti. Quando Deus se apresenta como o Altíssimo, podemos adorá-lo ou temê-lo. Porém, quando se nos apresenta humilde, podemos também ajudá-lo e assim será mais fácil amá-lo.

Não compreendes, querido José, que está a ponto de nascer o Messias e que o Senhor está dando lições a ti e a mim, para que depois possamos retransmiti-las a Ele e a todo o povo? Esta será uma das primeiras lições que lhe daremos: 'Filho, quisemos oferecer-te um palácio e só pudemos te dar uma gruta. Muitos homens farão igual, desejarão que seus espíritos sejam uma casa luxuosa para ti

e, em troca apenas poderão te dar abrigo em um lugar onde abunda a impureza do pecado. Não os rejeites, não fujas dos pobres de corpo ou de alma. Olha melhor suas boas intenções e, se não podem dar-te mais do que uma quadra, não te negues a viver nela, porque tu nasceste em uma gruta, refúgio de animais, e não rodeado de mármore e sedas".

Assim dormimos aquela noite. Tínhamos um pouco de frio, apesar do calor de nosso burrico, mas também aquilo oferecemos ao Senhor. O "por ti" foi mais eficaz do que a melhor recompensa para enfrentar algo que teria feito retroceder qualquer um que não tivesse como objetivo maior o amor.

Pela manhã, José saiu à procura de outro lugar. Dizia que não ficaria tranqüilo se não tentasse encontrar algo melhor. Eu estava segura de que tudo aquilo não era casual e que, por algum motivo que eu não entendia mas que começava a perceber, tudo estava nos planos do Todo-Poderoso. Assim, resolvi fazer de nosso pedaço de gruta um lugar relativamente limpo e confortável. Por isso, quando José voltou, desencorajado e com todas as negativas do mundo sobre ele, encontrou um lugar muito mais acolhedor do que havia deixado.

Trazia comida e alguma roupa que comprara a preços altos, pois os comerciantes estavam se enriquecendo, explorando estrangeiros como nós.

Estávamos comendo nosso pão com azeite e queijo, quando chegou um camponês. Trazia consigo uma vaca e se surpreendeu ao nos encontrar ali. Irritado, perguntou quem havia dado permissão, pois aquela gruta era sua e ali abrigava seu gado, entre outros, aquela vaca que acabava de ordenhar e que não pudera deixar na noite anterior porque não tivera tempo. Agora o animal deveria ocupar seu posto e nós teríamos que ir embora da gruta imediatamente.

Eu pensei: "Até isto, Senhor, teremos que aceitar? Que uma vaca seja preferida a teu enviado? Que o Salvador de Israel deva nascer no campo, com frio e medo, para que um animal fique abrigado?"

Não temos casa, e os animais ainda têm preferência sobre nós.

Senhor, que nisto, como em tudo o mais, se faça a tua vontade.

Estamos em tuas mãos, meu filho inclusive, e não serei eu quem vai duvidar de tua providência amorosa". Assim, segurei a mão de José, que estava discutindo com o camponês argumentando sobre o meu estado de saúde, pedi que se calasse e que saíssemos da gruta. Fomos embora. Não pude evitar uma lágrima, porém foi só uma. Interiormente perdoei aquele homem, para que não ficasse em mim um rastro de ira sequer, pois sentia que qualquer sentimento ruim faria dano a meu filho, mais dano do que o frio intenso em pleno inverno.

De imediato saímos para onde se encontrava nosso burrico, pois, durante o dia,

não o quisemos colocar dentro da gruta. Ali estava também a vaca. Olhou-nos com os olhos assombrados e tontos que possuem estes animais e continuou comendo a erva escassa que havia no solo. Eu já subia no burrico e nos dispúnhamos a ir, quando apareceu o cidadão com uma de nossas mantas na mão. Estava mal humorado, mais consigo mesmo do que conosco. Atuou-nos a manta sem dizer palavra alguma e tocou a vaca para dentro da gruta. Mas o animal não se moveu. O camponês deu a volta surpreso e começou a ralar: "Que se passa contigo?", disse, "Tu és o animal mais manso da aldeia, venha, move-te ou te faço mover a pauladas". José e eu olhávamos surpresos e um pouco compadecidos do animal. A vaca, impassível, separou um pouco mais as patas e resistiu às tentativas do homem. Este agarrou uma estaca e começou a golpeá-la ferozmente, descarregando no animal toda a ira que sentia contra si mesmo, por sua má ação. O animal permaneceu quieto. Com a cabeça baixa, agüentava os golpes. De vez em quando nos olhava e

continuava suportando a tremenda surra. O único ruído que se ouvia era de nosso burrico que, de repente, começou a ficar agitado, obrigando a me abaixar para não cair de seu dorso. Assim foi, até que aquele homem se cansou. Olhou para José e para mim, que continuávamos consternados ante sua explosão de cólera e não nos atrevíamos a intervir para que não descarregasse sobre nós sua ira.

Finalmente, suando muito, parou de golpear o animal que sangrava em vários locais do corpo e se voltou para nós. "Aí tendes a gruta", disse, "e também a vaca. Sabe Deus porque não quer entrar. Quem sabe ela tem mais coração do que eu, que estive a ponto de obrigar uma mulher a dar à luz na rua. Ficai em paz", dizia com a voz entrecortada pelo cansaço, "e podeis me dar qualquer coisa pelo aluguel da gruta e do animal. Aproveitai." E se foi. Quis agradecer-lhe, porém José me impediu. O ambiente não era propício para outra coisa que não o silêncio. Mais tarde tivemos ocasião de nos tornar seus amigos e compreender a amargura de seu espírito.

José me fez descer suavemente do burrico e me ajudou a entrar na gruta, cuidando para que não caísse. Sorrindo, disse: "Lembra da burra de Balaam. Nesse caso, a vaca não falou, mas foi muito explícita na hora de defender os direitos do Messias. Teremos que cuidar dela".

Assim nos instalamos naquela bendita gruta que tantas boas recordações me traz. Chegamos a Belém por um decreto de um longínquo imperador que não sabia nada de nós e muito menos se importava conosco, mas permitiu que se

cumprissem as escrituras e que meu filho, da descendência de Davi, pudesse repetir o que dissera o profeta Miquéias: "E tu, Belém, terra de Judá, não és a menor entre os principais clãs de Judá, porque de ti sairá um chefe que apaziguará o meu povo Israel".

O Senhor sabia, João, da importância que as pessoas de nossa raça dão às antigas profecias e não queria deixar nenhum fio solto.

Yaveh olha do céu e vê tudo, o passado, o presente e o futuro. Nós enxergamos apenas alguns palmos diante de nosso nariz e acreditamos saber de tudo. Por isso, quando não entendemos algo, ficamos nervosos e até chegamos a duvidar que Deus exista ou que nos ame. Está te dizendo uma anciã, João: tenhas calma, tenhas sempre confiança e verás o rosto resplandecente de Deus brilhando no céu, dissipando os mais negros augúrios.

Com relação a como aconteceu o nascimento de Jesus, contar te-ei outro dia. Agora vou descansar um pouco e recordar, pois estas histórias tão antigas são para mim mais doces que o mel e mais preciosas que o melhor dos tesouros.

## O VERBO SE FEZ CARNE

Não ficamos muito tempo na gruta, pois logo encontramos uma casa, na verdade bastante pobre, na qual nos alojamos. Porém, ainda na gruta teve lugar o nascimento de meu filho.

Como eu explicaria para ti - um homem - para que entendas?

Acredito que somente uma mulher compreenderia, pois o que se passou naquela noite, do mês de Tebet, não se assemelhava a nenhum outro parto. E sem dúvida o foi. Foi somente isso: um parto.

O menino nasceu. José estava ali, ao meu lado, rompendo os costumes que os homens mantêm, nesse momento, ficando distantes das mulheres. No entanto, estávamos sós, embora não de todo. Duas mulheres da aldeia aceitaram acompanhar-me quando chegasse o momento e José teve tempo de avisá-las antes que o parto ocorresse. Assim, eram três para ajudar-me, embora meu bom esposo não soubesse fazer outra coisa a não ser manter o fogo aceso e retorcer sua túnica entre as mãos.

O menino nasceu como se um raio de luz atravessasse um

cristal, de forma límpida. As mulheres não perceberam, ocupadas com o sangue e a atenção ao pequenino. Menos ainda José. Eu notei algo estranho, porém não estava para muitos detalhes. O caso é que apenas me doeu e os esforços e as contrações me produziram mais angústia e nervosismo do que dano. Não estranhes isto, querido João, lembra que para Deus nada é impossível. Mais difícil foi eu ficar grávida sem contato com homem algum, e isto havia ocorrido.

Pensei sobre isto muitas vezes e, na verdade, quem sabe podia ter sido de outra maneira. Refiro-me ao parto, mas tudo foi assim mesmo. Acredito que o Altíssimo desejou manifestar, uma vez mais, sua presença, seu poder, sua paternidade especialíssima, para me proteger sem destruir minha virgindade. No entanto, o mais provável é que, desde os primeiros dias de vida de meu filho, queria dar uma lição: ele não viera ao mundo para fazer ninguém sofrer, nem para quebrar nada que estivesse inteiro, e sim para redimir a todos e reconstruir aquilo que estava destruído. Da mesma forma que o pecado não entrou no mundo pela vontade de Deus, e sim contra ela, assim se passou com meu filho: o sofrimento que se ligara à sua pessoa foi muito, não por culpa sua e sim daqueles que se opõem a ele e que, ao fazerem isto, causam danos a si mesmos e aos outros.

Porém, tudo isto são detalhes menores, comparados ao mais importante: meu filho estava ali, nascera e eu o tinha em meus braços. Como te explicar, João! Era mais uma criança e, ao mesmo tempo, única, diferente. Parecia uma luz, porém te digo, mais do que uma luz, era o próprio sol. Ao tomá-lo nos braços, tão pequeno, tão frágil, uma coisa diminuta e enrugada, com seus olhinhos fechados e sua boquinha que procurava meus seios e chorava ao não os achar, parecia-me impossível que fosse outra coisa além de uma criança normal. José também olhava-o com curiosidade e com um pouco de temor. Esse mesmo temor que somente assalta um pai quando pega o filho pela primeira vez nos braços. Medo de que caia, de que o aperte em demasia, ou de que se quebre aquele boneco tão delicado. Quem sabe pensava que seria de outra maneira, que o menino nasceria com alguma marca de poder, que seria, desde o início, mais forte, mais esperto, mais sobre-humano. Porém nada disso ocorreu. Era um menino tão normal que nenhuma das mulheres se deu conta de nada. Assim, me felicitaram pelo nascimento e voltaram para suas casas.

José e eu ficamos sós. Eu estava muito cansada, mas era incapaz de dormir. Tinha-o em meus braços, coberto pelas mantas, recebendo o calor de meu peito e não longe dos animais que obstruíam a entrada da gruta impedindo que passasse

o vento frio dos princípios de Tebet. Lá fora era noite e sem dúvida à luz da pequena fogueira que José mantinha acesa, não muito alta para não produzir muita fumaça, a gruta parecia iluminada pelo maior dos holofotes. Não que do menino saíssem raios de luz. É que ele era a própria luz. Seu rosto de anjo era límpido e o resplendor do fogo se multiplicava em suas faces como se fosse um espelho daqueles que usam as senhoras nobres.

Não podia deixar de contemplá-lo. Olhava e, pela primeira vez naquela gruta que eu desejava ter transformado em um palácio em sua honra, notei um sentimento que até então não havia tido.

Olhava-o e, de repente, comecei a adorá-lo. Assustei-me. Tu sabes que em nossa religião é proibida toda e qualquer representação do Altíssimo e que somos muito severos inclusive na hora de mencionar o nome de Deus. O Onipotente não pode ser representado pelas mãos dos artistas, inclinados a fabricar ídolos aos quais logo passam a adorar, da mesma forma com que os manipulam. Sem dúvida, tinha dentro de mim esse sentimento. "Quem é este menino?", perguntei-me enquanto meus olhos estavam perdidos em seu sono.

"É o Messias", respondi a mim mesma em seguida. Porém, que Messias? E, principalmente, se é apenas um enviado do Altíssimo para resgatar o seu povo da escravidão, como Moisés ou como os juízes ou os Reis, por que não nasceu de um modo normal? Por que não foi concebido como os demais seres humanos, do amor entre dois esposos? Se ele veio ao mundo desta forma e com esta origem, quem é seu verdadeiro pai? Se está claro que eu sou a mãe, só Deus pode reivindicar sua paternidade.

Não creias que eram conjecturas demais para uma mulher que acabava de dar à luz, João. Ao contrário, era o mínimo que se podia pensar naquela noite tão feliz. Ali, dando-lhe calor e a abundância de meus seios, sustentando seu débil corpinho e cuidando da fragilidade daquele que havia sido anunciado como o Messias, a única coisa que podia fazer era ficar pasma ante o plano de Deus e meditar sobre o porquê das coisas e o desenvolvimento que elas teriam.

"Te amo", lhe dizia, beijando-lhe o rosto. "Te amo e dou graças a Deus por ter te comigo. Não foi fácil e passei muito medo.

Porém agora, que estás aqui, dou tudo por bem feito. Quase diria, meu pequeno, que não me importaria que não ocorresse nada do que anunciou o anjo. Nunca

sonhei com grandezas que possam superar minha capacidade, nem aspirei a ser respeitada e admirada.

Agora, transformada na mãe do Messias, tudo parece estranho. Que Messias és tu, que nasceste num abrigo de ovelhas, que tens por admiradores uma vaca e um burrico e por pais dois humildes aldeões? Onde está teu poder, onde está a tua grandeza? E, sem dúvida, não me sinto decepcionada. Tu vales mais do que tudo que se possa obter de ti e isto eu sei, porque sou tua mãe e oxalá que todos aprendam o mesmo quando cresceres e possas cumprir a missão que objetivou teu nascimento. Tomara que os homens te queiram pelo que lhes possas dar, pelo que representas, por tua mensagem, por tuas vitórias ou, quem sabe, por teus milagres. Eu, querido menino, muito te amarei. Não que não me importe o resto, pois seria desmerecer os planos de Deus, porém, entende-me, eu sou tua mãe e neste peito poderás encontrar sempre amor puro, amor a ti e não só a algo que possas trazer contigo. Tu és um presente, tu és um tesouro e, se nada mais houvesse, para mim já seria o bastante."

José me escutava, sentado a meu lado e sempre cuidando do fogo. De repente, pediu-me o menino que dormia tranqüilo. Antes, como já te contei anteriormente, o havia pegado nos braços como estabelece a lei, pois, após ter sido banhado, as mulheres da aldeia o tinham levado para ele, satisfeitas, anunciando que era um homem.

Porém, em seguida, ele o devolveu para mim, como se tivesse medo de que pudesse deixá-lo cair. Agora, porém, era ele que me pedia.

Cuidei para que pudesse pegar a criança sem despertá-la e ele a segurou em seus fortes braços, agasalhado com o tecido mais fino que pudemos conseguir no povoado.

Nos braços daquele homem que eu tanto amava e que tinha aceito ser seu pai sem sê-lo, inclusive, deixar de ser pai de outros filhos, assim esteve meu filho um bom tempo, dormindo bem quentinho. José, sempre tão calado, nada dizia. Somente após olhá-lo longamente, beijou-lhe o rosto pálido e lhe disse, suavemente, para não despertá-lo: "Meu filho, eu também te amo. Não sei que sangue corre em tuas veias, além do de tua mãe. Não sei quem és, se um homem normal ou um ser extraordinário, sob esta aparência tão simples. Não sei nem sequer se devo prostrar-me a teus pés, como ao Messias que és. O que sei é que agora precisas de mim e comigo podes contar para tudo. Dou graças ao

Altíssimo por haver confiado em mim para colaborar em sua obra. Ajudá-lo, que é o

Todo-Poderoso, é a maior das honras, a maior sorte. Não sei o que dirão teus seguidores algum dia, se é que os terás. Se para alguém for um peso servi-lo, será porque não entendeu nada. Ser um instrumento de Deus não é uma carga, e sim um privilégio. Gastar por Ele, em ti, minha vida inteira, é a maior felicidade a que poderia ter aspirado. Por isso, eu hoje te chamo de meu filho e te digo que estou aqui para dar minha vida por ti, para velar teu sono, para cuidar de tua mãe, para tornar possível que, quando Deus quiser, possas empreender a obra para a qual vieste ao mundo." Voltou a beijar o menino e o devolveu para mim.

Dormimos bem aquela noite. José se deitou a meu lado para aquecer me e, de vez em quando, levantava se e colocava mais lenha para manter o fogo. Logo amanheceu. Por sorte a vaca de nosso caseiro já dava um bom leite, depois de ter estado seca vários dias por causa da surra que havia levado. José a ordenhou e esquentou o leite para mim, onde colocou pão esfarelado misturado com mel.

Deu-me a comida, certificou-se de que tudo estava em ordem, e foi até a aldeia. Tinha que cumprir a obrigação do registro, como exigia a lei, e tinha pressa em fazê-lo para libertar-se desse grande peso.

Quando voltou, já nos havia registrado no censo romano.

Conseguira pagar pelos três o primeiro imposto, principalmente graças à ajuda que a generosa Lia nos havia dado. Assim começaram, João, as boas pessoas a colaborar na obra de redenção de meu filho.

E não tardaram em vir outras. O primeiro dia eu não me movi da cama que José havia construído e que, cheia de palha como estava, era muito confortável e quente. Ele ia e vinha da aldeia, preparando a comida e muito atento às minhas necessidades. Tão habilidoso que era, havia me preparado um berço, com um velho presépio que havia em outra parte da gruta, para que eu pudesse, no dia seguinte, deixar ali meu filho por um tempo. As duas mulheres que me ajudaram no trabalho de parto estiveram presentes pela manhã. Trouxeram-me em uma panela de barro caldo de galinha com um ovo cozido, e uns biscoitos de mel maravilhosos. Por outro lado, parecia que o mundo nos ignorava e não queríamos mais visitas.

Era já noite alta e José dormia, como no dia anterior, bem próximo de mim para

dar-me todo o calor possível, quando fomos despertados por alguns passos na entrada da gruta. O burrico se levantou e começou a relinchar. A vaca ameaçou erguer-se mas optou por continuar deitada. José deu um salto e saiu direto para fora, assustado e esperando o pior, disposto a arriscar sua vida para nos defender. Uma voz rouca e curtida pelo vinho o tranqüilizou em seguida. Eu, dentro da gruta, ouvia tudo, preocupada a princípio, surpresa depois, apertando a criança contra o peito e disposta a fugir pelo outro extremo da gruta e buscar refúgio fora, na escuridão da noite.

Eram alguns pastores que contavam uma história muito estranha, que contrastava com o normal que havia sido o nascimento e as primeiras horas de vida de meu filho. Embora fosse inverno e estivéssemos no período mais frio do ano, eles dormiam mais abaixo, no vale, junto a seus rebanhos de ovelhas, pois nem mesmo nessa época deixa de existir erva em nossa terra, como sabes. Para defender-se dos ladrões trabalhavam em turnos e enquanto alguns descansavam, dois permaneciam junto aos animais perto de uma generosa fogueira que mantinham sempre acesa. Nos dias anteriores, José e eu vimos durante a noite esses pontos de luz que apareciam no fundo do vale como tímidas estrelas, e sabíamos que, ao redor deles se esquentavam aqueles homens rudes e bons.

Eram oito ou nove. Aquele que havia começado a falar, o mais velho do grupo, contou a José uma estranha história. Um anjo aparecera e, após tranqüilizá-los, disse: "Eu anuncio uma grande alegria que será para todo o povo e não só para vós. Hoje, na cidade

de Davi, nasceu o Salvador, que é o Cristo Senhor. Este será o sinal: encontrareis um menino envolto em mantas e deitado em um presépio". O chefe dos pastores, de nome Rasão, disse também que lhes parecera ouvir coros de anjos no céu e que alguns acreditaram ouvir uma espécie de hino como aquele que se canta no santo templo de Jerusalém, que dizia algo assim: "Glória a Deus nas alturas e paz na terra aos homens que amam o Senhor".

Isto aconteceu na primeira hora da noite. Correram até a aldeia perguntando nas pousadas se havia ocorrido algum nascimento naqueles dias. Ninguém sabia de nada. Já estavam desesperados quando um escrivão, do grupo que havia se dirigido a Belém acompanhando o funcionário encarregado de registrar as pessoas e cobrar os impostos, disse-lhes que naquela mesma manhã, muito cedo, um homem se inscrevera com a esposa e o filho que, segundo ele, acabara de nascer, no qual havia posto o nome de Jesus. Porém, não sabia onde morava esse

homem. Outro se lembrou que sua mulher lhe contara que o casal que se alojava nas grutas fora da cidade havia tido um filho e que ela ajudara a mãe, que era muito jovem, bonita e pobre.

Não foram necessárias mais informações. Em pouco tempo já estavam plantados em frente à nossa gruta, suplicando a José que os deixasse ver a criança, porque forçosamente o menino deveria ser muito especial e, segundo o anjo, seria o salvador de Israel, designado pelo mensageiro celestial com o título de "Senhor"

reservado ao Deus Altíssimo. Ninguém lhe queria fazer dano, somente render-lhe homenagens e compartilhar de nossa alegria.

Muitos estranhavam que o Messias tivesse nascido em um local tão miserável, mas não se atreviam a colocar em dúvida as palavras do anjo, pelo menos até comprovar com seus próprios olhos se se tratava ou não de alguém extraordinário.

José estava indeciso, receando alguma armadilha. Do quarto, eu o intuí, presa à minha cama como estava, e lhe pedi que os deixasse entrar. "Talvez, pensei, "meu filho deva começar logo seu trabalho."

Entraram na gruta em fila de um a um, precedidos por meu marido. Levavam o gorro na mão e, a tiracolo, uma sacola de pele, onde colocaram apressadamente algum pobre presente.

Contemplaram a mim e a Jesus, muito surpresos. Durante alguns minutos, que pareciam uma eternidade, reinou o mais profundo silêncio, que não foi quebrado nem pelo ruído dos animais. De repente, um deles exclamou: "Isto é uma farsa. Aqui só existe uma criança normal, na mesma gruta onde guardamos nossas ovelhas.

Eu não vejo o Messias em parte alguma. Devemos nos ter equivocado e deve ter nascido outra criança em alguma outra casa de Belém. Vamos e deixemos esses mortos de fome tranqüilos, pois são os pais do salvador de Israel da mesma forma que eu sou profeta". Imediatamente Rasão saltou como se tivesse sido mordido por uma serpente e deu um pescoção em seu companheiro, quase atirando-o ao chão. "Cala-te animal!", exclamou, "Quem te nomeou o identificador do Messias? Por acaso não nasceu Davi em uma casa humilde, não confundiram até mesmo Samuel, e Yaveh teve que corrigir tudo, advertindo-os que o olhar de Deus não é como o olhar do homem, pois o homem olha as

aparências e Deus olha o coração?

Se nós, que alardeamos ser descendentes do grande rei Davi, não aprendemos esta lição, quem se lembrará disso em Israel? Este menino pode ser tão grande como Sansão ou como Gedeão. Quem somos nós para duvidar disso? Não só está em jogo a palavra do anjo como se nota, nesta gruta, algo que eu nunca havia percebido, nem sequer quando estou na sinagoga, ou quando vou ao templo de Jerusalém. Não sei o que é, mas olhando esta criança e sua mãe,

noto algo dentro de mim como se as tripas e o coração me pedissem que eu fosse um pouco melhor."

Dito isto, Rasão ajoelhou-se como se faz ante os nobres e grandes senhores. Os outros, inclusive aquele que parecia mais incrédulo, imitaram-no. Pediram-nos que rezássemos ao Altíssimo por eles e por suas famílias e colocaram junto à minha cama as poucas coisas que haviam trazido. Depois, compreendendo que não era hora própria para molestar uma mãe que havia tido um filho fazia pouco tempo e, embora o menino não tivesse despertado todo esse tempo, resolveram ir embora.

Já estavam se despedindo, quando José os deteve para pedir-lhes um grande favor. "Queria pedir-vos, amigos", disse, "que mantenhais em segredo o episódio do anjo. Se a notícia se espalhar, a vida do menino talvez possa correr algum perigo, pois não faltará quem possa sentir-se ameaçado com a chegada de um Messias.

Assim, não digais nada a ninguém e, inclusive, eu vos peço que nos deixeis passar despercebidos em Belém. Vamos permanecer aqui alguns dias e quando pudermos, uma vez que já fizemos a inscrição no censo de Augusto, voltaremos ao nosso povoado. Se souberdes de alguma casa onde possamos nos instalar e de algum trabalho que eu possa desenvolver, pois sou um bom artesão, eu agradeceria muito a informação."

"Já vê", disse quando se foram, "ainda estamos nas mãos de Deus, embora às vezes julguemos estar sós. O Senhor leva adiante seus planos de forma misteriosa e o que ocorreu com os pastores deve ajudar a nos manter a fé em Deus. Agora descansa, enquanto eu arrumo estes presentes, que amanhã com certeza encontraremos algum lugar onde possamos nos instalar até que estejas forte para voltarmos para casa."

Não foi assim. Ainda permanecemos na gruta por duas semanas até que a multidão que fora a Belém para o recadastramento diminuísse e, enfim, pudemos encontrar acomodações em uma velha casinha, nos arredores da aldeia, que nos foi cedida pela família de um dos pastores que nos visitaram aquela noite. Certamente eles se portaram muito bem. Pouco os víamos, mas a cada dia encontrávamos algum presente na porta da gruta, coisa humilde porém sempre de grande serventia para nós que de tudo necessitávamos. Deixavam sempre à noite, enquanto dormíamos, e somente em algumas ocasiões vinham durante o dia em grupos muito pequenos, para suplicar que deixássemos ver o menino e pedir-me, como o maior dos presentes, para segurá-lo nos braços pelo menor tempo que fosse. Diziam que desejavam contar a seus filhos e a seus netos que haviam ajudado o Messias a seguir em frente e, com isso, ser úteis a Deus, que era para eles, que conheciam pouca coisa, uma bênção dos céus.

Com os pastores aprendi, João, o quanto os homens são diferentes, às vezes por algo que não entendemos direito, dependendo da origem. Para os pobres, qualquer presente que recebam é motivo de felicidade. Aqueles que possuem tudo nem sempre agradecem e nada lhes parece suficiente. Para os humildes e simples, ajudar a Deus é uma bênção, pois compreendem que se engrandecem ao poderem ser úteis ao Todo-Poderoso. Em contrapartida, os que poderiam dar consideram que, se ajudam, irão perder algo. E que, além do mais, Deus não lhes faz favor algum ao solicitar ajuda; ao contrário, o Altíssimo deveria estar agradecido se eles aceitam atender suas solicitações. Com os pastores, João, tive ocasião de entender que os nossos anciãos têm razão quando dizem que o pecado do Maligno é a soberba. A soberba nos separa de Deus e de sua graça, mais do que qualquer outra coisa. A soberba aparece em abundância quando não nos damos conta de que Deus merece

tudo e que nós, ao lhe conceder tudo, não fazemos nada além de cumprir nosso dever.

Durante a semana chamamos o mohel para que viesse circuncidar o menino, como manda a lei. Tivemos que fazer isso na gruta, mas nem eu nem nossos novos amigos tivemos vergonha, porque a pobreza só é vergonhosa quando procede do abandono, e esse não era o nosso caso. Ageu, o mohel de Belém, fez a José a pergunta ritual: "Que nome queres dar ao menino?". Meu marido ante a surpresa de todos, respondeu como o anjo lhe havia proposto:

"Chamar-se-á Jesus, porque salvará o povo de seus pecados". O

circuncidador, através de um corte perfeito, deixou em meu pequeno a marca da nossa raça, enquanto dizia: "Bendito seja o Senhor Nosso Deus, que nos santificou com seus preceitos e nos mandou a circuncisão". Após isto, José, as dez testemunhas, conforme manda a lei, e eu respondemos: "Bem-aventurado aquele a quem tomaste e escolheste". Enquanto isso, o menino chorava desconsolado em meus braços. Foi a primeira vez que fez isto, como um símbolo de que aquela lei lhe causaria dor e sofrimento. o pequeno pedaço de pele e o sangue estavam sobre a mesa, manchando um limpo pano de linho, o vermelho sobre o branco, a carne desprendida. Não sei que nuvem me turvou a vista, que presságios fúnebres passaram por meu coração, porém apertei meu filho contra o peito e dei-lhe de mamar. Com isto consegui que se acalmasse.

Os dias transcorriam e, enquanto isso, José passava o tempo todo trabalhando para sustentar a casa. Geralmente pagavam-lhe os trabalhos em espécie: pão, vinho, uma galinha velha em certa ocasião, que nos deu um caldo muito bom, legumes, algumas roupas.

Tínhamos o leite da vaca e assim fomos levando. Por fim, como já disse, pudemos abandonar a gruta.

Encontrávamo-nos na nova casa quando se cumpriram os quarenta dias desde o nascimento do menino, tempo que a lei prescreve para resgatar nosso filho no templo, que era o primogênito.

E também para proceder à minha purificação, posto que, segundo a mesma lei, eu estava contaminada pelo trabalho de parto. Não que eu me considerasse em falta, como compreenderás, por haver aceitado que a vontade de Deus se cumprisse em mim, propiciando o nascimento do Messias, mas decidimos que era bem melhor não dar o que falar e cumprir à risca a ordem das coisas. Novamente, como em tantas ocasiões, fizemos valer a prudência. Não se tratava de covardia. Era simplesmente sabedoria dos pobres. Não vale a pena chamar a atenção a não ser por coisas importantes, como depois faria meu filho quando operava curas nos sábados para aliviar alguém.

Quase sempre é melhor a paz, embora para isto tenhas que pagar o preço de não fazer exatamente o melhor. É que o melhor é freqüentemente o inimigo do bom. Os conflitos devem ser evitados sempre que possível, sempre que o bem em jogo não seja superior, pois a paz é algo tão grande que existem poucas coisas pelas quais valeria a pena perdê-la.

Compramos no mercado duas rolas, que oferecemos ao levita, junto com os cinco siclos do resgate pelo menino. Foi quando aquela mulher, Ana, que tinha fama de profetisa e levava toda a sua vida a serviço do templo, acercou-se de mim sem que eu percebesse.

Ao que parecia, essa era uma de suas ocupações, investigar as mães que iam à casa de Deus com suas crianças e, após pronunciar umas palavras amáveis, passar para as outras, como se estivesse sempre em busca de alguém que não conseguia encontrar. Alguns pensavam que estava louca, enquanto para outros era simplesmente uma boa mulher que não tivera filhos e que gostava de se comprazer com os filhos das outras. Quando viu Jesus, se desfez em elogios, nada comparáveis aos que dizia de outras crianças. Mal tive tempo de

agradecer-lhe as belas palavras e bênçãos, quando Ana nos pediu que não nos movêssemos dali por uns instantes.

Não demorou em voltar. Vinha acompanhada por um ancião, Simeão, outro dos habituais nos arredores do templo. Ana disselhe: "Olha, olha, fixa-te bem em seus olhos. Vê a luz que tem seu cabelo. Faze uso de teu velho olfato, Simeão, e reconhece a pureza da mãe. Está aqui, é ele, por fim nós o encontramos". Simeão acercou-se de mim devagar. Eu, a princípio apertei o menino contra meu peito e fiz menção de ir embora, pois tudo aquilo me assustava.

Tinha sempre muito medo que pudesse acontecer algo de mal àquela criatura tão frágil! Parecia sentir me observada pela força do Maligno, que não podia suportar que tivesse nascido o redentor dos homens.

Então ele disse algo que me deixou imóvel. Chamou-me pelo mesmo título com que me havia chamado Isabel: "Cheia de graça", disse com uma voz rouca e cavernosa, que poderia fazer estremecer de medo as crianças nas noites de inverno. "Suplico-te que me deixes vê-lo". Olhei para José e, ante sua dúvida, optei por mostrá-lo um pouquinho, porém sem soltá-lo de meus braços. O menino estava desperto e já começava a sorrir, coisa que fazia freqüentemente e para quase todos que dele se acercavam. Este sorriso foi o que viu Simeão quando aproximou seu rosto do rosto de meu filho.

Assim permaneceu durante alguns minutos, debruçado sobre o menino, alto como era. Olhava-o com aqueles seus olhos negros que despontavam em sua face enrugada e que lhe proporcionavam uma expressão quase terrível. Assim

permaneceu até que se separou de mim e elevou os braços ao céu, ficando mais um tempo em silêncio com o olhar para o alto, contemplado, também em silêncio, não somente por Ana, José e por mim, como também por um grupo de curiosos que cada vez se tornava maior. De repente exclamou com voz potente: "Agora, Senhor, segundo tua promessa, podes deixar teu servo ir-se em paz, pois meus olhos já viram o Salvador, luz para iluminar as nações e glória de teu povo Israel".

Suas palavras eram muito bonitas. Foram logo acolhidas pelos presentes com demonstrações de alegria e surpresa e nos ajudaram a reafirmar a certeza de que, por trás da aparente normalidade de nosso filho, escondia-se um mistério de salvação que os homens santos conseguiam captar. Por isso, com permissão de José, deixei que pegasse o menino. Ele o tomou em seus braços trêmulos, sempre sob nosso olhar atento, cuidando para que não caísse. Beijou-lhe a fronte e logo nos devolveu. Para surpresa nossa, quando Jesus já estava em meus braços, ele pôs-se de joelhos diante dele, coisa que, como sabes João, jamais fazem os judeus diante de ser humano algum, pois isto é rigorosamente proibido. José rapidamente o ajudou a levantar-se, para que não fosse visto por algum sacerdote e acusado de blasfêmia.

Havíamos já nos despedido dele e de Ana, e nos dirigíamos à saída do templo para evitarmos a turba de curiosos que queriam contemplar o menino, quando ouvimos um grito seu às nossas costas.

Voltamo-nos, temendo que tivesse desmaiado e necessitasse de nossa ajuda. Então o vimos com as pernas abertas e os braços dirigidos ao céu. Seu cajado nodoso encontrava-se no chão a seu lado. Parecia realmente uma figura profética das que nos falam nossos anciãos.

Seu grito havia sido de dor, de dilaceração, quase de terror.

Seu olhar estava cravado no céu e assim continuou durante alguns minutos. Rapidamente voltou a se formar um círculo ao seu redor, desta vez mais consistente. Muitos dos assistentes habituais do templo o conheciam e o respeitavam. Assim, todos tiveram consciência de que acabara de receber uma inspiração do céu.

Passado um tempo, baixou os braços, seus ombros se abateram

como se tivessem recebido um grande peso. Olhou-me bem nos olhos. José e eu

nos havíamos aproximado dele, sempre dispostos a sustentá-lo se fraquejasse e caísse no chão. Estávamos bem próximos, eu quase sentia seu hálito sobre meu rosto. Falou-me em voz baixa, em tom de agonia. "Este foi colocado", disse, "para a queda ou a ascensão de muitos em Israel, e como sinal de contradição, a fim de que se revelem as intenções de muitos corações. E a ti, uma espada traspassará a alma."

José me abraçou e puxou-me pelo ombro. Porém eu não podia deixar de olhar Simeão, de cujos olhos começavam a rolar grossas lágrimas. Estávamos rijos no meio daquele círculo de curiosos que começavam a comentar o que existia de estranho na profecia que aquele ancião havia lançado sobre o menino e sua mãe, sem saber se se tratava de uma bênção ou de uma maldição, pela ambigüidade do conteúdo. Simeão, de repente, deu meia volta e se afastou de nós rapidamente, soluçando. Ana o seguia, perguntando-lhe o que vira e a que se referia, por que me havia dito aquelas palavras tão terríveis com referência à espada. Imóveis, vimos que se afastavam e desapareciam em um dos pátios do templo. A multidão se voltou curiosa sobre nós e nos custou muito trabalho nos livrarmos das pessoas e sair do templo, com um susto enorme no corpo e na alma.

Andando até Belém, tivemos tempo de meditar sobre o que ocorrera. Em vão José tentou classificar o fato como sem importância. No entanto, sabíamos que era e se tratava de um novo aviso do céu. E o pior é que não sabíamos a que se referia o ancião quando pronunciara sua estranha profecia. Senti então como se um anjo passasse sua doce mão pelo meu coração oprimido. Anoitecia e o céu, de acordo com a estação, estava coberto de nuvens que encobriam a luminosidade da tarde. No entanto, notei que a claridade do Senhor nos envolvia e recuperei a paz. "Olha", disse a meu marido

"convém que vejamos o lado bom das coisas. Os dois anciãos nos deram uma lição maravilhosa e, sem dúvida, falaram por parte de Deus. O mais importante é que este menino de quem temos que cuidar é, efetivamente, o Messias. E que seu trabalho será redimir seu povo. Porém sabemos que esta tarefa vai acarretar dificuldades.

Em todo caso, por trás sempre estará o Todo-Poderoso que velará por ele como o fez até agora. E, quanto a mim, me dá medo a história da espada, porém acredito que esse é o papel de todas as mães, viver sempre sofrendo por seus filhos, temendo suas desgraças e padecendo mais do que eles mesmos quando existe

sobrecarga.

Quando aceitei o convite do anjo, não o fiz para cobrir-me de glória e ser homenageada pelas mulheres de Israel como mãe do Messias, e sim para ser útil a Deus. Só peço ao Senhor que tudo aquilo que tenha de acontecer comigo sirva para aliviá-lo. Que eu sofra, porém que ele não padeça. Que a espada que deve traspasar meu coração, como profetizou o bom ancião, não entre no coração de nosso filho.

E que Deus me dê forças para tudo suportar.

Foi assim que transcorreu aquela estranha jornada.

Chegamos à nossa humilde casa e, já nos preparávamos para regressar o mais cedo possível a Nazaré, quando nos aconteceu algo que voltou a introduzir o mistério em nossa vida.

## O GRITO DE RAQUEL

Era de manhã. Eu já estava bem recuperada das fadigas do parto, que, como te contei, na realidade não haviam sido tantas. O

menino era esperto e abria bem os olhos para fixá-los, ainda meio desajeitado, em seu pai e em mim, assim como naquelas pequenas coisas que lhe colocávamos na frente. Era tranqüilo como um

entardecer no lago da Galiléia, e belo como uma lua cheia. Já fazíamos planos, João, como te disse ontem, para regressar a Nazaré e, inclusive, prevíamos uma pequena escala em Ain Karem, que fica ao norte de Jerusalém, para passar uns dias com Zacarias, Isabel e o pequeno João.

E no meio daquela manhã, ouvi um grande alvoroço no povoado. Nossa habitação ficava no sopé da colina, no lado oposto ao caminho que une Belém a Jerusalém, mas, pelo que chegava até mim, devia estar ocorrendo algo grande na aldeia. Eu me encontrava só, pois José havia saído para buscar trabalho, seja no campo com a terra ou com o gado, seja fazendo algum serviço nas casas. Agora, em Belém havia dinheiro em abundância por causa da chegada de forasteiros e muitos aproveitavam para melhorar seus lares. Nesse momento, meu marido abriu de golpe a esteira que servia de porta à nossa casa e entrou muito agitado. "Acabam de chegar ao povoado uns personagens misteriosos, em uma caravana

com camelos e cavalos. Vêm perguntando pelo Messias. Toda a aldeia saiu para recebê-los, e ninguém sabe informar-lhes quem é o Messias.

Encontrei dois de nossos amigos pastores, que me olharam preocupados e lhes fiz um sinal para que se calassem. Um deles foi em busca de Rasão, enquanto eu corri para casa. Não sei se devemos fugir ou se teremos que deixar que nos encontrem."

Ainda falava quando se apresentou um homem muito bem vestido à porta de nossa casa. Atrás dele, a curta distância, estava aquele pastor que tinha insinuado que nosso filho era um impostor porque não nascera com sinais externos de grandeza. Apesar das advertências dos outros, não teve dúvidas em contar aos nobres senhores que sabia onde estava o presumível Messias e, imediatamente, após receber uma propina, trouxe-os à nossa casa.

Não sabia se o que conduzia até nossa casa era o bem ou o mal.

Havia feito isto por despeito e por avareza. Porém, sem saber, como ocorreu anos mais tarde com nosso pobre Judas, serviu a Deus como instrumento. De novo os caminhos tortos. De novo Deus atuava extraindo o bem inclusive do pecado.

O caso é que acertou. O primeiro que se apresentou era um criado. Logo entraram seus senhores. Eram três, vestidos de maneiras bem diferentes. Um deles era da cor dos escravos núbios que algumas vezes vimos nas comitivas romanas, mas, ao contrário dos escravos, não estava esfarrapado, mas sim vestido com elegância como seus companheiros. José, como sempre fazia diante de algum perigo, se interpôs entre o menino e eu, e lhes perguntou sem elevar a voz, mas com firmeza, quem eram e o que queriam.

"Somos sábios", responderam, "e viemos do Oriente. Nas terras de onde um dia saiu este povo eleito e numeroso, dedicamo-nos a pesquisar as estrelas. Conhecemos o Deus Altíssimo e somente a Ele cultuamos, apesar de não sermos da vossa raça. Por isso, há meses, um dia recebemos dele uma mensagem que nos convidava a deixar nossa terra, como fez o vosso pai Abraão, em busca de alguém que haveria de nos revelar a plenitude da sabedoria. Esse alguém não poderia ser outro senão o rei dos judeus, o descendente de Davi e do grande Salomão. Assim viemos à capital, Jerusalém, e fomos ao palácio de Herodes por supor que seria ali, dentre sua descendência, onde Yaveh teria escolhido o

Messias. Herodes não sabe de nada e inclusive nos pediu que lhe disséssemos onde se encontra o Messias para vir também prestar -lhe homenagem e ceder-lhe seu trono. Os sábios de Israel nos contaram que é nesta aldeia de Belém, berço de Davi, onde a profecia diz que nascerá o redentor do povo e por isso viemos. Agora, este homem que está aí fora nos contou sobre a aparição do anjo aos pastores e, embora lhe pareça que sois impostores, aceitou em mostrar nos o caminho. Queremos

saber se aqui está o Messias e se assim é, que nos deixeis vê-lo."

José lhes barrava o caminho, embora permanecesse em silêncio, indeciso. Então eu me adiantei e com o menino nos braços, protegendo-o sem escondê-lo, disse: "Aqui está. Não sei se convosco se passará o mesmo que se passou com o pastor que vos trouxe a esta casa e vos decepcionará seu aspecto pequeno e nossa pobreza.

Não é tarefa nossa convencer-vos de nada porque não vos chamamos e tampouco necessitamos de vós. Somente afirmo que este é o Messias. Se acreditais ou não, é assunto vosso". Neste momento, o menino abriu os olhos e fitou-os. Asseguro-te, João, não fez nada mais, nem um único gesto extraordinário ou impróprio para um pequenino como ele. Mas bastou aquele olhar para que os três, ao mesmo tempo, caíssem de joelhos. Não só isso. Naquele mesmo instante puseram-se a chorar. Um deles, de nome Melchior, disse então, chamando-me pela primeira vez com o título que agora tantos me dão: "Senhora, mãe do Salvador de Israel e de todas as nações, não podes entender o que sentimos. Passamos a vida toda buscando a sabedoria. Deixamos nesse empenho nossa juventude e muitas possibilidades de prazeres, e tudo isto demos por bem feito com a finalidade de consegui-lo algum dia. Somos famosos não só em nossa cidade, como também na Grécia, em Roma e ainda na longínqua Índia. Nossos amigos são os mais célebres sábios do mundo e eles nos consideram como os primeiros dentre todos. Pois bem, o que acabamos de ver é a ruína de nosso conhecimento. A sabedoria, digníssima senhora, não é uma idéia, um pensamento, um conceito que se pega e se formula, com o qual se trabalha dia e noite dando-lhe voltas e polindo-a como os rios fazem suavemente com as pedras, dando-lhes golpes constantes. A sabedoria, senhora, é uma criança.

A sabedoria é a vida. A sabedoria é que Deus se lembrou dos homens e decidiu voltar a intervir em seu auxílio. A sabedoria é o amor que há nessa criatura, tão frágil que qualquer tirano pode matar, mas tão poderosa que, sem violência, pode

mudar o mundo. O

amor, nobre senhora, é a soma de todos os conhecimentos e o resumo de todo o saber. E isto, embora nem tu nem teu marido saibais, é aquilo que proteges agora em teus braços".

Os magos nos ofereceram presentes de grande valor e cheios de simbolismo. O ouro, o incenso e a mirra. Confundiram-me um pouco suas palavras e tive depois muito tempo para meditar sobre elas, bem como sobre o fato de que tantos choraram ao se encontrarem com meu filho. Estava emocionada, embora sem medo algum. O povo inteiro de Belém se amontoava à porta de nossa casa, pois tinha seguido os forasteiros, e só os criados dos três estrangeiros conseguiam manter as pessoas do lado de fora.

José os convidou a se sentarem nas banquetas que ele mesmo havia fabricado. Queriam saber tudo, e tudo lhes contamos.

Ficavam cada vez mais admirados. Curiosamente, também eles, como tinham feito nossos amigos pastores, como o ancião Simeão no templo, me pediram para segurar por um momento o menino nos braços. Era como se tocá-lo atraísse a todos irremediavelmente.

"Cuidar dele", diziam, "é o melhor dos presentes. Ao ter podido servi-lo por um instante, já nos sentimos recompensados."

Advertiram-nos do medo que Herodes lhes inspirava e de que um nobre ancião judeu, daqueles que vivem no palácio, lhes havia aconselhado às escondidas a burlar a vigilância do rei, pois o que o rei jamais faria era colocar seu trono à disposição do Messias.

Assim nos disseram que, à saída, iriam contar a todos de Belém que tinham se equivocado, dizer que nós não éramos as pessoas que eles buscavam, para afastar as suspeitas, mas que seria bom que fôssemos embora o quanto antes.

Disseram isto, tomaram por cortesia os alimentos e a água fresca que lhes ofereci e, tão rápido como vieram, foram embora.

Durante um longo tempo pudemos ouvir a algazarra do cortejo da gente que os seguia. Alguns tentavam entrar na casa, porém José, Rasão e os outros pastores, postados à porta, impediam que me importunassem. A noite caiu rapidamente,

pois estávamos em pleno inverno, embora já tivesse começado a aumentar o espaço do dia, e com as sombras tudo voltou à calma.

"Que faremos, Maria?", perguntou meu marido, sentado junto a mim, enquanto Jesus dormia no velho presépio que ainda continuava a lhe servir de berço.

"Estes estranhos mensageiros de Deus nos aconselharam a ir embora o quanto antes. Por mais que eles tentem despistar Herodes, os espiões do rei devem tê-los seguido até aqui e é provável que, a essa altura, já o tenham informado desta visita. Amanhã, ou nos próximos dias, poderemos ser atacados por seus comparsas. Por isso, creio que devemos ir embora o quanto antes. Nós já tínhamos pensado em partir, assim só falta acelerarmos o nosso regresso a Nazaré sem passar pela casa de Isabel como planejamos."

Lembro que o tranqüilizei e que concordei com seus planos.

Estava tão desconcertada, tão surpresa e, no fundo, tão alegre, que nem mesmo se tivesse aparecido em nossa porta uma patrulha romana eu teria me inquietado. Aconselhei-o a dormirmos o quanto antes e que ao alvorecer começássemos a preparar tudo para partir naquele mesmo dia.

Porém, não haviam terminado ainda os imprevistos da jornada. Estávamos já dormindo quando uma luz vivíssima nos sobressaltou, inclusive o menino, que despertou mas não chorou e ficou olhando fixamente aquilo que, pouco a pouco, se vislumbrava por trás da luz. Poderás pensar, querido João, que já estávamos tão acostumados à aparição de anjos, aos oráculos de veneráveis anciãos e às visitas de magos portentosos que aquilo se havia convertido em algo rotineiro. Não foi assim. Nem para José, nem para mim, embora o menino, com seu mês quase recém-completado, nada parecesse estranhar.

O caso é que o anjo se ajoelhou diante do berço de Jesus e roçou o solo com sua face. Logo, como pela primeira vez, beijou minha mão e, por último, com uma reverência e voz respeitosa, se dirigiu a José: "Levanta-te," disse, "toma contigo o menino e sua mãe e foge para o Egito. Ali aguarda até que eu te diga. Herodes vai procurar o menino para matá-lo". Não disse mais nada e nós também não perguntamos. Tudo estava bem claro. A única diferença era que, se antes planejavamos ir para o norte, agora Deus nos dizia que era mais seguro que fôssemos para o sul.

O anjo desapareceu e José e eu não duvidamos do que dissera nem por um

instante. Em pouco tempo recolhemos nossas coisas e carregamos o burrico. Com o menino bem agasalhado e bem colado ao meu peito, empreendemos a fuga. Saímos da aldeia em plena noite, porém, para o caso de alguém nos seguir, tomamos o caminho contrário e fomos em direção a Jerusalém. Após havermos percorrido uma distância providencial por atalhos e trilhas, pusemo-nos a caminho do Egito.

O que mais senti foi não nos despedirmos de nossos amigos.

Rasão e os outros haviam sido muito bons conosco e agora tínhamos que fugir assim, sem nada dizer. Porém José me havia feito calar quando comentei este fato, alegando que era melhor para eles não saberem nada de nós caso fossem interrogados pelos enviados de Herodes. Além do mais, nem todos eles mereciam nossa confiança como pudemos constatar ao conduzirem os magos à nossa casa. No entanto, compreenderiam perfeitamente o que havia se passado,

pois não tinham estado com José em vão, depois que os magos se foram, comentando o risco que o menino corria se Herodes chegasse a localizá-lo. "Felizmente," disse José, "não lhes menti quando disse hoje à tarde que pensávamos em ir para Nazaré o mais cedo possível, pois era isso que acreditávamos fazer. O caso é que, se alguém lhes perguntar, é o que responderão, pois não saberão nada mais.

"O resto da noite quase não nos falamos. Procurávamos nos fixar atentamente no caminho, para evitar tropeços, coisa que não era difícil graças à magnífica lua que brilhava no céu. Ao amanhecer já nos encontrávamos longe de Belém e mais longe ainda quando fizemos a primeira parada para nos alimentar. Foi então que José desabafou.

"Não entendo nada do que está se passando", disse. "Não entendi nada desde o primeiro momento, ainda que tenha feito esforços para aceitar tudo e colocar-me ao serviço dos planos do Altíssimo. Mas sair fugindo como criminoso, no meio da noite, isso sim me preocupa. Ensinaam-nos, Maria, que Deus premia os bons e castiga os maus e que, portanto, quando alguém é castigado é porque é mau. Que fizemos nós de mal para ter que fugir? Por que o Todo-Poderoso não nos envia um exército de anjos para enfrentar as legiões romanas se estas se atreverem a atentar contra seu Messias? Será que isto vai acontecer sempre? Que perigos nos aguardam nessa terra estranha para onde vamos e na qual padeceram tanto nossos antepassados? Teremos que nela permanecer para sempre e será que

Jesus terá de voltar à frente de um exército para libertar Israel?".

Como eu também estivera meditando durante as longas horas de viagem e as minhas perguntas eram parecidas, pude responder-lhe algumas. "Querido José," disse, "lembra que a nós não cabe entender, e sim apenas ter fé. O que ocorreu não é fruto da inteligência humana, e sim dos planos de Deus. Nosso dever é obedecer e seguir o mais fielmente possível a vontade divina. É

verdade que somos como um canavial açoitado pelo vento, como uma folha seca carregada daqui para ali sem que possamos evitar. É

verdade que, há quase um ano, tua vida e a minha mudaram tanto que não se parecem em nada com aquilo que havíamos planejado.

Porém nem a ti nem a mim cabe a menor dúvida de que Deus está por trás de tudo isto e assim deveremos ter confiança, aconteça o que acontecer. Com referência ao que dizes sobre prêmio e castigo, sei que é isto que se ensina em todas as sinagogas, porém também é certo que alguns profetas falam diferente, inclusive aí está a história de Jó, que sofreu sendo inocente. O sofrimento é um mistério e sempre me pareceu fácil demais atribuí-lo a um castigo de Deus pelos pecados daquele que está sofrendo. Nosso filho, em todo caso, é absolutamente inocente e, vejas, nem nasceu no melhor dos palácios como merecia nem tem a seu serviço uma corte de criados.

Também não pode crescer tranqüilo sem que seja ameaçado por mil perigos. Mas, enfim, o que te digo, José, são coisas de uma jovem inexperiente como eu. Por isso peço que te tranqüilizes e que estejas seguro de que nem no Egito nem em qualquer outro lugar Deus deixará de proteger nos, ainda que tenhamos que fugir até o fim de nossos dias. O importante é salvar nosso filho e isto, até o momento, estamos conseguindo". José se acercou de mim e me beijou a face. Fazia isto poucas vezes e sempre com um grande respeito. Mas naquela ocasião senti que era um beijo de um filho em sua mãe, como se, embora fosse o homem da casa e bem mais velho do que eu, minhas palavras-lhe tivessem servido de apoio e ele tivesse encontrado em mim o ânimo que estava começando a lhe faltar.

A viagem ao Egito foi difícil. Fizemos muitas escalas e conhecemos muita gente diferente. Movíamos-nos sempre em caravanas

de judeus, pois o tráfego comercial entre Alexandria e Jerusalém era constante,

dado que naquela grande cidade egípcia havia uma colônia judaica considerável. Ali vivemos alguns anos, até que, outra vez, o anjo nos avisou que já havia passado o perigo. A morte de Herodes e as lutas que se desencadearam entre seus descendentes fizeram com que nosso caso fosse esquecido e podíamos regressar sem perigo. Em todo o caso, como Arquelau, filho de Herodes, reinava na Judéia, demos uma grande volta sem passar sequer por Jerusalém, e nos instalamos na Galiléia, em nossa querida Nazaré.

Foi no caminho de volta, porém, viajando em uma caravana de Gaza até Jerusalém, que nos inteiramos de tudo o que havia ocorrido após nossa saída de Belém. José algumas vezes participava das tertúlias que se organizavam à noite em torno da fogueira do acampamento. A história que contavam naquele dia chamou-lhe a atenção e logo veio contá-la para mim. Comentavam-se os últimos acontecimentos políticos, a difícil herança de Herodes e os últimos anos desse sanguinário rei. Um dos que falavam, para destacar sua crueldade, disse que, quatro anos antes de morrer e estando Herodes muito preocupado com sua sucessão, apresentaram-se em Jerusalém três magos da Babilônia em busca do Messias. Segundo esses astrólogos, se havia nascido e acreditavam poder encontrá-lo no palácio do rei, como era lógico. Como fazia tempo que Herodes não tinha filhos, apesar do grande número de concubinas, reconheceu que não era em sua casa que havia nascido o Messias. Tramou a morte dos magos, mas antes os enviou em busca de quem, segundo a profecia, seria o libertador de Israel, porque, se sua existência chegasse aos ouvidos do povo, se tornaria um sério rival a herdar seu reino, destronando seus filhos. O caso é que os magos lograram burlar a vigilância de seus espiões e ele só pôde saber que o nascimento ocorrera em Belém.

Como havia muita gente nesse povoado por motivo da inscrição no registro romano, era muito difícil saber quem nascera ali e quem não. Também não se sabia havia quanto tempo nascera o menino, pois os magos não tinham precisado sua idade, se bem que disseram tratar-se, com toda a certeza, de um menino pequeno.

Herodes demonstrou sua crueldade, mandando seus soldados matar todos os meninos menores de dois anos, de Belém e dos arredores, para assegurar-se de que não deixaria vivo aquele que diziam ser o Messias. Aquela foi, terminava o narrador, uma de suas últimas atitudes e anos depois morreria sofrendo dores horríveis. Outro narrador, que também conhecia como ninguém a história da Judéia, lembrou que alguns sábios de Jerusalém, ao terem conhecimento da

horrível notícia da matança dos meninos, citaram um oráculo do profeta Jeremias: "Um clamor se ouviu em Ramá, muitos choros e lamentos.

É Raquel que chora seus filhos e não quer se consolar, pois já não existem". Ninguém sabe, diziam os narradores, se Herodes teve êxito em sua intenção de acabar com o Messias. Provavelmente sim, concluíam, porque não se ouvira falar mais nada dele.

José não disse nada e se limitou a escutar. Ao cabo de um tempo se levantou e regressou à tenda onde eu o esperava com o menino, que já tinha cinco anos. Ninguém suspeitava que éramos nós os protagonistas da história. Todos nos viam como uma família que regressava a Israel após ter estado no Egito para fazer fortuna, fortuna que, por certo, não era outra senão os esplêndidos presentes que os magos nos haviam deixado quando foram embora e que, sabiamente administrados por meu marido, permitiram-nos não somente sobreviver no Egito, como também nos instalarmos em Nazaré com certa comodidade.

Nem José nem eu pudemos evitar as lágrimas quando ele me relatou a história que acabara de escutar junto à fogueira.

Pensamos nos meninos da aldeia que pereceram nas mãos do tirano e também no possível destino de alguns de nossos amigos, quando interrogados brutalmente pelos asseclas de Herodes em busca de pistas sobre nosso paradeiro. "E, tudo por quê?", nos perguntávamos.

Nesse momento, nosso filho despertou. Ergueu a cabeça e perguntou o motivo de nossas lágrimas. Logo se levantou, acercou-se de nós e começou a cobrir-nos de beijos. Eu o abracei, num misto de medo e de ternura. Secamos nossas lágrimas e nos dispusemos a seguir em frente. O porquê do ocorrido lá estava, naquele menino de cinco anos, que fazia todos felizes sem saber do dom que possuía e pelo qual todos se sentiam estranhamente atraídos. O porquê estava, principalmente, na maldade dos homens, em não aceitar os planos de Deus. Era o pecado que meu filho viera derrotar e que nos seus últimos estertores dava terríveis golpes, fazendo dano a justos e injustos, assim como o sol que brilha para os maus e os bons. Era de Deus a culpa? Era Deus responsável pelo mal do mundo e pelo pecado dos homens por tê-los tornado livres? Era Deus, em última instância, o culpado pela matança dos inocentes ao colocar em andamento o processo da redenção, com o nascimento de meu filho? Não. Deus havia feito

tudo bem, desde a criação do mundo até a concepção de meu filho, inclusive ao nos criar à sua imagem e semelhança. Éramos nós que utilizávamos aquela liberdade para nos voltarmos contra Ele e contra nós mesmos. E agora era novamente Deus que queria intervir na história para nos dar uma nova oportunidade. Por desgraça, não seria fácil consegui-la, porque o Maligno não abandonaria o terreno conquistado sem uma luta ferrenha.

## EDUCAR A DEUS

Nosso regresso a Nazaré causou sensação. Havia mais de cinco anos que não recebiam notícias nossas. Inclusive alguns achavam que tínhamos morrido. A história de minha gravidez prematura foi esquecida, ou, pelo menos, ninguém se lembrou dela.

No fundo, não era tão importante, considerando que ocorreu dentro do casamento, porque eu já estava casada com José mesmo que ainda não estivéssemos vivendo juntos.

Encontrei meus pais muito envelhecidos e bem preocupados conosco. Ana disse-me que em momento algum temera por mim e por meu filho, tampouco por José, porque isso seria o mesmo que duvidar de Deus. Estavam seguros de que nos encontrávamos bem, porém o fato de não terem notícias nossas confirmava a suspeita de que havíamos tido problemas, pois, do contrário, teríamos enviado algum recado. Eles, por sua parte, haviam contatado Isabel em Ain Karem, que também nada sabia de nós. Os empregados de Manassés, nosso amigo de Caná, perguntavam aqui e ali, quando viajavam com suas caravanas, e tudo parecia indicar que tínhamos sido tragados pela terra. Contudo, insistiam meus pais, para eles era mais forte a certeza de que Deus nunca abandona seus filhos do que a falta total de notícias. Assim, em meio a preocupações, nunca tinham perdido a esperança de voltarem a nos ver algum dia.

A notícia da matança dos meninos em Belém chegou a Nazaré, como às demais aldeias da Galiléia, mas a versão que circulou por nossa terra nada tinha a ver com aquilo que realmente acontecera. Para aqueles camponeses do norte, tão imersos em suas coisas e tão alheios à vida política, o rei tinha grande prestígio e era difícil para eles dar crédito às críticas que os mais instruídos teciam sobre ele. Por isso acharam que se tratava de um ajuste de contas, cruel e desumano, porém com o objetivo de esclarecer a linha sucessória do trono. Inclusive, disse-me Joaquim, alguém

tentou justificar a ação, alegando que assim haveria menos pretendentes e que não correríamos o risco de uma guerra civil.

Em Nazaré, ninguém suspeitou que pudéssemos estar implicados na terrível matança e que algum dia Herodes nos tivesse procurado para acabar com Jesus. Contamos a todos a parte da verdade que achamos mais prudente, para justificar de algum modo nossa ausência, e assim dissemos que José fora chamado ao Egito por um poderoso senhor que lhe oferecera um bom trabalho e que, acabado o serviço, o havia despedido dizendo que poderia regressar de novo para sua terra. Como não viemos mal equipados, já que José soubera aumentar moderadamente os bens que os magos nos deixaram, foi fácil acreditarem. Instalamo-nos em Nazaré, na antiga casa de José, que durante todo aquele tempo permanecera fechada, e ele pôde adquirir algumas ferramentas novas para seu trabalho, colocando em prática certas técnicas que aprendera nas oficinas dos artesãos do Egito. Isso nos permitiu viver com certa folga, sempre dentro da humildade de nossa estirpe, que coincidia com os nossos desejos.

Tudo voltou à normalidade. Tínhamos tanta vontade deste tipo de vida que, durante muitos anos, não nos perguntamos da possibilidade de que as coisas pudessem ou devessem ser de outra maneira. Vivíamos, José e eu, em mútua dependência e, principalmente, do menino. Mas não estávamos fechados em nós mesmos, em nossa família. O mais importante em nossa casa era o respeito devido a Deus. Os nossos familiares também eram importantes, meus pais, os parentes de José e os meus, com os quais mantínhamos uma relação muito estreita, tanto que a pequena abundância de que desfrutávamos nos permitiu ajudá-los em várias ocasiões. Os amigos também eram importantes. Continuamos mantendo relações com Manassés e Lia, de Caná, que haviam tido mais dois filhos. Apesar da distância, não perdíamos ocasião de enviar e receber notícias de Zacarias e de Isabel, bem como do pequeno João, que, desde o princípio, deu mostras de seu caráter decidido e de sua indiscutível fidelidade a Deus. E não menos considerados eram todos os outros, os vizinhos da aldeia, os pobres, os doentes, os que passavam pela aldeia como emigrantes. A todos procurávamos ajudar na medida de nossas possibilidades, primeiro com o coração e, se necessitavam, também com dinheiro. Esse foi o ambiente no qual Jesus foi criado, educado e aprendeu a viver como um homem.

Nossa vida transcorria bem normal, o que para nós era um grande presente. No entanto, se assim parecia de fora, não ocorria o mesmo dentro de nosso lar. Não me refiro às relações entre mim e José, que permaneciam dentro de um amor

verdadeiro e casto como nos propusemos desde o princípio. Refiro-me ao desenvolvimento de nosso filho.

À primeira vista, Jesus era um menino como os outros. Bem, não exatamente como os outros, porque era lindíssimo. Alguns dirão, João, que eu exagero e que é paixão de mãe. Porém tũ, que o amavas quase tanto quanto eu, sabes que meu filho era de verdade muito formoso, embora o tivesses conhecido já como homem, enquanto eu tive a imensa felicidade de vê-lo crescer dia a dia a meu lado.

Jesus era um menino como os outros, ao mesmo tempo bem diferente. Brincava, como todos, porém ria mais do que todos.

Era ele que mais facilmente se tornava chefe de sua turma, mas se negava a isto quando tinha que enfrentar outro menino que aspirava ao mesmo objetivo. Assim foi reunindo um grupo de amigos que tinham outros gostos e não consideravam diversão brincar de matar romanos e atirar pedras nos ninhos ou fazer travessuras nos campos semeados. Um desses amigos fiéis foi seu primo Tiago, que muitos

acreditavam ser seu irmão, porque se pareciam muito e andavam sempre juntos.

Isso, porém, não era o mais significativo. Seu domínio interior e uma espécie de superioridade que ele não reivindicava e pela qual não lutava eram notados por todos. José e eu víamos outras coisas que nos advertiam de que, por trás da aparente normalidade, estava se preparando a aparição pública do Messias.

Lembro, por exemplo, de quando morreu Joaquim, meu pai. Não fazia muito tempo que estávamos instalados em Nazaré.

Apenas alguns meses. Creio que Jesus já havia completado seis anos. Estava na idade em que as crianças querem saber o porquê das coisas. Minha mãe aceitou a morte de meu pai com serenidade porém com grande dor. Sempre tinham sido muito unidos, passado por muita coisa juntos e esta perda foi para ela um duríssimo golpe.

Jesus, com seus seis anos e sempre com um sorriso pronto nos lábios, encontrava-se pela primeira vez frente a frente com a morte.

Ficou muito tempo olhando, como que enfeitiçado, o avô morto.

Tanto tempo assim estive que Ana e eu nos demos conta de que algo estranho estava acontecendo com ele e tememos que para seu espírito sensível e cheio de vida pudesse vir a ser um duro golpe a contemplação tão direta da morte. Aproximei-me dele e, com suavidade, tirei-o da sala onde estava o cadáver de seu avô. "Não chores", disse-lhe. "O avô descansa no sheol, o lugar dos mortos, e ali espera junto com o patriarca Abraão a redenção que Yaveh lhes concederá algum dia."

Apenas lhe disse isto e ele se virou para mim. Seu rosto estava iluminado, como quando descobria algo que lhe trazia muita alegria e vinha correndo me mostrar, para que eu também me deleitasse: "O momento da ressurreição está próximo", afirmou.

"O avô é um justo e não tardará em ser admitido no céu, que não tem nada a ver com o sheol de que falam na sinagoga."

"E tu, que sabes disso?", perguntou-lhe minha mãe, que ouvira interessada a resposta do menino. "Quem te falou da ressurreição, se nem todos de nosso povo acreditam nisso, e nós que acreditamos sequer sabemos como será? o que daria eu para ter certeza de que meu Joaquim descansa em paz e poderá desfrutar logo da presença do Altíssimo!"

Aquela foi a primeira vez que disse a palavra crucial, a primeira vez que se referiu a Yaveh, a Deus, como seu "Pai". A princípio não nos demos conta porque, como sabes, João, tinha outros significados. O equívoco só seria desfeito mais tarde.

Respondeu à minha mãe, com sua eterna calma, como se fosse a coisa mais natural do mundo: "Avó, quem me disse isso foi meu pai.

E também me disse que o avô Joaquim está bem e não devemos sofrer por ele. Disse-me que está vivo."

Aquilo foi demais para Ana, que se pôs a chorar e teve que sair. Então peguei o menino e o apertei contra mim. Sentei-me à sua frente de forma que meu rosto ficasse quase à altura do seu.

Olhei-o fixamente nos olhos enquanto segurava seus ombros e lhe perguntei: "José te disse que teu avô está vivo? José falou da ressurreição dos mortos?". "Não, José não," respondeu, "foi meu Pai." E se soltou de meus braços para sair

à rua, correr com seus primos que o estavam chamando.

"Foi meu Pai." Aquela frase rompeu o véu de ingenuidade na qual acreditávamos estar vivendo. Certamente perguntei a José se havia dito ao menino como ocorrera sua concepção e seu nascimento. Como esperava, José não lhe dissera nada, tampouco Ana e, embora não mais estivesse vivo, podíamos ter certeza de que muito menos Joaquim lhe havia contado. Que sabia então o meu pequeno Jesus? o que estava descobrindo por si só? Estava só

ou era o próprio Deus que lhe ensinava o que nós não sabíamos?

Estariam surgindo à cabeceira de sua cama anjos noturnos para contar-lhe quem sabe quais segredos? Muitas perguntas nos fizemos, José e eu, e decidimos continuar vivendo com normalidade, porém mais atentos ao crescimento do menino. Combinamos que eu me encarregaria de falar mais com ele e não só de responder suas perguntas mas também de lhe perguntar, para poder averiguar o que Deus lhe ensinava, a fim de que nós também pudéssemos aprender.

Acima de tudo me preocupava, preocupava a todos nós, essa identificação de Deus como seu pai. Nunca, em nossa religião, ouvimos nada igual. Em nossa casa, nunca o chamamos assim.

Falávamos muito no amor de Deus, mas sempre deixávamos claro que era o amor que o Criador tem por suas criaturas: um amor de superior para inferior, do Todo-Poderoso a seus humildes servos.

Era um amor grande, infinito, pois procedia do Onipotente e se dirigia a nós, que não o merecíamos. Mas, entre isto e o fato de considerar Deus como um "Pai" havia um abismo. Um pai é, certamente, um superior ao qual se deve obediência, mas também é um igual, alguém que tem teu próprio sangue, inclusive alguém de quem um dia tu terás que cuidar, quando a curva da vida se inclinar para ele e tu ainda te encontrares no apogeu. Decerto que o menino podia dizer, por direito, que Deus era seu "pai", pois em sua concepção só existiu uma mulher e nenhum homem, mas ouvi-lo dizendo isso com tanta naturalidade e sendo ele tão pequeno nos enchia de assombro.

Acreditávamos mais que sua relação com Deus seria a de um profeta, um enviado para uma grande missão, o Messias em definitivo. Não nos demos conta da relação íntima que havia entre ele e Deus, como se somente a tarefa que deveria desempenhar a serviço do Altíssimo fosse importante.

Aquilo nos fez pensar muito, a José e a mim. Não posso dizer que para José era fácil, pois não foi assim. Não era simples ouvir seu querido filho chamar a outro de "pai", ainda que esse outro fosse o próprio Deus. A tensão suavizou-se um pouco, quando logo em seguida, Jesus se dirigiu a José chamando-o de "papai", como se nada tivesse ocorrido. Porém a semente estava lançada e tanto meu marido quanto eu ficamos conscientes de que não era tudo normalidade e que Deus estava trabalhando no espírito de nosso filho, e tínhamos que aceitar porque para isso ele havia nascido.

Não foi, porém, aquela a única ocasião que nos fez meditar e que nos surpreendeu. Vou te contar, João, outros casos mais.

Tinha o menino sete anos e sua vida era igual à de qualquer outra criança em Nazaré, com a diferença de que não dava a seus pais motivo algum de queixa. Um dia, estando José fora da aldeia e eu em casa, ouviu-se uma grande gritaria. O menino estava preparando umas madeiras na oficina, cumprindo a incumbência dada por José. Começara havia pouco tempo a ajudá-lo e a aprender o ofício de artesão, como faziam todos os meninos de sua idade, no campo, com o gado ou, como era o nosso caso, na própria casa.

A gritaria era muito grande e não pudemos evitar de ir à rua ver o que acontecia. Ele estava junto a mim. Quase no mesmo instante, passou uma comitiva diante de nossa porta. Um grupo de homens levava aos empurrões uma mulher rua abaixo, até os limites do povoado. A mulher, Séfora, era conhecida nossa. Era uma vizinha que vivia na parte alta do povoado e com a qual não tínhamos muito trato, porém a conhecíamos. Seus filhos não brincavam muito com Jesus e seus amigos e, em algumas ocasiões, chegaram a brigar com ele, como acontece entre as crianças. Atrás do primeiro grupo, a alguns passos de distância, ia outro, mais numeroso, cheio de mulheres. Não houve necessidade de perguntar nada, pois uma

vizinha já interrogava um dos componentes do grupo: "Que aconteceu? Para onde a estão levando?". Na verdade a resposta era óbvia: "Pegaram-na em adultério", respondeu um homem, "e vai receber o castigo que a lei estabelece para aquelas que enganam seus maridos. O rabino" - já não era o bom ancião que tivemos no povoado durante anos - "ditou a sentença e vamos apedrejá-la.

Assim servirá de lição a outras, que se aproveitam do fato de seus maridos estarem fora, trabalhando ou padecendo sob o jugo romano, para se portarem

como rameiras." De fato Séfora enganava o marido com um vizinho e aproveitava quando ele ia ao campo para receber o outro em casa. Finalmente, chegaram rumores ao enganado, que, preparando uma armadilha, pegou os dois no pior momento.

Eu estremei. Não havia passado tanto tempo desde que estive a ponto de me encontrar numa situação semelhante, ainda que por motivos absolutamente diferentes. O menino estava junto a mim, agarrado às minhas saias, e olhava curioso o desfilar da comitiva. Deve ter percebido alguma coisa porque disse, olhando-me muito sério como um homenzinho que saísse em minha defesa:

"Mãe, não te preocupes, contigo nada acontecerá." Logo em seguida, sem dar-me tempo para responder nem me recompor da surpresa ante o que acabara de ouvir, disse: "Vão matá-la? E que farão com o homem que estava com ela? Que acontecerá com seus filhos?".

Peguei-o e nos metemos dentro de casa. Fechei a porta e, enquanto o tumulto se afastava rua abaixo, sentei-o a meu lado: "Que sabes tu sobre o teu nascimento?", perguntei-lhe. Vi, de novo, a surpresa estampada em seu rosto, e um certo incômodo, como se eu estivesse perguntando algo óbvio, algo evidente que o fazia se sentir pequeno ao ter que falar sobre isso. "Mãe", perguntou, tentando fugir da resposta, "por que as mulheres que fazem algo mau são castigadas e os homens não? Será que só o que a mulher faz é errado e o homem pode fazer o que quiser?"

Eu insisti: "Filho, logo falaremos disso, mas antes me dize, o que sabes do teu nascimento? Algum rapaz da aldeia te contou algo? Os outros meninos te provocam?".

Quando viu que não conseguiria me distrair falando de outra coisa, aceitou responder minhas perguntas. Disse-me que sabia que Deus era seu Pai e sobre sua concepção não saberia responder. Inclusive perguntou-me se havia acontecido algo extraordinário. Apenas insisti em dizer que Deus era seu Pai e que José também o era, mas de outra maneira. Logo, um pouco constrangido, voltou a perguntar o porquê do castigo que se dava à mulher surpreendida em adultério.

Compreendi que o mistério ainda não lhe fora revelado em sua plenitude, porém pouco a pouco a borboleta estava saindo da crisálida e não demoraria muito para compreender quem era e para que tinha vindo. Compreendi e me assustei. Era um menino, um menino de sete anos. Era frágil demais para meter-se na luta no mundo dos homens. Assim, pedi a Deus que lhe desse mais tempo antes que iniciasse a missão que o anjo anunciara e o velho Simeão profetizara no templo. Mas não tive tempo de refletir. Jesus me sacudia, inquieto, repetindo a pergunta cuja resposta era urgente para ele. Assim, tive que dizer-lhe alguma coisa.

Primeiro tentei dar-lhe uma resposta que nem a mim satisfazia: "Fazem isso, para que sirva de exemplo a outras mulheres, evitando que enganem seus maridos".

"Por que, então, aos maridos não fazem o mesmo para que sirva de exemplo e ninguém engane sua mulher? Os homens podem pecar e as mulheres não?", replicou. Já sabes, João, que em nosso povo se diz que o importante é encontrar a pergunta adequada e não a resposta. Meu filho era um autêntico israelita que sabia levar

com garra o fio da questão até encontrar o que estava procurando.

Assim, não tive outro remédio senão continuar respondendo suas perguntas. Tentei o sentido tradicional, que todos empregam para justificar a diferença do trato entre o homem e a mulher, quando compreendi que aquilo não provinha de Deus e que, portanto, eu não devia dizer nem ele escutar. Então afirmei: "São costumes antigos que algum dia Deus fará com que mudem. Na verdade, filho, o pecado é o mesmo no homem e na mulher, pois se ela faz mal enganando seu

marido com outros homens, ele faz o mesmo com respeito à sua esposa. Todos deveriam sofrer o mesmo castigo e este não deveria ser, em nenhum caso, tão terrível, embora não se possa ignorar o delito como se nada tivesse ocorrido".

Aquela resposta pareceu deixá-lo satisfeito. Com um gesto rápido, como se, de repente, seu interesse mudasse de objetivo, me abraçou, me beijou e disse: " Seja como for, menos mal que a ti não aconteceu nada." E foi à rua procurar seus primos.

O beijo ainda me acariciava o rosto e ele já não estava comigo.

Mas estavam suas últimas palavras, semelhantes às que me havia dirigido no princípio de nossa conversa. Evidentemente, Deus lhe havia contado algo e ele não queria falar ou quem sabe não conseguira entender, limitando-se a intuições que mais tarde se tornariam conscientes. Talvez eu devesse tentar ajudá-lo a compreender, falando com clareza de sua origem. Às vezes dava-me medo e vergonha. E José, naquela ocasião, não me serviu muito, porque ele se atrevia menos do que eu a dizer algo, e muito menos opinar sobre o que devia ser dito. Decidimos esperar um pouco mais e continuar atentos ao que se passava na alma de nosso filho.

O que se passava, no entanto, para nós era um mistério. O

menino era tão normal que aparentemente nada acontecia. Nada, até que de repente ocorria alguma coisa. Poucos meses após o caso de Séfora, estava eu recolhendo água na fonte que existe na parte baixa do povoado, junto ao caminho, e ele estava comigo. Tinha completado oito anos e era muito forte, ajudando-me nesta e em outras tarefas da casa, embora já começasse a ir à sinagoga com o pai e a ouvir os outros meninos dizer-lhe que não deveria fazer trabalho de mulheres. Ele, como já disse, João, estava aquela manhã comigo. Já havíamos enchido dois jarros grandes, os que deviam ser carregados por mim, e estávamos enchendo os dois pequenos para ele. Nisso ouvimos, pelo caminho, a cantiga dos leprosos. Ouve-se de longe, como manda a lei, para que as pessoas possam se afastar deles e não se contaminar com a terrível doença. Nunca entram nos povoados e já sabes que todos os consideram malditos, vítimas de algum grave pecado oculto. Meu filho largou o jarro e dirigiu-se ao caminho. Eu corri atrás dele, sem preocupar-me com nada, quando o jarro caiu ao solo e se fez em pedaços. Consegui alcançá-lo quando já estava na porta e puxei-o para dentro. A cantiga do leproso indicava que estava a ponto de passar. Jesus tentava

soltar se, queria ver de perto um desses homens de quem tanto tinham falado seus primos. Consenti, porém de dentro da casa. Quando passou, o pobre homem olhou para onde estávamos e nossos olhares se cruzaram. Naquele momento, o menino deu um puxão e se soltou dos meus braços. Sem que eu pudesse fazer alguma coisa e apesar de meu grito, correu até o leproso. Ao chegar, parou. o homem também parou e inclusive retrocedeu, consciente de que aquele era um menino que desconhecia o perigo que corria se se aproximasse. Os dois se olharam e Jesus perguntou: "Como te chamas? Por que estás assim? É verdade que fizeste algo muito mau? Não te preocupes, pedirei a meu Pai que te cure. Tens sede?

Espera que vou te trazer água." Eu já me encontrava a seu lado e o havia pegado para evitar seu contato com o homem.

Compreenderás, João, que fiz aquilo que qualquer mãe faria. Mas, por outro lado, compreendi que havia algo de misterioso naquele gesto de meu filho. Tornou a soltar se de meus braços e entrou no recinto da fonte. Voltou com uma pequena tigela cheia de água.

Desta vez me pediu licença: "Mãe, deixa que eu lhe dê de beber?

Não tenhas medo que não vai me acontecer nada". Quis pegá-lo para que seus dedos não tocassem na carne apodrecida do enfermo, quando então me disse: "Deixa-me, tenho que fazer eu mesmo.

Devo cumprir o que manda meu Pai". "Espera," disse-lhe então,

"eu também quero cumprir o que teu Pai te pede." Assim, beijei a tigela que ele segurava e deixei que desse de beber àquele homem.

De qualquer maneira, eu não estava totalmente tranqüila, pois não podia me livrar do medo de que o menino pudesse se contagiar ao simples contato com o leproso. Assim pensávamos todos e eu era uma mulher de meu povo e não uma exceção.

Jesus lhe deu a tigela com um sorriso no rosto que era a própria expressão da bondade. O leproso estava estranhando tanta amabilidade, pois o máximo que recebia era comida e bebida que algumas boas pessoas deixavam no caminho, mas sem se aproximar dele. Eu mesma fiz isto em diversas ocasiões e às vezes Jesus me acompanhara, embora nunca tivesse visto um leproso de perto.

O doente pegou a tigela e um esboço de sorriso iluminou sua face. Foi quando estremeci, porque o menino acariciou sua mão enquanto deixava que pegasse o recipiente. O leproso bebeu e me pediu permissão para ficar com a tigela. "Obrigado," disse, "faz muito tempo que não sou tratado assim. Obrigado a ti, pequeno, que Yaveh te bendiga, pois creio que fizeste isso porque levas em teus olhos a bondade e a paz. Deu meia volta e foi embora. Enquanto se afastava, notei que estava mais ereto, com passo mais firme, como se tivesse recuperado sua dignidade.

Dias depois chegou a Nazaré a notícia de que um leproso se havia curado milagrosamente ao beber água de nossa fonte, dizendo terem-lhe aparecido dois anjos, um na forma de menino e outro na forma de mulher, que lhe deram de beber em uma tigela que ainda conservava. O povo não gostou nada disso, porque a notícia se divulgou por toda a região e eram muitos os leprosos que acudiam à fonte para ver se com eles também acontecia o mesmo. Foi solicitado às autoridades que colocassem homens armados pelos caminhos para que Nazaré não se convertesse em um local de peregrinação de enfermos.

"Sabes do leproso?", me perguntou Jesus muito contente.

Os meninos do povoado, como os outros habitantes de Nazaré, não falavam de outra coisa. "É o nosso!", exclamou. "Curou-se. Eu pedi a meu Pai que fizesse isso e Ele me ouviu. Estou muito contente, mãe." Faltou-me pouco para chorar, de forma que tive que me sentar.

Novamente o mistério batia à porta de nossa casa e, desta vez, como no tempo em que eu o levava dentro de mim e minhas orações serviram para salvar o filho de Lia, manifestava-se através de uma cura extraordinária, um verdadeiro sinal do poder de Deus, embora agora houvesse algo mais. Meu filho me ensinou que não existem barreiras para o amor e que o verdadeiro milagre está em romper essas barreiras.

Outro fato, que tu já conheces João, teve lugar anos mais tarde. Cada ano, na Páscoa, íamos a Jerusalém. Nem todos o faziam, mas para nós era muito importante. Aquela vez Jesus tinha mais de doze anos. Era um homenzinho. Alto, forte, belo, e tão bom e tranquilo que chamava a atenção. Tudo foi muito bem como sempre.

Talvez mais do que em ocasiões anteriores, Jesus, que já não era mais um

menino, estivera concentrado, muito atento aos ritos da

Páscoa e um pouco pesaroso com o espetáculo da matança dos cordeiros. "Pobres", disse um dia, para assombro de seu pai e de mim, "não são mais do que símbolos. O verdadeiro cordeiro está aqui e só ele poderá fazer realmente com que os pecados sejam perdoados." Não deu mais explicações nem nós as pedimos.

Terminadas as festas, voltamos à Galiléia. Depois da primeira jornada de caminho, quando nos preparávamos para descansar, fomos buscá-lo entre seus primos, que aquele ano não tinham ido a Jerusalém conosco. Acreditávamos que ele passara o dia todo junto com eles, pois tinham se tornado inseparáveis, principalmente de Tiago. Mas não estava ali. José para um lado e eu para outro, nos pusemos a procurá-lo por toda a caravana. A noite chegou e não encontramos Jesus. Não podes imaginar, João, a angústia e o medo que sentimos meu marido e eu e também o restante de nossa família.

Poderia ter-lhe acontecido de tudo, desde ter se perdido até estar agora largado em qualquer canto de Jerusalém, ferido ou até morto.

Compreendemos que não podíamos fazer mais nada além de esperar a manhã seguinte para regressar ao ponto de partida e reiniciar a busca. Passei a noite rezando e chorando. José, ao meu lado, em vão tentava me consolar. "É um homenzinho", dizia. "Verás que nada lhe aconteceu. Perdeu-se e deve estar agora em Jerusalém, quem sabe na casa daqueles meus conhecidos que moram perto do mercado ou na casa dos parentes de tua prima Raquel. Amanhã o encontraremos. Fica tranqüila e descansa."

Sua mão forte transmitia-me calor e ânimo. Pensei mais uma vez que a dor se fazia presente em minha vida. Não podia deixar de sofrer por ele, mas compreendi que naquela ocasião, como em tantas outras, o Senhor estava esperando um "sim" meu, um ato de confiança nele e que a sorte de meu filho não era assunto só meu e sim de Deus, que era o Todo-Poderoso e não deixaria que lhe acontecesse algo de mal. Ao menos, por enquanto.

Que momentos terríveis passamos, João! José e eu reviramos toda Jerusalém durante um dia e meio. Fomos às casas de nossos conhecidos e parentes, por mais longe que fossem. Já temíamos tê-lo perdido para sempre quando nos encaminhamos ao templo. Era o cair da tarde, o sol ainda não se havia posto, e

os rabinos e fariseus estavam reunidos no Pórtico Real para a oração. Ao entrar, vimos um grupo de pessoas discutindo. Não demos maior importância a isso porque era normal, dado o fato de que o nosso povo gosta muito de polêmicas e de se interrogar uns aos outros, ainda mais se forem assuntos religiosos.

Aproximamo-nos do grupo para perguntar se por acaso não tinham visto um rapaz perdido. Aí o vimos, no centro do grupo, sentado no meio dos mestres, escutando e perguntando, deixando todos surpreendidos. Eu não agüentei e, embora contra os costumes, entrei no círculo e me plantei diante dele. Na frente de todos, e nervosa como estava, disse-lhe: "Filho, porque nos fizeste isso? Olha para mim e para teu pai, que estamos angustiados, procurando por ti". Mais tarde compreendi que o havia exposto ao ridículo, pois o interrompera quando mantinha a todos boquiabertos, para repreendê-lo e tratá-lo como um menino. Contudo, ele não me respondeu aborrecido. Com calma, como se compreendesse meu estado nervoso, dono total da situação e sem dar importância às gargalhadas de alguns de seus debatedores que pretendiam assim se vingar da derrota dialética que lhes havia infringido, sorriu e me disse: "Por que me procuráveis? Não sabíeis que eu deveria estar na casa de meu Pai?".

Com a mesma calma com que falava, levantou-se, se despediu daqueles homens sábios e, abrindo o círculo, foi até onde estava José, que não ousara intervir. Eu, surpresa, o segui rapidamente enquanto o grupo se desfazia atrás de nós. Saímos os três, em silêncio, do Pórtico Real e empreendemos o regresso à nossa casa.

O mistério, João, sempre o mistério envolvendo sua figura e todos nós. Mas um mistério que se tornava cada vez mais tênue, que a cada dia era inundado pela luz e que se esforçava para mostrar-se a todos, a começar por nós. Foi o que Jesus não tardou a fazer com José e comigo. Mas isto, querido rapaz, contar te-ei amanhã.

## TRINTAANOS DE GLÓRIA

Se me perguntassem o que espero depois da morte, querido João, diria apenas uma coisa: voltar ao céu. É que eu já vivi no céu. E não durante uma fugaz temporada. Vivi no céu durante, pelo menos, trinta anos seguidos. Vivi no céu porque estava com Deus, quero dizer, com meu filho, convivendo com ele, desfrutando de sua presença, aprendendo com ele ao mesmo tempo em que lhe ensinava o pouco que eu sabia. Mas isso de que Jesus, o filho que se formou em minhas entranhas era Deus, da própria linhagem de Deus ou, como dizem os

gregos, da mesma natureza divina, para mim não foi muito claro desde o primeiro momento. Nem para José nem para mim. Foi o próprio Jesus quem nos ajudou a entender o significado profundo do que já sabíamos.

É preciso dizer, João, que tampouco ele sabia tudo com clareza desde o primeiro momento de sua existência. Do contrário, não teria sido um menino normal. Nele também a luz foi abrindo passagem pouco a pouco. Já te contei como havia iniciado a referir-se a Deus como seu "pai", para grande surpresa nossa e inclusive certo temor, porque esta designação soava como blasfêmia para José e para mim que éramos bons israelitas.

Deus é o Altíssimo, o Todo-Poderoso, aquele que vela por seu povo eleito de geração a geração, mas, desse conceito a chamá-lo "pai", como ele o fazia, há uma grande distância. E mais ainda, como meu filho pretendia, que essa paternidade não fosse somente simbólica e sim real e exclusiva sua, embora mais tarde a estendesse a todos nós.

Depois daquele episódio no templo, quando ele se perdeu e o encontramos explicando aos doutores uma nova forma de entender a lei, tivemos que esclarecer finalmente as coisas. José e eu compreendemos que havia chegado o momento e que ele já estava preparado não só para entender qual havia sido sua origem, mas também para nos explicar seu comportamento e, inclusive, sua missão.

Fizemos isso em seguida. Já na viagem a Nazaré, que empreendemos sozinhos, pois a caravana de galileus estava três dias adiante, dirigimo-nos a ele pedindo-lhe que nos explicasse com mais clareza por que havia ficado no templo sem nos avisar.

Em primeiro lugar pediu-nos perdão pelo mau pedaço que nos havia feito passar, porém assegurou que tudo fora fruto de uma confusão. Fez-me lembrar que, no dia da partida, pedira-me que o esperasse, pois teria que resolver urgentemente uma coisa no Pórtico Real, onde vira que os doutores da lei costumavam se reunir para discutir. No dia anterior, ficara ouvindo-os concentrado e tive que levá-lo embora quase à força. Eu, efetivamente, me dei conta de que falara disso, mas não imaginei que essa espera se prolongaria tanto. Com os preparativos da viagem me esqueci disso e partimos acreditando que estava com seus primos. Ele, ao dar falta de nós, achou que não demoraríamos em voltar para buscá-lo e, assim, passou dois dias e meio alojando-se na casa de um dos mestres com os

quais discutia. Sua tranqüilidade e absoluta confiança em Deus nunca deixavam de me surpreender, principalmente pela idade que tinha.

Esclarecidas as coisas, quisemos saber o que dissera aos rabinos e doutores, sobre o que discutiam com tanto interesse.

Jesus contou a seu pai e a mim que tudo se concentrara em averiguar o que era essencial na lei. Para alguns dos especialistas na Torá, o mais importante era a fé em Deus e uma absoluta rejeição de toda a idolatria. Para outros, no entanto, o mais importante era o cumprimento rigoroso dos preceitos expostos por Yaveh a Moisés, no Sinai, inclusive das leis menores derivadas. Não faltava quem fosse mais além e se referisse à sobrevivência do próprio povo e de suas estruturas visíveis, entre elas o templo, que, acontecesse o que acontecesse, não deveria desaparecer. Jesus, conforme ele mesmo nos relatou, propusera a questão a partir das primeiras revelações do profeta Isaías, que dizem: "Que me interessa a quantidade de vossos sacrifícios?", disse Yaveh. "Estou farto dos holocaustos de carneiros e da gordura de novilhos. O

sangue de carneiros e bois não me agrada quando vindes apresentá-lo a mim. Quem exigiu de vós estes maus-tratos em meus átrios?

Parai de trazer oferendas inúteis. A fumaça do incenso me é detestável. Lua nova, sábado, assembléia: não tolero falsidades junto com solenidades. Vossas luas novas e solenidades aborrecem minha alma. Para mim se tornaram um peso que eu não suporto mais. E quando ergueis para mim vossas mãos, fecho os olhos para não vê-las. Ainda que multipliqueis as orações, eu não as escutarei. Vossas mãos estão cheias de sangue. Lavai-as, limpai-as, tirai de minha vista vossas maldades, desistí de fazer o mal e aprendei a fazer o bem, buscai o justo e dai direitos aos oprimidos, fazei justiça ao órfão, protejei a viúva. Então vinde e discutiremos", disse Yaveh. "Ainda que vossos pecados sejam vermelhos como a púrpura, ficarão brancos como a neve; ainda que sejam vermelhos como escarlate, ficarão como a lã."

Aquela intervenção acendeu as discussões no círculo de estudiosos da lei. Alguns diziam que as palavras do profeta não podiam ser aplicadas ao pé da letra na situação atual, com a nação ocupada pelos romanos. Outros afirmavam que se corria o risco de esquecer que as boas obras eram o primordial. Quando caiu a tarde, um jovem fariseu de família muito rica e temeroso de Deus, ao ver que todos iam embora e Jesus estava sozinho, sendo ainda um rapaz, ofereceu sua

casa. Jesus foi com ele e dormiu em sua casa nas duas noites que permaneceu em Jerusalém enquanto nós o procurávamos. Aquele homem, a quem nem pudemos saudar quando tiramos Jesus do círculo de doutores aos quais ensinava, era alguém que tu conheceste muitos anos depois: José de Arimatéia.

Tão logo Jesus nos explicou tudo isto, nós quisemos saber mais. Nós dois compreendemos que Deus já havia revelado a nosso filho o mais importante de sua missão e ardíamos de desejo de saber quais os planos do Altíssimo para ele e para nós mesmos. Perguntamo-lhe: "E tu, filho, qual é a tua opinião a respeito da profecia de Isaías? o que te parece mais importante para agradar a Deus?". Lembro que íamos caminhando na sombra das oliveiras, mesmo assim pude notar perfeitamente a surpresa no rosto de Jesus quando parou e me olhou. "Por que me perguntas isso, mãe? Acaso não o sabes tu?" José, que intervinha muito pouco, como se tivesse medo de fazer valer sua condição de pai em assuntos nos quais não o era, saiu em minha defesa e lhe respondeu: "Filho, ela sabe, mas eu não tenho certeza.

Gostaria que me ensinasses e me disseses o que Deus te revelou. Em que consiste a glória de Deus? Que pode fazer o homem para que seja mais agradável ao Altíssimo?". Mais tranqüilo, como se tivesse passado o susto por eu não estar inteirada de tudo o que ele sabia, Jesus disse, com absoluta naturalidade, como se tudo fosse evidente: "Escuta, Israel:

'Amarás a Yaveh, teu Deus, com todo o teu coração, com toda tua alma e com toda tua força.' E também: 'Amarás a teu próximo como a ti mesmo'."

José, mais avançado do que eu no estudo das Escrituras, reconheceu os dois trechos e disse a Jesus: "Esses dois textos são um do Deuteronômio e outro do Levítico. Porém, por que esses e não outros?". O rapaz, animado por poder explicar o que levava dentro, respondeu excitado: "Pai, não percebes? o essencial da revelação de Deus a nosso povo não é a lei nem o templo, nem sequer o cumprimento minucioso de todas as prescrições legais. O mais importante é o amor. Se não houver amor, se houver injustiça, rancor, ódio, inveja, e tudo o mais, por mais sacrifícios que ofereçamos, por mais que rezemos, Deus não ficará contente conosco, nem poderia. Mãe," disse voltando-se a mim, "não é verdade que tenho razão? Não é verdade que Deus é amor e que só o amor nos une a Ele, e nos permite ser como Ele?". Percebi que meu coração batia fortemente. Suas palavras encontravam eco absoluto em minha alma, como se contivessem algo que eu sempre soubera, mas que jamais me atrevera a

formular. Assim, emocionada, o abracei. Beijeí sua cabeça, que já quase me chegava aos ombros e lhe dei razão. Então ele se dirigiu a José: "E tu, pai, estás de acordo que, sem amor, tudo é uma casca vazia ou um sepulcro caiado que por fora parece belo mas por dentro está cheio de morte?". A José custou mais dizer que sim. Não era por nada, pois, apesar de sua enorme bondade, ele fora educado dentro das tradições mais rígidas e se apegara a elas. Compreendia o que dizia Jesus e sabia que tinha razão, mas tinha dúvidas.

Assim, como bom israelita, respondeu sua pergunta com outra:

"E então, para que servem os sacrifícios e as orações? Não levaria essa teoria sua, como consequência, ao desaparecimento da lei, inclusive ao desaparecimento do templo e portanto do próprio povo, enquanto eleito? Se o amor é o que mais agrada a Deus, e como qualquer um é capaz de amar, para que Deus precisa de um povo para chamá-lo de seu? E como evitar que cada um decida por si mesmo o que é amor e o que não é?".

Jesus se separou de meu abraço e, sempre caminhando se aproximou de José. "Olha," disse-lhe com aquele seu tom característico, com a mesma autoridade que usava depois que vos conheceu e que já então tinha em determinadas ocasiões, "quem sabe tenha chegado a hora anunciada desde os tempos antigos em que virão do Oriente e do Ocidente para cultuar o Deus verdadeiro e esse culto não será com gordura de animais nem com sacrifícios e oferendas, e sim com o coração limpo. Os verdadeiros adoradores adorarão Deus no espírito e na verdade.

E isto não é motivo para destruir o que já temos, o templo, a lei e todo o resto, e sim para purificá-lo, livrá-lo de tudo o que não for do agrado de Deus. Pelo menos, foi isto que me ensinou meu Pai."

Jesus sempre falava com a mesma naturalidade, como se o que dizia fosse tão evidente para os outros como para ele, mas, naquela ocasião ele compreendeu que com suas últimas palavras havia entrado em um terreno perigoso e forçosamente deveria dar mais explicações. Não era possível começar chamando José de pai, para terminar invocando a paternidade de outro, por mais que José e eu percebêssemos que falava do próprio Deus. Além disso, aquela paternidade que ele pronunciava constantemente deixava José muito nervoso e em mim também provocava uma certa inquietude. Eu também era judia e, como tu sabes, chamar o Altíssimo desse modo quase soava como blasfêmia aos nossos

ouvidos. Como notei o mal-estar de José, que desta vez também

Jesus se havia dado conta, apressei-me a intervir.

"Filho", disse-lhe, "creio que chegou a hora de nos dizer o que sabes sobre ti mesmo, sobre teu nascimento, sobre tua missão e também porque chamas Deus com o título de Pai."

"Mamãe", respondeu um pouco nervoso, "não sei quando eu soube tudo. Não sei nem como soube, mas o caso é que sempre soube, no entanto não estava consciente disso o tempo todo. Sei que José" - baixou os olhos um pouco envergonhado de ter que falar estas coisas na frente de José, por aquilo que se referia a ele, e de mim, porque eu era mulher - "não é meu pai verdadeiro. Sei que fui concebido depois que o anjo te pediu e tu consentiste. Sei também, não sei como, que esse Deus, que todos chamam de Altíssimo e de Todo-Poderoso, porque de fato é, é meu Pai. É por direito próprio. Não posso senti-lo de outro modo e essas são as palavras que vêm aos meus lábios quando penso nele. Ele me gerou, dele procedo e a Ele irei. Percebo que há mais algo sobre mim, sobre quem sou e sobre a tarefa que devo cumprir, mas ainda não sei o que é. Sei também que não devo me preocupar. É como se, pouco a pouco, Ele, meu Pai, fosse me mostrando tudo, e sei que aquilo que me mostra eu já sabia, sempre soube. Por exemplo, o que eu disse a respeito do amor, ou o que eu disse à avó Ana quando morreu o avô Joaquim. Tudo já está dentro de mim, embora não saiba o que é este tudo. Mas eu" - e agora se voltou a José e lhe segurou a mão, coisa que não fazia desde que deixara de ser criança -, "eu te amo muito e te chamo de pai porque o és também. E te digo que serás bem-aventurado durante gerações e em ti se cumprirá, já se cumpriu, a profecia feita pelo profeta Natã a Davi, do qual procedes: "Tua casa e teu reino permanecerão para sempre, teu trono estará firme eternamente". Dito isto, deu-lhe um abraço. Pai e filho se fundiram num abraço como nunca antes o haviam feito. Percebi que em José tinham desaparecido todos os receios, inclusive o desconforto ante uma paternidade que não era sua e que, inocentemente, meu filho reiterava diante dele sem perceber que o incomodava. Percebi também que não me restava muito tempo para desfrutar da companhia daquele homem justo, que eu tanto amava e a quem tanto devia. Mas este pensamento desapareceu rapidamente de minha cabeça, ao ser solicitada pelos dois a unir-me em sua alegria.

Então, já quase chegando em nossa aldeia, José se dirigiu a Jesus e o advertiu com voz solene: "Filho, debes prestar atenção àquilo que te ensina teu Pai do céu

e a ninguém mais, nem mesmo à tua mãe ou a mim, se é que alguma vez te dissemos algo, em nossa ignorância, que não coincide com o que o Altíssimo te revela.

Eu te aconselho que tenhas muito cuidado, que meças bem o que dizes e perante quem o dizes. Tuas palavras semearam a confusão no templo e quem sabe poderiam parecer muito perigosas a alguns, principalmente se encontram eco entre os jovens, pois tenho certeza de que te escutarão encantados, já que o assunto do amor é sempre agradável de ouvir para aqueles que possuem pouca experiência, porém assusta muito aqueles que sabem o quanto é dura a vida e os compromissos que se fazem necessários para conseguir sobreviver. Por isso, não te precipites. Espera até que tenhas certeza de que chegou a tua hora".

"Pai", respondeu-lhe Jesus, "sei que tens razão. Percebo dentro de mim duas forças opostas e poderosas. Uma me diz

'prudência' e a outra me convida a correr, a galopar, a lançar-me à rua e proclamar o que o coração me grita. Esta última foi a que venceu quando me encontrava no Pórtico Real e por isso não pude evitar de discutir aquelas questões com os doutores. Sei

também que Deus ainda não me revelou tudo, embora já saiba que tenho tudo dentro de mim. E sei que notarei, não sei quando, que a hora chegou. Até então deverei continuar lutando para conter este potro indômito que quer galopar e para quem esta nossa aldeia é muito pequena".

Desde então, o tempo passou muito depressa, principalmente para mim, embora não tenha sido assim para Jesus. No entanto, aprendeu a conter-se e aprendeu, como ele mesmo me disse em mais de uma ocasião, que não bastava saber as coisas, e que a sabedoria era autêntica quando se traduzia em obras. Entendeu que esta era a causa da espera que Deus lhe impunha. Deus mandava que vivesse sem pressa tudo o que soubesse acerca do amor, para que conhecesse realmente e não só como uma bela teoria que nada tinha a ver com sua vida. Esta lição, querido João, não podia ser aprendida só com a cabeça.

Tinha que calar como a água quando cai mansamente, e para isto era necessário tempo. O tempo se converteu no meio através do qual Jesus assimilou em sua própria carne o que estava em sua cabeça. O tempo se transformou, por isso, em meu primeiro aliado, já que graças a ele eu pude desfrutar durante trinta anos de

sua companhia.

Como te digo, João, o tempo passou rapidamente. Dois anos após aquela viagem a Jerusalém, morreu minha mãe. Ana estava já enrugada e bem velha. Não era mais a mulher forte que fora em sua juventude, porém tinha toda a vitalidade interior que soube transmitir-me e todo o amor a Deus de que seu neto falava. Avó e neto mantinham longas conversas das quais ela saía sempre chorando de alegria. Falavam muito de Joaquim e Jesus lhe contava coisas sobre a vida no céu, coisas que não me deixavam escutar. Sei apenas que ela desejava partir e que, quando chegou a hora, morreu com uma paz infinita. Eu segurava uma de suas mãos e Jesus a outra. Primeiro me deu uma bênção, fazendo enorme esforço e logo, para surpresa de toda a família que estava ali ao seu redor, dirigiu-se a seu neto e disse: "Bendizei-me Senhor e encomenda-me para que possa estar logo com o Todo-Poderoso e com meu esposo no céu". Jesus fez um estranho sinal sobre sua testa. Estranho nos pareceu então, embora saibamos hoje que se trata do sinal da cruz na qual ele morreria.

Em seguida beijou suas mãos e sua testa, e as lágrimas lhe serviram de bálsamo e unguento. Assim partiu para o céu, de onde não cessa de interceder por nós. Faço muitos pedidos a ela, em várias ocasiões, e nunca deixei de ser atendida. Os vizinhos e familiares comentaram o estranho pedido da moribunda, sobretudo por chamar seu neto de "Senhor", porém não lhe deram maior importância, porque o consideraram um desvario de sua cabeça nos últimos momentos.

Quanto a meu marido, desfrutamos juntos de alguns anos felizes. José morreu quando Jesus tinha vinte anos. Já havia em Nazaré quem falasse de casamento para nosso filho, embora nós, seu pai e eu, soubéssemos que isto não estava nos planos de Deus, nem nos do rapaz. A morte de José colaborou para que, durante algum tempo, este problema fosse afastado, pois pudemos dizer a todos que Jesus não queria deixar sua mãe só, e que havia decidido adiar a formação de sua própria família.

A morte de José foi assim: um vizinho nosso tinha um rebanho de cabras na montanha, não muito longe de Nazaré. Era um lugar agreste e solitário onde os animais pastavam durante o dia, e à noite eram recolhidos em um cercado. Os lobos rodeavam o rebanho, e por isso, se fazia necessário protegê-lo bem, tanto pela segurança dos animais quanto pela do pastor que ficava com

eles dia e noite. Umas fortes chuvas caídas no outono haviam derrubado parte da

velha construção e era urgente reparar os escombros. Na montanha o frio era mais intenso que em nosso povoado e, além do mais, as feras poderiam penetrar pelas frestas. Assim, nosso vizinho, Maltaké, vinha pedindo a José com insistência que se deslocasse até o lugar com suas ferramentas, para consertar os destroços e, em seguida, construir uns presépios novos para as cabras.

Finalmente marcaram uma data e, quando chegou o momento, notaram que não tardaria a chover ou talvez nevar, devido ao frio que fazia. Eu tinha medo que José saísse com aquele tempo, principalmente porque deveria ficar na montanha vários dias. Não estava muito bem de saúde, tinha fortes dores nas costas e se queixava de câibras nas pernas. Embora estivesse previsto que Jesus o acompanharia para ajudá-lo no trabalho, como sempre o fazia, não me sentia segura. José contornou minhas preocupações com o carinho com o qual sempre me tratava e disse que eu estava me tornando uma medrosa. Disse-me ainda que, se decepionássemos nosso vizinho Maltaké, correríamos o risco de ninguém mais nos dar serviço, porque temos que contentar sempre os fregueses. "Os pobres," concluiu, "não têm escolha. Devemos aceitar o que nos dão, quando nos dão. E

devemos dar graças a Deus por termos isso." Assim, aproveitou que pela manhã não chovia e partiu, protegido por uma grossa capa de pele. Jesus foi com ele. Levaram também o burrico para carregar os apetrechos, pois o trabalho que teriam que executar era pesado e precisavam de muitas ferramentas.

Despediu-se de mim com seu melhor sorriso, para dissipar meus temores e, como sempre o fazia quando nos despedíamos, beijou-me na testa e me abençoou. Pedi a nosso filho que cuidasse de seu pai e que não o deixasse se resfriar.

Não fazia duas horas que tinham saído quando começou a chover. O que em Nazaré era água, na montanha era neve.

Compreendi que não houvera tempo para chegar ao refúgio dos pastores e muito preocupada rezei pedindo ao Senhor, a quem de vez em quando me atrevia a chamar de "Pai", que protegesse meu marido e meu filho. Conforme foram passando as horas, também em Nazaré a água se converteu em neve e, ainda que demorasse em se solidificar devido à umidade, os telhados das casas pouco a pouco foram tingindo-se de branco. Eu não podia estar mais inquieta, por mais que a fé em Deus me desse força nesse momento para manter a calma. Estava só

em casa e a escuridão já começara a inundar tudo, obrigando-me a acender um lampião e de novo comecei a rezar. Assim passei a noite toda, mais serena do que preocupada, com vontade de sair correndo para procurá-los e compreendendo que não poderia fazer outra coisa senão esperar. Entretanto, não deixei de rezar e pedir por meu marido e por meu filho, ao mesmo tempo que pedia a Deus que me desse forças para aceitar sua vontade.

Na manhã seguinte Nazaré era uma aldeia totalmente branca. O frio era intenso porém já não nevava. As crianças corriam pelas ruas, jogando bolas de neve umas nas outras, desfrutando daquele estranho espetáculo. Fui até a casa de minhas primas e lhes contei o que acontecera, como José e Jesus tinham ido até a montanha, e o medo que eu tinha de que pudessem estar em apuros. Elas se inquietaram também e avisaram seus maridos. Decidiram então partir em busca deles aproveitando que, de momento, não deveria ocorrer outro temporal. Levaram pouco tempo para arrumar as coisas. Cinco homens se puseram a caminho, acompanhados por dois cavalos.

Não haviam passado duas horas desde a partida quando já estavam de volta. Voltaram todos, porém nem todos estavam bem. Jesus estava rígido de frio, com as mãos, os pés e o rosto que davam pena. Porém, o pior era José. Mesmo vindo montado no burrico e agasalhado com a roupa do filho, que havia passado a noite quase sem abrigo na tentativa desesperada de cuidar do pai, seu estado não poderia ser mais lastimável. Mal conseguia sustentar-se sobre o animal e sua respiração era entrecortada e agoniada.

Levaram-no para dentro de casa e ali lhe esfregamos azeite pelo corpo gelado. Também em Jesus, que não parava de chorar e de contar-me que havia feito tudo o que era possível para ajudá-lo. Mas, quando perceberam a gravidade da situação, já era tarde demais para voltar e se limitaram a buscar um refúgio em que pudessem se abrigar da tormenta. Ali ficaram durante a noite toda, sem poder acender o fogo, porque toda a madeira estava molhada, sentindo a frieza da morte sobre o corpo.

José não resistiu muitos dias. Uma febre altíssima o consumia e dois dias depois já havia perdido a consciência, embora logo a tenha recuperado. As dores lhe oprimiam o peito e, ao tossir, parecia que lhe fugia a vida. Sem dúvida, querido João, apesar de tudo, não podes imaginar a serenidade que possuía. Entre uma crise e outra, fazendo enormes esforços, tentava me consolar assegurando-me que tudo ia bem e que neste momento, como em todos os anteriores de nossa

vida, a única coisa importante era continuar acreditando no amor de Deus.

Falava já de amor de Deus, porque tanto ele como eu havíamos aprendido o que isto significava, graças a nosso filho. "Deus é amor", dizia segurando minha mão. "Deus é amor e devemos crer nisso não só nos momentos em que tudo vai bem, como também nos momentos difíceis. É para os momentos difíceis que temos que reservar a amizade e é quando temos que pôr à prova nossa fé no amor de Deus. Maria, repito agora o que um dia te disse o anjo: 'Não temas, pois se cumprirão as palavras do Senhor'. A teu filho, a meu filho, nada ocorrerá até que chegue o momento, e quando este chegar, aconteça o que acontecer, será também a vontade do Altíssimo, de seu Pai, de nosso Pai."

Depois quis ficar a sós com Jesus. Falaram por muito tempo, como havia ocorrido com Ana, minha mãe, quando lhe chegou a hora da morte. Jesus fez também sobre sua testa o então estranho sinal da cruz e beijou, como havia feito com sua avó, as mãos e a testa de José. Suas lágrimas, o mesmo que ocorrera com Ana, corriam abundantes e eram um bálsamo que descia sobre o moribundo.

Depois disso, José não perdeu mais a paz em momento algum. Seu rosto estava transfigurado e nem as fortes dores que sentia lhe arrancavam da face a imagem da serenidade. Ainda esteve consciente por quase um dia, mas nada mais pôde dizer.

Somente, ao final, pediu a Jesus e a mim que lhe déssemos a mão e, sussurrando, disse: "Maria, só Deus sabe o tanto que te amo. Só Deus sabe a sorte que tive em poder viver contigo todos estes anos. Que Deus te bendiga pelo amor que me deste. Agora nos separamos, porém isto durará pouco. Logo voltaremos a estar juntos, como agora, com Deus entre nós, para sempre".

A Jesus disse: "Meu filho, sou o único homem do mundo que pode te chamar assim, por isto me felicitarão todas as gerações. Te amei tanto, como não o haveria feito um pai normal e recebi mais de ti do que se tivesses sido um filho de meu sangue. Agradeço por honrar minha linhagem com tua presença.

Agradeço por anunciar-me o mundo de felicidade que agora me

espera. Não posso te abençoar, pois tu é que tens que fazer isso.

Faze-o logo que o fim se aproxima". Jesus o abençoou e fez novamente, como à

sua avó, o sinal da cruz em sua testa, em seus olhos, em sua boca e em suas mãos. Pouco depois nós dois nos debruçamos sobre seu corpo que acabava de morrer. Havia partido e com ele ia o companheiro de minha alma, aquele com quem compartilhara tantos momentos difíceis e tantas alegrias.

Sua morte foi muito sentida por mim e também por Jesus.

Amei muito a José, João, muito mesmo! Não sei se te surpreenderá o que eu digo, não sei se compreenderás que este carinho meu era compatível com minha total consagração a Deus.

Não sei se entenderás, mas te asseguro que sempre foi assim.

Eu o amei assim como amava o Pai, tanto quanto amava meu Filho. Quem sabe tudo dependa do tamanho de nosso coração.

Quem sabe tudo dependa das prioridades que se estabeleçam nesse coração. Minha consagração a Deus, que incluía meu corpo e minha alma, não me impedia de amar todos os outros. Nunca compares Deus a um "marido ciumento", que desejasse reinar com exclusividade em minha alma. Deus queria ser o primeiro mas não o único. Pelo contrário, Ele me pedia que amasse a todos, começando pelos mais próximos, com a ressalva de que o primeiro deveria ser Ele."

Amei muito a José e por isso não foi fácil aceitar sua morte. Eu me perguntei por que Deus não escutara minhas preces. Perguntei-me também por que Jesus não fizera algum gesto extraordinário para evitar a morte de seu pai. Ao mesmo tempo em que me perguntava, encontrava a resposta de que Deus tinha planos e que eu não deveria pretender entendê-los. Mas não me foi muito fácil aceitar esta vontade de Deus que tanto me doía, embora o tenha feito sem resquícios de rebeldia. É verdade que a certeza de que continuava vivo aliviava muito minha dor, que, sem isso, poderia ter se transformado em desespero.

Durante vinte anos fomos três em casa, unidos como as grandes pedras que constituem os alicerces do templo de Jerusalém, que nem um terremoto consegue separar. Durante vinte anos nosso lar foi a ante-sala do paraíso. O amor era o pão que comíamos a cada dia, a ternura era a água que saciava nossa sede, a alegria era a roupa que nos protegia do frio e tapava os furos de nossa pobreza. Éramos a família mais feliz não só de Nazaré, não só de Israel, como do mundo. Para com Jesus, José foi sempre e somente um pai. Bem, nem sempre, pois

desde os seus doze anos, depois daquela escapada no templo, tanto ele quanto eu nos havíamos convertido também em discípulos, sem deixar de fazer o papel de pais e de mostrar a nosso filho o que significa viver sujeito à autoridade.

Desde então não deixei de falar com ele um dia sequer. Nos momentos mais difíceis, inclusive na morte de Jesus, sempre notei sua presença a meu lado. Suas últimas palavras, muito parecidas com as do anjo Gabriel, soam ainda nos meus ouvidos: "Não temas Maria". Assim, vivi sempre com ele, estando segura de que vive, de que está junto com Deus, a quem Jesus havia me ensinado a chamar de "Pai", e que, desde então, vela e intercede permanentemente por nós, em especial por aqueles que, como Jesus e como eu, foram chamados a uma consagração plena ao Senhor.

Felizmente suas últimas palavras, pronunciadas quase num suspiro, não foram ouvidas por nenhum dos que enchiam a casa. José era muito querido em Nazaré e o povoado todo se aglomerava à porta de nossa casa para acompanhá-lo. Alguns disseram terem visto uns anjos levar o espírito de José para o céu, porém outros afirmaram que era o pai Abraão que viera

buscá-lo. O caso é que se espalhou o rumor de que sua morte fora extraordinária, como na realidade aconteceu e, até hoje, vê-se que são muitos os que se recomendam a ele neste momento final, para que o caminho lhes seja leve e possam gozar eternamente da presença de Deus.

Depois disto, João, tudo voltou à normalidade. Usando como desculpa minha viuvez, pudemos, como te falei, postergar o casamento de Jesus sem chamar demais a atenção. Ele tinha decidido ser de Deus, de corpo e alma, como eu o fora, como o fora José, e fazíamos tudo o possível para passar despercebidos, mantendo firmemente nossos propósitos.

A partir desse momento, Jesus foi para mim não só o principal motivo de preocupação, como também o único. Meus pais e meu marido já estavam mortos e eu não tinha outros filhos, assim pude consagrar-me inteiramente a ele, com a certeza que tinha desde o princípio de que assim o fazendo amava o Senhor não através de um mediador, mas sim o próprio Senhor.

Foram dez anos de ensinamentos particulares e de confidências extraordinárias. Pouco a pouco ele foi se inteirando de tudo. Muito antes das bodas de Caná, tudo estava preparado para que se tornasse público e notório o plano de Deus. Aos

vinte e três ou vinte e quatro anos, já era consciente, e eu com ele, de quem era e qual seria a sua missão. Nós dois éramos conscientes também da capacidade que possuía para transformar a ordem natural das coisas, para fazer milagres. Isto era algo que também me preocupava muito, pois sempre temi que seu bom coração o levasse a fazer coisas que pudessem chamar atenção.

Pedi-lhe que, antes de fazer algo, pensasse muito bem se deveria fazê-lo, pois provavelmente seria um sinal que poderia marcar sua atuação pública como o Messias. Ele estava de acordo comigo, embora lhe custasse muito se conter e não ajudar as pessoas que sofriam, os pobres que mendigavam a sua comida, ou os enfermos que se viam atormentados pelas dores. Sem dúvida, sempre dizia o mesmo: "Ainda não chegou a minha hora". E não sabia dizer-me mais, pois não sabia exatamente o que teria que ocorrer para estar seguro de que este momento havia chegado.

Não era fácil para ele essa espera, pois o tempo passava e já estava se tornando adulto. Estava chegando aos trinta anos e continuava em casa, cuidando de sua mãe e exercendo o ofício de carpinteiro, ele, o Messias, como se não tivesse coisas mais importantes para fazer. Uma vez mais, Deus o punha à prova.

Com essa espera tão prolongada, que não se sabia quando iria acabar, Deus lhe ensinava a escutar sua voz e a discernir suas ordens. De alguma maneira, fazendo-o sofrer, ensinava-o a obedecer. E, sobretudo, como te disse antes, o ensinava a amar.

Ensinava-o que o mais importante não era fazer milagres, nem grandes pregações, nem converter as multidões. o importante, e o que agradava a Deus, era fazer tudo por amor, através do amor. Quem ama é aquele que reina e se pode amar tanto fazendo um milagre quanto preparando o jantar. Esta lição é tão importante que Jesus teve que conviver com ela, colocando freio em seus desejos de correr e espalhar sua mensagem por todos os cantos da terra. Se não tivesse feito assim, essa mesma mensagem seria incompleta, e hoje vós, os seus discípulos, acreditaríeis que só podeis ser como ele realizando grandes coisas. Como isso não faz parte do dia-a-dia, teríeis a impressão de que ele é inimitável, mais inalcançável ainda por causa de sua natureza divina.

Portanto, os anos de espera em Nazaré, anos aparentemente perdidos, se tornaram a maior lição que Deus lhe

dava e também a mim, sobre a verdadeira importância das coisas.

Jesus soube, desde muito cedo, o que teria que saber, porém não lhe bastava saber tudo e sim viver tudo. Viver não só um dia, um mês, um ano, e sim durante muito, muito tempo. Tanto tempo como se o final não chegasse nunca, como se não lhe importasse a chegada desse final. Aprendeu o que significa a paciência e, por sua vez, a humildade. Aprendeu que não basta dizer: "Senhor, Senhor" se não se fizer a vontade do Pai, inclusive quando não se entende para onde conduzirá essa vontade. Aprendeu que as palavras convencem quando quem as ouve escuta um tom de voz que só emite aquele que as viveu intensamente e que, para tanto, o tempo é imprescindível. Se depois falou com convicção do amor, é porque durante muitos anos viveu amando e não só as coisas grandes como também as pequenas, as do dia-a-dia, as que ninguém, exceto Deus, vê e valoriza.

## O AMOR SE FEZ PÚBLICO

Se um dia, querido João, trinta anos antes, o amor se fez carne, agora o amor queria se fazer público. Havia chegado o momento, ainda que não soubéssemos até o próprio instante quando deveria ocorrer. Refiro-me àquela boda em Caná na Galiléia para a qual fomos convidados.

Já sabes como são os casamentos em nossa terra. As festas duram pelo menos uma semana. Comparecem os amigos das duas famílias e a casa se enche de gente, à qual tem que se atender bem, sobretudo quando se é uma família rica e conhecida, como era a de nossos queridos Manassés e Lia, pois se tratava da boda de um de seus filhos. Antes disso, porém, haviam ocorrido outras coisas que tu já sabes porque se referem a teus amigos e a ti mesmo.

Refiro-me ao grupo de discípulos que começara a se formar ao redor de meu filho e também ao encontro com seu primo João, o filho de Isabel, a quem chamais de "Batista".

João não esperou tanto como Jesus para iniciar sua atividade pública. Seus pais tinham morrido havia muitos anos, pois os dois eram bem mais velhos do que José e eu. Durante um tempo, que foi breve, tentou levar uma vida normal administrando sua casa e atendendo a seus deveres sociais. Logo aquela roupa se tornou incômoda para ele e o Senhor o levou primeiro a uma dessas comunidades de judeus que vivem entre as agruras do deserto, junto ao mar

Morto. Porém, aquilo tampouco o convenceu e, depois de alguns anos, se entregou a uma vida solitária de pregador itinerante, repetindo por todos os cantos uma chamada à conversão e à penitência, porque a chegada do Messias estava próxima.

Nós não tivemos contato com ele desde a morte de seus pais. Soubemos, com certo atraso, de sua ida ao deserto e de sua permanência junto aos essênios que ali viviam, mas perdemos totalmente sua pista até que seu nome começou a circular de boca em boca por todo Israel, como o de um profeta parecido aos antigos que lançava críticas tempestuosas contra os poderosos, sacerdotes e nobres, e que, inclusive, repudiava o tetrarca Herodes por ele haver se casado com Herodías, a mulher de seu irmão, estando este ainda vivo.

A pregação de João sobre a iminente chegada do Messias alertou meu filho. Ele sabia quem era, mas não se João também tinha conhecimento disso, ou se simplesmente falava de um desconhecido sem saber exatamente de quem se tratava. Eu já lhe havia contado o que ocorrera por ocasião de minha visita a

Isabel, quando ela me disse que a criança havia saltado em seu ventre ao perceber minha chegada. Mas logo depois, nas poucas vezes que nos vimos, João não deu sinais de saber quem era Jesus.

Por isso Jesus decidiu ir vê-lo. Quem sabe era aquele o sinal que estava esperando havia tanto tempo. Quem sabe havia chegado a hora de anunciar sua mensagem a todo Israel. Tinha que reunir-se com João, e ver o que acontecia.

Não foi sozinho. Em Nazaré, como te contei em outras ocasiões, havia um grupo de amigos, entre os quais se contavam alguns de seus primos, sobretudo Tiago. Convenceu-os a irem ao encontro de João e receberem o batismo de penitência que ele ministrava no rio Jordão. Seus amigos brincaram com ele.

Lembro muito bem porque, quando falavam da viagem, estavam em casa, e seu primo Tiago lhe dizia rindo que ele iria se arrepender, pois nunca havia feito nada de mal, a não ser que tivesse pecados ocultos que ninguém conhecia. Jesus permaneceu sério e cortou todas as brincadeiras para assegurar que Deus tinha seus planos e que o batismo de João não só era de penitência mas também de revelação e que ele deveria recebê-lo. Por fim, mais tranquilo, perguntou-lhes se queriam ou não acompanhá-lo, porque estava disposto a partir em seguida.

Partiram cinco, embora nem todos perseverassem ao lado de meu filho, e

voltaram muitos mais. O que aconteceu já o sabes.

Refiro-me ao batismo no Jordão, lá perto de Betânia, e como João se transfigurou quando o viu chegando e se pôs a gritar chamando a atenção de todos: "Eis o Cordeiro de Deus que tira os pecados do mundo. Este é de quem vos falei: 'Depois de mim vem um homem que se colocou adiante de mim porque existia antes de mim. E eu não o conhecia, mas, para que ele fosse manifestado a Israel, vim batizar com água'".

Tudo isto me contou Tiago quando dias depois nos vimos em Caná, para o casamento. O rapaz estava emocionado. Sempre amara muito a seu primo e o seguia quase às cegas. Mas nunca havia imaginado que se tratasse do Messias. Por isto lhe custava acreditar nas palavras de João pois, dizia ele, era difícil entender porque, sendo Jesus o Messias, não havia feito algo extraordinário durante todo o tempo em que passara em Nazaré.

Mais tarde foi meu próprio filho quem me falou da alegria que havia sentido ao ver seu primo João e da certeza que experimentara em saber que, efetivamente, o momento havia chegado. Disse-me também que nem teve tempo de saudar João, pois, ao vê-lo de longe, este se precipitou a seu encontro sem saber, inclusive, que se tratava de um parente seu. Negou-se, como sabes, a batizá-lo, dizendo que era ele, João, quem deveria receber de suas mãos esse sinal de penitência. Jesus insistiu porque queria assumir por inteiro aquilo que a nós está reservado e porque sabia que algo deveria ocorrer para que fosse pública a manifestação do apoio de Deus. E então foi quando se produziu a graça do Espírito Santo. Todos se amontoavam em torno de João e de Jesus dentro do rio Jordão, atônitos pelas palavras que o Batista acabava de pronunciar, quando, tão logo Jesus submergiu nas águas do rio, viram a pomba voar sobre ele enquanto se ouvia: "Este é meu filho amado, em quem me comprazo".

Desde então, como se o sinal tivesse sido recebido por todos, as coisas transcorreram muito depressa. No dia seguinte, conheceu dois de vós, um deles André, que depois o apresentaria a seu irmão Simão, a quem agora chamamos Pedro. Conheceu também Filipe, que era como André, Pedro, tu e teu irmão, de nossa Galiléia. Filipe o apresentou a Natanael, aquele que, após a sua conversão, chamastes Bartolomeu. E também conheceu teu

irmão Tiago e a ti, quando estáveis ajudando vosso pai na barca.

Assim vos apresentastes em Caná, como um grupo de alegres e bons israelitas, dispostos a deixar tudo para se colocarem a serviço do Altíssimo e colaborar com aquele ao qual João Batista havia assinalado como o Messias. Quando vos vi chegar, meu coração ficou descompassado. Soube em seguida, antes de Tiago ou meu próprio filho me contarem os pormenores, que tudo havia começado. Alegrei-me muito. Alegrei-me por ele, que desejava isto, e por Deus, já que finalmente se cumpriria sua vontade salvadora. Mas, te confesso, João, que também me deu um pouco de pena. Com a vossa presença ao seu lado, senti que, de algum modo eu o estava perdendo. Soube que nunca mais seria como antes, que haviam terminado os doces anos de companhia mútua em Nazaré. Não me entendas mal, eu sabia que isso devia ocorrer e não coloquei objeção alguma, porém compreenderás que era próprio de uma mãe sentir dor ao ver que seu filho se separava dela. Não fosse assim, seria falta de amor por ele, e para mim Jesus foi sempre um filho, fruto de minhas entranhas e não só o enviado do Altíssimo para executar uma missão maravilhosa. Para mim era mais importante ele mesmo do que o que ele representava. Para vós, que apenas o conhecíeis, ele era somente uma idéia, um símbolo, porém não um ser humano com coração de carne, e muito menos um Deus.

Quanto demorastes em entendê-lo e amá-lo! Quão difícil foi para mim e para ele esse tempo! Eu vos via girar a seu redor, desde aquele primeiro momento em que vos conheci na casa de Manassés, às vezes como lacaios em torno de seu senhor, e outras como legionários em torno de seu centurião. Mas ele não queria isto. Eu, acostumada a ler em seus olhos e em seus menores gestos, sabia o que ele estava passando. Sabia que não lhe agradavam as bajulações nem lhe satisfazia a ânsia que alguns de vós demonstravam por campanhas guerreiras vitoriosas. Mas, acostumado já a ter paciência, deixava que as coisas seguissem seu curso e confiava que Deus fosse mostrando também a vós o verdadeiro caminho.

Não demorou a acontecer. Estávamos quase no final das bodas do filho de Manassés e Lia, um rapaz nascido depois dos outros dois dos quais já te falei. Para aquela família, com tanto prestígio e tantas relações, era muito importante que não faltasse nada, que não acontecesse nenhum imprevisto que desse aos invejosos o que falar. E esse detalhe ocorreu. Eliú, um dos criados principais e o qual eu conhecia fazia muito tempo, pois estava na casa desde que eu estive lá pela primeira vez, contou-me, com certa preocupação, que havia acabado o vinho. Em parte devia-se à grande afluência de convidados, entre eles o grupo numeroso vindo com Jesus, e em parte porque haviam errado nas previsões.

Se o caso não fosse resolvido, a festa viria abaixo e seria um grande desgosto para meus dois amigos. Eu lhes devia muito, e principalmente os amava muito. Eles estiveram sempre ao meu lado, desde aquela primeira vez em que me alojei em sua casa.

Quando José morreu, o apoio deles me serviu de grande consolo, o mesmo ocorrendo com sua generosidade. Eu os amava como irmãos e seus problemas eram meus problemas. Assim, dirigi-me a meu filho. Eu não sabia o que ele iria fazer, mas sabia que era capaz de resolver qualquer problema. Percebe, João, que não lhe pedi que curasse seu pai quando estava moribundo. Aquilo, por mais doloroso que fosse, estava nos planos naturais de Deus, pois a morte não é o final do caminho, mas uma travessia forçada para todos, uma travessia para uma vida melhor. Essa situação era diferente. Poderás pensar que fui egoísta ao reclamar sua

atenção para algo aparentemente tão pequeno. Jesus poderia estar fazendo milagres todos os dias em Nazaré, curando nossos vizinhos ou multiplicando alimentos para que ninguém passasse fome quando o inverno se prolongava. Não fez quase nenhum.

Aquela era outra época, a época do silêncio. Agora, tanto ele como eu sabíamos que havia começado o tempo da vida pública, o tempo de falar e de contar o que antes guardávamos escondido.

Assim, expus-lhe a situação. Sua primeira reação foi de surpresa. Inclusive me respondeu com um certo aborrecimento:

"Quem te envolveu neste problema, mulher?". E para encerrar:

"Ainda não chegou a minha hora". Eu, que o conhecia bem, sabia que não faltava mais nada. Se João Batista lhe havia dado sinal de partida, agora, de outro modo, eu estava fazendo o mesmo. João lhe indicara que era a hora de pregar e eu lhe dizia que havia chegado a hora de amar, inclusive com gestos extraordinários.

mensagem era coisa de João, era coisa de homens. Os favores inclusive os milagres eram coisas minhas, algo que nós mulheres podemos entender melhor do que vós, homens, sempre preocupados muito mais com as idéias do que com aquilo que se prepara nas cozinhas.

Meu Jesus entendeu perfeitamente. Eu sabia que ele havia entendido. Assim, eu disse a Eliú que fizesse o que ele pedisse.

O chefe dos criados se apresentou a Jesus e somente teve qque dizer: "Tua mãe me enviou. Que queres que façamos?". Jesus balançou a cabeça, encolheu os ombros e disse rindo a seus amigos que o rodeavam: "Quem consegue resistir ao pedido de uma mãe.

O melhor será atendê-la o quanto antes, porque senão irá insistir até conseguir o que quer". E disse aos criados: "Enchei as talhas de água". Eliú, que havia testemunhado anos atrás a cura do então pequeno Levi, não discutiu. Os outros criados sim, porque não entendiam o que se propunha a fazer aquele nazareno, como se enchendo de água as talhas de pedra fosse possível transformar o gosto da água em sabor de vinho. Rindo, brincando, obedeceram

"Pronto, podeis levá-las ao mestre-sala", pediu-lhes em seguida Já sabes o resto, João, porque tu mesmo foste um dos que provaram daquele vinho diversas vezes até convencer-se de que era de fato verdade. Tu e todos vós.

Foi assim, querido amigo, que tudo começou. Passado o tempo, sobretudo depois de sua morte e ressurreição, agora que já não o tenho comigo como então, pergunto-me se fiz bem em incentivá-lo para que realizasse aquele primeiro milagre. Não me dei conta do que significavam aquelas palavras que me disse quando lhe comuniquei que havia terminado o vinho: "Mulher, ainda não chegou a minha hora". Eu não sabia a que hora se referia. Pensei que era a hora da manifestação pública, a hora em que todos soubessem quem era ele. Mas, na realidade, ele já sabia então que essa hora não era a do aplauso e sim a da morte na cruz. Uma e outra eram a mesma hora. Eu não sabia e ele sim. Ele o sabia fazia muito tempo e a esse era, quem sabe, o único segredo que não me quis contar nas longas conversas que mantivemos desde que José morrera e nas quais me revelou tantas coisas sobre a vida no céu. Jesus sabia que seu final começaria a aproximar-se desde que ele se desse a conhecer publicamente e hesitava, queria e não queria, não por dúvida e sim porque estávamos tão bem os dois ali, em nossa Galiléia, que era duro deixar todo aquele paraíso para meter-se direto na lida.

Assim vês que fui eu, precisamente eu, sua mãe que adiantou a sua hora. Arrependi-me disso? Houve um momento que sim, quando o vi pendurado na cruz. Porém, agora não. Agora

sei que fiz o que deveria fazer sem saber que era instrumento de Deus para que tudo se iniciasse em seu devido tempo. Aquele milagre o tornou conhecido, fortaleceu vossos incipientes laços, serviu para confirmar-vos na fé nele que João Batista havia semeado em vós. E também serviu para tornar-me conhecida.

Refiro-me ao fato de que, desde então, não deixaram de chover pedidos para eu conseguir dele esse ou aquele favor. A verdade é que paguei uma dura penitência com aquele meu gesto, pois não imaginas o peso que é discernir a verdadeira necessidade do capricho. Além do mais, tampouco podia estar continuamente importunando meu filho, entre outras razões porque ele não permaneceu muito tempo comigo desde então. Agora tenho-o comigo mais facilmente. Agora sim é que sou um peso para ele e, na verdade, são poucas as coisas que não me concede quando eu peço, embora eu sempre note que ele sorri, balança a cabeça e me diz como antes: "Essa mãe, sempre igual, mas quero ver quem consegue lhe negar alguma coisa".

Depois daquele primeiro milagre público, fomos todos juntos a Cafarnaum. A notícia se divulgara rapidamente por aquela parte da Galiléia, devido ao fato de que muitos dos convidados eram daquela região e contavam a todos que quisessem ouvir.

Por isso ele partiu para o deserto e vos deixou sós. Precisava de tranquilidade. Depois de tantos anos de espera, de repente tudo se precipitava. Não queria que lhe escapasse o controle dos acontecimentos e que os fiéis o seguissem apenas pelo milagre que acabavam de ver. Assim, se despediu de vós, convocando a todos para novo encontro em quarenta dias, ali mesmo, em Cafarnaum, e se foi. Eu regressei a Nazaré com meu sobrinho Tiago e com os outros rapazes que haviam saído com ele dias antes para ver o Batista.

Então começou minha batalha. No povoado sabiam de tudo. Já se sabia a respeito do Espírito Santo no Jordão. Já se sabia que Jesus atraía discípulos como se fosse um prestigioso rabino. Sabia-se também do milagre de Caná. Esperavam-no mais com curiosidade e ceticismo do que outra coisa. Seus próprios amigos, aqueles que haviam ido com ele e visto tudo, não estavam totalmente convencidos. Inclusive Tiago, que tanto o amava, teve suas dificuldades para aceitar que aquele seu primo era algo mais do que um homem bom e admirável. É muito difícil, João, ver Deus andando ao nosso lado! Estamos sempre dispostos a acreditar que as grandes coisas ocorrem longe, mas, quando nos dizem que aconteceram ao nosso lado, duvidamos e não

acreditamos. No fundo, isto se deve ao fato de não conhecermos Deus. Acreditamos que o Senhor só pode atuar entre trovões e relâmpagos, como se passou com o profeta Elias, que teve que convencer-se de que o Todo-Poderoso falava na brisa suave e não no furacão.

Não foi fácil em Nazaré. Quando viram que ele não tinha vindo comigo, as críticas aumentaram. Não faltou inclusive quem dissesse alguma grosseria e quem se achesse a chamá-lo de impostor diante de mim. Tiago me defendeu desde o primeiro momento, assim como o resto de minha família, porém eu sabia que no geral os ânimos seriam hostis. Não passava dia em que não me chegassem comentários e fofocas. Enquanto uns diziam que o que se passou no rio Jordão fora preparado por João, que era seu primo, e que havia mentido ao dizer que Jesus era o Messias, outros afirmavam que Manassés preparara o vinho para enganar os rapazes que o acompanhavam. É que, João, quando não se quer crer, os milagres não servem de nada. Poderás presenciar o maior deles e continuarás buscando motivos

escondidos para explicar o incompreensível. Com razão se diz em nossa terra que não há pior cego do que aquele que não quer ver. Assim se passou com os de Nazaré. No fundo, dava-lhes raiva terem tido Jesus tanto tempo em seu meio e não o terem reconhecido. Que ele tivesse passado despercebido era como um insulto para eles, porque significava que eram muito torpes e que não tinham sabido valorizar o tesouro que tiveram a seu lado.

O que incomodava também era o fato de que Jesus não fizera milagres em seu povoado. Certamente alguns lembraram o caso do leproso na fonte, porém a maioria chegou até a reprovar que não tivesse curado o marido, a mulher, o filho de cada um deles, inclusive sua vaca ou sua cabra. Acreditavam que, por ser dali, Jesus tinha que estabelecer um tipo de posto para solucionar problemas, semelhante ao que montavam os cobradores de impostos. Todos exigiam o direito de ser ajudados e não pediam nem suplicavam, mas sim o exigiam, e inclusive ameaçavam agredi-lo se, em sua volta ao povoado, não satisfizesse a menor de suas exigências.

Tudo isto passei sozinha, enquanto ele estava no deserto, deixando-se tentar pelo demônio. Minhas tentações eram bem diferentes. Possuíam mais o amargo sabor da decepção. Conheci naqueles dias um rosto do ser humano que nunca havia imaginado.

Vi suas expressões enfurecidas e ameaçadoras perto de mim.

Rostos que até então pareciam amáveis comigo, rostos de gente com quem me dava bem mas que, desde que interviera o interesse, tinham se transformado. E compreendi o perigo da missão de meu filho e o perigo de seu poder. Se fazia milagres, se deixava levar-se pela bondade de seu coração, lhe seria muito difícil proclamar qualquer tipo de mensagem. O que as pessoas queriam era que ele as curasse, que as alimentasse e inclusive que as ressuscitasse. Não desejavam mudar, nem ser melhores, nem amar mais a Deus e ao próximo. Só desejavam estar na terra da melhor forma possível, sofrer o menos possível e tudo ao menor custo possível. Isto era tudo. Isto era, no fundo, Deus para eles: uma espécie de seguro para além da morte e um lenço para as lágrimas desta vida. Talvez nem todos fossem assim, porém a maioria era.

Havia os mais cultos, como os fariseus, que eram mais religiosos e espiritualizados. No princípio pensei que com eles meu filho se entenderia melhor, que não se acercariam dele tentando apenas tirar algo e sim para escutar o conteúdo de sua mensagem e seguir o plano redentor que ele recebera do Altíssimo. Equivoquei-me também. Tiago foi o primeiro a dar-se conta de que tampouco neles se podia confiar, talvez porque se parecesse muito com eles.

Transformaram meu filho em uma bandeira, em uma idéia, em algo irreal, impessoal, teórico. Não se preocupavam demais com ele como ser humano. Importava-lhes, sobretudo, o que representava. Por isso, quando deixou de ser o símbolo que acreditavam que deveria ser, o abandonaram. Sua sorte pessoal, seus sofrimentos, suas alegrias, não contavam. Contava só o que podiam tirar dele, o que lhes acontecia, embora estes não se preocupassem com os milagres materiais e sim com os ideais e as teorias.

Isso que estou te contando te ajudará a compreender o que aconteceu em Nazaré quando, por fim, se apresentou. Chegou rodeado de muitos de vós, numa sexta-feira de manhã. Fazia frio, me lembro bem. Acabávamos de entrar no quarto mês, o Tebet.

Desde o primeiro momento o povo se aglomerou em frente à nossa casa. Minhas primas e eu estávamos ocupadíssimas em atender a todos e ele não deixava de ouvir os velhos amigos que acudiam para vê-lo. Principalmente a seus primos Tiago, Judas e Simão,

que sempre haviam sido seus companheiros e um dos quais, Tiago, estivera junto dele por ocasião de seu batismo no Jordão. Queria saber se estavam dispostos a acompanhá-lo na vida itinerante que se dispunha a levar a partir de então. Comigo só pôde falar bem se dispunha a levar a partir de então. Comigo só pôde falar bem tarde da noite, quando todos já tinham ido dormir.

Junto ao fogo, com suas mãos nas minhas como quando era criança, abrimos mutuamente nossos corações. Contei-lhe meus temores, falei do egoísmo das pessoas, das expectativas que se haviam levantado após o milagre de Caná e o relato da manifestação de seus objetivos missionários no Jordão. Inclusive pedi-lhe perdão por haver sido eu a responsável por aquele seu primeiro milagre, no fundo, supérfluo. Ele me tranqüilizou.

Assegurou-me que os dias passados no deserto serviram para conhecer bem qual era sua tarefa e os passos que deveria dar até que chegasse a "sua hora". "Mãe" disse, olhando-me fixamente nos olhos, "a ti não posso e nem quero ocultar nada. Vou começar a última etapa de minha vida. Acabará mal e, por isso, acabará bem. Aconteça o que acontecer, nunca duvides de mim nem do amor de Deus. Mais adiante eu te irei contando os detalhes, mas desde agora quero que saibas que tudo está previsto por meu Pai e que tem que se cumprir exatamente como está previsto, a fim de que todos possam crer. Não deixes de rezar por mim e, repito, digam o que disserem, nunca duvides que estou fazendo o correto, por mais surpreendente que possa te parecer. Amanhã, como em todos os sábados, irei à sinagoga e ali iniciarei meu caminho.

Depois irei embora e demorará muito para nos vermos de novo.

Se tens problemas no povoado, conte-me logo, que arrumarei para ti um lugar em Cafarnaum."

Eu não chorei, e não foi por falta de vontade. Tampouco me mostrei amedrontada e muito menos tentei dissuadi-lo. Sabia que para isso tinha vindo e com a intuição especial que têm todas as mães, nos dias anteriores fui compreendendo que, efetivamente, tudo acabaria mal. Mas sabia também que no fim tudo aconteceria como Deus havia previsto. Por isso, fazendo-me forte lhe disse: "Filho meu, agora sou eu que te peço que nunca duvides de mim. Bastou-me ver o que vi estes dias em Nazaré para compreender o sofrimento que te espera. Sei que vencerás, mas também sei que vais passar mal. Por isso quero que estejas sempre seguro de mim. Aconteça o que acontecer e digam o que

disserem, não tenhas a menor suspeita. Eu estarei sempre ao teu lado, acreditando em ti e convencida de que o que fazes é o que está certo. Gostaria de acompanhar-te, mas sei que apenas servirei de estorvo. Ficarei aqui ou irei viver com minha prima Maria, a de Alfeu, ou então, irei a Caná para a casa de nossos amigos. Não foste tu quem me disse uma vez, olhando uns pássaros, que Deus nos ama mais do que aos pardais e que não devíamos nos preocupar com nada porque até os cabelos de nossa cabeça estão contados? Baseada nesta fé vivi desde minha infância e graças a esta fé tu nasceste. Por isso, fique tranquilo que teu Pai, meu Deus, velará tanto por mim quanto por ti".

"Espero que por ti um pouco melhor do que por mim, porque, do contrário, terei que ajustar contas com Ele", disseme brincando, enquanto se levantava. Abraçamo-nos e depois beijei sua fronte. Em seguida tentei beijar-lhe as mãos, aquelas mãos que haviam feito o milagre do vinho em Caná com a mesma naturalidade e amor que haviam feito móveis em nossa oficina.

Ele me impediu. Ao contrário, pegou as minhas mãos e me disse, solene e emocionado: "Estas mãos benditas, mãe, deverás mantê-las sempre abertas para que quem as veja compreenda que estão

esperando as cargas para poder apresentá-las no céu. Eu te prometo que tudo que nelas for colocado nunca será esquecido nem por mim, nem pelo Espírito, nem por meu Pai".

Assim nos despedimos. Quando fiquei só, naturalmente chorei bastante. Sabia que ficaria muito tempo sem vê-lo e isso me angustiava. Sabia que iria sofrer e temia, inclusive, que sua incapacidade de dissimular colocaria sua vida em perigo. Porém minhas lágrimas não eram de desespero. Eram de dor e desafogo, só isso, porque estava segura de que, acontecesse o que acontecesse, Deus estaria com ele.

No dia seguinte tudo correu como ele havia previsto. Foi à sinagoga. Tu estavas também ali com os outros. Todos haviam aparecido ali naquela manhã. Esperavam escutar de seus lábios alguma mensagem especial e, quem sabe, ver algum milagre.

De fato, vários enfermos se aglomeravam à nossa porta enquanto outros o aguardavam ali. Eu me encontrava com o grupo das mulheres e me sentia estranha, rodeada pela expectativa de tantos, embora protegida por minhas

primas que não me deixaram só nem um instante. Meu filho procurou o texto que queria ler e o proclamou com voz solene: "O Espírito do Senhor está sobre mim, porque me ungiu para anunciar aos pobres a boa nova, enviou-me para proclamar a libertação dos escravos e devolver a vista aos cegos, para dar liberdade aos oprimidos e proclamar um ano de graças do Senhor".

Um murmúrio de aprovação acolheu aquelas palavras do profeta. Respirei aliviada. Porém a tranquilidade durou pouco.

Quando se fez o silêncio, recomeçou a falar: "Esta Escritura que acabais de ouvir se cumpriu hoje. Estou no meio de vós, vivi aqui convosco durante a maior parte de minha vida e não me conhecestes porque ainda não havia chegado a hora. Agora vos digo que fui enviado pelo Altíssimo para realizar uma missão redentora, para que se cumpram as antigas profecias, para anunciar a graça e a misericórdia de Deus, para convocar todos à conversão, à reconciliação, à plenitude da revelação".

Suas palavras dividiram a assembléia. Enquanto alguns concordavam e inclusive choravam de emoção porque acreditavam no que ele contava, apoiados na manifestação feita pelo Batista e no milagre de Caná, outros puseram-se a gritar:

"Quem és tu para considerar-te o Messias? Sabemos quem és, és filho de José, o carpinteiro. Crês que vamos engolir que o Messias tenha nascido na casa de um pobre?". Houve alguns que chegaram ao insulto: "Dizem que fizeste um milagre em Caná e que se ouviu uma voz do céu quando João te batizou no Jordão.

Tudo isso é mentira. És um impostor e um embusteiro. Aqui em teu povoado, dizemos: médico, cura-te a ti mesmo. Se tens capacidade para fazer milagres, porque não os fizeste aqui, onde viveste tantos anos? Por que não os fazes agora para que possamos ver e então crermos em ti?".

Então ele estendeu os braços e os manteve assim até que se fez silêncio. Estava em pé, rodeado por todos, a maioria com ira no rosto e só alguns dispostos a dar-lhe apoio. Ninguém sabia o que poderia acontecer, se faria algum gesto extraordinário ou se revelaria algum segredo. Porém ele se limitou a dizer: "Em verdade vos digo que nenhum profeta é bem recebido em sua pátria. Havia muitas viúvas em Israel nos tempos de Elias, quando se fechou o céu por três anos e seis meses e grassou a fome em todo o país. E a nenhuma delas foi enviado Elias, a não ser a uma viúva estrangeira, que vivia em Sarepta, na

Sidônia. E havia muitos leprosos em Israel nos tempos do profeta Eliseu e nenhum deles foi curado a não ser Naamã, o sírio". Logo se calou.

Então todos se atiraram sobre ele, enquanto gritavam:

"Impostor, nos dizes que não fazes milagres para nós porque não somos bons, porque não merecemos. Vais te inteirar do que somos". Apesar de vossos esforços João, se apoderaram dele e o arrastaram povoado acima, até o barranco, com intenção de lançá-lo dali e matá-lo. Eu ia atrás, angustiada, suplicando que o soltassem, tentando abrir caminho entre a multidão. Como todos me conheciam, não só não passei despercebida como ainda tive que ouvir insultos e chacotas. Inclusive uma mulher me arranhou o rosto e tentou me arrancar os cabelos não fosse tu, querido amigo, estares a meu lado. Somente depois soube que Jesus te havia dito que, acontecesse o que acontecesse e fizessem a ele o que fizessem, tu não te separasses de mim após minha saída do recinto das mulheres na sinagoga.

Assim chegamos à borda do barranco, um pouco atrasados mas pudemos ver o que ocorria. Ao se aproximarem do precipício, ele lhes gritou: "Soltai-me". E eles, tão valentes e empostados como estavam, de repente se acovardaram. Sua voz era poderosa.

Havia estado totalmente passivo enquanto o levavam quase pelo ar. Agora, como se tivesse despertado, se impunha sobre a multidão. "Soltai-me", repetiu. "Não é este o lugar nem o momento em que terei que dar glória ao Altíssimo. Perdestes a ocasião de participar do plano de Deus. Deixai-me ir e ficai também em paz.

Não quero que o ódio vos faça dano. Vivi convosco muito tempo e isto vos salva." Então, as mãos que o agarravam e que haviam rasgado suas roupas, se soltaram. Aqueles que possuíam pedras, deixaram-nas cair. Aqueles que levavam pedaços de pau, depositaram-nos no chão. Ele se pôs a andar e passou no meio deles, rodeado por um silêncio total, doloroso e estranho. Veio até mim, me beijou de novo na fronte, porém desta vez sem nada me dizer, e seguiu descendo a colina. Só então, quando já se afastava com aquele seu caminhar majestoso e solene, as pessoas despertaram daquela espécie de torpor que se apossara delas.

Vós vos pusestes a correr atrás dele e os outros, sem saírem dali, renovaram seus insultos: "Vai-te e não voltes mais, impostor", gritavam. "Se voltares, já sabes o que te espera", comentavam outros entre gargalhadas. Então, embora já estivesse

meio distante, voltou-se e olhou para eles. Todos pudemos ver que chorava e suas lágrimas fizeram com que aqueles valentões guardassem silêncio. Minhas primas se aproximaram de mim, porque tu já tinhas ido embora. Pegaram-me pelo ombro e juntas começamos a descer a encosta, até as nossas casas. Dois de seus primos não precisaram de mais provas e foram com ele. Eram Simão e Judas. O outro, Tiago, seguia-o desde o primeiro momento.

Foi a última vez que o vi em muitos meses. Ao contrário do que se poderia esperar, a paz se fez novamente em Nazaré e ninguém me incomodou. Inclusive aquela mulher que me havia agredido pediu desculpas nos dias seguintes. Apenas alguns poucos extremistas continuaram insistindo que ele era um impostor. A maioria sentia um profundo pesar e falava entre si comentando suas palavras na sinagoga e admitindo que tinha razão, que lhes havia faltado fé e que haviam sido muito torpes por não reconhecerem o próprio Messias, que vivera com eles tantos anos no mais completo segredo. Nisso, naturalmente, ajudou a fama extraordinária que o acompanhou e não tardou a chegar a nosso povoado, com as notícias dos milagres portentosos que fazia. Creio eu, João, que o que mudou de verdade o coração de meus conterrâneos foram suas lágrimas. Isto foi o que me confessou mais de uma pessoa. Quando o viram chorar, com a solenidade da qual estava revestido naquele momento tão difícil,

quase impassível e totalmente sereno apesar das ameaças que eram jogadas sobre ele, compreenderam que era o Messias. Foi uma antecipação daquilo que aconteceria anos depois. São suas lágrimas, João, que convertem, atraem e curam. Suas lágrimas, muito mais, infinitamente mais do que seus milagres.

## DA RETAGUARDA

Contava-te ontem, João, o que aconteceu quando Jesus esteve em seu povoado, em Nazaré, pouco antes de ter iniciado a manifestação pública de sua missão. Conte-te precisamente porque o que eu vi e vivi não foi visto por ele nem por vós. E assim aconteceu durante os quase três anos que se seguiram. Ele andava convosco de um lado para outro subindo e voltando a Jerusalém, indo a Tiro e a Sidão, cruzando a Galiléia e inclusive atravessando a Samaria. Eu, por outro lado, estava em casa, em Nazaré, até que minha vida passou a correr perigo e tive que me refugiar em Caná. Dali, na retaguarda, tinha notícias detalhadas de vossas andanças, que muitas vezes chegavam ao meu conhecimento já deturpadas, incompletas, envoltas em ameaças ou equívocos. Não foi fácil ficar distante daquele que era tudo em minha vida. Não foi fácil conservar a

serenidade quando essas vozes que pareciam amigas punham-me a angústia na garganta ao contar-me minuciosamente os perigos que corria meu filho. Não foi fácil, tampouco, quando ouvia dizer que meu Jesus ia encabeçar uma rebelião contra os romanos, ou quando me contavam que se havia tornado um perigo para a sobrevivência do povo, e menos ainda quando afirmavam que era um blasfemo e violava as sagradas leis de nossa religião.

Mas eu lhe havia prometido que, acontecesse o que acontecesse, nunca deixaria de estar tranqüila, não perderia a paz e a confiança em Deus. Havia lhe prometido também que não duvidaria dele, se bem que foi fácil cumprir a promessa, porque os rumores que me chegavam pondo em dúvida sua honra e sua fé só me magoavam por saber que eram injustos, porém não me abalavam, sequer me faziam duvidar. Não fora em vão que eu o trouxera ao mundo e tinha convivido com ele durante trinta anos. Se os outros podiam duvidar, eu não, pois eu o conhecia e sabia que tudo o que dele pudessem dizer se devia a mal-entendidos ou ao pecado daqueles que o injuriavam.

Os problemas se apresentaram em seguida, inclusive durante os primeiros tempos, quando caminháveis de triunfo em triunfo, envoltos na fama dos milagres que meu filho praticava, elevados pelo fervor da multidão. Por exemplo, quando, na primeira Páscoa, fostes a Jerusalém.

Não haviam transcorrido cinco dias desde que tivera lugar a expulsão dos mercadores do templo, e já era conhecido o fato em toda a Galiléia. Mais rápido ainda que o correio mais veloz, a notícia se espalhou por toda a comarca. Não só em Cafarnaum, onde vos havíeis instalado, mas também na distante Nazaré não se falava de outra coisa. O que me contaram não foi, logicamente, o que se passou.

Demorou muito para que eu soubesse com exatidão o que ocorrera.

Primeiro disseram-me que havia estourado um motim contra os romanos em Jerusalém e que meu filho era um dos líderes.

Afirmavam que tudo começou no templo e que os mercadores haviam sido expulsos do local, pois eram colaboradores daqueles que estavam invadindo nossa pátria. Falavam de sangue e de mortos, de destruição e de represálias. Compreenderás, João, que a angústia encheu minha boca de amargura e meus olhos de lágrimas. Tinha certeza de que meu filho não estava envolvido em

nenhuma operação violenta, porém não sabia o que poderia ter ocorrido e, principalmente, qual havia sido sua sorte. Uma mãe pensa sempre no pior e embora o coração me dissesse que estava vivo, não podia evitar de estremecer ante a possibilidade de que algo de mau pudesse ter-lhe ocorrido.

Logo veio outra versão. Segundo esta, Jesus enfrentara os sacerdotes e os criticara por causa do comércio em que estavam transformando o culto ao Altíssimo. Disseram-me que havia afirmado, citando o profeta Zacarias enquanto expulsava os mercadores: "Tirai isto daqui. Não façais da casa de meu Pai uma casa de comércio". Porém disseram-me também que ele e vós descarregastes a ira de Deus contra as pessoas, que as golpeastes com chicotes e que o sangue dos comerciantes correu misturado com o das vítimas dos sacrifícios. O zelo de meu filho pelas coisas de seu Pai se encaixava melhor com sua maneira de ser, mas não com a violência contra as pessoas. Não, este não podia ser ele.

Mantive-me firme em rechaçar todo tipo de relato que fosse contrário à imagem que eu tinha daquele que havia carregado em minhas entranhas. Porém isto não diminuía o medo nem a angústia. Como reagiram os mercadores expulsos? Como o aceitaram os sacerdotes que recebiam uma parte dos lucros? E os romanos? Permaneceram impassíveis ante um problema que alterava a ordem no coração palpitante de nosso inquieto Estado?

Sim, João, aquela foi a estréia de uma longa série de histórias que, como já disse, chegavam a mim com atraso e forçosamente deturpadas. Logo, passado o tempo, ou porque um ou outro de vós vinha a Nazaré, ou porque no final a verdade acaba sendo conhecida, inteirava me do que havia sucedido, mas às vezes com semanas de atraso e durante este tempo tinha que agüentar a angústia, o medo e também a dúvida.

Essa foi a minha contribuição à vossa causa. Eu, desde minha estada em Nazaré, apenas podia rezar. Unia meu sofrimento ao que sofria meu filho e pedia a Deus que descarregasse sobre mim os golpes que a ele estivessem reservados. Foi assim que começou a cumprir-se a profecia do ancião Simeão. Foi assim que a espada da dor começou a atravessar-me a alma.

A angústia se tornou terrível quando, pouco depois dos fatos acontecidos na Páscoa, João Batista foi detido. Estava batizando em Ainã, perto de Salim,

quando caíram sobre ele os homens do tetrarca Herodes e o levaram a Maqueronte. A notícia da prisão de João correu velozmente por todo o país. Não esqueças que eu era sua tia e que, embora não tivéssemos tido muito relacionamento devido à prematura morte de seus pais, eu havia estado ao lado de sua mãe quando ela deu à luz. Além do mais, todos nós amávamos João. E, como se isto fosse pouco, ele havia sido eleito pelo Altíssimo para dar a meu filho o sinal de partida. Por último, dele saíram vários de vós, formando parte dos primeiros a acompanhar meu filho em sua pregação.

Mas não sofria só por João. Sofria também por Jesus. E com minhas primas acontecia o mesmo com relação a seus filhos Tiago, Judas e Simão, que junto com ele estavam anunciando a boa notícia do amor de Deus a seu povo. Como mães preocupadas nos víamos com frequência para trocarmos a menor notícia e rezar pedindo a Deus misericórdia para o Batista e para nossos rapazes. Elas não tinham a fé em Jesus que eu tinha, e eu notava que, apesar do carinho que nos unia, às vezes se sentiam amarguradas e pesarosas pelo fato de que seus filhos se haviam metido naquela aventura. Minha prima Maria, a mãe de Tiago, sempre esteve firme. Por outro lado, a mulher de Cleófas, quem sabe por ser mais idosa, tinha mais dificuldades em crer que aquilo que Jesus fazia procedia de Deus.

O caso é que sofriamos por não termos notícias e sofriamos

quando as recebíamos. Até que nos inteiramos de que, após a detenção de João, Jesus havia decidido abandonar a Judéia e regressar à Galiléia.

Podes não crer, João, mas eu soube do caso da samaritana muito antes que nos reuníssemos em casa de Manassés, em Caná, e que ele pudesse então me contar. E, como em tantas outras ocasiões, eu o soube de forma deturpada e sofri devido à versão que me deram.

Não se atreveram a ferir-me diretamente, assim o contaram a Maria, minha prima. Primeiro disseram que Jesus foi surpreendido junto ao poço de Jacó com uma prostituta de Sicar e que seus próprios discípulos o encontraram falando com ela, coisa que é proibida entre nós e os samaritanos, e muito mais se se tratar de um homem e de uma mulher que estão a sós, especialmente se ela é uma mulher dessa classe. Logo contaram-nos que, na verdade, fora apenas uma conversa, e que com isto Jesus queria demonstrar que todos nós éramos iguais. Era um escândalo intolerável, porque era impensável que nós, que somos bons israelitas e adoradores do Deus verdadeiro, nos façamos iguais aos samaritanos.

Era também intolerável que se pusesse no mesmo nível uma mulher honrada e uma qualquer.

Frente a estes rumores que colocavam na boca do povo a dúvida sobre a virtude de meu filho, e que faziam ranger de raiva os dentes daqueles que se consideravam zelosos defensores da lei, minhas primas e eu não podíamos deixar de ficar cada vez mais inquietas.

Mal superávamos um motivo de angústia, sobrevinha outro, mesclado sempre com ingredientes novos, com rumores sobre sua segurança ou com notícias de escândalos.

Por isso vos enviamos aquela mensagem um pouco desesperada, que sei que incomodou Jesus porque o forçava a modificar seus planos. Mas não é que eu fosse uma mãe com dúvidas, era simplesmente uma mãe. Minha fé em meu filho não se havia alterado em nada, porém precisava vê-lo e estreitá-lo em meus braços e, se ele quisesse, escutar de sua boca o que na verdade tinha acontecido durante todo aquele tempo.

Jesus, como sabes, aceitou reunir-se conosco em Caná, na casa de Manassés, que morreu pouco depois daquela visita deixando Lia desolada. Ali, naquele lar acolhedor, muito mais aberto aos ventos do mundo que entre os muros antigos da montanhosa Nazaré, pudemos passar uns dias de descanso. Ali aconteceu outro milagre, que na realidade se realizou à distância, em Cafarnaum. Refiro-me à cura do filho de um funcionário real, que veio das margens do lago até Caná para suplicar que curassem seu rapaz. Eu estava junto a meu filho quando aquele homem lhe suplicou insistentemente. Jesus estava muito cansado. Tanto que exclamou: "Se não virdes milagres e prodígios não credes!". Não me atrevi, como antes, a mediar porque, entre outras coisas, não deu tempo. O bom homem, apesar de sua elevada posição, humilhou-se ante Jesus e voltou a pedir-lhe que fosse com ele a Cafarnaum antes que a criança morresse. Então vi Jesus ficar sério, fechar os olhos e estremecer suavemente. Logo lhe disse: "Vai-te, teu filho vive". Aquele rapaz viveu, João, pelo milagre que fez meu filho, mas também pela fé de seu pai, porque este aceitou a palavra de Jesus e deixou de insistir. Mesmo se tivesse continuado a suplicar, a cura seria levada a cabo da mesma forma, porque, quando Jesus lhe falou, o filho já estava curado. Quem sabe que espantosa enfermidade do espírito não teria produzido raízes no coração de um pai que descobre que havia duvidado daquele que acabava de salvar seu filho.

Embora aquele encontro com meu filho tenha durado pouco, pude falar-lhe com certa calma. Aproveitei para perguntar-lhe sobre sua alma, sobre sua paz. Notei que ele estava cansado. Percebi que

estava um pouco decepcionado, embora estivesse no início de sua aventura. Não se podia dizer que havia se metido naquela confusão ignorando a natureza humana. Já tínhamos lhe falado, e seu pai José o prevenira havia muito tempo. Os homens pedem milagres pequenos àquele que lhes quer dar o maior dos milagres, o de saber que Deus existe e que é o amor para cada um de nós. Porém uma coisa é conhecer os homens teoricamente e outra submeter-se a esse banho de egoísmo que te rodeia quando comesças a dar e a dar-te. Disse-me que tinha a impressão de ser como um grande pão que se coloca na praça para dar de comer aos famintos. Cada um leva o maior pedaço que consegue arrancar, sem preocupar-se com a sorte do pão nem com os motivos que existem para que ali esteja, a seu alcance. Compreendi que, aos poucos estavam começando a lhe tirar a vida e que cada milagre era não só uma prova de seu amor e um sinal do poder de Deus que atuava por suas mãos, como também uma decepção para ele. Uma decepção que era provocada ao comprovar que a maioria dos que se beneficiavam de seus favores lhe dava imediatamente as costas sem ao menos agradecer e sem se interessar por sua mensagem.

Enfim, ao menos tive a ocasião de vê-lo e de apertá-lo em meus braços. Quando partistes para Cafarnaum, eu permaneci ainda um tempo em Caná. Estava bem naquela casa e, como te disse, pouco tempo depois Manassés ficou doente e eu quis ficar ao lado de Lia. Ela conhecia a capacidade de meu filho de fazer milagres e inclusive comprovara que minhas orações eram ouvidas pelo Altíssimo. A vida de seu filho era prova disso. Sem dúvida, havia notado, como eu, que Jesus estava esgotado. Contudo lhe perguntei: "Queres que lhe mandemos um recado a Cafarnaum?"

Quem sabe possa curá-lo à distância, como fez com o filho do funcionário real". Ficou em dúvida, mas pelo amor que sentia por seu marido, não tardou em responder com um suave sorriso: "Maria, reza tu. Mas não peças a Deus que dê vida a Manassés e que atrase sua morte. Pede-lhe que se faça sua vontade e que, sendo possível e se tiver que morrer, que morra em paz e sem sofrimento". Eu então a abracei e a convidei a rezar comigo. Depois fomos juntas até a cama do moribundo.

Ainda estava lúcido. Não me atrevi a fazer em sua testa os sinais que havia visto

Jesus fazer sobre a fronte de seu pai e de sua avó, que continuavam misteriosos para mim. Mas peguei sua mão trêmula e lhe falei do céu. Disse-lhe que o mais importante da mensagem que meu filho estava pregando era que Deus existia e que não era exatamente como nos haviam contado, porque além de Todo-Poderoso, era o Pai. Disse-lhe também que o céu estava aberto a todos aqueles que haviam feito o bem e que, quando o Senhor assim o dispusesse, ele poderia estar acompanhando Abraão no seio dos justos, mas que esta etapa também era transitória, pois a misericórdia de Deus não tardaria em manifestar-se para nos redimir de nossos pecados. Ele me olhou com seus olhos já quase escuros e me agradeceu por ter iluminado suas últimas angústias com minhas palavras e abençoado seu lar com minha presença. Depois dirigiu-se à sua mulher e a abençoou. Por último, mandou chamar seus filhos e netos e lhes suplicou, com o último fio de voz que lhe restava, que cuidassem de mim e que tivessem as portas sempre abertas para mim e para meu filho. Assim dormiu no Senhor e descansou em paz.

Confesso-te, João, que eu mesma meditei, surpresa, quando pude estar só, sobre o que havia dito a Manassés. Era algo que me saíra de dentro, que sem dúvida havia sido colocado por meu filho no meu íntimo, mas que nem eu mesma conseguia entender totalmente. Mais tarde, após a morte e a ressurreição de meu filho

e a vinda do Espírito Santo em Pentecostes, pude compreender o profundo significado do que então já sabia. Mas intuí, sim, que aquilo era novo e era uma mudança muito grande em relação ao que nos haviam ensinado até então. E soube que era bom, porque aquele homem justo morrera em paz.

Meu filho não veio a Caná para os funerais de Manassés.

Enviou três de vós como mensageiros seus. Estava muito ocupado em Cafarnaum e preparava-se para voltar a Jerusalém. Não foi fácil para mim entendê-lo. Eu era sua mãe e minhas coisas me pareciam muito importantes, por isso achava serem importantes para ele também. Do ía-me que não estivesse ao meu lado e também ao lado daquela boa família à qual tanto devíamos. Doía-me que não tivesse feito um milagre para curar Manassés, quando o fazia para desconhecidos e mais ainda, que não tivera tempo para viajar a Caná e estar presente às honras fúnebres daquele bom homem. Sem dúvida, lem brei-me daquela cena no templo, tantos anos atrás, quando ainda era menino e deixara seu pai e a mim para permanecer ali discutindo com os doutores: "Tenho que me

ocupar das coisas de meu Pai", dissera-nos quando o encontramos. Sim, ele tinha que se dedicar ao que era seu, que na realidade era o melhor para mim, para Lia e para seu falecido marido. Ele tinha que se dedicar às coisas de seu pai, embora me custasse entender por que essas coisas não coincidiam com as minhas.

Mas tudo aquilo foi bom para meu espírito, porque me situava outra vez no mistério e nesse mistério me encontrava com Deus.

Um Deus a quem eu também já chamava de Pai, embora sempre tivesse a sensação de que era outra coisa além disso. Quer dizer, chamava-o de Pai pensando em mim, mas existia com Ele uma relação semelhante, a menos da distância, à de esposo e esposa que possuem um filho em comum.

Enfim, João, oss três escassos anos de trabalho evangelizador

- como o chamaís agora - de meu filho foram para mim anos de sofrimento, Um sofrimento que quisera aliviar estando a seu lado, como vós estáveis, inclusive como faziam algumas mulheres que o seguiam e o ajudavam com seus bens. Mas ele não me queria ali agarrado à sua túnica, e sim em casa, segura e alheia aos problemas nos quais continuamente se metia. Sabia de minha dor pela separação, mas também que eu sofreria mais se presenciasse os insultos que às vezes lhe dirigiam, as ameaças que pesavam sobre ele, as conspirações que seus inimigos tramavam.

Quando me inteirei de que planejava voltar a Jerusalém por motivo da festa do Sabat, pouco mais de um mês depois de sua saída forçada da cidade por causa da detenção de seu primo, minha angústia foi enorme. É certo que as notícias que corriam sobre João não eram más. Diziam que Herodes gostava dele e que, inclusive, consultava-o sobre assuntos de Estado. Porém ali estava ele, em um cárcere, e meu filho podia seguir o mesmo caminho. Contudo vós fostes e ali estivestes, e ele realizou milagres como o do enfermo que curou na piscina de Betezata, situada bem próximo da casa onde eu havia nascido. Claro que Jesus não fazia só isso. Tentava convencer os notáveis, insistia no diálogo com os fariseus mais abertos para fazê-los compreender que a mensagem da qual era portador não se opunha ao que Moisés e os profetas tinham anunciado, e sim era sua continuação e sua plenitude. Muitos meses passastes na cidade santa, até que ocorreu aquele desgraçado festim em que Salomé, instigada por sua mãe, forçou Herodes a matar o Batista.

Quando as notícias chegaram a nós era já o mês de Sebat, embora o caso tenha sucedido alguns dias antes, no final de Tebet De novo o medo e a dor se apoderaram de mim. O medo e a angústia pela sorte de Jesus e da vossa, a dor pelo que João passou. Mas

sempre tive presente a promessa que havia feito a meu filho: aconteça o que acontecer, não percas a esperança e não duvides que Deus está por trás de tudo. Quanto custou-me aceitar que Deus pudesse estar por trás daquele assassinato! Porém, assim devia ser.

Aprendi a distinguir entre o que Deus quer e o que Deus permite.

Quando uma pessoa te dá uma bofetada, é vontade e responsabilidade dela. Quando essa mão chega a teu rosto, já é vontade de Deus. Aprendi, não deixava realmente de fazê-lo desde aquele dia em que me apareceu o anjo, a amar no mistério, a amar no escuro. E eu padecia numa escuridão tremenda, sem ter notícias, até que soube que, após a morte de João, voltastes a sair de Jerusalém, onde não estáveis seguros.

Assim, já vos tínhamos de novo na Galiléia, ainda que eu estivesse em Nazaré e vós em Cafarnaum. Minhas primas e eu desejávamos ver nossos filhos. Jesus tinha enviado Judas para nos tranquilizar, mas sua chegada a Nazaré não fez mais do que piorar as coisas. As pessoas não tinham esquecido a permanência de Jesus no povoado. Embora muitos tivessem ficado comovidos com suas lágrimas quando descia a ladeira, com o passar do tempo a maioria voltou a sentir profundo rancor contra ele. Acima de tudo, consideravam um desprezo imperdoável sua recusa em realizar ali algum milagre, especialmente porque não paravam de chegar notícias de que os fazia nesse ou naquele lugar. Assim, sua popularidade em Nazaré era menor do que em toda a Galiléia. Essa pressão repercutia sobre toda sua família e especialmente sobre seus primos. A exceção dos que o seguiram, os demais se sentiam incomodados por ter que suportar as indiretas de uns e de outros, que os acusavam de ser parentes de um apóstata, de alguém que violava o sábado, que tinha pretensões de grandeza e queria modificar os ensinamentos de nossos antepassados. Eu percebia uma tempestade se formando e não sabia o que fazer, pois havia muito tempo que minhas palavras não eram ouvidas nem sequer entre os meus. Só minha prima Maria continuava muito unida a mim e, com relação às outras, apenas podia agüentar em silêncio suas reprovações e ironias. Então, quando já se passavam algumas semanas da vossa ida a Cafarnaum e depois da estada de Judas no povoado,

decidiu-se formar uma comitiva familiar para ir onde estava Jesus e pedir-lhe explicações. Diziam que ele não podia fazer o que quisesse porque, com seu comportamento, estava pondo em perigo o resto da família. Devia ser razoável, moderar suas pretensões, submeter-se aos rabinos e aos chefes do povoado, não provocar e, se possível, beneficiar em algo os seus, como faziam todos aqueles que conseguiam, de alguma maneira, poder e influência.

Como compreenderás, João, para mim foi um desgosto terrível. Que podia fazer eu? Sequer me deixaram falar. Só me disseram que eu poderia acompanhá-los ou, se não quisesse, permanecer no povoado. Não pude negar-me a ir com eles. Tinha tanta vontade de vê-lo! Além disso, quem sabe eu poderia mediar para evitar um confronto que faria meu filho perder o escasso apoio com que contava entre os seus.

Era inverno, porém os dias eram suaves. Já avançava Adar e os campos começavam a encher-se de flores. Chegamos a Cafarnaum e em seguida nos disseram que "o Mestre" como todos o conheciam no povoado, estava ensinando na casa de um notável.

Fomos até lá. A casa estava cheia. Um sobrinho meu perguntou a um dos que esticavam o pescoço do lado de fora para captar alguma coisa do que ocorria no pátio da casa: "De que fala?". "Não sei de que sinal de Jonas", respondeu o homem, completando a seguir,

"diz que os ninivitas se levantarão contra nós no dia do Juízo, porque eles se converteram com a pregação de Jonas e ele é mais do que

Jonas e contudo nós não nos convertemos. E diz também que o mesmo fará a rainha do Meio Dia, aquela que correu para ouvir Salomão, porque ele é maior do que Salomão."

"Mais que Jonás e mais que Salomão!", exclamaram indignados meus parentes. "Isto já é demais. Voltou louco e se não o detivermos, vai fazer cair a desgraça sobre todos nós e inclusive sobre todo Israel."

Ante a agitação, alguns se voltaram e mandaram que se calasse. "Está falando de Satanás, calai-vos e deixai-nos escutar. Se não credes, o problema é vosso. Para nós tudo o que diz é verdade, porque temos visto tantos milagres seus que nem Salomão nem mesmo Davi se igualariam a ele." Meus primos protestaram e a agitação, em lugar de amainar, cresceu. Então eles se identificaram:

"Somos sua família, viemos de Nazaré e aqui está também sua mãe".

Meu coração deu um salto. Como se atreviam a meter-me naquela confusão? Como se atreviam a mencionar meu nome, como se eu estivesse de acordo com eles e tivesse dúvidas acerca da identidade e da importância de meu filho? Porém não houve nada a fazer. Apenas se constatou que eu estava ali, e como ninguém me conhecia, a notícia se difundiu como um relâmpago. "É sua mãe" diziam uns aos outros com reverência, abrindo-me caminho. Até que alguém conseguiu acercar-se de Jesus, que continuava falando, e lhe disse:

"Olha, aí fora está tua mãe e teus irmãos que desejam falar-te".

Todos puderam escutá-lo e se voltaram para onde nós estávamos.

Quanto sofri então, João! Eu ainda não o via, longe como estava. E

levava dentro a enorme dor de ser acompanhante de pessoas que não o amavam nem o entendiam. Atemorizava-me que pudesse duvidar de mim e suspeitasse que eu estava também com aqueles que o criticavam. Queria adiantar-me a todos e dar-lhe explicações mas, neste momento eu mesma, bem como os outros, ouvi-o dizer, com voz tranqüila e emocionada: "Quem é minha mãe e quem são meus irmãos?". E apontava para vós, seus discípulos mais queridos:

"Estes são minha mãe e meus irmãos, pois todo aquele que cumprir a vontade de meu Pai celestial será meu irmão, minha irmã e minha mãe". Então o murmúrio cresceu, todos falavam entre si, perguntando o sentido daquelas palavras: seriam de desprezo por sua família, inclusive eu? Será que o Mestre acabava de dar outra lição abrindo a qualquer um a possibilidade de ser um ente chegado ou estaria querendo dizer que o que importa de verdade não é o vínculo de sangue e sim os vínculos que o amor estabelece?

A verdade é que não houve tempo para muitos comentários.

Jesus já se havia levantado e lhe abriam passagem para chegar até mim. Seus primos, tão irritados antes e mais confusos agora, estavam ao meu redor. Meu filho, à vista de todos, com a calma que agora já não o abandonava nunca, colocou os braços em meu pescoço e me beijou a fronte. Eu ainda estava aturdida, queria falar, explicar-lhe, contar-lhe o que se passava mas ele não deixou. Disse-me ao ouvido:

"Eu sei de tudo. Fica tranqüila. Não duvido de ti, assim como não duvidas de mim. Tudo isto tem que acontecer, e podes deixar de sofrer, porque nos planos de Deus está tudo previsto, inclusive que os profetas sejam desprezados em suas terras". Em seguida foi ter com seus primos e os saudou com afeto como se não estivesse a par de suas intenções, como se não soubesse ler em seus olhos a inveja e o egoísmo, ou melhor, como se, mesmo sabendo, os amasse igual. Mais tarde eu soube que Judas, seu primo, lhe havia contado como estavam as coisas em Nazaré e entre os nossos. Sem dúvida, tanto a eles como a mim tratou com grande cortesia. Pediu a seus amigos que os alojassem em suas casas e me conduziu à casa de Pedro, onde ele morava. Foi então que se virou para ti e te incumbiu, pela segunda vez, de tomar conta de mim, pedindo que te mudasses

da casa de teu pai para a de Pedro para me acompanhar. Quanto te transformaste em poucos meses! Mas, não é o momento de falar de nós e sim de continuar te contando o que se passou com seus primos e na reunião que tiveram em seguida.

Jesus não me deixou ir com eles. Aquilo que cheguei a saber, soube por Maria. Tampouco quis que seus outros primos, os que estavam a seu lado, Tiago, Simão e Judas, estivessem presentes.

A reunião foi difícil. É verdade que os rapazes estavam menos agressivos do que em Nazaré. Agora já não estavam mais na própria casa. O ambiente em Cafarnaum era bem diferente daquele que se respirava em nosso povoado. Aqui Jesus era admirado e querido, possuía muitos seguidores e continuamente chegavam à pequena cidade pessoas procedentes de toda a Galiléia, da Judéia ou ainda de Decápolis para ouvi-lo e, sobretudo, para que os curasse.

Contavam-se maravilhas dele e a mim não cessavam de adular e abençoar por haver tido um filho assim.

Não obstante, a reunião familiar foi difícil. Passado o primeiro momento, seus primos disseram-lhe, com mais suavidade mas com clareza, tudo o que pensavam. Omitiram algumas coisas, porém lembraram-lhe seus deveres familiares e, principalmente, a delicada situação na qual suas "aventuras", como as chamavam, colocavam-nos em Nazaré. Houve um que se atreveu a ir mais longe e que lhe aconselhou ter uma atitude mais prudente: "Confrontando-te com os sacerdotes, com os fariseus, e principalmente com os romanos", disse-lhe, "não vais chegar a parte alguma. Se queres que te reconheçam como o Messias, ouve-me e dedica te a fazer milagres e estar de bem com aqueles que

mandam. Depois, quando conseguires o poder, acertarás as contas com teus inimigos. Tens que ser mais inteligente", concluiu, "e menos conflitante. De nada serve dizer a verdade. Basta que não digas mentiras e que dissimules um pouquinho. Do contrário, eu te asseguro, nunca serás alguma coisa na vida. Se crês que a amizade de toda esta gente serve para algo, estás equivocado. Todos te abandonarão quando os poderosos te atacarem diretamente."

Como já disse, João, não estive presente àquela reunião.

Meu filho quis poupar-me esse desgosto. Através de Maria soube que escutou seus primos com a cabeça entre as mãos. E que não se despediu com raiva. Disse minha prima que inclusive tinha os olhos úmidos quando eles terminaram de dar seus conselhos. Sei, embora ele nunca quisesse falar do que acontecera ali para não me entristecer, o muito que deve ter sofrido. Afinal, pertenciam à sua família e nos queríamos. Durante anos convivemos e havíamos passado bons momentos juntos. Com alguns tínhamos inclusive dívidas, não só de afeto como também de dinheiro. E agora pediam-lhe que lutasse pelo poder com astúcia, que mentisse se necessário e, sobretudo, que não lhes complicasse a vida.

Jesus já havia começado a beber o cálice da amargura e da decepção. Tenho certeza de que aquele foi um trago considerável.

Se os seus não o reconheciam e não davam crédito aos sinais que fazia, como o compreenderia o povo? Como aceitariam sua mensagem os sábios e entendidos, aqueles que o olhavam com suspeita porque não era da casta sacerdotal ou porque não cumpria à risca as prescrições legais?

O caso foi que despediu seus primos sem lhes prometer nada e contendo sua decepção. Não foi a última vez que os viu, pois ainda teve que suportar outra "delegação" familiar poucos meses depois, que foi mais dura ainda que a primeira. Contudo, com aquela aprendeu bastante para saber o que podia esperar dos seus.

O único bem que trouxe aquele desgosto foi que já não me deixou mais partir. Não quis que eu regressasse com eles a Nazaré.

Não me disse porque, porém entendo que deve ter compreendido que eu estava passando mal na montanha, sem ele e rodeada de pessoas que continuamente me enchiam a cabeça de fofocas, de dúvidas, inclusive de críticas contra meu próprio filho. Sem dar explicações a ninguém, pediu-me para ficar. Tive que

pedir a Maria, minha prima, que fechasse a casa e que me enviasse, no menor tempo possível, minhas coisas para seguir o resto de minha vida fora de Nazaré, para onde, para o meu pesar, não voltei mais.

Doeu-me um pouco aquela perda, pois sentia carinho por meu povoado, porém aquela dor não se comparava com a alegria de poder estar junto a meu filho. Alegria que durou pouco, pois logo me enviou à casa de Lia, em Caná, onde estive quase até o final, até pouco antes de ter chegado a sua hora. Entretanto, pude estar ao menos naquela Páscoa convosco.

Falamos muitas vezes do significado da multiplicação dos pães e dos peixes naquele dia de primavera. Depois falamos do que ocorrera com a chegada do bendito Espírito Santo. Agora entendemos bem melhor o que Jesus quis fazer naquele dia. Era um símbolo daquilo que estava por vir. Com a compreensão limitada que tínhamos então não percebemos que se tratava de algo mais do que um grande milagre. Porque foi efetivamente isso: o milagre mais espetacular de quantos fez. Aparentemente havia decidido aceitar o conselho de seus primos e estava disposto a deixar o povo contente à custa de satisfazer suas necessidades, inclusive as de alimentação. Não era isso, mas foi o que as pessoas entenderam.

Por isso quiseram fazê-lo rei. Rei de um mundo cheio de guerras e egoísmo, quando o que ele queria era ser rei nos corações, rei da paz e da justiça.

Não me contou o que iria ocorrer, o que me faz pensar que não tinha nada preparado. Naqueles dias, apesar de sempre estar indo de um lado para outro rodeado de todo o tipo de gente, de vez em quando nos víamos a sós. Eu gostava de ficar sempre em um canto, perto dele mas sem me destacar, sem fazer-me presente para não o incomodar. Ele gostava que eu estivesse a seu lado porém sem que me notassem. Desfrutávamos os dois desta temporada de companhia, que nos lembrava a doce intimidade de nosso lar em Nazaré, tanto de quando seu pai era vivo como também depois de sua morte. Assim eu o ouvia pregar e via como se conduzia. Assim também pude observar-vos mais de perto, a ti e aos outros, e também as mulheres que o rodeavam e que, podes acreditar, não deixavam de preocupar-me, pois nunca se sabe o que pode surgir entre um homem e uma mulher, sobretudo se ela deseja conquistá-lo pelo choro ou fazendo-se de vítima.

Pude presenciar com meus próprios olhos vários de seus milagres, que não significavam para mim nenhuma revelação em particular, pois eu sabia bem o

que ele podia fazer com o poder do Pai. Eu também aprendi muito nesses dias. Principalmente, me tornei cada vez mais consciente de que ele não era somente meu filho como também Filho de Deus e, como ele mesmo dizia, vosso irmão. Eu não entendo muito desses conceitos que agora são articulados neste mundo grego. Refiro-me a isso de "pessoa" e

"natureza". Perco-me nessas novas categorias, tão afastadas de nosso modo de pensar. Só sei, agora com mais clareza do que naquela época, que, se ele era meu filho, era homem verdadeiro e que, se Deus, o Altíssimo, o havia gerado, era seu Filho e, portanto, era Deus como Ele, pois de uma maçã não sai uma pêra, nem de um peixe uma tartaruga. Já sei que isto soa muito forte para muitos ouvidos, sobretudo nos ouvidos de nossos compatriotas que se acercaram de nosso grupo porém não estão dispostos a dar o passo de aceitá-lo como Deus. Eu sabia e desde então fui vendo mais claro,

principalmente a partir da conversa que tive com ele pouco depois.

Confesso-te que me assustava, e ainda me assusta, pensar no que isto significava, porque decorria que, entre outras coisas, eu tinha carregado o próprio Deus em meu ventre e, portanto, seria a mãe de Deus.

Como pensar em tudo isto me atordoava, eu o fazia poucas vezes. Tive também pouco tempo para revolver as coisas em minha cabeça, coisas que, por sinal, excediam em muito minha capacidade de entender. Se eu cheguei a compreender alguma coisa mais, foi graças à ação do Espírito Santo em Pentecostes. Limitava-me, como já disse, a estar ali, em um canto, vendo-o e desfrutando das suas palavras. De vez em quando ele me procurava com o olhar e isso bastava a nós dois. De vez em quando ficávamos a sós e podíamos dar vazão ao nosso carinho de filho e mãe. Contudo, não me disse nada do que iria ocorrer naquela manhã quando multiplicou os pães.

Por isso creio que, como em tantas outras ocasiões, não tinha nada planejado. Simplesmente se apresentou o problema e quis fazer um favor a uma multidão faminta, ao mesmo tempo que via uma ocasião para dar-nos uma grande lição. No fundo, aquilo lembrou a todos os bons israelitas ali presentes a aparição do maná no deserto de Sinai. E quem sabe tenha sido por isso que o quiseram fazer rei.

Por isso e porque com um rei assim nenhum exército seria vencido e nenhum

homem teria que voltar a trabalhar, pois as pedras se converteriam em pão e a água em generoso vinho.

Por isso ele fugiu. Quando viu que continuavam sem entender, que interpretavam erroneamente o que ele pretendia fazer com aquele milagre, de novo a decepção o invadiu. O que teria que fazer para que compreendessem que não era médico de corpo e sim de alma, que não queria simplesmente alimentar seus estômagos e sim saciar sua sede de Deus? Fizesse o que fizesse, no final sua bondade se voltava contra ele mesmo. Esse parecia seu destino, seu irremediável final. Quanto mais amava as pessoas, menos elas entendiam a sua mensagem. Quanto mais as ajudava, mais buscavam a sua ajuda material e menos a espiritual. Poucos, para não dizer nenhum, eram os que acudiam a ele dizendo: ajuda-me a ser melhor, ajuda-me a controlar meu gênio, pede a Deus que me faça mais generoso. Pelo contrário, os pedidos eram sempre os mesmos: olha meu filho, olha minha mulher, olha meu marido, meu criado, inclusive o meu burro. O espiritual, a bondade, Deus, pareciam não interessar a ninguém. Só as coisas da terra, só a matéria movia essa gente. E também, pelo menos um pouco, a vós.

Pois logo percebi isso, enquanto pude estar próxima e observar-vos em silêncio. Não duvidava de que vós o amáveis muito. Tu, desde cedo, com entusiasmo. E Pedro, e seu irmão Tiago e meu sobrinho Tiago também. Vós o amáveis e o admiráveis, porém não o entendíeis. Também vós que acreditáveis ser ele um enviado do Altíssimo, pensáveis que sua missão era sobretudo terrena e que algum dia se envolveria com o poder em todo Israel e implantaria um reino que, por mais que estivesse embasado nos mandatos divinos, não deixava de ser um reino com seu poder, com sua economia, com seus ministros e inclusive com sua polícia e seu exército. Por isso, as lutas entre vós para saber quem seria o mais importante. Por isso, - perdoa-me que te diga - teve lugar aquela intervenção de tua mãe reclamando para teu irmão e para ti os primeiros postos no futuro reino, que acreditáveis estava a ponto de ser instaurado.

A multiplicação dos pães e dos peixes passou como um grande milagre de Jesus, sem que ninguém se desse conta de que ali havia algo mais. Ali estava a prova de que Deus estava com ele, como esteve com Moisés no deserto, e estava também o

adiantamento de um alimento que saciaria eternamente nossa fome, aquele que depois ele nos daria com seu corpo e seu sangue na véspera de sua Paixão, com a "eucaristia", como o chamais agora neste estranho mundo grego.

Depois daquele fato, pude ficar com ele e convosco apenas mais alguns dias. Mandou que tu - lembras? - me acompanhasses a Caná. Mas antes de eu ir, ficamos juntos um longo tempo. Naquela conversa, mais do que em outras ocasiões, me abriu o coração. Pude segurar sua cabeça entre minhas mãos e tratei de consolá-lo, ao mesmo tempo que o animava a seguir em frente. Ele era, afinal, um homem, e vós, homens, precisais que nós, mulheres, sempre vos animemos e apoiemos. E para isso lá estava eu, o mesmo que faço agora aqui, para ti e para todos, como uma rocha, um pilar em que possam descansar e apoiar-se aqueles que estão cansados e esgotados.

Eu disse, lembro muito bem: "Que esperavas? Acreditavas que tudo ia ser fácil? Acreditavas que com os milagres e teus discursos as pessoas iriam entender e se converter e seus corações se transformariam? Querido filho meu, tens que aceitar as coisas como são e da mesma forma tens que aceitar os homens. De barro fomos feitos por teu Pai. De barro e pecadores, embora esta última seja coisa nossa e não dele. E, no fundo, isto é o que te atraiu: nossa debilidade. Não vieste salvar aqueles que não precisavam de salvação e sim os pecadores. Como tu mesmo dizes, vieste buscar a ovelha perdida. O que ocorre é que esta ovelha está mais perdida e mais rebelde do que pensavas. Portanto, tens que te animar e seguir em frente. Deus está contigo e tudo irá bem, como logo o verás."

Na ocasião, eu não sabia o que ia acontecer, embora previsse, porque as mães sempre imaginam o pior. Mas não ia lhe dizer nada, pois se tratava de dar-lhe ânimo. Ele, que sabia que o final seria a cruz, me olhou docemente e me estreitou em seus braços. Beijou a minha mão com ternura e depois a fronte. Meu Deus, seus beijos, quanto desejo seus beijos e seus abraços! Se desejo deixar este mundo é para recuperá-los. Só podem ser comparados à eucaristia, embora sejam coisas muito distintas.

Então quis aproveitar a ocasião para dizer algo que carregava no íntimo e que me estava pesando cada vez mais. Assim, perguntei-lhe: "Filho, dize-me com clareza. Quem és tu?". "Sou teu filho, mãe", respondeu rindo e acrescentou: "Que tens?". Eu insisti: "Sei muito bem que és meu filho, mas o que és de Deus? Que significa na realidade aquilo que me anunciou o anjo Gabriel quando disse que aquele que ia ser gerado em mim seria chamado 'Filho do Altíssimo'?"

Jesus se separou de mim. Levantou-se e se dirigiu ao outro extremo da habitação. De costas para mim, que permanecia sentada e na expectativa, falou-me: "Mãe, não quero perturbar-te nem revelar-te agora coisas que ainda não

podes entender. Em seu devido momento, o Espírito Santo, que um dia te cobriu com sua sombra, te cobrirá com sua sabedoria, te contará tudo. Eu lhe pedirei que o faça. Por enquanto, só deves saber que o Pai e eu somos um e que tem sido assim desde a eternidade. Por ora, basta isto" e ao dizê-lo, voltou-se e me olhou. "Por ora, basta isto e agora deixa-me, devo rezar. Tu já me consolaste e agora Ele tem que fazer o mesmo.

Preciso dos dois consolos, porque sou filho dos dois e cada um tem que fazer sua parte." Beijou-me de novo e saí. Sentia uma espécie de tontura, como se a cabeça desse voltas, como se meus sentimentos lutassem para abrir espaço em minha pequena mente de mulher galiléia. "Desde a eternidade", estas palavras ressoavam de vez em quando em meus ouvidos. "Desde a eternidade". Logo, ele era não só um Messias, um enviado, um profeta. Era muito mais que o maior dos profetas, mais do que o grande Isaías, mais do que o próprio rei Davi, ou que Moisés, ou que nosso pai Abraão. Então,

quem era ele? Seria possível que, de verdade, ele fosse Deus? E de novo as perguntas sobre mim: se ele é Deus, quem sou eu? Como devo tratá-lo? Com que direito eu o eduquei, o corriji e inclusive o repreendi quando criança? Quem tive em meu seio e em meu peito?

Era demais, como já disse, para uma simples mulher de uma aldeia da montanha. Tanto que me dei conta de que meu filho tinha razão ao dizer que ainda não havia chegado minha hora de entender tudo, e decidi colocar um freio nos meus pensamentos e guardar o mistério no meu coração.

Foi assim que parti de Cafarnaum contigo, e não te revelei então aquela conversa porque compreendi que não estavas preparado para ouvi-la, menos preparado ainda do que eu. Entramos de novo em Caná. Com a alma um pouco mais sossegada pela decisão de não complicar minha vida inutilmente e de esperar que, em seu devido tempo, esse misterioso Espírito Santo a quem se referia meu filho me revelasse o que eu deveria saber. O que eu não podia evitar era o temor pela sorte de meu Jesus. Se a mim custava tanto entender, o que aconteceria convosco? E com os sacerdotes, com os notáveis e com os homens mais religiosos de nosso povo? Como eles iriam aceitar, educados no respeito e temor a Deus Todo-Poderoso, que esse mesmo Deus se fizera homem? Como iria aceitar um povo e uma religião que não permitia nem que se fizessem esculturas de Deus, porque isso era considerado uma blasfêmia? E

agora não se tratava somente de esculturas e sim de uma presença real no mundo dos homens, de um homem que pretendia ser Deus.

Compreendi que o fracasso era inevitável e isto sim me aterrorizou.

Uma vez mais acudiu em minha ajuda a certeza de saber que Deus está por trás de tudo isto e que nada, absolutamente nada, escapa a seus desígnios misericordiosos e providenciais.

Depois disto, já no outono, no mês de Tisri, voltastes a Jerusalém para celebrar o Sukkot. Antes ele teve que agüentar outra delegação de seus primos, que não hesitaram em dizer-lhe, apesar de saberem do risco que corria: "Sai daqui e vai para a Judéia, para que também teus discípulos de lá vejam as obras que fazes, pois ninguém atua em segredo quando deseja ser reconhecido. Se fazes estas coisas, mostra-te ao mundo". Magoa-me, apesar de já haver passado tanto tempo, voltar a pensar nisso. Dói-me saber que foram seus próprios familiares que o puseram no caminho da cruz e que o fizeram conscientemente, só porque queriam desfazer-se dele, porque não desejavam continuar tendo problemas em Nazaré devido ao parentesco com aquele homem que se tornava uma figura cada vez mais polêmica.

Aquela entrevista não foi como a primeira. Soube depois, como na outra ocasião, embora já me encontrasse em Caná. Meu filho, com dor mas decidido a dar-lhes atenção e a colocar as cartas sobre a mesa, disse a seus primos: "Minha hora ainda não chegou, mas para vós a hora é sempre favorável. Não vos preocupeis tanto com o ódio do mundo. O mundo não pode vos odiar. Mas odeia-me porque eu testemunho contra ele que as suas obras são más. Subi vós a Jerusalém para participar da festa. Eu não irei porque ainda não cumpri o meu tempo".

Disse isto, porém não o fez. Simplesmente não desejava ir com eles. Desejava estabelecer seu próprio programa. Por isso quando eles, que não eram confiáveis, partiram, ele se encaminhou convosco a Jerusalém. Imagino sua dor por ter que mover-se às escondidas, por não poder manifestar-se em público. Não porque temia a morte, e sim porque sabia que não era o tempo de passar deste mundo ao do Pai, que ainda lhe faltavam muitas coisas por fazer, embora essa hora decisiva estivesse cada vez mais perto.

Do que eu soube daquela longa permanência na cidade santa,

pouco te posso contar, João, que já não saibas. A Caná me chegavam notícias

com mais rapidez e exatidão do que a Nazaré. Ali estava entre amigos e não tinha que suportar as investidas de meus antigos vizinhos de Nazaré. Mas nem por isso podia deixar de inquietar-me, de surpreender-me e também de me alegrar.

Contaram-me maravilhados sobre a mulher adúltera, a qual ele salvou de morrer apedrejada depois de haver dito a seus acusadores: "Aquele de vós que está sem pecado, que atire a primeira pedra". Como me senti satisfeita e orgulhosa de meu filho!

Porque não podia deixar de lembrar que eu mesma estivera a ponto de me ver em uma situação semelhante, precisamente devido ao seu nascimento, por mais que eu não tivesse cometido nenhum tipo de adultério. Sim, os ensinamentos que lhe transmiti acerca do que sofrem as mulheres nessa nossa sociedade fizeram efeito e eu tinha motivos de sobra para estar contente com meu filho.

O mesmo aconteceu quando me falaram do milagre que havia feito com aquele homem, cego de nascimento, aquele que nem seus pais quiseram defendê-lo quando os fariseus o interrogaram. Esse era meu Jesus, esse era meu filho e o Filho do Altíssimo: que não teme complicar sua vida para ajudar a alguém, de quem se podia dizer o que constava nas Escrituras: "Mesmo que teu pai e tua mãe te abandonem, eu não te abandonarei". Amava-nos mais, arriscava-se mais por nós do que os próprios pais e mães carnis. E, por isso, tinha razão para falar de si mesmo como "o bom pastor" e dizer que aqueles que vieram antes dele eram "ladrões e assaltantes", enquanto que ele estava na terra para dar "a vida pelas ovelhas".

Porém, como compreenderás, João, não podia deixar de sofrer. Quando me contaram o que disse acerca de sua missão como pastor, não omitiram aquelas suas palavras tão premonitórias do que deveria ocorrer. "Por isso o Pai me ama, porque dou minha vida para recuperá-la de novo. Ninguém me tira a vida, eu a dou voluntariamente. Tenho poder para dá-la e poder para recuperá-la de novo. Esta é a ordem que recebi de meu Pai". Se vós e os fariseus discutíeis o que significava o uso do termo "pai" em referência a Deus e aplicado a ele mesmo como filho, se a alguns incomodava a familiaridade e a outros scandalizavam suas pretensões, eu só me fixava no fato de que, cada vez com mais frequência, ele se referia à morte, esse "dar a vida", que só podia significar a proximidade do momento final.

Minha vida era um não viver enquanto pensava no perigo que ele corria permanecendo em Jerusalém, rodeado de inimigos que o espreitavam por todos os lados. Naquela ocasião, a vossa permanência na capital se prolongou muito, até meados do inverno, pois passastes ali a festa da Hanukka, e só no mês de Sebat, quando de novo tentaram apedrejá-lo no templo, concordou em sair de Jerusalém e cruzar o Jordão para descansar um pouco e preparar-se para a investida definitiva. Deste assunto, sem dúvida, falaremos amanhã, porque só de pensar volta a ferir-me o coração e sinto novamente aquela espada de dor, a que se referiu Simeão, me atravessar a alma.

## DE PÉ, JUNTO À CRUZ

Não te falei até agora de nossos queridos amigos de Betânia, porque tu os conhecestes antes de mim e porque, até este momento de nossa história, eu não tinha conhecimento deles. Quem sabe alguém, em algum momento, tenha me falado da família de Lázaro, Marta e Maria, porém eu não lhes dei uma importância excessiva por achar que eram dos muitos que

amavam meu filho. Lembro que me havíeis falado, não sei se tu ou outra pessoa, daquela vez em que meu filho deu uma lição a uma mulher muito ocupada, dando precisamente sua irmã como exemplo para ser imitado, que não fazia nada mais do que escutar atentamente suas palavras. Lembro porque, ao ouvir a história de vossos lábios, pensei na profunda sabedoria de meu filho, que conhece tão bem a alma feminina como conhece a dos homens e que sabe que tanto as mulheres quanto os homens devem evitar que o bom que levam dentro se acentue a ponto de desequilibrar.

Pois bem, aquela era a única lembrança que eu tinha de uma família piedosa de Betânia, em cuja casa costumáveis parar quando estáveis naquela região.

Chamaram-vos de Betânia, não muito tempo depois de terdes precisado sair de Jerusalém para evitar que fosseis presos.

A proximidade da cidade santa dificultava o regresso. As coisas não se haviam acalmado o suficiente para que não continuasse ser arriscado voltar a Betânia. Por outro lado, a Páscoa estava próxima, o que era também um motivo para regressar a Jerusalém, embora o motivo principal fosse a chamada desesperada de Marta, que reclamava a presença de Jesus junto ao leito de seu irmão moribundo.

Já sabes que meu filho não atendeu prontamente a essa chamada. Alguns de vós o aconselharam que não fosse a Betânia pelo perigo evidente. Dissestes ainda que, se quisesse, poderia curar Lázaro à distância, como havia feito com o filho do funcionário real. Ele pareceu escutar os que assim diziam e esperou dois dias. De repente, decidiu ir a Jerusalém, apesar da vossa oposição, que aumentou quando soubestes por ele mesmo que Lázaro já estava morto. Soube também que Tomás, esse estupendo rapaz sempre cheio de curiosidade, disse diante de todos, expressando o sentimento comum: "Vamos nós também morrer com ele". Esse era o vosso estado de ânimo. Tínheis consciência de que o perigo era grande e que desta vez não seria possível vos esquivar facilmente. E esse foi o vosso mérito: o de ter decidido estar com meu filho até o final, arriscando-vos a sofrer a sua sorte, quando já se sabia que era o que se podia esperar.

Quanto a Jesus, que sabia ele do que podia acontecer em Jerusalém? Eu estava em Caná e só mais tarde pude vê-lo e falar com ele. Não falamos de seu estado de ânimo de quando decidiu empreender o caminho que o conduziria até a cruz. Tenho certeza de que estava plenamente consciente do que aconteceria com ele.

Como também tinha consciência de que havia chegado sua hora e que a ocasião que lhe apresentavam era adequada.

Verás, João, que o acontecimento de Lázaro era muito parecido ao de Caná. Na ocasião de seu primeiro milagre, quando converteu água em vinho, disse-me aquela frase misteriosa que tanto me fizera pensar: "Mulher, deixa-me, ainda não chegou a minha hora". Referia-se à hora dos milagres, mas principalmente se referia à hora da cruz. Porque ambas as horas estavam unidas.

Ele tinha algum tempo e esse tempo começava a contar desde o momento em que se desse a conhecer, em que saísse à luz pública.

Por fazer um favor, por ajudar alguém, havia dado a partida, dando início a uma espécie de contagem regressiva que ia roubando instantes de sua existência. Agora, como se fosse um sinal convencionado, a necessidade de fazer outro favor, desta vez não a uns amigos de sua mãe mas sim a amigos seus, colocava-o diante dos últimos momentos de sua vida. Com um ato de amor a uns amigos iniciou essa contagem regressiva. Com outro ato de amor a terminou.

Ele havia nascido só por um ato de amor - o que existia

entre Deus e mim - e para realizar atos de amor. De amor a todos nós,

certamente, mas de maneira especial aos que mais necessitavam desse amor: aos pecadores, aos pobres, aos doentes, aos que sofrem. Por amor se fez homem, por amor fez milagres, por amor atraiu a atenção sobre ele e por amor subiu a Jerusalém para curar um amigo, mesmo sabendo que isso o conduziria diretamente ao suplício. Qualquer outra coisa não seria própria dele, pois seria como renegar a si mesmo. Não era, pois, um temerário que desprezava os perigos, que os ignorava ou que gostava dos riscos e da aventura. Ele não queria morrer como morreu, porque sua morte seria consequência do pecado de um ou de muitos e ele não poderia desejar que ninguém pecasse. Ele queria viver e viver rodeado de homens e mulheres convertidos, santos, felizes. Se tinha que morrer crucificado, que fosse pelo motivo que o havia trazido à terra, por amor. Se sua hora havia chegado, que o sinal para todos fosse precisamente este: alguém precisava dele e ele não podia deixar de atender a seu chamado, ainda que isto significasse o princípio do fim. Na realidade, não havia muita diferença entre aquela ida a Jerusalém, sendo ele chamado por um Lázaro moribundo, e seu nascimento em Belém, sendo ele chamado não por um mas sim por muitos, milhões de moribundos, que, sem saber, clamavam aos céus por causa de suas misérias, invocando um médico para suas almas, um salvador.

Por isso fora a Jerusalém naquela primavera. E a prova de que sabia não só a que se expunha como também o que iria ocorrer está no fato de enviar-te para me buscar em Caná. Queria despedir-se de mim antes do momento final. Na realidade, verdadeiro homem como era, queria encontrar o único apoio que não poderia lhe faltar - o de sua mãe.

Quando tu chegaste a Caná e me disseste que meu filho reclamava minha presença em Betânia, eu temi o pior. Pensei que estivesse doente ou pelo menos que acontecia algo grave, pois não era normal que me chamasse para seu lado. Por mais que tu tentasses me tranquilizar, dizendo que ele só queria que passássemos juntos a festa de Páscoa, eu tinha certeza de que algo ocorria ou estava prestes a ocorrer.

Com este ânimo que não te comuniquei na ocasião para não te contagiar com meus temores, acompanhei-te a Betânia.

Quando lá chegamos, já acontecera o milagre da ressurreição de Lázaro e a casa e a aldeia toda fervilhavam de alegria e de gente.

Eram muitos que acudiam para ver Jesus, para escutá-lo, para pedir-lhe curas e

favores. Eram muitos também os que foram ver Lázaro para comprovar que estava vivo e ouvir o extraordinário relato de como havia ressuscitado. Neste ambiente de festa e exaltação fomos acolhidos quando entramos no povoado. Fiquei surpresa e tranquilizada com isso e, até mesmo, cheguei a pensar que, se essa era a fama de meu filho, quem sabe minhas preocupações eram excessivas e se deviam mais a manias de mulher velha que à realidade dos fatos.

Sem dúvida, quando me encontrei com Jesus, ainda rodeado de pessoas entusiasmadas e do carinho de Lázaro, de Marta e de Maria, eu soube, desde o primeiro momento, que meu filho estava passando mal e que a situação era grave.

Naquele primeiro dia não pudemos falar nada. Era já tarde quando chegamos a Betânia e ele se limitou a saudar-me, a receber-me com beijos e abraços de boas-vindas e a dizer-me que no dia seguinte teríamos tempo para falar com calma.

Isso não ocorreu. No dia seguinte, quase ao alvorecer, chegou um enviado de Nicodemos, com uma mensagem urgente para Jesus: "Sai rapidamente de Betânia", dizia-lhe seu ilustre

amigo. "Os fariseus estão tramando para matar-te. Eles se incomodaram muito com o que fizeste com Lázaro e decidiram que, a todo o custo, têm que acabar contigo e inclusive com ele."

Todos ficaram nervosos. Todos menos ele. Não queria ir embora, porém, para tranquilizar-nos e não colocar em risco a família que o acolhia, decidiu sair da aldeia, advertindo-nos que estaria fora pouco tempo, pois, acontecesse o que acontecesse, era seu desejo voltar para estar em Jerusalém durante a Páscoa.

Desta vez não foi até o Jordão, escolhendo Efraim, onde quem sabe não o esperavam, para deixar que amainasse um pouco a tormenta.

Quanto a mim, lembro que me disse: "Já vês, mãe, que te fiz vir num mau momento. É inútil que tente te enganar com palavras nas quais não vais crer. As coisas estão exatamente como as vês. Porém tu e eu sabemos que vim para isto. Talvez tenha feito mal em te chamar para meu lado. Sinto muito. Sinto fazer-te sofrer, porém asseguro-te que não poderia dar este passo sem voltar a ver-te, sem apertar-te de novo entre meus braços e sem receber teus beijos e tuas bênçãos. Agora não temas nada, que aqui estarás bem. Esta não é nossa separação definitiva. Ainda não chegou a minha hora, embora esteja perto. Voltaremos a

nos ver".

E ele se foi. Vós o rodeáveis entre solícitos e inquietos.

Parecia como se, de repente, a alegria contagiante que sucedera à ressurreição de Lázaro, a euforia da qual todos vós estáveis possuídos, tivesse se dissipado num abrir e fechar de olhos.

Parecia como se, de novo, o medo se tivesse apossado de vosso espírito, fazendo-vos duvidar até mesmo do poder que ele tinha e do qual, uma vez mais, acabava de vos dar testemunho. Porém, apesar do medo e das dúvidas, fostes com ele.

Fiquei na porta da casa, vendo-vos partir. Lázaro ia convosco, porque ele também estava ameaçado. Marta e Maria estavam comigo, uma de cada lado. Maria me abraçava os ombros e Marta segurava minha mão. Elas choravam, eu não. Não queria que ele, se voltasse a cabeça para dirigir-me um último olhar, visse uma mulher velha, derrotada, desesperada. Ele me havia chamado ao seu lado para receber apoio, não para receber mais dor. Queria que eu fosse, como quando era criança, sua coluna, sua rocha, seu refúgio, seu consolo. E por isso eu deveria estar em pé, firme, como se nada sofresse. Do contrário, se me deixasse arrastar pelo que sentia em meu interior, em lugar de ajudá-lo não faria mais que aumentar sua própria angústia e acrescentar mais amargura à que ele já tinha.

Efetivamente, quando já estava longe, voltou-se. Foi um instante. Apenas um vislumbre de seu rosto. Apenas um movimento rápido da mão no ar. Apenas um cruzar de olhares.

Foi suficiente. Como nos entendíamos, meu filho e eu! Bastava-nos um olhar para saber que cada um estava em seu lugar, perante Deus e perante nosso dever. Ele sabia que podia contar comigo e eu sabia que teria que o apoiar para que ele fizesse o que tinha que fazer. Nós dois sabíamos que estávamos sós. E não por duvidar de vosso carinho, do teu e dos demais apóstolos ou daquelas duas magníficas mulheres que choravam ao meu lado.

Sabíamos que não entendíeis o que estava se passando e que não imagináveis o que ia se passar. Eu começava a entender que a saudade era mais profunda, que também o Pai estava se retirando para fazê-lo beber até o fim o cálice da amargura que costuma purificar os homens. Eu começava a intuir mas ele já o sabia. E

precisamente por isso, porque talvez sem pai se pode ficar, porém sem mãe, não, é que me mandara chamar, para que ao menos a

mãe não lhe faltasse quando tudo o mais lhe fosse negado.

Como Jesus havia previsto, imediatamente se difundiu a notícia de que, junto com seus discípulos e Lázaro, havia saído de Betânia rumo ao norte. Seus inimigos pensaram que empreendia de novo o caminho da Galiléia e, contentes por esta fuga que eles interpretaram como um gesto de covardia, abandonaram por enquanto suas maquinações para dedicarem-se a preparar a festa da Páscoa que se aproximava. Contudo, redobram seu sistema de espionagem que incluía gente introduzida no grupo dos seguidores de meu filho, para que os informassem de seus passos, se é que tencionava voltar a Jerusalém durante as grandes solenidades que se avizinhavam. Tamanho era o temor que Jesus pudesse organizar uma revolta no templo, uma espécie de motim contra eles ou contra os romanos. Como vê, João, não só seus amigos não o conheciam como também os que o temiam e o desprezavam não compreenderam que ele era incapaz de violência, de rancor, de ódio.

Meu filho voltou, de surpresa, uma semana antes da Páscoa. Entrou na aldeia, com Lázaro e convosco, procurando passar tão despercebido quanto possível. De sobra sabia que o espionavam e que, por mais que fizesse, os sacerdotes e fariseus não tardariam em tomar conhecimento, mas queria ganhar tempo, ganhar uns dias para estar tranqüilo e preparar-se para a última e definitiva investida à fortaleza da morte.

Foi impossível guardar segredo. Em poucas horas a casa já estava de novo cheia de gente, como quando cheguei a Betânia.

E com essa gente, os rumores sobre os perigos que recaíam sobre todos nós.

Então Jesus mudou de tática, como se nada mais importasse, como se tivesse decidido sair à luz e mostrar o rosto, deixando de esconder-se. Pediu a Lázaro que naquela mesma noite organizasse uma festa e que convidasse todos os seus amigos, inclusive alguns que lhe eram francamente hostis. Nessa festa, a última em que participou, foi que Maria, comovida porque também começava a intuir o que se passava, derramou uma libra de perfume de nardo sobre seus pés e os enxugou com seus cabelos. As palavras de meu filho, respondendo às objeções de Judas Iscariotes, que se queixava daquele desperdício porque acreditava que

teria sido melhor doar o dinheiro aos pobres, soaram em meus ouvidos e nos de muitos de vós como um epitáfio: "Deixai que ela o guarde para o dia de minha sepultura. Porque sempre tereis convosco os pobres, porém a mim, nem sempre me tereis". Maria levantou os olhos quando o ouviu dizer essas palavras e se retirou chorando.

Todos soubemos que falava de sua morte e que considerava aquele ato de amor da moça como um tributo que os seres queridos rendem ao defunto.

A festa terminou. A maioria não havia captado sua mensagem, embora nós, os mais próximos, não deixássemos de comentar o sentido de suas palavras. Logo em seguida outros acontecimentos atraíram nossa atenção. Efetivamente, no dia seguinte, Jesus enviou dois de vós a Jerusalém, para que preparassem todo o necessário para celebrar a Páscoa. Todos vós ficastes alarmados: "Como se atreve a subir a Jerusalém e a provocar aqueles que o procuram para matá-lo!", dizíeis. Alguns tentaram dissuadi-lo e o aconselharam que esperasse e que celebrasse a festa na casa de Lázaro, mas não na cidade santa.

Ele insistiu. Disse-vos que fôsseis à casa de José de Arimatéia, um dos homens mais ricos da cidade e amigo seu, que vivia no bairro mais luxuoso, não muito distante do próprio Sumo Sacerdote, para celebrar ali a grande festa. Sem dúvida era

provocante mas era como se tivesse decidido que, já que havia chegado o final, seria segundo suas próprias regras e não quando e como quisessem seus inimigos. Era um desafio, uma demonstração não de força e sim de que ele se entregava voluntariamente e não se limitava a esconder-se para ser caçado como um coelho por um furão em sua toca.

Tão logo se foram os dois discípulos a cumprir sua missão, certamente com muito medo, ele vos dispensou e ficou a sós comigo. Perguntou-me se estava cansada, e como disse que não, pediu-me que o acompanhasse num passeio pelos campos que existem ao redor do povoado, campos de oliveiras, de trigo, cevada e de papoulas.

Era um dia belíssimo de primavera. O mês de Nissan resplandecia. Ainda era cedo, o sol não estava muito quente e a temperatura era doce como um beijo de mãe. A natureza colocara seu melhor vestido para envolver a nós dois. Os pássaros cantavam e as mariposas e as abelhas se ocupavam em recolher seu

alimento das flores.

Caminhávamos tranqüilamente e em silêncio. Mãe e filho. Mestre e discípula. Assim estivemos um bom tempo.

Em silêncio. Sem dizer nada e sabendo tudo. Ele não se atrevia a começar e eu temia complicar tudo abrindo a boca. Até que ele me convidou a sentar. Estávamos em um caminho rodeado de hortos, com suas divisas baixas de pedra seca, como costumam fazer em nossa terra. Ali nos sentamos e ali ele começou a falar.

"Que dia magnífico, não é, mãe? É uma gentileza de meu Pai, que não quer que eu me despeça da vida com a recordação de uma tormenta ou de um furacão."

Dito isto, esperou minha reação. Eu continuei calada. Sabia muito bem que eram inúteis meus protestos e mais ainda meu fingimento como se nada soubesse, ou que pudesse lhe servir para alguma coisa dizer-lhe que esquecesse daqueles maus presságios de morte. Assim o olhei e fiquei calada. Esperava que prosseguisse.

Ele entendeu. Então segurou minha mão e acrescentou:

"Tu sabes tudo. É natural que não te escapasse nada. Alegro-me que assim seja embora supondo que estejas passando mal. É inútil tentar te enganar e por isso quero que encares seriamente o que vou dizer. Não te digo como um falso consolo, como se pretendesse tranqüilizar-te com palavras amáveis para que adquiras uma falsa esperança frente à prova que se avizinha. Quero que saibas que vou morrer. Melhor, que vão me matar". Então, João, apesar de meus esforços para permanecer serena, não pude evitar um tremor que ele notou. "Sim mãe, quero que saibas tudo.

Na próxima quinta-feira à noite me prenderão os asseclas dos sacerdotes e me entregarão aos romanos para que me matem. É

terrível este final, porém assim está escrito e assim deve ser.

Quero que saibas também que vou ressuscitar. Ouviste o que se passou com Lázaro e com outros que resgatei da morte. O Pai me deu este poder e agora Ele, eu mesmo e o Espírito o empregaremos sobre mim. Quer dizer, querida mãe, que ressuscitarei embora esta ressurreição seja diferente da de Lázaro.

Tens que estar, portanto, tranqüila. Olha, é muito provável que todos me abandonem e me atraíçõem" - eu continuei calada, porém de novo um tremor em minhas mãos que ele segurava com força o fez notar a dor que eu sentia. "Sim, todos me abandonarão. Bem, quase todos. Teu querido João", referia-se a ti, "terá somente um momento de vacilação. Vós, as mulheres, também não me abandonareis. Enfim, não quero contar-te mais

detalhes. Quero somente que saibas que mesmo que todos me abandonem e ainda que pareça que o céu consinta que os homens decidam, tudo está previsto. Depois de três dias, quer dizer, no primeiro dia da semana, ressuscitarei e voltarei a te ver. Não corras de um lado para outro, como farão os demais. Eu virei a ti.

Deves permanecer aqui, onde estás segura e logo irei te mostrando o que deves fazer. Por enquanto, fica inteirada de tudo e não deixes de rezar para que as coisas se cumpram segundo a vontade do Pai. Nós estamos colocando em jogo, querida mãe, o êxito de minha missão. É a hora definitiva, o momento esperado, e não podemos deixar que passe a ocasião de salvar esta querida humanidade, estes homens que amo tanto. Assim, não sofras além da conta, embora imagino que te pedir isso seja pedir o impossível. Conformo-me com que não percas a fé e com que, aconteça o que acontecer, nunca duvides de que o Pai está comigo e que tudo está sendo feito segundo sua vontade. Preciso de tua fé. Preciso mais do que imaginas."

Não disse mais nada. Deixou de olhar-me e virou o rosto.

O sol beijava-lhe a face filtrando-se por entre as folhas das oliveiras que nos protegiam. Meu filho estava lindo. Estava lindo, naquela hora de plenitude, naquela penúltima hora. Vi que uma lágrima aparecia em seus olhos e desviava o rosto para que eu não percebesse. Levantei-me e, com um lenço que sempre levo comigo, enxuguei-a. Depois, de pé ante ele, que continuava sentado, tomei-lhe as mãos e lhe disse, olhando em seus olhos doces e tristes: "Filho, sou tua mãe. Se me tivessem dito, há trinta e três anos, que isto iria terminar assim, não sei o que teria feito. Quem sabe, apesar de tudo, teria dado meu sim a Deus.

Efetivamente eu teria dito que sim, pois o preço daquela permissão foi o de ser tua mãe, de ter podido viver contigo tanto tempo, de ter te amado, e ter-me sentido amada por ti. Tive a sorte de estar a teu lado e isso não tem preço. Agora me dizes que chegou o final. Quero que saibas que estarei sempre contigo e não

te decepcionarei. Se me pedes que esteja inteira, assim estarei. Se me pedes que não chore, nem uma lágrima verás aparecer em meus olhos. Se pedes que creia no que me mostraste, que Deus é Pai e é amor, creerei, aconteça o que acontecer. Tu és meu filho, carne de minha carne, e tenho que estar a tua altura não só nos momentos normais, mas também em circunstâncias como esta. Podes contar comigo. Não entendo bem muitas coisas, porém nós, mulheres, estamos acostumadas, mais do que vós, homens, a crer sem entender. No fundo, quem pode querer entender a Deus, que é maior do que os céus.

Sabemos muito bem, nós, as mulheres, que as coisas grandes não podem ser captadas pela razão, por mais sutil que essa razão seja, e que Deus, como tu tantas vezes disseste, ocultou seus mistérios dos sábios e entendidos e os revelou às pessoas simples.

Vem, deixa-me que te abrace e voltemos ao povoado. Não quero te ver triste. Aquilo que tem de ocorrer deve acontecer e tanto tu como eu temos que enfrentá-lo como convém. Se está na hora de morrer, morramos de pé, com a dignidade de saber que estamos fazendo o que Deus nos pede e com a paz na alma".

Não sei, querido João, como pude dizer-lhe aquilo.

Supunha um esforço do qual nunca acreditei ser capaz. Porque, logicamente, eu estava destroçada por dentro. Só tinha vontade de chorar, de gritar, de dizer-lhe para irmos embora dali rapidamente, enquanto ainda havia tempo. Eu era sua mãe e queria defendê-lo a todo o custo, queria defender meu filho como havia feito quando era pequeno e o ameaçava Herodes, ou como havia feito outras vezes contra a doença ou os mil perigos da

vida. Ao contrário, ele me pedia que resistisse em pé, inteira, forte, como um pilar no qual ele pudesse se apoiar, ele que era o apoio de todos nós. Ele me pedia um sacrifício enorme: o sacrifício de minhas lágrimas, o sacrifício de privar-me do único consolo que me restava, o de dar vazão à minha dor e deixar-me levar pela enorme angústia que estava destruindo minha alma.

Enfim, embora destroçada por dentro e tranqüila por fora, fiz com que se levantasse, passei a mão por seu belo e encaracolado cabelo negro, deslizei meus dedos por suas pálpebras úmidas e o impeli para que regressássemos ao povoado.

Aí me tens, João, empurrando meu filho, meu próprio filho para que se dirigisse à cruz, ao seu destino, à sua missão. Era eu quem conduzia o cordeiro de Deus ao matadouro. Porque ele me pedia, é certo, e também porque compreendia que essa era a vontade de Deus, quer dizer, a vontade de meu filho. Terrível era a cena que eu representava, como se estivesse fora de mim, como se uma força maior que todas as minhas forças juntas me elevassem acima do chão para dar cumprimento ao que o Pai e meu próprio filho esperavam de mim. Eu sustentando meu Criador que era ao mesmo tempo minha criatura. Eu, que lhe havia dado a vida, animando meu redentor para que desse a vida por mim e por todos. Eu, empurrando meu filho ao sofrimento, quando desejava que fugisse dali ou que me deixassem ocupar o seu lugar. Como foi possível aquele ato heróico? De onde me nasceram as forças para agir daquela maneira, para amar com aquela medida, para sustentar aquele que nos sustentava a todos quando ele não podia mais continuar em pé? Veio-me de Deus, naturalmente, e me veio por força de que sou mulher e sou mãe. Haverá algo que uma mãe, com a graça de Deus, não seja capaz de fazer? Até isso, até conduzir seu filho à cruz, porque ele pediu e porque era a melhor maneira de ajudá-lo, até isso fui capaz de fazer, sem saber como, sem saber, quase, por que.

Quando chegamos à casa de Lázaro, tudo já havia passado.

Jesus se recuperara e voltara a ser o homem seguro, firme, decidido. Seu momento de angústia ficara sepultado entre meus braços e meu coração havia sido como um deserto no qual se bebe uma torrente de lágrimas ou como um oásis que sacia a sede de grandes caravanas. Ao custo de me deixar seca por dentro.

Porém este era o preço que eu devia pagar. Era minha contribuição à redenção do mundo, como depois fiquei sabendo, e estava decidida a cumprir bem a minha parte.

Não tive tempo para muitas reflexões. A casa estava animada porque haviam chegado mais pessoas, entre elas minhas primas, as mães de Tiago, Simão e Judas Tadeu. Com Maria eu tinha uma grande intimidade e ela havia estado sempre ao meu lado nos duros momentos de Nazaré. Sem que ninguém dissesse nada, aproveitando que era Páscoa e que muitos galileus e nazarenos subiam a Jerusalém, quiseram vir também para ter ocasião de ver seus filhos. Sabedoras de que estávamos em Betânia, resolveram vir e sua surpresa foi grande quando me encontraram na casa.

Logo voltaram os rapazes enviados a Jerusalém.

Trouxeram a notícia de que José de Arimatéia aceitara emprestar o salão de sua casa para a ceia de Páscoa, embora estranhasse que seria celebrada um dia antes, assim como meu filho indicara, e estranhava também que Jesus se atrevesse a comparecer ali, sabendo que o procuravam para matá-lo. Contudo, ele estava disposto a correr todo o tipo de riscos, pois se sabia entre os notáveis que simpatizava com Jesus e que era um de seus seguidores. Os dois discípulos disseram que a cidade fervia de gente, como sempre que se celebravam as festas e que todos

perguntavam se Jesus se atreveria ou não a ir ao templo. Eram muitos os galileus que acampavam no cume do monte das Oliveiras e entre eles não faltavam pessoas muito apegadas a Jesus, de Cafarnaum e de outras regiões de nossa terra. Todos viviam excitados, dispostos a demonstrar sua fidelidade a meu filho e a enfrentar os judeus, que eles consideravam estar com ciúmes pelo fato de um profeta que fazia milagres tão notáveis proceder da Galiléia e não da Judéia. Os dois discípulos nos contaram também que os soldados romanos estavam alertas, aquartelados na torre Antonia, como sempre quando acudiam multidões a Jerusalém, dispostos a sufocar qualquer motim. E

disseram, por último, que entre os peregrinos havia muitos grupos de zelotes e de revoltosos que estavam espalhando proclamações anti-romanas e instigando o povo à rebelião contra os opressores.

Enfim, uma situação das mais complicadas, onde tudo se misturava e na qual era difícil agir sem provocar uns ou outros.

"Amanhã iremos a Jerusalém", disse então meu filho.

Todos murmuravam, vacilando entre o medo e o assombro. Então olhou para mim e, falando a todos, mas fixando-se em mim, acrescentou: "Não vos preocupeis, ainda não chegou a minha hora.

Porém é necessário que se cumpram as Escrituras e que o Filho do homem entre em Jerusalém como anunciaram os profetas: 'Não temas, filha de Sião. Eis que vem o teu rei montado em um burrico'."

"Queres entrar em Jerusalém, montado em um burrico?", perguntou-lhe então Judas Iscariotes. "Estás louco? Não percebes que a dignidade de um Messias

exige que entre, pelo menos, em um cavalo ou em uma carroça?".

"Querido rapaz", respondeu-lhe meu filho, olhando-o com doçura, pois o amava muito, "ainda continuas sem entender e já te resta pouco. Lembra que eu disse muitas vezes que não devemos agir como fazem os outros. Entre eles, aqueles que mandam se fazem servir e buscam sempre os primeiros postos.

Entre nós, todos devemos aspirar a servir aos outros e procurar nos ocupar com as coisas mais humildes. Além do mais, um burrico não é uma cavalgada tão má, sobretudo quando nos é emprestado, pois não estou propondo, Judas, que compres um.

Seria uma pena privar os pobres desse dinheiro."

Judas se calou, pois compreendeu que Jesus se referia ao seu protesto pelo gasto com o perfume derramado por Maria nos seus pés, na noite anterior. Ninguém se atreveu a dizer nada e assim todos fomos deitar, cada um com suas angústias e eu com as minhas, não sei se maiores que as de meu filho, mas diferentes, tenho certeza. Rezei quase a noite toda, embora na cama, sem levantar-me para não incomodar. E pedi a Deus diversas vezes que, se fosse possível, me deixasse sofrer por ele.

Compreendia que o que ele tinha que cumprir eu não podia, porque ele era Deus e eu não, porque ele era o Messias e eu uma simples mulher de aldeia. Porém eu era sua mãe e esse título ninguém podia me tirar. Com este título na mão eu ousava me apresentar ao Todo-Poderoso, a discutir com ele e a reclamar alívio para o fruto de minhas entranhas, mesmo ao custo de que a carga que devia cair sobre seus ombros caísse sobre os meus.

"Se alguém tem que pagar, como falou meu filho", eu disse ao Senhor, "deixa que eu pague também um pouco. Apieda-te de mim e deixa-me sofrer por ele. Alivia-o e coloca a carga sobre mim, porque assim me ajudarás mais do que se ele levar o peso todo.

Que venha sobre mim a espada da dor que me anunciou Simeão e que sempre temi. Que me achesse, porém que não se afunde nele. Que não sofra só, pois seria indigno de mim eu estar bem quando o vejo tão mal."

Sim, João, essa foi minha oração daquela noite e das noites seguintes, até que tudo se cumpriu. É que, quando alguém ama, como tu e como eu o amávamos, a

vida, a felicidade, os sonhos, tudo reside na ânsia de que o ser amado viva, enquanto a morte é que ele padeça ou morra. Preferes mil vezes sofrer tu a que sofra ele. Quando amas, preferes mil vezes servir a ser servido, chorar a que chorem por ti, ajudar a ser ajudado. Tenho que confessar que nessas noites de vigília, o Senhor me concedeu o que lhe pedi.

Não só me consolava muito utilizando os modos que sabia, mas também me assegurou que não deixaria de sofrer com ele e que esse meu sofrimento aliviaria o seu. Assegurou-me, e depois o comprovei, que seria meu olhar aquele que o sustentaria no momento mais difícil e que eu teria o privilégio de ser a única a lhe servir de alívio, como assim o foi.

No dia seguinte, muito cedo, Jesus vos reuniu e seguiu para Jerusalém. Era o primeiro dia da semana. Íeis andando e todos vos perguntáveis de onde tiraria o burrico. Finalmente o animal apareceu já perto da cidade, como apareceram as turbas de galileus e de outros peregrinos que acudiram a saudar a Jesus e a dar-lhe as boas-vindas gritando: "Hosana! Bendito aquele que vem em nome do Senhor e é o rei de Israel!".

Meu filho, que na Galiléia havia dispensado o título de rei que lhe ofereceram as multidões entusiasmadas após a multiplicação dos pães e dos peixes, agora estava aparentemente encantado. Não fazia nada para excitar o povo, porém os deixava fazer e parecia alegre rodeado daquela gente que o aclamava e lhe demonstrava seu carinho. Sabia que tudo dava na mesma e por isso nada lhe importava. Repeliu, isto sim, a proposta do chefe dos zelotes de encabeçar um motim no templo. "Nada de violência", disse, "esse não é o caminho que quer meu Pai. Aquele que mata com o ferro, pelo ferro morrerá." Aquele homem, um tal de João de Giscala, galileu também, que ainda é chefe de um bando de guerrilheiros, disse-lhe que assim não se ia a parte alguma e que ele sabia que estava tudo pronto para prendê-lo.

Advertiu-o inclusive que havia traidores entre os seus e lhe deu um ultimato: "Ou te unes a nós ou não poderás contar com nossa ajuda quando precisares dela". Meu filho respondeu, segundo me contou logo: "Meus caminhos não são teus caminhos. Eu vim para salvar o que estava perdido, não para aumentar a destruição, tu estás procurando implantar um reino deste mundo e eu luto por um reino que não é daqui. Tu crês na força. Eu creio no amor.

Quem sabe pensas que vais vencer e até é possível que ganhes alguma batalha,

mas serás derrotado. Ao contrário, eu vou morrer logo porém não demorarei a voltar para viver para sempre". João de Giscala foi embora enfurecido e creio que esta irritação, logo, conhecida pelos fariseus, foi decisiva no que ocorreu depois, pois estes compreenderam que meu filho já não contava com nenhum tipo de apoio, apesar do aparente fervor popular que o rodeava.

Contudo, esta adesão das pessoas, inclusive não poucos magistrados, permitiu-lhe permanecer em Jerusalém durante alguns dias e forçou seus inimigos a buscar um modo de pegá-lo de maneira oculta, sem que o povo soubesse, até que já não houvesse nenhuma possibilidade de retrocesso.

Voltou a Betânia dois dias antes da Páscoa. Creio que o fez somente por mim, para dar-me o último adeus e receber, uma vez mais, meus beijos e meu consolo, de que tinha tanta necessidade naquelas horas escuras.

Passamos a manhã juntos. De novo preferiu passear pelos caminhos que fazem a comunicação entre os hortos ao redor do povoado. Queria afastar-se do movimento da casa e não desejava

testemunhas para o que tinha a me dizer. Estava agitado. Se diante dos outros sempre mostrava bom humor e um notável poder de decisão, exortando todos a cumprir a vontade de Deus e lembrando-lhes que o que iria acontecer estava previsto pelo Altíssimo, comigo desabafava e não ocultava sua angústia, seu temor e inclusive suas dúvidas. Sim, João, suas dúvidas. Tu sabes que as teve. Agora já o sabeis todos. Sabeis o que foram as horas de oração solitária no horto das oliveiras enquanto vós dormíeis.

Mas na ocasião não sabíeis, sequer suspeitáveis. Acostumados a vê-lo sempre firme, em pé, sereno e poderoso, havíeis esquecido que ele era, também, um ser humano. Porém eu, que o havia carregado em meus braços, não podia esquecer isso. Aquele homem capaz de fazer os maiores milagres era, não obstante, uma pessoa e, como tal, tinha seus momentos escuros, suas angústias, suas tentações. Também, precisamente porque era verdadeiramente homem e não uma estátua de mármore, dessas que os pagãos colocam em seus templos, tinha necessidade de ser consolado, de ser ajudado, de ser apoiado em suas terríveis lutas internas. Isto nenhum de vós conhecia, nem tu que estavas tão perto de seu coração. Só uma mulher consegue captá-lo, e creio que por isso fomos nós que soubemos ajudá-lo mais naqueles difíceis momentos. Mas nem sequer as outras poderiam chegar onde eu tinha entrada. Porque eu era sua mãe e comigo não havia

necessidade de fingir, de ocultar, nem de esconder nada para não me abalar ao me oferecer o espetáculo de um homem angustiado, é que veio a mim como um menino perdido e assustado em busca de apoio quando já lhe faltava pouco para terminar sua carreira e chegar à meta final.

Falamos pouco naquela conversa, ao contrário do que havia ocorrido uns dias antes. Limitamo-nos a passear juntos um bom tempo e sentarmos, em silêncio. De vez em quando trocávamos frases sem grande conteúdo, mas eu notava que lhe fazia um grande bem estar a meu lado. Contou-me da sua entrada triunfal em Jerusalém e da conversa com João de Giscala.

Finalmente, quando se aproximava a hora do almoço e forçosamente tínhamos que regressar à casa onde todos nos esperavam, olhou-me friamente nos olhos e repetiu: "Aconteça o que acontecer, não duvides nem de mim nem do amor de Deus.

Deus é amor, não esqueças. Independente do que vires, mantém sempre a fé. Mãe, preciso de tua fé. Entre ti e mim existe uma comunicação única e saberei o que sentes não importa onde estiveres. Por isso te suplico que te mantendas firme. Preciso de tua firmeza, tua fé e tua esperança. Necessito que estejas de pé, porque, ouça bem o que te digo, serás o meu único apoio, o único que o Pai quis que não me faltasse". Eu não lhe disse nada. Tinha muita vontade de chorar, de jogar meus braços ao redor no seu pescoço e, inclusive, com uma intensidade maior do que antes; tinha vontade de pedir-lhe que deixasse tudo isso e que regressássemos imediatamente à Galiléia. Mas percebi que isso não era próprio dele, de Deus, e também de mim. Percebi que seria justamente o contrário do que estava me pedindo. Assim, em silêncio e com o coração na garganta, concordei. Qualquer palavra terminaria em soluços e isso eu não me podia permitir, porque só serviria para aumentar seu pesar. Concordei e lhe beijei a fronte. Depois, para abreviar o difícil momento, peguei-o pela mão e comecei a andar até Betânia. Apenas havíamos percorrido alguns passos, ele me puxou e me deu um grande e eterno abraço.

Colocou sua cabeça em meu peito e se pôs a chorar. "Que está acontecendo comigo, mãe, que está acontecendo comigo?", dizia com voz entrecortada. "Por que sinto esta angústia terrível? Se

eu já sabia que tudo isso tinha que acontecer, por que agora meu coração se rebela e todo o meu ser se põe em guerra contra minha vontade e contra a

vontade de meu Pai? Por que meu corpo e até minha alma resistem à morte? Que lei é esta que exige continuar vivendo embora a cabeça me diga que chegou a hora de cumprir a missão para a qual vim? Mãe, estou assustado e tenho medo. Sinto-me fraco, incapaz quase de seguir em frente, tentado pela covardia com mais força do que quando o demônio tentou seduzir-me no deserto. Mãe, reza por mim e pede a Deus para abreviar esta hora amarga."

Assim estive um longo tempo. Enquanto isso, eu rezava, suplicando ao Senhor que lhe concedesse alívio e fortaleza. Minha oração teve efeitos imediatos. Jesus se acalmou. Levantou a cabeça e eu pude, com um pedaço de meu vestido, limpar-lhe os olhos.

Então ele sorriu, voltou a me beijar a fronte e, já refeito, me disse:

"Te amo. Já te disse muitas vezes e ainda me parece insuficiente.

Te amo muito, mãe. Te amo e te admiro. Estou orgulhoso de ti. O

que vai ocorrer é obra de Deus, obra minha. Mas é obra tua também. Pede ao Pai, como te acabo de suplicar, que me dê sustentação nesta luta. Tua oração é poderosa, mais do que tu mesma podes entender agora. Pouco te pode negar aquele que tanto te ama. Pede a Deus, agora e sempre, que se faça a sua vontade e que eu e todos estejamos sempre dispostos a cumpri-la. E agora vamos, esperam-nos em Betânia, em Jerusalém e até nos confins do mundo. Vamos com passo ligeiro que existem muitos sofrendo e nós possuímos o remédio que os aliviará. E não te esqueças, no terceiro dia, ressuscitarei".

Isto foi tudo, João. No dia seguinte, aquele que os romanos dedicam em honra de seu deus Júpiter, depois de almoçar, partistes para Jerusalém. Ele havia decidido que esse era o dia em que deveríeis celebrar a Páscoa. Nós não entendemos bem, porém pensamos que era porque ele gostaria de celebrar uma festa especial convosco. Eu imaginava que desejava ficar na intimidade com seus amigos, como havia estado comigo embaixo das oliveiras. Ele nada me disse do que iria ocorrer na festa nem depois. No entanto percebi que o momento final havia chegado.

Despediu-se de todos os da casa de Lázaro com um "até breve". Foi abraçando um a um e beijando suas fronteiras, ao mesmo tempo que fazia sobre eles aquele sinal ainda misterioso para todos e que eu o havia visto fazer sobre seu pai e seus avós - o sinal da cruz. Quando chegou a mim o abraço foi mais forte, porém não

houve nada mais. Só ao final, quando já estava na rua, voltou-se e me disse: "Já sabes. Deus é amor. Sempre. Até dentro de três dias, mãe". Os demais, que não sabiam que ele pensava ficar fora este tempo, se surpreenderam e, quando se foi, perguntaram-me o que queria dizer. Eu, que o conhecia, encolhi os ombros e lhes respondi: "Já sabeis, são coisas suas. Quem sabe não virá amanhã celebrar a Páscoa conosco e, como o dia seguinte é sábado, deve ter pensado em voltar no primeiro dia da semana".

Vi quando se ia pelo caminho sombreado pelas oliveiras.

O sol ainda estava alto e fazia calor. Logo se fundiu com o grupo que o seguia, do qual tu fazias parte. Grupo alegre, como meninos que ignoram o sofrimento de seus pais, íeis contentes a caminho de Jerusalém, com o sabor do mel ainda nos lábios, depois do sucesso obtido poucos dias antes, quando da majestosa entrada na cidade. Só ao final, pouco antes de uma curva do caminho o tirar de minha vista, voltou-se e me olhou. Estávamos longe, mas soube que sofria. Ergueu a mão e eu a minha. Ambos agitamos as mãos no ar, como se quiséssemos deter o tempo e estreitarmo-nos em um abraço que não tivesse fim. Logo desapareceu de

minha vista. Foi a última vez que o vi são, forte, belo e alegre. Já não voltei a contemplar seu doce rosto até que o vi, desfigurado, na rua da amargura.

Minhas forças estavam se exaurindo. O esforço que fizera para me conservar inteira enquanto ele estava a meu lado me deixou completamente esgotada. Desculpei-me e me retirei para meu quarto. Fiquei rezando a Deus, suplicando-lhe por aquele filho comum. Fiz como ele me havia dito que deveria fazer. No fundo, como eu sempre havia feito: "Se é possível, Pai, afasta dele esse cálice. Porém, que se faça a tua vontade. E não esqueças de que eu desejo compartilhar com ele". Depois soube que esta havia sido também sua oração naquela noite. Quem sabe estivemos rezando ao mesmo tempo, porque, o que logo ocorreu foi o seguinte: depois de um longo tempo de oração, senti-me cansada e deitei. Ainda era dia, embora começasse a escurecer. Em seguida dormi e pouco depois senti algo estranho. Soergui-me no leito como se algo tivesse saído de mim. Como se um novo parto tivesse ocorrido. Só mais tarde soube do que se tratava: era o momento em que ele estava entregando-lhes seu corpo e seu sangue, no pão e no vinho. Era um novo nascimento dele e, apesar da distância, eu percebia, e como da primeira vez, me alegrava. Só não sabia do que se tratava.

Após alguns momentos de confusão despertei e me sentei na cama. Depois comecei a sentir, uma atrás da outra, todas as sensações que meu filho sentia. Foi algo incrível que nunca me havia acontecido, pelo menos com aquela intensidade. A princípio não me dei conta do que se passava comigo até que compreendi que estávamos unidos de uma forma inexplicável e que minha angústia e tudo o mais era exatamente o que ele estava sentindo.

Por isso creio, João, que o que me contaste mais tarde sobre o que se passara naquela noite eu não só sabia como também vivenciara.

No fundo é normal, pois Deus não só era capaz de conceder-me essa graça que tanto eu havia pedido, como também seria muito difícil cortar a união que havia entre ele e mim. Além do mais, tratava-se da resposta de Deus a minhas súplicas. O Senhor, de maneira milagrosa, permitia-me acompanhar meu filho em sua paixão e assim poder ampará-lo. Ele me havia dito: "Serás meu único ponto de apoio". E isso incluía sentir com ele, sofrer com ele e, deste modo, compartilhar tudo para repartir e aliviá-lo.

Naturalmente que sua paixão foi infinitamente mais dura do que a minha. Ele era Deus e eu não. Ele era o cordeiro que carregava o pecado do mundo e eu somente uma mulher simples que havia tido a infinita sorte de ser sua mãe. Era sua mãe e, se havia um momento em que podia fazer valer meu privilégio, era precisamente esse. Não apelei para minha maternidade nos momentos de glória, quando todos disputavam e lutavam para o servir. Então ele não precisava de mim. Agora, quando até seus mais chegados companheiros duvidavam dele, era o momento em que eu tinha o direito de reivindicar meu papel de mãe. Além do mais, ele me havia pedido isso e eu não queria nem podia fazer outra coisa. Este privilégio consistiu em estar a seu lado, apesar da distância, momento a momento. O privilégio, para aquele que ama, é ajudar o ser amado. Não existe prêmio maior do que este.

Em instante algum naquela noite, nem no dia seguinte, se interrompeu a comunicação entre nós. Não sei se ele o sentia. Eu o saberei quando me reunir com ele no céu, o que percebo que será em breve. O que sei é que, a partir de um determinado momento, tive consciência de que meu espírito estava ligado ao seu e que essa era a graça que Deus me havia concedido para aliviá-lo, embora disso ele não se desse conta.

Por isso caí de joelhos e rezei com angústia e terror. Notei a solidão que o

envolvia e notei o sangue correr pela sua fronte, sem que a minha se manchasse, embora isso eu tivesse desejado.

Enquanto ele rezava no horto das oliveiras, supliquei a Deus, junto com ele, que não tivesse pressa em lhe passar o cálice, mas que, antes de mais nada, fosse feita a sua vontade. Quase pude ouvir os gritos dos que chegavam armados de paus e lanças.

Senti perfeitamente um beijo miserável, o beijo do traidor, em sua face e na minha, e estremeci como nunca antes o havia feito, pois pela primeira vez notei o hálito do Maligno perto do meu rosto.

E logo veio tudo o mais, que tu já sabes e que constituiu sua espantosa paixão. Sim, eu também soube da traição tua e de Pedro, de teu irmão e de seu primo. Por isso quando vários de vós, inclusive tu, chegaram a Betânia à meia-noite, eu não estava dormindo, estava em pé, preparada para ir até Jerusalém. Eu sabia de tudo. Havia sofrido tudo. E, querido João, já havia perdoado tudo. Não sei se o fiz por amor a Deus e para cumprir a sua vontade, ou por um sexto sentido que me advertia que o momento era tão decisivo que só a santidade mais absoluta de minha parte poderia sustentar meu filho em seu terrível combate.

Se eu falhasse, ele poderia desabar. Se eu vencesse, ele teria em mim um aliado contra as forças do mal que haviam recebido permissão para acossá-lo e podiam derrubá-lo. A luta era de morte. Era a guerra plena, a última batalha entre o bem e o mal.

Há séculos que se envolviam em escaramuças desde aquele primeiro dia em que nosso pai Adão fora seduzido pela serpente.

Agora havia chegado o momento final. A serpente levantava de novo sua cabeça poderosa, porém desta vez sem disfarce, sem seduções ocultas, abertamente. Queria devorar o resto do bem que havia permanecido na terra. Queria acabar com os que haviam lutado para serem fiéis ao seu Criador. E ali estava meu filho, só, a caminho do monte da Caveira, a caminho do trono do Maligno, para ser imolado. O que ela, a astuta sedutora, não sabia era que, junto a esse homem acossado havia uma mulher e que essa mulher era sua mãe. E contra o amor de uma mãe nem a serpente exerce seu poder. O primeiro homem não tinha uma mulher ao seu lado para orientá-lo para o caminho do bem e sim o contrário.

Agora ocorria o inverso. Se por uma mulher havia entrado o pecado no mundo,

uma mulher teria que apoiar o homem na sua luta contra esse pecado. E essa mulher escolhida era eu.

Sim, João, aquela noite soube o que estava se passando, o grande combate que transcorria entre o bem e o mal. E aquela noite soube que meu pé pisava na cabeça da serpente, enquanto ela, desesperada pela derrota, mordia-me inutilmente o calcanhar.

Minha força, que só pode ter uma mulher que é mãe, ajudou meu filho a derrotar a serpente, o Maligno. A vitória foi sua, por certo, pois ele era Deus e foi ele quem morreu na cruz, carregando os pecados do mundo. Minha humildade, parecida com a daquela cananéia que havia aceito que a comparassem com um cachorro para conseguir de Jesus a salvação de seu filho, contribuiu para que o príncipe da soberba fosse derrubado de seu trono. Eu estava consciente de tudo isto e sabia que não podia permitir um pequeno devaneio sequer em algum sentimento que estivesse longe de Deus, do amor, da aceitação de sua vontade.

Aquela noite eu lutei junto a meu filho contra o mal. Eu o amparava enquanto ele cambaleava, para que ele pudesse vencer e acabar definitivamente com o poder do senhor das trevas. Por isso perdoei. Por isso, rezei também por Judas e por todos aqueles que o matavam, como fez meu filho na cruz. Por isso não ralhei

contigo nem com os outros. Por isso aceitei ser tua mãe e a mãe de todos, inclusive daqueles que tanto mal haviam feito e continuam fazendo a meu filho. Porque para vencer o mal só se pode empregar o bem e porque o mal começa a ganhar terreno quando o bem decide utilizar outras armas diferentes do perdão e da misericórdia.

Mas isto é adiantar acontecimentos, João. Antes aconteceram outras coisas.

Tu, com Filipe, Tomás, Tiago e Judas Tadeu, meus sobrinhos, chegastes a Betânia e despertastes todos da casa, comunicando-lhes as más notícias. Lázaro, após se recompor da surpresa, pensou em organizar a defesa. Urgia avisar os amigos de Jesus, principalmente Nicodemos e José de Arimatéia, para que mediassem no Sinédrio e evitassem sua morte. Pedro, com seu irmão Tiago e alguns mais, haviam ficado em Jerusalém vagando em torno do lugar para onde Jesus havia sido conduzido.

Os outros fugiram, salvo o traidor Judas Iscariotes, que foi embora com seus

cúmplices.

Quando te puseste na minha frente, recorda-te, caíste de joelhos e me pediste perdão por estar ali, vivo, em lugar de estar morto, no horto das oliveiras por defendê-lo. Quanto o amavas!

E ele a ti! Eu te fiz levantar e, já como tua mãe antes que ele o pedisse, tive que te consolar e te assegurar que o perdão de Deus já estava concedido porque Jesus o estava ganhando para nós com aquilo que estava ocorrendo.

Lázaro, suas irmãs e todos vós em geral insististes para que eu não me movesse de Betânia. Compreendi que era melhor, pois não podia aproximar-me fisicamente de meu filho, enquanto que da solidão de meu quarto podia estar em contínua comunicação com ele. Assim, todos vós fostes repentinamente embora para Jerusalém e nós, as mulheres, ficamos sozinhas em casa. Meus sobrinhos foram buscar suas respectivas mães que se encontravam na cidade celebrando a Páscoa e algumas horas depois estavam conosco.

Eu não tive dúvida. Organizei a verdadeira defesa, primeiro com Marta e Maria e logo depois com minhas primas e com as outras mulheres que acompanhavam e amavam tanto a Jesus.

Enquanto vós andáveis de um lado a outro, à noite e pela madrugada, buscando quem pudesse interceder e, de vez em quando, levando a cabo traições como aquela penosa negativa de Pedro, nós sabíamos o que fazer: rezar. Cada uma que chegava se unia a nosso grupo e se punha de joelhos na grande sala principal da casa de Lázaro. Depois dos primeiros momentos de surpresa, de alaridos e choros, consegui acalmá-las. "É hora de nos comportarmos como mulheres", disse-lhes. "Não se trata agora de chorar nem de se lamentar. Não somos carpideiras de aluguel. Meu filho ainda está vivo e precisa de nós. Não precisa de nossos gritos nem de nosso desespero, e sim de nossa oração e nossa fortaleza. Nada de gemidos. Temos que ser fiéis a ele e isto significa que temos que crer, precisamente neste momento, no que ele nos ensinou, que o bem é mais forte do que o mal e que o amor é mais forte do que o ódio. Vamos rezar. Vamos suplicar ao Todo-Poderoso que o apóie na luta e que lhe conceda a vitória. E, aconteça o que acontecer, vamos manter a nossa fé naquilo que Jesus nos ensinou: que Deus é amor infinito.

O alvorecer nos surpreendeu rezando. Levávamos horas de joelhos. Às vezes

permanecíamos em silêncio e em outras ocasiões alguém recitava em voz alta algum salmo antigo ou

expressava uma súplica ao Altíssimo, a quem já quase sempre chamávamos de Pai. Em dado momento compreendi que o pior já havia passado. Aquela graça especial que me havia sido concedida e que me permitia estar em comunhão com ele, havia-me feito vivenciar não só a angústia do horto, como também o medo que ele sentiu enquanto estava naquele cárcere que era como um poço. Agora sentia que ele estava terrivelmente esgotado. E notei com toda a clareza que me chamava: "Mãe, vem, acode-me. Preciso de ti".

Levantei-me. Todas me olhavam. Compreendiam que Deus havia me comunicado algo. Tinha o cabelo em desordem e os olhos vermelhos, porém não havia derramado nenhuma lágrima. Elas sim, e eu não as reprovava. Disse-lhes: "Vamos a Jerusalém. Meu filho me chama. O final está perto e ele precisa de nós a seu lado".

Sem pensar duas vezes, todas nos pusemos a caminho.

Íamos depressa, acelerando os passos porque eu sabia que restava pouco. Apesar de minha idade e de meu esgotamento, corria mais do que andava. No caminho senti, um atrás do outro, os trinta e nove golpes que lhe deram no Litóstratos. Senti também os horríveis ferimentos da coroa de espinhos enterrada em sua cabeça inocente. Caí ao solo em mais de uma ocasião, esgotada por aquela terrível surra. Mas, antes que minhas companheiras me levantassem, já estava eu de pé, correndo, sem notar que minhas mãos sangravam e que meus joelhos estavam feridos como os dele.

Chegamos a Jerusalém e vimos que a cidade era um formigueiro. Não tivemos que perguntar a ninguém. A notícia havia corrido de boca em boca e muitos se dirigiam até o monte do Calvário para contemplar o espetáculo que se anunciava. Já haviam condenado Jesus. O governador Pilatos já havia ditado a sentença e lavado as mãos. Já se aproximava a hora de tirar o réu da torre Antônia e o conduzir até o local do suplício. Nós formávamos um grupo de mulheres perdidas entre a multidão.

Não sabíamos para onde ir nem o que fazer. Às vezes não podíamos deixar de escutar os comentários das pessoas, que diziam que todos os seguidores de Jesus e que os sacerdotes haviam colocado patrulhas por toda a cidade para deter quem

havia se destacado entre seus seguidores. Outros lamentavam o ocorrido porque diziam que Jesus era um bom homem que tinha grande poder para fazer milagres, embora tivesse se excedido em suas atribuições e desafiado muita gente poderosa. Para outros, a questão era prever se aconteceria algo espetacular no último momento, se Jesus, pregado na cruz, não realizaria alguma ação extraordinária, manifestando sua condição do prometido Messias. Todos concordavam que havia chegado a hora da prova definitiva: se ele era o Messias, não podia morrer crucificado. Se morresse crucificado, tratava-se de um impostor e portanto os sacerdotes haviam procedido bem em colocar freio em seus delírios de grandeza.

Aturdidas e sem saber o que fazer, pensamos em nos dirigir até a torre Antônia, mas foi impossível chegar perto, pela grande quantidade de soldados romanos que se encontravam no local. Então nos deixamos guiar pelo povo e fomos até o monte do Calvário, fora das muralhas da cidade. Custava-nos muito caminhar no meio da multidão. De repente, quando já nos encontrávamos próximo da porta de saída da cidade, uma gritaria enorme nos imobilizou. A rua era muito estreita, com lojas de ambos os lados, que não haviam fechado suas portas para aproveitar a multidão e tentar fazer algum negócio com as pessoas

que passavam. Não havia condições para nos movermos nem para nos refugiarmos, porém conseguimos nos colocar em um canto, como faziam os outros. Imediatamente soubemos o que ocorria: a comitiva com o réu já havia saído da torre Antônia e se dirigia ao Calvário. Iam o mais rápido possível para abreviar o percurso e evitar o temido contragolpe dos supostos partidários de meu filho. Porém desses partidários não ficara nem rastro. Parecia que só nós estávamos lá, confundidas na multidão, sem medo, porém com o coração latejando como um cavalo desenfreado.

Minha prima Maria estava a meu lado e chorava, pensando em meu filho, porém também na sorte do seu. Do outro lado encontrava-se a outra Maria, a irmã de Lázaro e Marta, a que chamam de Madalena. Marta também se encontrava perto, bem como Maria de Cleófas, mãe de Simão e de Judas Tadeu. Neste momento tu apareceste. Não podes imaginar a alegria que tive quando te vi. Estavas assustado como um cachorrinho que se perdeu de sua mãe e procura esconder-se entre as pernas das pessoas. Quando nos viste, correste até nós, cruzando a rua apesar de que já se acercava a patrulha de soldados abrindo caminho e dando golpes em uns e em outros, para que deixassem o trajeto livre. Tu te atiraste em meus braços e começaste a chorar, uma vez mais. "Não se pode fazer nada",

disseste. E para concluir:

"Não deverias vê-lo. Eu o vi e não é mais o mesmo. Não deverias vê-lo". Eu te apertei com força e com mais força ainda apertei os dentes. Ergui os olhos ao céu e lhe supliquei ajuda para poder chegar ao final sem desfalecer. Se durante algumas horas aquela comunicação especial que tinha com Jesus havia diminuído devido ao curso da viagem, agora a sentia poderosíssima. Aproximava-se por aquela ruela que era um verdadeiro caminho da amargura.

Aproximava-se entre o grito ou o silêncio das pessoas, porém eu o sentia muito mais perto, em meu interior, em meu coração, em meu pensamento. Eu não o via com os olhos, mas minha alma sabia como estava a sua e sabia, além do mais, que acontecia o mesmo com ele. Ele me procurava e me havia encontrado.

Senti que me pedia o que me avisara que reclamaria de mim: fidelidade, fé, apoio. Eu o senti inteiro, muito inteiro, apesar de estar extraordinariamente esgotado. Fechei os olhos e me pus a rezar. Aquela foi uma oração estranha, que nunca pude abandonar.

Rezava a Deus e também rezava a ele. Sim, a ele que me parecia cada vez mais com menos véus que ocultassem sua identidade divina. Sem dúvida, quando tentei pronunciar seu nome e dizer:

"Jesus", não pude fazê-lo. Ele estava dentro de mim e eu me havia identificado plenamente com ele.

E então abri os olhos e o vi quase a meu lado. Minhas companheiras gritaram, sobretudo Madalena, que tanto o amava.

Eu não. Ele estava me olhando e que olhar era aquele! Procurava em meus olhos o que precisava encontrar: fé, fé, fé e esperança.

"É sua mãe", ouviu-se alguém do povo gritar e imediatamente vários soldados se colocaram entre nós como se fôssemos perigosas, enquanto o empurravam para que passasse rápido por aquele trecho da rua. Não pudemos nos dizer nada, somente olhar-nos. Foi o suficiente. Eu vi sua dor e ele a minha. Ele viu minha fé, bebeu dela, se saciou com ela, enquanto eu estava consciente de que se apoiava em mim e suportei o peso de todo um Deus que precisa da ajuda de um ser humano, ainda que esse Deus seja também um homem e esse ser humano seja sua mãe. Achei que o peso iria me esmagar, mas eu mesma me agarrei ao

outro Deus, ao mesmo e único Deus, aquele a quem chamamos de Pai.

Enquanto um me apoiava, eu apoiava o outro, como se tratasse de uma estranha ponte, como se através de mim a divindade se

colocasse em contato consigo mesma, decidida como estava a levar até o final essa estranha separação que era necessária para que meu filho bebesse até o fundo o cálice da amargura.

Levaram-no logo. Eu não o vi cair, como me contaram que aconteceu. Vi sim a mulher que, cheia de piedade, limpou seu rosto com um lenço. Ia atrás da comitiva, bem perto dos soldados que fechavam o pelotão. Ali nós nos pusemos também, contigo. Ela se chamava Verônica e, ao saber que eu era a mãe, dirigiu-me a palavra e após abraçar-me fortemente mostrou-me o que levava nas mãos. "Olha", disse-me. E ali estava ele, seu rosto desenhado no pano branco. Seu sangue manchando-o todo.

Sua imagem, antes tão bonita estava agora desfigurada pela tortura, reconhecível naquela tela. "Dou-te", acrescentou. "É teu. Não sei como isto ocorreu, mas aqui está." Peguei o lenço e coloquei meu rosto junto ao seu, fazendo esforço para não me deixar levar pela emoção, pois sabia que se comesse a chorar não poderia mais me conter e meu filho não precisava de uma mãe desesperada e sim de uma mulher forte que o amparasse em seu desespero. Então dei-o a ti, que olhaste surpreso e o guardaste, como o fazes ainda.

Logo chegamos ao pé da rocha chamada de Caveira, onde crucificavam os malfeitores. Já havia dois homens pregados em suas respectivas cruzes e, no centro, se elevada o mastro vertical, sobre o qual teriam que içar o outro, o que levaria pregado o meu filho.

Detiveram-nos antes de chegarmos, assim não pude ver nada, pois, por mais esforços que fizéssemos, não pudemos abrir passagem para as primeiras filas, cheias de curiosos e inimigos. Creio que foi um presente de Deus para mim, pois assim não tive que contemplar como introduziam os cravos em suas mãos, nem como o despojavam de suas vestes, aquela túnica que eu mesma havia tecido cuidadosamente, sem uma costura sequer e que a tantos maravilhava.

Vi quando começaram a levantá-lo. Primeiro se fez um poderoso silêncio. Todos se calaram, até os que mais o odiavam.

Talvez fosse o momento do milagre. Se o céu tivesse que intervir, deveria fazê-lo naquele momento, ou não o faria nunca mais. Eu sabia que nada de extraordinário iria ocorrer, porque o extraordinário já estava ocorrendo: Deus assassinado pelas criaturas de Deus, com a permissão de Deus, para salvar as criaturas assassinas. Era esse o milagre. Mas as pessoas esperavam algum gesto. O silêncio se manteve por alguns instantes, até que o pregaram definitivamente, após apoiarem seus pés no suporte que havia na cruz. De repente explodiu a gritaria: os insultos eram tremendos e os próprios soldados tiveram que intervir para afastar dali os mais cruéis e encarniçados de seus inimigos. Eu, apesar de esperar por tudo isso, mal acreditava no que via e ouvia. Vi uma mulher normal, uma dona de casa, proferir barbaridades e ameaçá-lo com o punho cerrado. Vi um que havia sido paralítico e que ele curara cuspir nele e amaldiçoá-lo. Vi os sacerdotes e fariseus abraçarem-se uns aos outros cheios de alegria e vibrarem porque, por fim, seu inimigo estava irremediavelmente perdido.

Então desabei. Nem sequer tu que te mantiveste todo o tempo a meu lado, pudeste evitá-lo. Foi o único momento, não falo de desespero nem sequer de desalento, e sim, de esgotamento.

Vários de vós me levantaram e alguém colocou um pouco de água em meus lábios. Apenas voltei a mim, quis colocar-me em pé de novo. A gritaria prosseguia, porém já não me preocupava mais o que as pessoas diziam. Só me importava uma coisa: como estava meu filho. Importava-me saber se ele percebera que eu estava esgotada e se meu desfalecimento havia repercutido em seu ânimo. Assim que, exausta como estava, com as pernas trêmulas e a cabeça girando, supliquei-vos que me ajudásseis a chegar às primeiras filas.

Quando conseguimos enfim, aquilo que vi me agrediu o corpo e a alma, como se houvessem dado em mim todos os golpes que ele havia recebido pouco antes no pátio da torre Antônia.

Mas desta vez, apesar de não me restar mais força alguma, não me abati. Seu olhar me localizou em seguida, e ambos nos apoiamos mutuamente. Eu tirava forças de sua debilidade, da consciência de que ele precisava de mim, para resistir. E ele, com uma súplica muda, com suas mãos cravadas, buscava em um abraço impossível o socorro que somente uma mãe pode dar.

Eu não sei se antes disso havia dito algo, pois já fazia um tempo que estava

crucificado quando conseguimos chegar perto dele. Outras testemunhas dizem que falou várias vezes e que, inclusive, gritou perguntando ao Pai porque o havia abandonado.

Talvez este momento terrível tenha coincidido com meu desvanecimento. Talvez este momento de solidão no qual não consegui ampará-lo o tenha levado ao extremo do sofrimento.

Porém aquilo que tu, eu e as outras mulheres pudemos escutar nos momentos em que estivemos junto à cruz não esqueceremos nunca. Sua boca se abriu com esforço, rompeu os coágulos de sangue que costuravam seus lábios, e disse com clareza olhando para ti e para mim: "Mulher, eis aí teu filho". E logo acrescentou:

"Eis aí a tua mãe."

Qual a razão daquela entrega recíproca? Custei muito a entender. E não que não te amasse muito. Estiveras ao meu lado desde que começaste a segui-lo. De todos os seus discípulos, eras aquele que ele mais amava e também aquele que eu mais amava. Em muitas ocasiões, havias sido seu mensageiro para transmitir-me palavras de esperança e informações exatas sobre o que estava ocorrendo. Ele te pedira várias vezes que cuidasses de mim e isto nos aproximou tanto que, sem a necessidade de que ele dissesse mais nada, eu já te amava como a um verdadeiro filho. Ele o sabia e sem dúvida se alegrava de ver-nos ali juntos.

Porém, em suas palavras havia algo mais. Como já te disse, demorei muito a entender totalmente. Naquele momento senti um golpe e um vazio. Era como se alguém pretendesse suplantá-lo em meu coração. Não, por mais que eu te amasse, jamais poderias ocupar o seu lugar, jamais poderia te amar como a ele.

Ninguém poderia preencher o vazio que ele deixava e eu não poderia achar consolo em ninguém, uma vez que ele não estava presente para conceder-me isso. Foi uma rebeldia que durou apenas um instante. Não foi uma rebeldia contra ele, nem contra a sua vontade, senão contra mim mesma, contra os sentimentos de mãe que se encontravam dentro de mim. Era, no fundo, uma espécie de purificação, de algo bom e não mau, do sentimento de uma mãe. Rapidamente, acostumada como estava em tratar com Deus, soube que havia chegado o momento da entrega total e que, portanto, até o melhor dos sentimentos deveria ser oferecido para que somente Deus, de maneira absoluta,

reinasse em meu coração e em minha alma. Minha obra, meu filho, morria, e Deus que o havia dado a mim agora o tirava. Tirava-o de mim privando-o da vida que Ele lhe dera. Tirava-o de mim, suplicando-me que admitisse outro, outros, em seu lugar e que eu amasse esses outros, incluindo os assassinos de meu filho, como ele amava.

Por isso, enquanto ele morria eu também morria. Enquanto ele experimentava a união absoluta com o Pai, eu perdia tudo, a fim de que, a partir desse momento eu não tivesse nada mais a dizer do que um "somente Deus" que se sobrepunha inclusive aos legítimos sentimentos de mãe.

Sensível como estava para manter a comunhão plena com

ele, notando que qualquer coisa o afetava, disse-lhe que sim, que tu serias a partir daquele momento meu filho e que eu te amaria e cuidaria de ti como havia feito com ele. Disse isto sem palavras, porém ele entendeu. Respirou mais profundamente, como que aliviado. Viera para fazer-vos seus irmãos. Havia conseguido que chamásseis de "Pai" a seu Pai. Mas para que a irmandade fosse completa, era necessário que compartilhásseis também a mãe.

E para isso, do mesmo modo que o Pai vos aceitava como filhos através do sacrifício voluntário de seu único filho, a mãe teria que fazer outro tanto. E era o filho, o filho adorado, quem o pedia.

Porque também ante o Pai fora o filho quem intercedera para conseguir essa graça. E se o Pai, que era Deus, aceitou, perdoado e adotado, a mãe, uma mulher, não podia deixar por menos.

Foi então que Jesus disse, olhando para os soldados:

"Tenho sede". Havia ali uma vasilha cheia de vinagre. Um deles molhou uma esponja e a cravou na ponta de uma vara ou de uma lança, não me recordo bem, e a aproximou dos lábios de Jesus.

Meu filho a sorveu avidamente e, apesar da acidez, sei que aquele foi seu último consolo físico. Depois também compreendi do que ele tinha sede, ele que é a fonte que emana a água que sacia todas as sedes. Mas então bastou-lhe expressar este desejo para dar a conhecer a todos que, se estava ali, era por causa dessa sede, pela necessidade de beber até secar o rio infame dos pecados que envolve o coração dos homens.

E não houve mais nada. Muito pouco depois, tão logo o soldado baixou a esponja, ele ergueu os olhos para o céu e em seguida para mim: "Tudo está cumprido", disse-me. E deixando cair a cabeça sobre o peito, colocou definitivamente seu espírito nas mãos de seu Pai.

Não sei como explicar-te o que senti, João, pois eu mesma fiquei surpresa. Não foi só como se me tirassem um peso de cima de mim, um peso que não desejava perder, porque esse peso era sua vida, e sem sua vida eu não poderia continuar vivendo.

Contudo, senti-me absolutamente liberada de uma carga. Assim, enquanto vós desabáveis e minhas companheiras, principalmente Maria Madalena, caíam ao solo e gritavam retorcendo as mãos de dor e arrancando os cabelos com desespero, eu estava serena.

Tanto que me pareceu desumano estar assim, porque era como se eu o amasse menos do que os outros, inclusive menos do que tu, que também choravas desconsolado e ocultavas tua cabeça entre meus braços.

Inquietei-me com isso e reprovei a mim mesma por não estar abatida, desesperada. Meu filho acabava de morrer e eu sem dúvida estava triste, mas não conseguia sentir desespero, não podia. Era terrível para mim vê-lo ali, pendurado no madeiro feito um farrapo, desfigurado, torturado até o indizível, com a ferida da lança vertendo sangue e com a fronte e o rosto sujos do barro e de coágulos que saíam aos borbotões das feridas em sua cabeça provocadas por aquela coroa de espinhos. Era um espetáculo capaz de comover ao mais duro e mais ainda a mim, que era sua mãe. Aquele era fruto de minhas entranhas e agora o via assim, destroçado e, sobretudo, já morto.

Além do mais, eu havia estado muito concentrada em apoiá-lo com minha alma, sustentando-o em sua terrível luta interior para que pudesse chegar até o final sem desfalecer, servindo de canal para que a força de Deus lhe chegasse incessantemente e não faltasse o que o próprio Deus lhe negava por outro lado. Estivera tão concentrada nisso que agora, uma vez morto, poderia entregar-me ao meu desespero, à minha dor, à minha própria amargura, pelo mal que me haviam feito,

arrebatando-me meu próprio filho. E, contudo, não podia. Dava-me vergonha ver-vos tão abatidos e não compartilhar de vosso desespero. E não que não

estivesse sofrendo nem sentindo, mas não podia desaparecer no poço sem fundo no qual vós estáveis mergulhados.

Nesse estado, surpresa comigo mesma e quase aborrecida por não poder sentir de outra maneira, fostes me empurrando suavemente para que me afastasse dali. Devíeis acreditar que eu ficara louca, que o terrível espetáculo me havia transtornado. O caso é que me dissestes que Madalena e as outras mulheres se encarregariam de dar sepultura ao corpo de meu filho e que eu deveria ir para não ser arrastada pelo desespero. Tu foste buscar José de Arimatéia e me deixaste aos cuidados de minha prima Maria. Já se aproximava a hora do crepúsculo e quase todos os seus inimigos, bem satisfeitos com sua obra, tinham ido embora. Junto ao corpo dos condenados só ficaram os soldados, alguns poucos curiosos e nós. Eu já me havia afastado alguns passos com Maria e Salomé, quando senti que não podia ir embora daquela maneira. Embora não soubesse o que estava acontecendo comigo, que tipo de sensação estranha era aquela que sentia, percebi que aquele cadáver que ainda jazia na cruz era de meu filho e que não podia ir embora sem despedir-me dele, sem apertá-lo pela última vez em meus braços.

Apesar dos protestos de minhas companheiras, voltei.

Quase me arrastando, sem forças, extenuada por todo aquele torvelinho de sensações e amargura, voltei a me colocar diante do trágico espetáculo. Os soldados já tinham despregado da cruz um dos companheiros de suplício de Jesus, um tal de Dimas, que dizem ter morrido em paz. Seu corpo estava ali, no solo, dobrado de maneira incrível, sem ninguém a chorar por ele, pois ninguém, nem seus familiares se interessaram. O outro ladrão estava sendo retirado da cruz naquele momento. Quando desceram com ele, se dispuseram a fazer o mesmo com meu filho: Então Madalena se aproximou deles e suplicou que nos deixassem ajudar, que nos permitissem cuidar daquele corpo para que não fosse maltratado como um desprezado, já que um mensageiro fora pedir permissão a Pilatos para dar-lhe uma sepultura digna. Um dos soldados, aquele que lhe aliviara a sede com a esponja embebida em vinagre, convenceu seus companheiros. O mesmo se ofereceu para fazer a parte mais dura da tarefa com o máximo cuidado, pois haviam baixado os outros arrancando-lhes as mãos.

Foi assim que o tive novamente em meus braços. Estava morto. Seu coração já não batia mais. Já não brilhavam seus olhos, que continuavam terrivelmente abertos. A espantosa coroa havia caído e se viam as feridas abertas em sua

cabeça. Por algumas ainda brotava um pouco de sangue e todo o seu corpo era uma pura chaga, com os golpes da flagelação marcados vivamente em sua pele destroçada. Sentei-me na rocha e apoiei seu torso em minhas pernas deixando o restante do corpo deitado no chão.

Madalena e as outras mulheres choravam com uma amargura sem limites, ao mesmo tempo em que procuravam, com o máximo cuidado, limpar os seus pés do barro e do sangue. Eu abraçava seu corpo e beijava docemente seu rosto, porém continuava sem poder chorar. Fechei seus olhos como pude, aqueles olhos que eu mesma havia aberto para a vida, e deposei um beijo em cada uma de suas pálpebras e outro em sua fronte.

Então me lembrei de que ele havia feito um sinal estranho sobre alguns dos moribundos da família e também dos amigos que havia acompanhado nos momentos da morte. Lembrei que aquele sinal era precisamente o de uma cruz e me dei conta de que em uma

cruz acabava de morrer. Não entendi mais do que isso, porém compreendi que havia uma relação entre uma coisa e outra, assim que agora era eu que lhe fazia o sinal na fronte. Depois o abracei, agarrei-me a ele sem poder soltá-lo enquanto seus braços caíam pelos lados, rígidos, sem vida.

Então tu chegaste com a permissão de Pilatos, que José de Arimatéia havia acionado enquanto Jesus ainda estava vivo no suplício. O próprio José nos cedia sua tumba nova, que ficava bem perto dali, no cemitério que rodeava essa parte da cidade.

Quando me viste assim, com meu filho morto entre os braços, agarrada a ele como um naufrago se agarra ao último pedaço de madeira que resta do barco afundado, criticaste os outros por me terem deixado voltar e, com a nova autoridade que te dava o fato de ter recebido a incumbência de cuidar de mim, falaste-me com suavidade porém com firmeza: "Vamo-nos"

disseste. "Deixa que elas preparem o cadáver. É hora de voltarmos para casa."

Não protestei. Não havia derramado uma lágrima sequer e sentia-me flutuando em uma nuvem, sem entender o que me passava, sem poder explicar a mim mesma que fazia eu ali, viva, enquanto ele, o sentido de minha vida, estava morto. Quem sabe naquela tarde eu estivesse roçando as raias da loucura, mas creio que não era isso, porque depois tive ocasião de entender o que estava

acontecendo comigo. Beije-o pela última vez e lembro que lhe disse, sem saber por que: "Filho, até breve. Não estás só. Não te preocupes. Tudo vai sair bem. Amo-te muito. Até breve, amor meu, filho meu, até breve".

Ao ouvir-me, todos, inclusive tu, redobram seus prantos.

Sem dúvida pensastes que eu estava louca, porque não tinha sentido nada do que estava dizendo. Tampouco eu sabia o que dizia, porém era minha alma que falava, não minha cabeça.

Era já tarde demais para ir a Betânia. Havia pouca luz, o sábado começava e eu não tinha forças para caminhar nem era conveniente nos colocarmos a caminho. Por isso levaste-me à casa de Nicodemos, que se havia oferecido para dar alojamento a todos até que o sábado passasse. Estava assustado pelo que pudesse ocorrer, como estavam todos, temendo que, após matar Jesus, quisessem acabar com todos os discípulos, incluindo ele mesmo, ainda que não fosse um dos mais visados. Porém comigo foi muito amável, assim como sua mulher e os outros, de sua casa. Com grande solicitude me acompanharam até o quarto que me destinaram e uma criada me ajudou a tirar a roupa e a me banhar. Depois deitei. Eles ficaram celebrando a ceia da Páscoa, por mais que o ambiente fosse de dor e não de festa.

Na cama, sem poder dormir nem chorar, parecia estar flutuando, fora de mim, com tantas coisas dentro que me era difícil ordená-las e explicá-las. O mais estranho era que eu sabia que meu filho estava morto, porém tinha a sensação de que não estava.

Certamente não mantinha com ele a comunhão que se havia estabelecido durante as últimas horas, desde que partira de Betânia para celebrar a Páscoa com seus discípulos. Mas, às vezes, eu o sentia ali, de alguma maneira. E isto me desconcertava terrivelmente. Queria rezar, falar com ele e não podia. Foi então quando me voltei a Deus e, pela primeira vez em minha vida, perguntei-lhe "por quê?" e perguntei-lhe também onde estava meu filho, o que acontecera com ele e o que iria acontecer. Não me interessava nada do que preocupava a vós: se era ou não o Messias, se sua morte significava que toda a sua pregação era falsa e que Deus não estava com ele. A mim importava a pessoa de meu filho antes de tudo, antes de sua mensagem e antes de

sua missão, não porque não desse valor a essas coisas. Eu amava Jesus, vós

amáveis sua idéia, aquilo que ele representava, porém não a sua pessoa. Por isso estáveis em crise, escandalizados e assustados. Eu só estava interessada em saber o que havia sido dele e por que não podia senti-lo como morto nem como vivo.

Notei que Deus se fazia presente em mim, pouco a pouco, docemente. Com amor de esposo, com amor de pai, e ainda quase com amor de mãe, me tranqüilizava e me pedia paciência. "Tudo vai bem", senti que me dizia, "continua tendo fé naquilo que nosso filho te disse. agora falta pouco", sussurrava aos ouvidos de meu coração.

E então lembrei-me de que meu filho havia insistido em sua ressurreição, portanto continuava vivo em algum lugar que eu ignorava e que dificultava que eu o sentisse perto de mim, como até então. Porém estava vivo, de alguma maneira ainda estava, porque eu não conseguia sentir que estava morto. Essa era a causa pela qual, apesar de tudo o que havia visto, eu não submergi no abismo da dor e do desespero que aprisionara todos vós. Não poderia fazer isso, por mais que o desejasse e inclusive precisasse para me desafogar e descarregar a enorme tensão. Não podia porque alguma coisa em meu interior me empurrava para cima, e me dizia que a realidade era diferente daquilo que as aparências mostravam.

A certeza de que meu filho estava vivo me tranqüilizou enormemente, a ponto de o coração bater mais forte, quase com alegria. Foi quando o cansaço se apoderou de mim definitivamente e adormeci.

Dormi durante quase o sábado inteiro. Os de Nicodemos me deixaram descansar e velaram meu sono. Era já a sexta hora quando despertei. A casa estava calma. Raquel, a mulher de nosso amigo, sorriu quando me viu aparecer no salão da casa. Em seguida suas criadas me atenderam. Eu queria sair para descobrir o que havia acontecido com meu filho, porém me fizeram compreender que, dado que ainda era sábado e além do mais um sábado muito especial, pois na noite anterior se havia celebrado a pesáh, a Páscoa, não era conveniente que saísse de casa. Podia encontrar-me com algum fanático que não respeitasse minha idade nem minha condição de mulher. Disseram também que os demais haviam feito o mesmo e que agora todos descansavam.

Afinal não havia acudido àquela casa ninguém além de mim, talvez por medo de que um imprevisto pudesse apanhar todos juntos.

Mas as mulheres ficaram de ir à sepultura logo que despontasse o dia seguinte, o primeiro da semana, para completar dignamente o enterro de Jesus, com aromas e ungüentos, pois, por causa da pressa, não tinham podido fazer mais do que o imprescindível.

Disseram-me que, por ordem de Pilatos e a rogo dos sacerdotes, uns soldados velavam o cadáver, e que não havia risco algum de que este pudesse ser maltratado por seus inimigos.

Raquel foi muito amável e carinhosa comigo. Estava angustiada com a sorte de seu marido, porém esforçou-se para não comentar nada comigo nem deixar transparecer suas próprias inquietações. Acompanhada por ela, comi alguma coisa e logo lhe pedi permissão para retirar-me de novo para o quarto, à espera de que passassem as horas e pudesse eu também ir ao sepulcro assim que amanhecesse.

Quando me encontrei de novo a sós, ajoelhei e comecei a rezar. Minha oração, já mais serena, só podia ser uma, também estranha, mas que não podia mudar. Se na noite anterior me atrevera a fazer-lhe perguntas, agora só sentia a necessidade imperiosa de dar-lhe graças. "Agradeço Senhor, porque me deixaste tê-lo. Agradeço por haver me permitido ser sua mãe e desfrutar dele tantos anos. Agradeço por ter podido viver a seu

lado, recebendo dele ternura e mais ternura. Quem sou eu e quem era eu para receber este extraordinário presente? Agradeço porque ele me ensinou a chamar-te de Pai. Agradeço porque pude alimentá-lo, abraçá-lo, protegê-lo e educá-lo. Agradeço porque pude sacrificar-me por ele, lutar por ele, sofrer por ele. Agradeço porque, inclusive no momento final, pude ser-lhe útil e apoiá-lo nesta luta extraordinária que ainda não compreendo bem mas que foi o objeto de sua vida e de sua missão. E agradeço, por fim e acima de tudo, porque sei que está vivo, ainda que agora o sinta distante. E porque vai voltar, porque vai ressuscitar. E porque vou estar com ele de novo. E porque algum dia poderemos estar juntos para sempre. Perdoa-me que não te agradeça por tantas outras coisas, por ti mesmo, por tudo o mais que recebi de teu amor. Mas é que agora sinto a necessidade de dizer-te só isto: agradeço por Jesus, porque é meu filho, porque pude conhecê-lo, porque pude ajudá-lo e porque não está morto e sim vivo." E

enquanto dizia a Deus tudo isto, chorei. Começou a sair de dentro toda aquela angústia contida, de uma maneira tranqüila, como uma chuva que cai sem causar

destruição nos campos.

Rezando e chorando, de joelhos junto à cama, voltei a adormecer. A cabeça e os braços sobre o leito. Não sei quantas horas estive assim. Só me lembro que, igual a trinta e quatro anos antes, senti, de repente, que havia alguém no quarto e despertei sobressaltada. Era já noite fechada e, sem dúvida, tinha a sensação de que uma luz extraordinária brilhava ao meu redor ainda que tudo continuasse às escuras.

Então o vi. Não precisei perguntar quem era. Não tive a menor dúvida. Ali estava e era ele, esperando que eu despertasse e velando meu sono. "Filho!", gritei e me lancei em seus braços.

"Mãe", disse-me enquanto passava a mão por meu cabelo em desordem, "tranqüiliza-te. Já aconteceu tudo. Estou de novo aqui contigo." Então me beijou. Asseguro-te, João, que era ele e que eram seus braços, seus beijos, sua voz, seu olhar. Não me perguntes se se parecia ou não, se tinha os mesmos traços ou se havia algo diferente. Não me detive a pensar e a comparar com o que havia em minha memória. Era ele, sem dúvida alguma, porém não como fantasma, e sim bem real, tão real que o estava abraçando e ele passava os dedos por meu rosto molhado e beijava meus olhos cheios de lágrimas.

"Vencemos, mãe, vencemos. Enfim derrotamos o Maligno. Finalmente a morte está proscrita. A batalha foi dura e angustiante, mas a vitória é nossa e é definitiva. Também tu tiveste parte nela, embora tenha sido através do Pai, de mim e do Espírito. Não sabes quanto me ajudou a tua fortaleza e como me consolou ver-te ali, junto à cruz, cheia de fé e de esperança. O Pai quis se ocultar e, embora nunca tenha me deixado realmente sozinho, não permitiu que me faltasse o que não se nega a nenhum ser humano: o consolo da mãe, o apoio daquela que lhe deu a vida. Por isso e pelo que ocorreu no princípio, chamar-te-ão bem-aventurada todas as gerações e serão muitos os que elevarão a ti seus olhos em suas próprias amarguras, quando estiverem cravados em suas cruzes, para que os consoles, apóies, acompanhes e alivies. Esta será tua tarefa, tua eterna tarefa: a de ser mãe de todos, educadora de todos, consoladora de todos, mediadora de todos."

"De todos, filho?", lembro que lhe perguntei, estranhando um pouco.

"Sim, de todos", me respondeu, "porque eu não vim salvar aqueles que já

estavam salvos, e sim os que estavam perdidos.

De todos, inclusive de meus piores inimigos, dos que me

mataram. És mãe de todos, começando pelos que estão próximos, aqueles que terás que ajudar para que não lutem entre si, como fazem as mães que possuem família numerosa. Serás também mãe dos que estão longe, dos que não me conhecem, dos que me desprezam. Eu morri por todos, amo todos e a todos redimo.

E tu não podes excluir de teu coração aqueles que eu aceito. Para que eles possam ser de verdade meus irmãos, tu tens que ser sua mãe, da mesma forma que Deus tem que ser seu Pai. Só assim, tendo o pai e a mãe em comum, estaremos unidos de verdade em uma mesma família. Além disso, mãe, sei que em teu coração não pode caber a exclusão, nem o rancor, nem o ódio. Cuidarás de todos, especialmente daqueles que levam o sinal da minha cruz no corpo ou na alma, e por isso amarás inclusive os pecadores, pois não há cruz nem desgraça maior que estar longe de Deus, e ter enfrentado e brigado com a origem da felicidade e da vida."

Ainda estivemos juntos muito tempo, sentados os dois na cama, às vezes abraçados, outras vezes com as mãos entrelaçadas.

Em silêncio e desfrutando da mútua companhia. E também falando.

Depois, quando já começava a clarear, se despediu de mim. "Vou ver Madalena e as outras", disse-me. "É hora de começar tudo de novo. Fica tranqüila, ajuda-as a superar o medo e não deixes de rezar, porque nada do que peças ao Pai te será negado." Concluiu e me deu um grande e definitivo abraço e um último beijo.

Partiu como viera, sem o menor ruído, sem ser notado.

Pela janela entrou um sopro de ar fresco e suave. Eu ainda permaneci ali, sentada na cama, durante muito tempo. Sentia-me aturdida, estranha, tranqüila, plena. Não podia pensar, não podia tirar conclusões, não podia quase nem rezar. Somente podia recordar. Recordar suas palavras, sua presença a meu lado, seu abraço, seus beijos. Lembrar que estava vivo e deixar que, lentamente, as lágrimas se derramassem por minha face, lágrimas de desafoço, de gratidão e também de triunfo.

## A HORA DE MEUS FILHOS

Não fiquei, João, muito tempo sozinha no confortável quarto daquela casa acolhedora. Ou ao menos assim me pareceu.

Não demorou a casa encher-se de ruídos, de exclamações de surpresa e inclusive de soluços. A porta se abriu e Raquel entrou acompanhada de Madalena. A primeira não podia conter as lágrimas, a outra parecia fora de si. Raquel começou a falar, preparando-me para o que considerava um golpe terrível, talvez definitivo para mim, pois me consideravam à beira de loucura.

Ela era uma das que pensavam que alguém havia roubado o corpo de Jesus e que Madalena, ao descobrir a falta dele, ficara transtornada por isso. "Maria", disse a mulher de Nicodemos

"nossa irmã Madalena tem algo a dizer-te, algo que ocorreu hoje de manhã."

Madalena não a deixou falar mais: "Vi o Senhor. Está vivo.

Ressuscitou. Falou comigo e pude abraçar seus pés, beijá-los e banhá-los com minhas lágrimas, como fiz há alguns dias. Está vivo, Maria, está vivo!". Enquanto dizia isto, se agarrou em mim e chorava, gritava e ria, tudo de uma vez, como se estivesse presa de um sentimento que havia rompido sua razão e sua sensibilidade.

Porém, por mais nervosa que ambas estivessem, e por mais emocionadas que a notícia as tivesse deixado, o que mais as surpreendera foram minha atitude e minhas palavras. Eu

naturalmente não podia fingir que não sabia de nada. Então lhes disse a verdade: "Minhas filhas", sem saber por que as chamei assim, como se a ordem de meu filho tivesse começado a trabalhar em mim sem eu perceber, "não vos assusteis. Meu filho está vivo. Ressuscitou. Porém isto não deveria causar surpresa.

Ele não anunciou que isso aconteceria?". Não me atrevi a repreendê-las porque não me parecia ser esse o momento nem achei que essa era a minha missão. Bastou-me contar aquilo que aconteceu comigo: "Digo-vos que ele esteve aqui. Durante várias horas conversou comigo, neste mesmo quarto, e se despediu de mim dizendo que voltava ao sepulcro para falar contigo, Madalena".

Madalena então se pôs de joelhos diante de mim. Seu olhar permanecia perdido e suas mãos seguravam meu vestido, enquanto me perguntava: "Tu também o viste? Dize-o a todos, dize-o a Pedro e aos outros, dize-o a Raquel e a Nicodemos. Em tí eles acreditarão.

Em mim não querem crer, pois dizem que estou louca. Ele está vivo. Eu o vi e não era um fantasma. Era de carne e osso e sua voz era a mesma com que, cheio de ternura e misericórdia, chamava meu nome e me ressuscitava a cada vez que o ouvia".

Quanto a Raquel, notava que não sabia o que fazer, se acreditava em nós duas ou achava que estávamos contagiadas com a mesma loucura.

Então entrou Nicodemos e tu vinhas com ele. o dono da casa parecia haver perdido sua seriedade habitual. Também ele estava excitado, sem conseguir dar crédito ao que uns e outros lhe contavam. Dirigiu-se primeiro à sua mulher: "Raquel, João acaba de chegar e diz que é verdade que o corpo não está mais lá.

Será possível que tenha ressuscitado? Isso mudaria tudo. Isso significaria que, na verdade, Deus estava com ele".

Tu cortaste abruptamente aquele início de reflexão, lembrás? e te dirigiste a mim. Maria se pusera de lado e eu me encontrava, sem querer, no centro do quarto. Então, depois de beijar-me as mãos, me disseste: "Mãe, eu creio". Não precisou mais nada. Caíste em meus braços e começaste a chorar.

"Eu creio". Essa era a palavra do momento. "Eu creio", e tudo já estava dito. Tudo cabia aí e era o suficiente. Em seguida contei a Nicodemos e a ti o que havia dito às duas mulheres.

Nicodemos se maravilhava e estava disposto a dar crédito ao que Madalena e eu nos referíamos, enquanto Raquel ainda duvidava.

Então decidiu que iria sondar os príncipes e os sacerdotes e os principais fariseus para saber se eles haviam roubado o cadáver.

Eu encolhi os ombros, enquanto Madalena protestava e reprovava sua pouca fé. Ficou resolvido que fariam uma reunião à tarde na casa de José de Arimatéia, no mesmo lugar em que se realizara vossa última ceia com Jesus, para trocar informações e saber o que se deveria fazer.

A tarde chegou logo. Maria Madalena e eu não nos separamos. Ela se tranqüilizou em seguida e, depois de arrumar-se um pouco, pois parecia uma louca com os cabelos revoltos e o rosto cheio de lágrimas e de barro, pusemo-nos a rezar junto com as outras mulheres que acudiram à casa de Nicodemos.

Quando chegou o momento, tu vieste nos buscar para irmos à reunião. Nicodemos protestou. Disse que apenas os homens deveriam ser admitidos nela, porque os assuntos a serem tratados eram de máxima importância e a presença das mulheres, com sua facilidade para as lágrimas e os gritos, poderia tornar a deliberação interminável. Eu me calei, decidida a aceitar o que fosse. Porém tu disseste: "Maria é sua mãe e ninguém poderá impedi-la de estar onde se fale de seu filho. Além do mais, se ela não vai eu também não vou. Sem ela entre nós não creio que

valha a pena continuarmos". Nicodemos, envergonhado, pediu-me perdão e aceitou rapidamente que eu participasse da reunião.

Intervim a favor de Madalena, porém ela recusou e renunciou a ir. Disse que efetivamente estava muito nervosa e era melhor não complicar mais as coisas, pois a maioria dos discípulos não acreditava no que ela havia visto e suas palavras poderiam ter efeito mais contraproducente do que de testemunho.

Assim nos reunimos aquela tarde no salão grande da casa de José de Arimatéia. A chegada foi em sigilo, aproveitando o pôr-do-sol. Parecíamos bandidos camuflando-nos para dar um golpe contra uma rica propriedade. Nós três chegamos juntos, porém os outros chegavam em separado, no máximo dois a dois.

José nos recebia em pessoa à porta e logo a fechava, até que o seguinte batia com suavidade. Só faltava Tomás, o chamado

"Dídimo", que estava averiguando o que os soldados que haviam montado guarda diante do sepulcro falavam sobre a desapareição do cadáver.

Com as portas fechadas, todos cheios de medo, e eu tranqüila e até mesmo feliz, reunimo-nos aquela tarde do primeiro dia da semana. Em seguida começou a discussão. Pedro, em pé, expôs o que sabia: que o corpo não estava, que Madalena dizia haver visto o Mestre, e inclusive uns anjos, que os fariseus não haviam roubado o corpo e que estavam fazendo circular o rumor de que os discípulos haviam se desfeito dele para darem a impressão de que tinha

ressuscitado. Ninguém lhe contou sobre a visita que Jesus me fizera, a primeira de todas. Eu fiquei calada e o deixei falar. "Sei", acrescentou, "que nenhum de vós tem algo a ver com a desapareição do corpo de Jesus. Além do mais, ele havia dito que ressuscitaria ao terceiro dia, por isso não podemos descartar que na realidade isto tenha acontecido. É nisso que João acredita e também meu irmão André. Eu não sei o que dizer."

Tu te levantaste e pediste permissão para que eu falasse e contasse a todos a aparição de meu filho na mesma noite de sábado, antes da madrugada. Custava-me muito fazer isso, e quando ia começar a falar já sabes o que se passou: a luz que eu havia visto voltou a surgir, desta vez no meio de todos. E nessa luz estava ele, vivo, ressuscitado. "A paz esteja convosco", foram suas primeiras palavras. Depois mostrou as mãos e descobriu seu torso para que pudéssemos ver a ferida em seu lado. Todos ficaram mudos, paralisados pela surpresa. Eu também permaneci no meu lugar, sem mover-me. No entanto, não só não tinha medo como me sentia flutuando por causa da alegria. Queria ir até ele, abraçá-lo, como na noite anterior, porém compreendia que minha presença ali devia passar despercebida, como durante sua vida pública. Agora aparecia ressuscitado para vós, pois a mim não precisava convencer nem consolar.

Ele então, ante o estupor geral, voltou a repetir: "A paz esteja convosco. Como o Pai me enviou, também eu vos envio."

Então, lentamente girando sobre si mesmo até dar uma volta completa, de forma que pudesse alcançar a todos, foi soprando suavemente. Ao concluir afirmou: "Recebei o Espírito Santo.

Aqueles a quem perdoardes os pecados terão os pecados perdoados. Aqueles a quem os retiverdes os terão retidos".

Quando terminou, tenho a certeza de que lembrás, começou a gritaria. Os gritos, os risos, os abraços, tudo se confundia. Todos o rodearam e todos, um atrás do outro, o abraçaram. Tu foste o primeiro, antes inclusive de Pedro, porque tu não passaste pelo estupor nem pela dúvida, já que havias acreditado em mim e em Madalena. Quando tudo se acalmou, ele se separou um pouco de vós e me procurou. Sabia que eu

estava ali. Cansada, havia me sentado e esperava tranqüila e feliz, enquanto observava o espetáculo dos discípulos reunidos junto a seu Mestre. Veio até

mim, levantou-me e me abraçou longamente e beijou-me o rosto e a fronte. Desta vez não chorei. Estava feliz, feliz até não poder mais. Estava feliz porque ele estava ali, entre meus braços, vivo, ressuscitado. Estava feliz porque vós todos voltastes a crer nele. Estava feliz porque sua ressurreição, eu também o compreendia, representava o que Nicodemos havia começado a dizer: que havia vencido a morte, que o Pai respaldava de maneira incontestável não só sua mensagem como também a sua própria pessoa.

Depois foram se passando os dias, tempo que ele aproveitou para aparecer de novo a uns e outros, até convencer o grupo todo de que em verdade estava vivo, que não era um sugestionamento nem um fantasma. E para lembrar-vos do essencial de sua mensagem, assim como da urgente necessidade de vivê-la e difundi-la.

Quanto à despedida definitiva, já sabes que eu não estava presente quando ele subiu aos céus. Naquele momento tu e eu estávamos de novo residindo na casa de Lázaro, em Betânia. Na tarde anterior à sua partida, estando eu tranqüila em casa, a sós, como procurava fazer sempre que podia para recolher-me em oração e desfrutar dessa comunhão espiritual com ele e que agora nunca se rompia, senti que sua presença se intensificava e, abrindo os olhos, o vi de novo ao meu lado. Sorria, embora eu soubesse em seguida que tinha uma má notícia a me dar. "Mãe, chegou a hora de eu partir", disse. "Mas não fiques triste, logo voltaremos a nos ver. Quisera levar-te comigo imediatamente, porém tens uma missão a cumprir e, por ora, tua presença é mais necessária aqui na terra."

Eu assenti em silêncio, porque nem me passava pela cabeça discutir seus planos, mas não pude evitar uma fígada de dor em meu coração de mãe. Ele ia definitivamente e se acabavam aquelas visitas e, quem sabe também, aquela sensação íntima que me permitia quase tocá-lo dentro de mim. O sentimento de orfandade e de abandono me envolveu repentinamente e quase estive a ponto de chorar.

Como ele lia meu pensamento da mesma forma que os olhos, tomou-me as mãos e, sem deixar de sorrir, assegurou-me que aquela ia ser uma separação curta e que, em todo o caso, nunca seria completa. "Eu estarei sempre a teu lado e tu saberás que é assim", disse-me. "E isto, querida mãe, não só porque tu precisas, e sim porque eu também preciso. Preciso estar contigo, da mesma forma que tenho necessidade de estar com meus apóstolos. O amor que tenho por vós me deixou débil e necessitado. Precisamente esta será parte de tua missão, a de fazer

compreender que o amor não consiste só em receber, como também em dar. E que o Deus Todo-Poderoso que sustenta e apóia é também um Deus débil, um Deus com coração de homem, que precisa receber o carinho daqueles a quem tanto ama. Crês que entenderão algum dia, estes e os que vieram a crer através deles, que eu não sou somente uma idéia nem uma mensagem, que sou uma pessoa e que não me podem tratar como uma coisa que nem sente nem padece? Mãe, que difícil vai ser eles entenderem isso. Sem dúvida, aí está a chave de tudo, pois se só recebem, não valorizarão o suficiente aquilo que possuem, porque só se ama de verdade aquilo que te custa um pouco, aquilo que, de alguma maneira, é obra tua."

Dito isto, abraçamo-nos mais longamente do que de costume. Sem poder evitar, as lágrimas começaram a deslizar

mansamente por meus olhos e, como das outras vezes, meu filho as enxugou com uma parte de sua túnica enquanto me beijava com ternura. Logo se pôs à minha frente e me pediu que o abençoasse. Nem a isso, que eu achava absurdo, me neguei. Mas imediatamente me pus de joelhos diante dele e, beijando-lhe as mãos e olhando em seus olhos, disse: "Meu filho e meu Deus, abençoa-me tu agora, eu que fui todos estes anos tua discípula, porque aprendi de ti mais do que tu pudeste aprender comigo".

Ele, sempre sorrindo, pôs suas mãos sobre mim e rezou em silêncio. Logo me fez o sinal da cruz na fronte e, enquanto me erguia, disse: "Repito, mãe, o que te disse nesta mesma casa quando fui a Jerusalém para sofrer e morrer. Não temas nada.

Não duvides nunca do amor de Deus e não deixe de transmitir essa certeza aos outros. Aconteça o que acontecer e por mais distante que te pareça o Pai, o Espírito Santo e inclusive eu mesmo, asseguro-te que estamos ao teu lado, da mesma forma que junto a cada um dos homens". Demo-nos o último abraço, mais breve desta vez e, despedindo-se de mim, foi embora como veio, em silêncio e na noite.

Não preciso contar-te muitas coisas, querido João, pois já sabes tudo o que aconteceu comigo a partir de então. Não me abandonaste um só dia. Ele voltara a insistir diante de todos que cuidasses de mim e a todos me apresentou como vossa mãe.

Não deixei, desde então, de receber carinho e apreço, inclusive quando entre vós as coisas não iam bem e vos enfrentáveis uns aos outros por causa da questão de ritos de nossa antiga religião e da admissão dos gentios.

Esta foi precisamente minha missão: a de tentar unir-vos.

Não me foi difícil enquanto estávamos em Jerusalém, todos juntos.

Porém quando, quatro anos depois de sua ressurreição, mataram Estevão e tu me tiraste da cidade para proteger-me, já me custou mais trabalho. Faz dez anos. Agora este homem extraordinário, Paulo, que compete contigo e com Pedro no carinho dispensado a mim, está começando a abrir caminhos inéditos à mensagem de meu filho. Não posso deixar de alegrar-me com as notícias que nos chegam de um lado e de outro, embora haja dor em algumas delas, como as que falam de ameaças e perseguições, sobretudo em nossa querida pátria. Mas minhas inquietações maiores são pela família, pela unidade no seio desta família da qual sou a mãe e que tem filhos que nem sempre estão de acordo entre si.

Por isso, João, quero deixar-te um testamento, como fez meu filho pouco antes de morrer, depois daquela última ceia convosco. Não sei quando vai ser minha hora, porém a pressinto próxima e tenho a sensação de que meu filho quer levar-me com ele por inteiro. Mas, enfim, não faças muito caso de mim porque eu mesma só pressinto as coisas, sem entendê-las totalmente, como acontecia no princípio. Além do mais, parece-me que estou te retendo demais ao meu lado e que desejas viajar também, de levar a boa nova de que Deus é amor a todos os confins do mundo.

O fato de que tenhas que estar aqui para cuidar de mim, quem sabe seja um luxo excessivo. Por isso e porque desejo voltar para junto de meu filho e de Deus para sempre, é que peço ao Todo-Poderoso que acelere a hora da partida e creio que minhas orações serão logo ouvidas.

Este é o meu testamento, João, senta e escreve, meu filho:

"A todos os irmãos de meu filho, paz.

"Estou a ponto de terminar minha passagem pela terra e não quero fazê-lo sem despedir-me de todos vós e sem dar, como mãe vossa que sou, os últimos conselhos.

"O primeiro deles é que não vos esqueçais nunca que Deus existe, que esse Deus é amor e que foi ele quem nos amou primeiro. Aconteça o que acontecer em vossa vida pessoal, na dos vossos, no mundo que nos rodeia, não deixeis nunca de crer no amor de Deus. Notei que alguns, contagiados por este mundo grego e romano tão rico em especulações e tão amante da sabedoria, vão esquecendo que a fé, aquela fé que possuíam nossos antepassados e da qual vos falava meu filho, não é só uma questão intelectual, como se tratasse de aceitar algumas idéias.

A fé é isso e muito mais. A fé é crer no amor de Deus e crer quando as coisas não saem como se espera e inclusive como se havia pedido a Deus que saíssem. Tende, pois, essa fé. E que dela nasça em vós, continuamente, a esperança. Sem esperança não podeis sobreviver às angústias do presente. Sem esperança em que exista algo mais após a morte e em que meu filho nos abriu as portas do paraíso, não podereis perseverar nas provas, porque vosso horizonte será muito pequeno e a morte vos parecerá vosso final e vosso limite.

"Mas não quero só recomendar a fé e a esperança. Quero falar também do amor. Tenho percebido que, cada vez com mais freqüência, discutis entre vós por causa de conceitos ou discordâncias acerca dessa ou daquela palavra de meu filho e seu significado. Quero dizer-vos o quanto isso me entristece e o quanto entristece a ele.

Asseguro-vos que o melhor de tudo é o amor e que vale mais o menos perfeito em unidade do que o mais perfeito em desunião.

Ele mesmo o expressou assim quando, pouco antes de morrer, pediu ao Pai para vós a graça extraordinária da unidade, uma unidade semelhante à que já possuem no céu o Pai, ele e o Espírito.

"Se não estais unidos, não sobrevivereis. Ireis vos destroçar uns aos outros e tudo se tornará escusa válida para provocar danos mútuos. Ao final, as mesmas questões doutrinárias serão utilizadas como justificativa para ventilar diferenças pessoais, executar rancores e levar a cabo vinganças.

Sou uma mulher velha e conheço suficientemente o coração do homem e a força do Maligno para saber o que digo. Por isso vos advirto, com o coração preocupado: permanecei unidos. A união, que só é possível mediante o amor ao outro, tal como o outro é e não como nós gostaríamos que fosse, é e será sempre vossa melhor fortaleza, com a qual resistireis a todos os ataques do inimigo. A

união será, além do mais, o principal atrativo para que outros venham participar de nossa vida. Como podeis convencer alguém de que Deus é bom se existe briga entre vós? Como podeis pregar o amor se entre vós andais a dentadas? O exemplo de união que podereis dar será um atrativo em si e as pessoas virão a vós porque vos verão e dirão: 'Vede como se amam!'.

"Mas isto não é tudo que tenho para vos dizer. Eu fui mãe de um homem, não mãe de uma idéia, por mais valiosa que essa idéia pudesse ser. O filho que carreguei em minhas entranhas era, é, porque está vivo, Deus, Deus verdadeiro, como Deus verdadeiro é o Pai e é o Espírito. Mas meu filho, eu asseguro, foi um autêntico homem. E isto tenho que dizer precisamente eu, que fui sua mãe. Como homem, teve frio, fome, dor e alegrias.

Como homem, não só podia ajudar, como o fez, como também precisava de ajuda. Meu filho, que é Deus, é vossa fortaleza. Por isso, às vezes, meu filho, que é um ser humano, precisa de vós, não é indiferente ao vosso carinho, ao vosso pecado, ao vosso desprezo. Precisamente pelo muito que vos ama é que tendes a possibilidade de fazê-lo feliz e de fazê-lo sofrer. Talvez isto não entendam todos, mas sim compreenderão aqueles que o amam e que o amaram. Não podereis entender meu filho, nem ao próprio

Deus, se não souberdes o que é o amor.

"Eu mesma demorei muito em entender tudo isto que vos digo. Não foi fácil para mim aceitar a idéia de que aquela pequena criatura que tive em meus braços e salvei de morrer nas mãos de Herodes era o filho de Deus Todo-Poderoso. Mas é assim, esse é o mistério que não se pode entender totalmente só com a cabeça, porém se vê muito mais claro quando contemplamos com o coração. Porque o mais importante que meu filho veio para nos ensinar é que Deus é amor e que, por amor aos homens, principalmente aos pecadores, se fez homem e aceitou morrer em uma cruz como um criminoso.

"Quero falar também do valor da dor. Sofri muito, embora, na maioria das vezes o tenha feito em silêncio, sem que ninguém notasse. E vos digo que o sofrimento é redentor. Não que Deus se compraza com o nosso sofrimento, como se fosse um ser cruel, um desses deuses dos gregos ou dos romanos. Deus se compraz com a nossa felicidade. Mas, e esse é outro mistério, o sofrimento não só nos purifica como também, de maneira às vezes incompreensível, existe uma comunhão dos homens que faz com que uns possam ajudar outros oferecendo-se

para aceitar seus problemas e amarguras, do mesmo modo que meu filho nos salvou a todos oferecendo a si mesmo em sacrifício na cruz.

"Porém a dor não procede só das enfermidades, da fome ou dos problemas econômicos. A principal dor é causada pelo pecado, pois o bem maior é Deus e pelo pecado nos privamos de estar em comunhão com ele. Por isso é necessária a conversão e a penitência, para arrumar nossa casa a fim de que a desordem introduzida pelo pecado desapareça e Deus possa viver de novo, com prazer, em nossa casa que é a sua.

"A dor também procede às vezes da convivência. Quero dizer acerca disso uma coisa sobre a qual meditei muito. Em certa ocasião, meu filho afirmou que sua mãe e seus irmãos são os que escutam a palavra de Deus e a cumprem. E em outro momento, disse que onde houvesse dois ou três reunidos em seu nome, estaria sempre no meio deles. Creio que isto significa que, de alguma maneira, a maternidade que eu tive todos podem ter, se quiserem. Para isso é preciso que se cumpra a vontade do Pai, quer dizer, que se viva segundo seus mandamentos. E é preciso também que se esteja unido aos demais irmãos em seu nome, com o amor recíproco como ele pediu. Pensai no enorme dom que vos coloca ao alcance da mão: o de ser mãe de Jesus, mãe do próprio Deus. E basta amar e amar aquele que está a teu lado. Por isso eu vos conclamo a que esqueçais toda a raiva e todo o rancor. Dai-vos conta do tesouro que perdeis com as divisões, pois ele não estará nunca em um grupo no qual o amor não seja o vínculo que tudo une. Talvez penseis que vale a pena lutar por essa ou aquela idéia, mas é possível que nessa luta percais a unidade e, com ela, se perca a presença de meu filho, que é vosso irmão, porém que se oferece também a ser vosso filho. Creio que é por tudo isto que insisti tanto em que todos, inclusive eu, tivéssemos um ponto de referência claro que é Pedro, o qual nos preside no amor, por mais que haja outros mais inteligentes do que ele, que pregam melhor ou que conseguem mais discípulos. É em torno de Pedro que deveremos estar unidos, pois do contrário, desaparecido este centro, apareceriam milhares de outros, e cada um desejará ter a última palavra. A consequência inevitável será a divisão, a perda da união, a ausência de meu filho em uma família em conflito.

Por último, não esqueçais nunca aquelas palavras que em certa ocasião disse Jesus: 'Vinde, benditos de meu Pai, porque

tive fome e me destes de comer, tive sede e me destes de beber, estava nu e me vestistes, estava na cadeia e viestes me ver. O

que fizestes ao menor de todos o fizestes a mim.' Nunca esqueçais, por dois motivos: se não amais não sereis amados, quer dizer, não podereis entrar no reino dos céus que está reservado aos que amam. E também, não vos esqueçais, porque em todo aquele que sofre, estará meu filho esperando por vosso amor.

"Preocupa-me muito que entendais isto muito bem, pois estando já perto da partida, me dou conta que vou deixar meu filho sem mãe. Não creiais que fiquei louca. É que durante estes anos, desde que subiu ao céu, notei que ele estava aqui, na terra, e também na divina eucaristia, em todos aqueles que necessitam de ajuda. E agora, que já sinto sua voz que me chama do alto e me reclama a seu lado, temo ir-me e deixá-lo passando mal e sem mãe. Estarei com ele ali, porém não estarei com ele na terra, por mais que eu nunca deixe de velar por ele daqui do céu. Em cada homem que chora está meu filho, pregado na cruz como esteve naquela sexta-feira terrível. E queria que não o esqueçais, sobretudo os que dizem que me amam, porque se quiserdes fazer algo por mim, pediria que o fizésseis por este meu filho crucificado. Se me amais, deixai-me ocupar vosso lugar para que eu, através de vós, possa continuar ao lado de meu filho sofredor.

Se o amais, ajudai-o, socorrei-o, e não somente dedicando-lhe orações magníficas, ainda que rezar seja uma forma de amá-lo, do que ele também precisa muito.

"Não tenho mais o que dizer. Este é meu testamento.

Pressinto que minha partida está próxima. Asseguro-vos que continuarei velando por todos vós, do céu, junto a meu filho, como o fiz até agora, desde que ele partiu e me deixou aos vossos cuidados. Repito, se quereis contentar-me em alguma coisa, permanecei unidos, em torno de Pedro, em torno de meu filho, do Pai e do Espírito, e tratai a todos que sofrem como eu tratei Jesus quando ele precisou de mim. Não esqueçais que ele, que vos ampara porque é Deus, também precisa de vós porque é homem. É um coração enamorado que precisa receber amor porque só sabe dar amor."

## EPÍLOGO

Aqui, um pouco bruscamente, termina o capítulo do Itinerarium, de Egeria, tal como foi descoberto entre os legados procedentes do monastério de Obona. Foi transcrito na íntegra e agora é tarefa dos especialistas discutir se se trata de um apócrifo escrito na Idade Média, ou posteriormente, ou se há possibilidade de

que pertença à obra que a monja espanhola recolheu em sua peregrinação à Terra Santa.

Em todo caso, a meu juízo, considero que os temores dos monges que arrancaram estas páginas do livro original eram infundados. A imagem que se desprende de Maria, a mãe do Senhor, talvez não seja só típica à que estamos acostumados - a da intercessora -, porém tampouco é irreverente. Neste diálogo com João, que permanece sempre em silêncio, como aquele frei Leão, que tomava notas do que dizia Francisco de Assis, ela se mostra, acima de tudo, como uma "mãe" e como mãe que soube cumprir seu dever de apoiar seu filho e não de servir-se de seu filho. Talvez se possa estranhar que relate tão poucos milagres.

É possível que de suas mãos e de sua intercessão procedam muitos mais, mas o melhor é que não tenha considerado oportuno estender-se neles para não distrair do essencial o futuro leitor. E

o essencial é que, para Maria, Cristo será sempre Deus ao mesmo

tempo que homem. Será sempre ele que dá tudo, igual ao tudo que precisava receber. Isto evocam suas últimas palavras, as de seu testamento, talvez fonte daquelas outras que João recolhe em suas cartas: Deus é amor, Deus nos amou primeiro e por isso precisa receber e está esperando, como um coração enamorado, que aqueles a quem tanto ama se decidam a devolver parte do muito recebido.

Nesta nossa época, repleta de ideologias e de teorizações, talvez seja útil e urgente meditar sobre estes conceitos. Deus não é uma idéia, nem é um ente de razão, fruto de nosso pensamento. Deus é um ser vivo, com um coração ardente e enamorado. Podemos fazer algo por Deus e devemos fazer algo por Deus. Amar o amor, a Deus que é o amor. Porque, tanto nas coisas dos homens como nas coisas de Deus, "amor com amor se paga". Que Deus nos amou primeiro não significa que com isso tudo já esteja concluído. Deus nos amou primeiro e colocou assim em marcha uma revolução, uma história, um movimento: o do amor. Deus nos amou primeiro e agora está esperando que nós, como resposta, amemos a ele, da mesma forma que amamos, por amor a ele, esse "Cristo crucificado" que está vivo, ao nosso lado, talvez em nosso próprio lar. E tudo isto dentro da unidade consumada, em torno do papa, para não deixar lugar a dúvidas de que aquele que não se refugia em Cristo se perde.

Terminado de escrever em Madri, a 14 de junho de 1996, solenidade do Sagrado Coração de Jesus, véspera do ImacuLado Coração de Maria.

## NOTA FINAL

Como o leitor terá, sem dúvida, adivinhado, o conteúdo deste livro é uma composição literária, por mais que beba das fontes da tradição da Igreja e esteja em sintonia com o ensinamento oficial. O autor tentou - com ousadia talvez excessiva

- colocar-se na pele do personagem, neste caso a Santíssima Virgem, para tentar expressar aquilo que ela deve ter sentido e como deve lhe ter custado amar nas difíceis travessias que Deus lhe pedira que empreendesse. Em todo caso, o resultado - o autor é também consciente disso - não é mais do que aproximado; se é difícil saber o que pensa, experimenta ou sofre outra pessoa, o mistério se torna insondável quando se trata nada menos que o mistério da Imaculada, daquela que foi concebida sem pecado e que jamais conheceu a mancha que nos perturba tanto a alma quanto o corpo. Se a leitura deste relato serviu para conhecer mais Maria, para amá-la mais e para imitá-la melhor, todos aqueles que trabalharam nesta obra se darão por satisfeitos e altamente recompensados. Se não é este o caso, como nas antigas representações de teatro, rogamos ao leitor que nos perdoe e seja indulgente conosco.

## CADASTRO PARA MALA-DIRETA

Nome

Endereço

Bairro Cidade

Estado CEP Fone

Fax

E-Mail

O que você achou deste livro?

Você tem alguma sugestão a dar?

FIM DO LIVRO.

----- Yahoo! Groups Sponsor -----~--> Rent DVDs  
from home.

Over 14,500 titles. Free Shipping

& No Late Fees. Try Netflix for FREE!

<http://us.click.yahoo.com/mk9osC/hP.FAA/3jkFAA/wnIolB/TM>

-----~--> Para anular a sua  
inscrição neste grupo, envie email para: [livresco-unsubscribe@yahoo.ogroups.com](mailto:livresco-unsubscribe@yahoo.ogroups.com)

Your use of Yahoo! Groups is subject to <http://docs.yahoo.com/info/terms/>

Esta mensagem foi verificada pelo E-mail Protegido Terra.

Scan engine: VirusScan / Atualizado em 15/10/2003 / Versão: 1.4.0

Proteja o seu e-mail Terra: <http://www.emailprotegido.terra.com.br/>